



Vítor Manuel da Silva Viana Pinto

De Olhar atento e Ouvidos à escuta...

A espionagem militar na cronística portuguesa de Quatrocentos: Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara

Dissertação de Mestrado em História Militar, orientada pelo Professor Doutor João Gouveia Monteiro, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

De Olhar atento e Ouvidos à escuta...

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	De Olhar atento e Ouvidos à escuta... - A espionagem militar na cronística portuguesa de Quatrocentos: Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara
Autor/a	Vítor Manuel da Silva Viana Pinto
Orientador/a	Doutor João Gouveia Monteiro
Júri	Presidente: Doutora Maria Alegria Fernandes Marques Vogais: 1. Doutor Pedro Ferreira Gomes Barbosa 2. Doutor João Gouveia Monteiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	História Militar
Data da defesa	14-10-2015
Classificação	Muito Bom (17 Valores)



RESUMO

Nesta dissertação propomo-nos identificar um conjunto de ações de busca, exploração e comunicação de informação inteligente em âmbito militar, no final da Idade Média. O contexto escolhido foi o do reino português de finais de Trezentos e de princípios de Quatrocentos, e o dos espaços onde se jogaram a sua independência e o seu futuro próximo. Ou seja, quisemos perceber alguns dos aspetos particulares e dos meios técnicos utilizados durante o continuado confronto luso-castelhano de 1383-1411 e nas ações desencadeadas pela monarquia de Avis para a Conquista de Ceuta (1415) e para a sua manutenção, enquanto primeira praça-forte portuguesa em África, por D. Pedro de Meneses. Para este desiderato decidimos perscrutar algumas das mais belas páginas da historiografia portuguesa; assim, de um leque mais ou menos alargado da cronística de Quatrocentos que poderíamos utilizar, seleccionámos como fontes: a *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes (1.^a e 2.^a Partes), a *Crónica da Tomada de Ceuta* e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, estas duas da autoria de Gomes Eanes de Zurara. Um grupo restrito de fontes mas, como julgamos ter demonstrado, suficientemente ricas e ilustrativas do tema em análise e do período em questão. Rico, pelo espetro de acontecimentos que estas crónicas cobrem; ilustrativo, pela diversidade e importância das operações militares nelas descritas, dos protagonistas que nos dão a conhecer e das paragens e contextos para os quais nos transportam.

ABSTRACT

In this dissertation we propose to identify a set of actions of search, exploration and communication of intelligent information in military context, at the end of the Middle Ages. The chosen context was the Portuguese kingdom at the end of the XIVth and the beginning of the XVth centuries, and the spaces where its independence and near future was decided. In other words, we wanted to understand some particular aspects and the technical means used during the continued Luso-Castilian confrontation (1383-1411) and the actions triggered by the monarchy of Avis for the Conquest of Ceuta (1415) and for its maintenance as the first Portuguese stronghold in Africa, by D. Pedro de Meneses, To achieve our goal we looked at some of the most beautiful pages of Portuguese historiography. Among the large range of chronicles from the XVth century available, we chose the *Chronicle of D. John I* by Fernão Lopes (1st and 2nd Parts), the *Chronicle of Ceuta* and the *Chronicle of the Conde D. Pedro de Meneses*, these two written by Gomes Eanes de Zurara. This is a small group of sources but, as we have demonstrated, rich and illustrative enough for the topic and the period in question. Rich concerning the spectrum of events that these chronicles cover; illustrative for the diversity and importance of the military operations described and for the protagonists, landscapes and contexts shown.

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	7
<i>A Espionagem na Idade Média</i>	7
CAPÍTULO 2	15
<i>A recolha de informação inteligente na guerra medieval portuguesa, segundo Fernão Lopes</i>	15
1. Fernão Lopes	15
2. <i>A Crónica de D. João I.</i>	17
CAPÍTULO 3	43
<i>A espionagem na guerra de África, segundo as narrativas de Gomes Eanes de Zurara</i>	43
1. Gomes Eanes de Zurara.....	43
2. <i>A Crónica da Tomada de Ceuta.</i>	45
3. <i>A Crónica do Conde D. Pedro de Meneses.</i>	68
CONCLUSÃO	101
ANEXOS	
A. <i>Crónica de D. João I – Vol I</i> (Fernão Lopes)	I
B. <i>Crónica de D. João I – Vol II</i> (Fernão Lopes)	IX
C. <i>Crónica da Tomada de Ceuta</i> (Gomes Eanes de Zurara).....	XV
D. <i>Crónica do Conde D. Pedro de Meneses</i> (Gomes Eanes de Zurara)	XXXV
FONTES E BIBLIOGRAFIA	

INTRODUÇÃO

“ca por jssso disseram os uelhos amtijgos
que ho homem perçebido he meo
combatido”¹.

De Olhar atento e Ouvidos à escuta relativamente a algumas das mais belas páginas da historiografia portuguesa, propomo-nos nesta dissertação identificar um conjunto de processos de busca, exploração e comunicação de informação inteligente – ou seja, ações de espionagem –, em âmbito militar, no final da Idade Média. O contexto escolhido foi o do reino português de finais de Trezentos e de princípios de Quatrocentos, e dos espaços onde se jogou a sua independência e o seu futuro próximo. Para este objetivo, decidimos debruçar-nos sobre algumas das mais representativas crónicas quatrocentistas.

Assim, de um leque mais ou menos alargado das crónicas portuguesas deste período que poderíamos analisar, seleccionámos como fontes de análise: a *Crónica de D. João I* (CDJ I), a *Crónica da Tomada de Ceuta* (CTC) e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (CCDPM)². A primeira, da autoria de Fernão Lopes, e as seguintes de Gomes Eanes de Zurara. Um conjunto necessariamente restrito, dadas as atuais limitações em termos de tempo de execução e de tamanho de uma dissertação de mestrado; contudo, como julgamos vir a provar, um conjunto suficientemente rico e ilustrativo do tema em questão. Rico, pelo espectro de acontecimentos que estas crónicas cobrem; ilustrativo, pela diversidade e importância das operações militares narradas, pelos protagonistas que nos dão a conhecer e pelas paragens e contextos para os quais nos transportam.

Em termos metodológicos, pretendemos, com base nas narrativas daqueles dois cronistas e das suas múltiplas referências às ações de espionagem, perceber alguns dos aspetos particulares e dos meios técnicos utilizados: Ou seja, saber quais as formas de recolha, de exploração e de transmissão de informação inteligente que foram utilizadas durante o continuado confronto luso-castelhano de 1383-1411 e aquando das ações desencadeadas pela monarquia de Avis para a conquista de Ceuta (1415) e para a sua manutenção, enquanto primeira praça-forte portuguesa em África, por D. Pedro de Meneses.

¹ Palavras do Bispo de Ávila na *Crónica da Tomada de Ceuta* (ZURARA, Cap. XXXI, p. 95).

² Serão designadas, a partir daqui, especialmente nas notas de rodapé, pelos acrónimos escolhidos. Da *Crónica de D. João I* serão analisadas as suas duas partes ou volumes (I e II).

Uma dúvida, porém, se nos colocou logo de início: seria esta uma abordagem válida, pertinente e frutífera? Fomos, com a leitura atenta que íamos fazendo destas crónicas, sendo levados a pensar que sim. É que, apesar de as devermos considerar como documentos-monumento³ – ou seja, como instrumentos de poder que celebram e registam de forma perene os feitos dos respetivos protagonistas: o Mestre de Avis/D. João I, os infantes da Ínclita Geração, Nuno Álvares Pereira ou o conde D. Pedro de Meneses – elas fornecem um conjunto valiosíssimo de informações concretas acerca da espionagem praticada na guerra que Portugal fazia nos finais do século XIV e na primeira metade da centúria seguinte.

As palavras de Zurara no fim da *Crónica da Tomada de Ceuta* dão-nos conta do quanto estas crónicas são um monumento erigido para a posterioridade:

“Porem em comclusom de minha obra, com toda rreueremça e humilldade dou mujtas graças a elle uerdadeiro Deos meu Senhor Jesu Christo, porque lhe prouue por sua merçee emcaminhar meus feitos per tall guisa, que os trouesse a fim em louuor e homrra deste uiturioso Rey, e do muy exçelleme primçipe e muy uirtuoso barom o lffamte Duarte seu filho, e dos outros lffamtes seus jrmaãos, e assy de todollos primçipes senhores caualleiros fidallgos, que no dito feito ouueram parte”⁴.

Uma reverência àqueles que verdadeiramente contam, como, numa outra passagem, o mesmo cronista sublinha⁵.

Contudo, as crónicas devem também ser equacionadas enquanto documentos-testemunho, que nos transportam para outros tempos, outros espaços e outras ‘realidades’. Na nossa análise, privilegiaremos essencialmente a sua dimensão de documentos-testemunho, uma vez que tais narrativas desvendam, inevitavelmente, formas de pensar e de agir.

Como veremos, Fernão Lopes leva-nos, na *Crónica de D. João I*, através dos protagonistas de um e do outro lado da contenda, aos palcos da guerra medieval mais convencional. Na *Crónica da Tomada de Ceuta*, Gomes Eanes de Zurara, por seu lado, dá-nos uma visão privilegiada do culto do silêncio (segredo) que envolveu os preparativos daquela que foi uma das mais belas aventuras militares portuguesas da guerra além-mar, para, na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, o mesmo cronista nos relatar a forma prudente e ardilosa como

³ LE GOFF, Jacques – “Documento / Monumento”, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1: Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, pp. 95-106.

⁴ ZURARA, CTC, Cap. CV, p. 274.

⁵ Referimo-nos à passagem em que Zurara nomeia aqueles que pereceram durante a expedição a Ceuta, vítimas da peste que grassava e não da contenda (ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Cap. CIII, p. 269).

o capitão da praça-forte a conseguiu manter durante os vinte e dois anos em que esteve ao seu comando. De tudo isto daremos conta ao longo do presente trabalho, tendo evidentemente na mira a utilização da informação inteligente em âmbito militar no período retratado.

Os estilos díspares destes cronistas e os diferentes cenários pintados dificultaram a interpretação e o inventariar de todas as situações. Procurámos, porém, apesar da diversidade de acontecimentos e teatros de operações retratados, estar atentos a todas as situações que configurassem aspetos que se enquadrassem no nosso objetivo. Reconhecemos que este é um trabalho em que a interpretação tem um papel preponderante, mas, ainda assim, esperamos ter sido suficientemente objetivos.

Para alinharmos a nossa análise com o tempo longo da História e conseguirmos enquadrar e identificar processos e inferir influências, começamos por, num primeiro capítulo (“A Espionagem na Idade Média”), fazer uma espécie de traçado, em breves pinceladas, do uso da espionagem e da informação inteligente através dos tempos e em contextos bem mais alargados, para depois finalizarmos centrando-nos no período que serve de pano de fundo à nossa análise.

Depois deste percurso, faremos então uma viagem aos acontecimentos retratados por Fernão Lopes na *Crónica de D. João I*, para, no seguimento deste fio narrativo, entrarmos, guiados pela mão de Zurara, na preparação e consumação da conquista de Ceuta, protagonizada pela jovem monarquia de Avis e, por fim, na manutenção desta praça portuguesa em África por aquele que foi o seu primeiro capitão: o conde D. Pedro de Meneses. Do *corpus* apurado na leitura destas crónicas damos conta num segundo e num terceiro capítulos, que subdividimos da seguinte forma: “A recolha de informação inteligente na guerra medieval portuguesa, segundo Fernão Lopes” e “A espionagem na guerra de África, segundo as narrativas de Gomes Eanes de Zurara”.

Decidimos, para uma melhor identificação e contextualização, elencar em tabelas (que surgem em Anexo) todas as referências e indícios relativos ao nosso campo de análise. Assim, apresentaremos, em relação à narrativa de Fernão Lopes, uma primeira tabela, respeitante à Primeira Parte da *Crónica de D. João I* (Tabela A), e uma segunda tabela, referente à mesma crónica, mas à sua Segunda Parte (Tabela B). Optámos por fazê-lo desta forma porque a obra realmente se subdivide fisicamente em dois volumes distintos.

Em relação às narrativas de Gomes Eanes de Zurara, fá-lo-emos recorrendo a duas tabelas. Uma para a *Crónica da Tomada de Ceuta* (Tabela C), e uma outra para a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (Tabela D). Neste último caso, necessitaremos de indicar

explicitamente o Livro onde podem ser encontradas as referências elencadas, visto que esta obra, fisicamente una, se divide em dois Livros, com conseqüente repetição de capítulos.

Vejamos um exemplo da Primeira Parte da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes:

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LXIII, p. 122	O Meestre [...] trazia emculca com elRei de Castella depois que lhe disserom que era na Guarda, por saber as gemtes que com elle viinham, e que caminho queria trazer; e amte alguũs dias que chegasse a Samtarem, chegou ao Meestre rrecado como se viinha pera alli dereitamente, e que trazia suas gêtes espalhadas, e nom muito acompahado.	Movimentações subseqüentes à entrada do rei de Castela em Portugal	67

Na primeira coluna – “Localização na obra” - são identificados inequivocamente o capítulo e a página em que se encontra o texto referenciado (incluindo, como já salientámos, num caso particular, o respetivo Livro). Seguem-se uma segunda coluna (“Texto integral”), em que se transcreve um extrato da obra, e uma terceira coluna (“Contexto”) em que se procura identificar, sempre que possível, o âmbito em que a ação ocorreu (por exemplo, campanha, fase do conflito, etc.), bem como o ano respetivo. Como pudemos comprovar pelas nossas leituras, infelizmente nem sempre o quadro espaço-temporal é identificável. A circunscrição no tempo, especialmente, parece não ser, na maior parte das vezes, uma preocupação latente no cronista; porventura, por não ter essa informação disponível no momento tardio da escrita, ou então por estar mais interessado em envolver o leitor, ao som das armas, nas investidas gloriosas dos protagonistas, ao invés de o adormecer com pormenores monótonos e triviais. Isto acontece sobretudo nas narrativas de Zurara, mas Fernão Lopes também não é muito zeloso na sua datação. Não existindo a preocupação em apontar datas, a cronologia é apenas implícita e somente a justaposição dos episódios e das ações militares ao longo do processo narrativo nos permitem adivinhar o fio do tempo... O que se compreende, dado o cariz mais biográfico do que histórico das obras em análise. Por fim, uma última coluna (“Nota”) faz o cruzamento da citação/inclusão do “Texto integral” com a nota de rodapé em que ele foi referenciado nesta dissertação.

Não podendo garantir que elencámos todas as referências explícitas, e sobretudo implícitas, ao nosso campo de análise, até pela exaustão que causaríamos com a transcrição de referências menores, julgamos poder dizer que fomos criteriosos e que recenseámos seguramente as mais ilustrativas e significativas.

Em jeito de balanço, apresentaremos no final as nossas conclusões, procurando sublinhar as idiossincrasias de que se revestia a utilização da informação inteligente, assim como os principais processos e meios utilizados.

Este trabalho solitário, feito paulatinamente através de uma leitura que procurou ser atenta e minuciosa, não podia ser concluído sem a ajuda de outros, a quem deixamos aqui o nosso público elogio e reconhecido agradecimento.

Assim, agradecemos especialmente ao Professor Doutor João Gouveia Monteiro pela forma brilhante e apaixonada como, através das suas aulas, nos enredou na História Militar e por ter despertado em nós um interesse particular pelo uso da espionagem e da informação inteligente no período medieval. Enquanto nosso orientador, agradecemos-lhe também o apoio, a disponibilidade, o acompanhamento e incentivos constantes... e, sobretudo, dada a natureza do tema, por ter dirigido o nosso olhar e a nossa atenção, através das leituras complementares que nos indicou, para a importância da espionagem na Idade Média.

Mas a nossa preparação para este objetivo começou um ano antes, com a frequência atenta das aulas dos Professores Doutores José Varandas, Maria de Fátima Reis e Pedro Gomes Barbosa, bem como dos demais conferencistas convidados em fase curricular, a quem deixamos o nosso muito obrigado, pois cada um, à sua maneira, contribuiu para a nossa formação e para este trabalho. Permitam-nos porém destacar, de entre estes, o Professor Doutor José Varandas, que desde o início nos incentivou à escrita de uma dissertação em História Militar.

CAPÍTULO 1

A Espionagem na Idade Média

Como salienta Christopher Allmand, o espião faz, de forma dissimulada, aquilo que os embaixadores fazem no seu dia-a-dia⁶: procura saber quais as potencialidades e as fraquezas do adversário; recolhe informação que pode ser vital para o Estado a que pertence ou para o exército que representa; procura obter uma superioridade informativa que, sendo bem utilizada, se possa traduzir em vantagem militar, já que a informação adquirida antecipadamente pode representar a diferença entre a vitória e a derrota, entre a consagração e a humilhação, entre impor os seus interesses ou ver-se subjugado à vontade do inimigo.

Podendo parecer exagerado afirmar que a espionagem tenha tido um papel decisivo nos conflitos da Idade Média, parece contudo demasiado simples atribuir-lhe um papel residual; no mínimo, devemos pensá-la como tendo tido um papel secundário, mas complementar⁷. Sim, a Idade Média foi palco de uma intensa guerra secreta, em que se descortinam diversas práticas da espionagem contemporânea⁸. E isso graças a uma tradição que vem de origens geográficas diversas e de tempos muito recuados. As fontes, no nosso caso, as crónicas quatrocentistas portuguesas, disso nos dão testemunho.

Mas que informação é esta que os agentes de um lado e do outro procuravam? Bem, tal como nos nossos dias, tudo aquilo que pudesse servir para conhecer melhor o inimigo. Como tal, são recolhidas informações sobre as potencialidades deste e sobre as suas intenções. Potencialidades militares, mas também políticas, económicas e comerciais. Informação acerca da quantidade de efetivos, do seu poder, da sua moral, das suas intenções, dos locais de acampamento, dos seus movimentos, dos seus preparativos para a guerra, dos reforços que deixa para trás, e se possível da sua agenda de agressão (meios envolvidos, materiais e humanos; planos, linhas de ataque; datas prováveis para o desencadear das hostilidades, etc.). Técnicas de espionagem que, de uma forma geral, vão desde a exploração (reconhecimento) até à escrita codificada de mensagens e à captura de mensageiros.

Dentro deste paradigma, a posição geográfica de centralidade e/ou de charneira de algumas localidades convertia estas em pontos de convergência onde se trocavam e, porventura,

⁶ ALLMAND, Christopher – “Les espions au Moyen Âge”, in *L'Histoire*, n.º 55, Avril, 1983, p 35.

⁷ *Idem, Ibidem*, p. 40.

⁸ DENÉCÉ, Eric et Jean DEUVE – *Les Services Secrets au Moyen Âge*, Rennes, Éditions Ouest-France, 2011, p. 7.

se compravam e vendiam informações⁹. No mesmo sentido, alguns espaços são, dadas as suas particularidades diríamos nós, lugares de oralidade, de inconfidências e de descuidos, polos de atração de agentes; pensamos, por exemplo, nas tavernas e nas estalagens¹⁰... Constituíam-se, enquanto tal, como plataformas circulatorias de informação e de bases de operações para alguns dos espões na Idade Média. E estes espões, de acordo com Allmand, tendiam a funcionar como uma espécie de radares humanos¹¹.

Mas saber não é suficiente, é necessário tirar partido da informação ganhando vantagem sobre o adversário¹². Procuram, por isso mesmo, perscrutar as polarizações internas do ‘outro’, sentir o pulsar da população, da sua solidariedade ou do seu descontentamento... a revolta e o levantamento podiam sempre ser fomentados por agentes provocadores, entre os quais se encontrava esta figura do espião¹³. Havia que explorar tudo aquilo que pudesse propiciar a derrota e a subjugação do adversário; e se isso se fizesse a partir de dentro e sem o envolvimento militar direto, tanto melhor. Como? Seja fazendo eco de rumores pouco abonatórios de derrotas estrondosas e humilhantes, seja divulgando falsas informações.

Mas seria isto algo de novo na Idade Média? Com certeza que não. Desde tempos imemoriais que se executam missões ditas clandestinas, hoje apelidadas de ações especiais, levadas a cabo por pequenos grupos de homens. A própria literatura está repleta de exemplos dessas ações. A *Iliada* ou a *Odisseia* são disso exemplo. Ações não convencionais de que o Cavalo de Troia é, porventura, uma das melhores ilustrações¹⁴.

Os Vikingues, que atacam a Europa a partir do século IX, são os primeiros a usar de forma sistemática o reconhecimento e a recolha de informação, para obterem a máxima surpresa com os seus ataques, compensando o facto de serem normalmente inferiores em número aos seus adversários¹⁵. Este será um legado que os Normandos acolherão (ou não fossem eles próprios “homens do Norte”) e que usarão durante toda a Idade Média, seja na defesa do seu ducado, seja na conquista da Inglaterra ou da Sicília¹⁶. As operações secretas conduzidas por

⁹ ALLMAND, Christopher – “Les espions au Moyen Âge”..., *op. cit.*, p. 40. Este autor aponta, pela sua centralidade e importância, Calais como o principal centro de espionagem durante a Guerra dos Cem Anos.

¹⁰ WALTER, Bastian – “Urban Espionage and Counterespionage during the Burgundian Wars (1468–1477)”, in *Journal of Medieval Military History*, Vol. IX, Woodbridge, Boydell & Brewer, 2011, p. 136.

¹¹ ALLMAND, Christopher – “Les espions au Moyen Âge”..., *op. cit.*, p. 39.

¹² DENÉCÉ, Eric et Jean DEUVE – *Les Services Secrets au Moyen Âge*..., *op. cit.*, p. 15.

¹³ ALLMAND, Christopher – “Les espions au Moyen Âge”..., *op. cit.*, p. 41.

¹⁴ DENÉCÉ, Eric et Jean DEUVE – *Les Services Secrets au Moyen Âge*..., *op. cit.*, pp. 17-19.

¹⁵ *Idem, Ibidem*, pp. 69-98.

¹⁶ *Idem, Ibidem*, p. 7.

Guilherme “O Conquistador” e pelo seu Estado-maior, na antecâmara do desembarque em Inglaterra e da batalha de Hastings (1066) são o exemplo cabal de diversos tipos de ações: de contraespionagem, de manobras de diversão, de descredibilização, de guerra psicológica¹⁷, de ‘intoxicação’ sobre o local e a data do desembarque¹⁸, naquele que é porventura o episódio mais ilustrativo da guerra de informação na Idade Média. Por sua vez, na Guerra dos Cem Anos, assiste-se também à prática de complôs, intrigas e manobras secretas entre os beligerantes.

Mas estas práticas não se restringem meramente ao continente europeu, elas verificam-se também em outras paragens. O Império Bizantino é um desses exemplos. Funcionando como charneira entre mundos – na sua qualidade de “império do meio” – beneficia de uma longa e sólida tradição de ações clandestinas e de serviços secretos, que lhe foram garantindo a sobrevivência perante os sucessivos complôs e tentativas de invasão. Fruto das suas múltiplas fronteiras, Bizâncio foi palco de diversas ações de espionagem desencadeadas por um conjunto alargado de inimigos. As particularidades espaciais do império dispuseram Constantinopla a agir, contrariamente a Roma, através de ações diplomáticas ou de operações especiais secretas, evitando o confronto armado direto, de forma a melhor preservar a integridade territorial e os seus interesses. Os altos dirigentes do império eram, eles próprios, agentes interessados nesse jogo de sombras e nas operações de recolha de informação¹⁹.

Em espaços geográficos vizinhos, as Cruzadas configuraram também um bom palco para os reinos árabes evidenciarem o seu talento em utilizar a espionagem e as ações especiais. Aliás, os confrontos entre Bizantinos, Árabes e Cruzados são exemplo de uma implacável guerra secreta²⁰.

Também o Extremo Oriente antigo fez da espionagem uma ‘ciência’: o tratado sobre a arte da guerra, de Sun Tzu (c. séc. VI a.C.), é um dos testemunhos mais eloquentes disso²¹.

¹⁷ Em vez de prender os espões intercetados, o Duque Guilherme faz questão que estes, antes de serem libertados, visitem os seus acampamentos para lhes mostrar todo o poderio com que vai invadir a Inglaterra (*Idem, Ibidem*, p. 127). Episódio semelhante é relatado por Políbio na campanha de Cipião em África. Antes do confronto com Aníbal, em Zama (202 a.C.), Cipião, mostrando a confiança que tinha na sua força militar, faz com que três espões púnicos capturados visitem o acampamento romano antes de serem libertados, para dessa forma poderem dar toda a informação a Aníbal (SCOTT-KILVERT, Ian, *Polybius. The Rise of the Roman Empire*, London, Penguin Books, 1979).

¹⁸ A similitude entre as operações de intoxicação da hora e local de desembarque e o que se passará a 6 de junho de 1944 na operação de desembarque na Normandia é extraordinária (DENÉCÉ, Eric et Jean DEUVE, *Les Services Secrets au Moyen Âge ...*, *op. cit.*, pp. 109-129).

¹⁹ *Idem, Ibidem*, pp. 31-33.

²⁰ *Idem, Ibidem*, pp. 131-162.

²¹ *Idem, Ibidem*, p. 13.

Portanto, a espionagem é uma atividade intemporal, sendo indissociável da arte da guerra, da diplomacia, da política e até do comércio²². Como tal, recuar no tempo é percorrer o caminho do emprego, desenvolvimento e consolidação da espionagem e das ações especiais.

No antigo Egito, os faraós dispunham já de espiões entre os povos vizinhos da Núbia e da Assíria, mas também, de uma miríade de informadores e delatores para conhecer e travar os complôs contra o trono. Os seus inimigos Hititas são, por sua vez, especialistas na prática da espionagem, da ilusão e da contraespionagem. Possivelmente, até com alguma vantagem sobre os Egípcios, não sendo porém exemplo disso a batalha de Kadesh (c. 1286 a.C.)²³.

No próprio Antigo Testamento, podemos ler que Moisés, antes de se instalar na Terra Prometida, enviou alguns agentes em ação prévia de reconhecimento²⁴. Este será, aliás, um dos mais pesados argumentos utilizado por todos aqueles que, de alguma forma, têm querido sancionar perante a ‘opinião pública’ o uso da arte da espionagem²⁵.

Os Persas, por sua vez, praticavam também a espionagem, a contraespionagem e a desestabilização do adversário, esta última através da compra de soldados inimigos que abandonavam o campo de batalha momentos antes do confronto²⁶.

Os Gregos também não negligenciavam a recolha de informação, ainda que ela fosse sobretudo efetuada pela cavalaria ligeira de Alexandre; sua arte estratégica sublimar-se-ia ainda mais com essa recolha. Os Gregos estão, de resto, na origem da manobra de dissimulação, uma componente essencial da arte da guerra secreta. Aperfeiçoaram para o efeito, a partir do século XI a.C., a arte da manipulação da realidade, recorrendo ao subterfúgio, à ilusão e ao disfarce²⁷.

Já no Império Romano, apesar das legiões recorrerem frequentemente ao reconhecimento militar, não se pode falar na existência ou no recurso a um serviço secreto organizado; aliás, nem sequer numa aposta no desenvolvimento e na prática da espionagem, ou até mesmo no recurso à dissimulação ou à manipulação. A crença na supremacia da sua organização militar fazia com que as considerassem práticas menores. Serão, contudo, obrigados a repensar a sua utilização face aos desaires militares infligidos por Aníbal Barca, um mestre em estratégia e dissimulação²⁸. Aníbal, o general cartaginês, é comprovadamente

²² *Idem, Ibidem*, p. 9.

²³ *Idem, Ibidem*, p. 10.

²⁴ *Idem, Ibidem*.

²⁵ Nomeadamente Honoré Bouvet (um autor dos finais da Idade Média): ver *infra* nota 35.

²⁶ *Idem, Ibidem*, pp. 10-11.

²⁷ *Idem, Ibidem*, p. 11.

²⁸ *Idem, Ibidem*, p. 12.

um excelente executor da arte do subterfugio e das operações especiais. A escolha de caminhos singulares e não previsíveis, as emboscadas e os estratagemas são apanágio seu. Por isso, alguns dos generais romanos acabarão por o imitar, nomeadamente Fábio Máximo²⁹.

Júlio César parece ter sido o primeiro general romano a recorrer sistematicamente à espionagem e à diplomacia secreta; a rápida conquista da Gália é disso um exemplo. As suas legiões fizeram o reconhecimento do adversário, os seus oficiais interrogaram mercadores, populações, embaixadores estrangeiros e até mesmo legados romanos com o intuito de preparar a guerra. César reconhece mesmo a importância das comunicações e inventa um dos primeiros códigos secretos da história, fazendo com que as suas missivas, mesmo que interceptadas, sejam indecifráveis para o inimigo! Apesar do destino que lhe estava reservado, não negligenciaria também a vigilância interna do império, em particular a de Roma³⁰.

Posteriormente, face à tradição militar de Roma e perante uma cada vez maior pressão nos limites do império, com um conseqüente acumular de desaires militares romanos, surge toda uma produção intelectual sobre a guerra, com nomes como Frontino (séc. I d.C) ou Vegécio (séc. IV d.C.), que privilegiam, para além da organização militar, também a arte da espionagem³¹.

Durante os séculos XIV e XV, perante uma crescente importância da palavra escrita e do interesse pelos estrategos militares, os trabalhos destes teóricos romanos foram escrutinados por aqueles que se dedicavam ao estudo do como fazer a guerra³². Para estes teóricos, a espionagem e a dissimulação eram tidas como válidas, pertinentes e, sobretudo, remuneradoras³³, o que, para os mais conservadores, punha de alguma forma em causa uma certa tradição cavaleiresca medieval, em que os oponentes se batiam olhos-nos-olhos. Tradição essa que, como sabemos, já vinha sendo posta em causa desde tempos anteriores, com a possibilidade do derrube de um qualquer cavaleiro por um projétil certo de um arco ou de uma besta, a partir da retaguarda³⁴...

²⁹ *Idem, Ibidem*, pp. 21-24.

³⁰ *Idem, Ibidem*, pp. 12-13.

³¹ Para Vegécio, um comandante deveria procurar alcançar uma vantagem informativa que lhe permitisse sobrepor-se ao inimigo, e tanto melhor quanto este último não tivesse conhecimento da posse dessa informação (ALLMAND, Christopher, "Intelligence in the Hundred Years War", in *Go Spy the Land. Military Intelligence in History*, Ed. Keith Neilson & B. J. C. Mc Kercher, London, Praeger Publishers, 1992, p. 33).

³² ALLMAND, Christopher, "Intelligence in the Hundred Years War"..., *op. cit.*, p. 33.

³³ *Idem, Ibidem*.

³⁴ *Idem, Ibidem*, p. 32. O mesmo será novamente equacionado quando se começar a vulgarizar a utilização dos trons, das bombardas e de outros dispositivos de fogo com maior alcance.

Mas a dimensão moral nas práticas de condução da guerra é algo que alguns analistas, como Honoré Bouvet³⁵, consideravam dever ser equacionada, já que a espionagem poderia ser enquadrada nas práticas sub-reptícias de proceder, contrárias à honra de quem a utilizava. Porém, como mais tarde o próprio Bouvet veio reconhecer, no Antigo Testamento já se encontravam registos da utilização de espões, de que Deus era mandatário³⁶. Assim sendo, questiona Bouvet, como poderia Deus ordenar tais missões ou socorrer-se de uma prática menos correta? A isto responde, pragmaticamente, que o mais importante era mesmo derrotar o inimigo³⁷. Paralelamente, e uma vez que a espionagem estava na ordem do dia, um seu contemporâneo, Philippe de Mézières, chama à atenção para o valor da informação no que concerne à decisão, não só militar, mas também política, alertando por isso para o perigo dessa informação cair nas mãos erradas³⁸.

Uma das maiores alterações que se dá em finais da Idade Média e que terá profundas implicações na forma de pensar a guerra é a passagem de uma fidelidade feudal, regional porventura, para uma fidelidade cada vez mais abrangente, coincidindo no seu ponto máximo com as fronteiras do Estado nacional³⁹. Esta alteração levará a que as consequências de uma batalha possam ser muito mais abrangentes do que à partida se poderia pensar. E, como tal, todos os meios que permitissem alcançar uma vantagem significativa sobre o adversário deveriam ser tidos em consideração. No seguimento, afirma Allmand, a atividade da espionagem, através das contramedidas legais que foi suscitando ao longo do tempo – com a extensão e o reforçar das leis da traição, mas também da desconfiança, do medo do ‘outro’, da polarização do sentimento nacional –, contribuiu, a seu modo, para a consolidação da autoridade monárquica, da razão de Estado e, por inerência, para o Estado-Nação⁴⁰.

Resumindo, a espionagem é então uma atividade que se desenrola tanto em tempo de paz como em tempo de guerra e cujos agentes, devendo ser furtivos e preferencialmente falantes nativos, são os mais variados. Agentes que podem ser elementos militares enviados desde o exterior, que se infiltram em território inimigo, simples batedores que reconhecem o terreno e

³⁵ Prior de uma comunidade monástica do sudeste de França, na década de 1380, Bouvet preocupou-se com a forma como a guerra era feita e com as suas implicações para a sociedade francesa de então; escreveu *L'Arbre des Batailles* (ALLMAND, Christopher, “Intelligence in the Hundred Years War”..., *op. cit.*, p. 34).

³⁶ *Idem, Ibidem*, p. 34.

³⁷ *Idem, Ibidem*, p. 35.

³⁸ *Idem, Ibidem*, p. 34.

³⁹ *Idem, Ibidem*, p. 32.

⁴⁰ *Idem*, “Les espions au Moyen Âge”..., *op. cit.*, p. 41.

que tentam obter informação sobre tropas inimigas que se aproximam, mas que podem também ser militares adversários, prisioneiros de guerra ou desertores que, descontentes com a sua condição, podem ser fontes de informação. Civis, homens e mulheres, que direta ou indiretamente podem servir de agentes recolectores de informações. No caso particular das mulheres, e especialmente para o período em análise, através daquelas que eram parte integrante dos exércitos e que forneciam não só consolo sexual, mas também serviços de lavagem, de cozinha e mesmo prestação de cuidados rudimentares de saúde⁴¹. Espiões e simples recolectores e passadores de informação, que eram recrutados das mais variadas formas. Designadamente, recorrendo à chantagem, à exploração da sua pobreza ou da sua ganância, mas também da sua fraqueza enquanto prisioneiros, por exemplo.

Mas muitas outras pessoas podiam fazer também parte deste leque alargado de agentes. Como, por exemplo, elementos do clero, peregrinos, pedintes, prostitutas, curandeiros, artesãos, comerciantes que, a coberto das suas supostas ou efetivas atividades, tentavam passar despercebidos, especialmente em tempo de conflito declarado⁴². Se algumas destas personagens podiam levantar imediatas suspeitas, outras, dado o carácter internacional da sua atividade e das suas ligações, muitas vezes ao mais alto nível, eram procuradas e sondadas para atuar como agentes recolectores e passadores de informação. Estão neste último caso, por exemplo, membros do clero e reconhecidos mercadores⁴³. Isto apesar de, como é natural, as deambulações de estranhos em determinados locais em tempo de conflito levantarem facilmente suspeita e suscitarem frequentemente contramedidas, que se materializavam na impossibilidade de estes contactarem a população civil ou as tropas, e até mesmo, em alguns casos, na sua detenção, quando tivessem assistido à preparação e à partida de contingentes militares. Em alguns casos, com as autoridades locais a antecipar-se e a querer saber quais os frequentadores estrangeiros da corte, quais os residentes e, dada a particularidade de alguns centros de estudo e de cultura, quais os estudiosos de além-fronteiras que neles se encontravam. Por vezes, chegavam a ser vítimas antecipadas da violência popular que o medo de uma invasão despertava⁴⁴.

⁴¹ CURRY, Anne – “Sex and the Soldier in Lancastrian Normandy, 1415-1450”, in *Reading Medieval Studies*, XIV, 1988, p. 17.

⁴² ALLMAND, Christopher. “Les espions au Moyen Âge” ..., *op. cit.*, p. 36.

⁴³ *Idem*, “Intelligence in the Hundred Years War” ..., *op. cit.*, p. 36. Philippe de Mézières refere como melhor colocados para o efeito, os mercadores que transacionam em joias, uma vez que se movimentam em círculos como os das cortes, dos mais abastados e, por inerência, dos mais poderosos e influentes.

⁴⁴ *Idem, Ibidem*, pp. 40-42.

Mas vejamos então, através de Fernão Lopes e de Gomes Eanes de Zurara, quais os processos de recolha e de transmissão de informação inteligente que foram utilizados durante o confronto luso-castelhano de 1383-1411 e nas ações desencadeadas para a conquista de Ceuta (1415) e para a sua manutenção, enquanto primeira praça-forte portuguesa em África, por D. Pedro de Meneses. Ou seja, a partir destes dois cronistas e das referências explícitas e implícitas que eles fazem à atividade da espionagem, analisaremos os aspetos particulares e os meios técnicos então utilizados; pois, tal como nossos dias, se os meios técnicos disponíveis possibilitam e condicionam, no período em análise não seria diferente, fazendo o engenho humano a diferença.

CAPÍTULO 2

A recolha de informação inteligente na guerra medieval portuguesa, segundo Fernão Lopes

1. Fernão Lopes⁴⁵.

Em 1434, iniciado que estava o reinado de D. Duarte, Fernão Lopes é investido cronista-mor do reino⁴⁶, no âmbito de um empreendimento historiográfico de legitimação régia e de construção de memória⁴⁷. Um investimento justificado, dada a sua grande ligação à nova dinastia e à confiança que nele depositavam. Fernão Lopes era, desde 1418, guarda-mor da Torre do Tombo⁴⁸, ou seja, era o responsável pelo arquivo público do reino. Era também, desde o mesmo ano, o escrivão dos livros de D. Duarte e, a partir de 1419, o escrivão dos livros de D. João I. A partir de 1421, torna-se “escrivão da puridade” do infante D. Fernando, um cargo de máxima confiança e intimidade⁴⁹. Em 1437, no testamento que redige deste infante, aparece como tabelião-geral do reino⁵⁰. Em 1433, recebera já a distinção de ser “vassalo do rei”⁵¹. E, em 1434, fora-lhe concedida por D. Duarte uma tença de 14 000 reais, pela tarefa que lhe havia confiado de escrever as crónicas dos reis portugueses até aos grandes feitos de seu pai, D. João I⁵². O infante D. Pedro, em 1439, confirmará essa tença⁵³, que é por sua vez aumentada em 1449, por D. Afonso V. Em 1450, Fernão Lopes deixará de ser o cronista oficial do reino, abandonando definitivamente as suas funções em 1454, cinco anos após a batalha de

⁴⁵ O presente resumo biográfico do cronista foi baseado nos seguintes escritos: AMADO, Teresa – “Crónica de D. João I”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Org. e Coord. Giulia Lanciani and Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 180-182; AMADO, Teresa – “Fernão Lopes”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, op. cit., pp. 271-273; KRUS, Luís – “Crónica”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, op. cit., pp. 173-175; KRUS, Luís – “Historiografia Medieval”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, op. cit., pp. 312-315; MONTEIRO, João Gouveia – *Fernão Lopes. Texto e Contexto*, Coimbra, Minerva, 1988; RAMOS, Rui; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *História de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2010, pp. 144-146 e SARAIVA, António José – *O Crepúsculo da Idade Média*, Lisboa, Gradiva, 1988, pp. 166-203.

⁴⁶ O cronista terá nascido entre as décadas de 1380 e 1390, sendo ainda vivo em 1459.

⁴⁷ O infante herdeiro de Avis promovia pela primeira vez, segundo Teresa Amado, a composição de uma historiografia nacional (AMADO, Teresa – “Fernão Lopes”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, op. cit., pp. 271-273). Para Luís Krus, é neste contexto de legitimação de uma nova ordem que surge uma historiografia suscitada e patrocinada pela Coroa (KRUS, Luís – “Historiografia Medieval”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, op. cit., pp. 312-315).

⁴⁸ Substitui na função Gonçalo Gonçalves (MONTEIRO, João Gouveia – *Fernão Lopes. Texto...*, op. cit., p. 72).

⁴⁹ *Idem, Ibidem*, p. 72.

⁵⁰ O infante D. Fernando nasceu em 1402 e morreu no cativeiro de Fez, em 1443.

⁵¹ AMADO, Teresa – “Fernão Lopes”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, op. cit., p. 271.

⁵² Em carta régia de 19 de março de 1434 (MONTEIRO, João Gouveia – *Fernão Lopes. Texto...*, op. cit., p. 72).

⁵³ O infante D. Pedro assume a regência do trono entre 1438 e 1448.

Alfarrobeira; é dispensado por D. Afonso V, por este não lhe reconhecer mais capacidades físicas para desempenhar as funções de cronista, dada a sua proveta idade. A última notícia conhecida em relação a Fernão Lopes data de 1459 e trata-se de uma decisão de D. Afonso V, dando-o como vencedor num litígio com um pretense neto, a quem nega a legitimidade e o direito de herança.

Retomando o nosso tema, Fernão Lopes é então, a partir de 1434, o representante oficial do “novo olhar” sobre o passado português⁵⁴. Escreve para o efeito, entre 1434 e 1449, aquilo que João Gouveia Monteiro qualifica como uma trilogia: a *Crónica de D. Pedro*, a *Crónica de D. Fernando* e as duas primeiras partes da *Crónica de D. João I*⁵⁵. Nesta última, impressa pela primeira vez em 1644⁵⁶, o cronista faz a legitimação do Mestre de Avis – regedor e defensor do reino –, não na base do direito sucessório ou do Tratado de Salvaterra de Magos, mas sim na de guia da nação e de fundador de uma nova dinastia. Contudo, apesar do destaque dado ao Mestre de Avis, numa reverência inerente à sua função de cronista-mor do reino, Fernão Lopes, contrariamente à historiografia precedente, destaca todas as forças intervenientes no processo. Esta não é contudo uma atitude inocente: a importância dada à participação das massas – povo, burguesia e uma parte da nobreza – permite-lhe sustentar que a eleição régia se fundamentara, não no direito de sangue, mas na vontade popular.

A experiência profissional de notário e de arquivista de Fernão Lopes prepara-o para fundamentar sempre que possível a sua narrativa nos documentos escritos, sejam eles literários ou registos oficiais⁵⁷. Ou seja, procura assegurar a verdade do passado, tal como um tabelião certifica a verdade de um contrato ou de um qualquer público acontecimento. Uma espécie de ata pública que o cronista emite e em que certifica ditos e feitos.

Sublinhado tudo isto, não deixámos de eleger as narrativas de Fernão Lopes enquanto fonte coeva decisiva para o conhecimento e estudo dos finais da Idade Média e, no presente caso, como campo privilegiado de análise para identificar um conjunto de ações de busca,

⁵⁴ Nas palavras de Luís Filipe Lindley Cintra (KRUS, Luís – “Crónica”, in *Dicionário da Literatura Medieval ...*, *op. cit.*, pp. 173-175).

⁵⁵ MONTEIRO, João Gouveia – *Fernão Lopes. Texto...*, *op. cit.*, pp. 78-90. A Primeira Parte da crónica, abrangendo 16 meses, cobre, ao longo de 193 capítulos, os acontecimentos desde o assassinato do conde Andeiro, em dezembro de 1383, até à aclamação do Mestre de Avis como rei nas Cortes de Coimbra, em abril de 1385. A Segunda Parte, que vai de abril de 1385 a 31 de outubro de 1411, retrata, ao longo de 204 capítulos, o conflito entre Portugal e Castela, desde as Cortes de Coimbra até à assinatura da paz. A *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara, é por vezes vista como uma ‘terceira parte’ da crónica de D. João I.

⁵⁶ A *Crónica de D. Pedro* e a *Crónica de D. Fernando* foram impressas pela primeira vez em 1816. As crónicas da “trilogia” desapareceram na segunda metade do séc. XV. Damião de Góis, cronista da corte e conservador do Tombo no reinado de D. João III, fará a recuperação da figura e da obra de Fernão Lopes (*Idem, Ibidem*, p. 83).

⁵⁷ AMADO, Teresa – “Fernão Lopes”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, *op. cit.*, p. 272.

exploração e comunicação de informação inteligente em contexto militar. Ou seja, não esquecendo nunca a sua dupla dimensão de documento monumento/testemunho⁵⁸, perscrutaremos o texto sem perder de vista o contexto da sua produção. Pois, como sublinha João Gouveia Monteiro, apesar de esta crónica nos permitir conhecer melhor o quadro cultural, social, mental, ideológico e até político, não deixamos de estar perante uma obra literária com “inegáveis distorções e com pesados silêncios”⁵⁹; condicionada que está a produção e a natureza desta por uma “intencionalidade política, ideológica e social” fruto de um autor, Fernão Lopes, “ao serviço do poder e dele dependente económica e profissionalmente”⁶⁰. Têm reconhecidamente contudo, estas obras coevas, uma intenção marcadamente formativa e codificadora de comportamentos, pelo que acordam em nós um interesse especial pela sua leitura e análise, já que através delas podemos perceber formas de pensar e de agir, especialmente em contextos de conflito militar declarado.

Como passamos a ver, Fernão Lopes leva-nos, através da sua escrita, aos palcos da guerra medieval, onde, de um lado e do outro da contenda, os mensageiros e as espias são grandes protagonistas, ou são, pelo menos, agentes facilitadores da ação militar.

2. A Crónica de D. João I.

Perscrutemos então, no tecer do fio narrativo que Fernão Lopes constrói a partir dos acontecimentos do confronto luso-castelhano de 1383-1411⁶¹, as referências explícitas e implícitas às atividades de espionagem e os aspetos particulares de que a recolha e a transmissão de informação se revestiam. Podendo por vezes deixar no ar a forma como algumas informações chegam ou são transmitidas aos comandantes militares⁶², a maioria das vezes o cronista é suficientemente esclarecedor, como teremos oportunidade de exemplificar.

⁵⁸ RAMOS, Rui; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *História de ...*, *op. cit.*, p. 145.

⁵⁹ MONTEIRO, João Gouveia – *Fernão Lopes. Texto...*, *op. cit.*, p. 13.

⁶⁰ *Idem, Ibidem*, p. 114. Afirma António José Saraiva que, talvez mais do que o seu ponto de vista pessoal, o cronista exprime o ponto de vista dominante na corte (*Idem, Ibidem*, p. 115). Tal documento deve ser visto como um “instrumento de poder”, destinado que estava a fazer a apologia e a propaganda política da dinastia de Avis (RAMOS, Rui; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *História de ...*, *op. cit.*, p. 146).

⁶¹ Período nem sempre de confronto aberto, mas pelo menos latente, intercalado por tempos de paz e de conflito não declarado.

⁶² A título meramente ilustrativo, aqui fica um caso em que o cronista não especifica a fonte da informação inteligente: “E desejando Nuno Alvarez de aver aquell castello teve hũa tall maneira. Soube per çerta emformaçom, que o escudeiro que era Alcaide, nom tiinha comssigo salvo sua molher, e poucos homeês, e que estava minguado de mamtiimento” (LOPES, CDJ I, Vol. I, Cap. CXLIII, p. 292).

Sigamos diacronicamente, por momentos, o relato do cronista. Assassinado o conde de Andeiro a 6 de dezembro de 1383 e proclamado o Mestre de Avis como regedor e defensor do reino, era necessário comunicar o facto ao Infante D. João, seu meio-irmão⁶³, que se encontrava refém de D. João I de Castela. Porém, dadas as restrições que o monarca castelhano havia imposto ao contacto com o infante, a comunicação só foi possível graças a um subterfúgio de que Fernão Lopes nos dá conta logo no início da crónica e que denota precisamente os processos de passagem de informação. No presente caso, um frade na corte de Castela serviria de transmissor ao Infante D. João do sucedido no reino e das intenções do Mestre: “E por quanto era defeso per elRei de Castella, que qualquer do Iffante que fosse achado no logar homde ell jazia preso, fosse rreteudo ataa sua merçee, foi lla aquell Escudeiro o mais emcubertamente que pode, e fallou com huñ Frade em confissom, pello qual fez saber ao Iffãte aquello por que era alli viimdo”⁶⁴.

O cronista omite a forma como a resposta do Infante D. João chegou ao escudeiro; julgamos, contudo, possível assumir que foi por processo idêntico, já que o escudeiro em questão seria posteriormente portador da resposta do Infante, que transmitida a alguns dos nobres que permaneciam em Toledo fez com que estes retornassem a Lisboa e se juntassem aos apoiantes do Mestre.

Um outro episódio que Fernão Lopes relata posteriormente, protagonizado pela rainha D. Leonor, pelo conde D. Pedro e pelo irmão da rainha, o conde D. Gonçalo, dá-nos mais uma vez a ideia de como a circulação da informação se fazia com recurso a estes ‘homens da fé’: “Omde sabee que o primçipall embaxador destes feitos que levava rrecado aa Rainha, e ao Conde dom Pedro, da parte do Comde dom Gonçallo; e isso meesmo que tragia rreposta, era huñ Frade de sam Françisco”⁶⁵. Trata-se de personagens mais ou menos insuspeitas, que dado o seu ‘hábito’ circulavam com algum à-vontade nos então corredores do poder – o Paço real. No entanto, tal como podemos perceber, não eram as únicas. Outras se mantinham atentas ao que se passava, olhos abertos e, já agora, ouvidos à escuta, com certeza. Pois seguindo Fernão Lopes, logo “em esto huñ Escudeiro daquelles com que o Comde dom Pedro fallara seu segredo, que amdava pollo Paaço oolhamdo o que faziam; quando vio aquellas jemtes viinr daquela guisa, sospeitou que o segredo do Comde era descuberto, e foisse a ell mui a pressa”⁶⁶.

⁶³ Filho do rei D. Pedro e de Inês de Castro.

⁶⁴ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. XXVIII, p. 58.

⁶⁵ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. LXXXI, p. 155. Tentativa da rainha Leonor se furtar ao controlo de D. João I de Castela e se refugiar na vila de Coimbra.

⁶⁶ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. LXXXII, p. 158

Retomemos o fio da narrativa de Fernão Lopes. Declarado que estava o conflito entre os apoiantes do Mestre de Avis e os apoiantes da rainha D. Leonor, e perante a informação de que D. João I de Castela entrava no reino pela Guarda, a preocupação passou a ser conhecer os seus passos e a força militar que o acompanhava. Pelo que, como nos diz o cronista, o Mestre se fez valer de uma “emculca” (espião) “por saber as gentes que com elle viinham, e que caminho queria trazer”. Assim, alguns dias antes que este chegasse a Santarém, o Mestre soube “como se viinha pera alli dereitamente, e que trazia suas gêtes espalhadas, e nom muito acompanhado”⁶⁷.

Face à informação que chega, Nuno Álvares Pereira é perentório “que sseu comselho era, que emquanto elRei de Castella viinha com pouca gemte, amte que sse juntasse com elle mayor poder, que trouvesse emculca com elle, e quando chegasse a termo de Samtarem, que lhe sahisses elles de travessa ao caminho e que pellejassem com elle”⁶⁸. Ou seja, era necessário manterem-se informados para agirem no momento certo. Fazendo fé em F. Lopes, a informação sobre a hoste castelhana ia sendo atualizada: “em esto veolhe outro rrecado, que elRei de Castella avia de seer aquell dia em Samtarem”⁶⁹. Contudo, a desconfiança mantinha-se, como podemos ver pela reação do Mestre: “e a moor duvida deste feito era se aquelles rrecados que viinham eram verdadeiros, ou aazados per arte delRei de Castella, pera matar ou premder o Meestre, e todos aquelles que em ssa companhia fossem; e porẽ çessou de sse nom fazer.”⁷⁰. Fica evidente a preocupação com a legitimidade da informação. As notícias que chegavam ao Mestre podiam não ser fidedignas, podiam estar a ser ‘fabricadas’ pelo monarca castelhano. Na dúvida, o Mestre parte com as suas gentes para Lisboa.

Mas antes de voltarmos a acompanhar a narrativa de Fernão Lopes, e os acontecimentos que se seguiram à entrada da hoste castelhana e à retirada do Mestre para Lisboa, vejamos como a recolha ‘formal’ da informação inteligente era feita. Uma série de personagens (e já tivemos a oportunidade de apontar aqui algumas), tinha papel ativo nessa recolha: agentes infiltrados ou

⁶⁷ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. LXIII, p. 122. O Mestre de Avis, estando em Alenquer, toma conhecimento da entrada de D. João I de Castela pela Guarda (início de janeiro de 1384).

⁶⁸ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. LXIII, p. 123.

⁶⁹ *Idem, Ibidem*.

⁷⁰ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. LXXII, p. 141

espias⁷¹, mas também, batedores e guias – almogávares⁷² e almocadéns⁷³, que se internavam em território inimigo para reconhecimento do terreno ou guiando contingentes militares⁷⁴ –, ou apenas simples atalaias (sentinelas) e “escuitas” que alertavam para a aproximação do inimigo⁷⁵. Uns e outros procuravam, cada qual à sua maneira, recolher informação pertinente. As expressões utilizadas por Fernão Lopes ao longo da crónica para identificar as ações levadas a cabo por estes homens são as mais diversas, como por exemplo: “avisar”⁷⁶, trazer “rrecado” e/ou saber “língua do logar que çerta fosse”⁷⁷, “aver vista”⁷⁸, entre outras. Também alguns ginetes – cavalaria ligeira – eram enviados em missões semelhantes, para “tomar alguñ da companhia dos imiguos, por saber ã çerto quee gentes trazia[m...] e como asemtava seu arraial e quee guoardas puunha[m] e tinnha[m] de noute sobre sy”⁷⁹.

Muitas vezes, a informação devia ser canalizada para um adail, que com estes batedores e guias fazia parte da linha avançada das hostes e que era o responsável por conduzir os efetivos pelos caminhos considerados mais seguros⁸⁰.

⁷¹ A grafia da palavra utilizada para espião varia podendo encontrar-se “emculca”, “enculca” ou “enculqua”.

⁷² O almogávare “corria literalmente o território adjacente àquele onde se encontrava o seu exército, com o fito de descobrir eventuais emboscadas inimigas (...) e, simultaneamente, de recolher informações acerca das hostes adversárias. Tais informações (...) poderiam resultar de uma observação directa e a curta distância dos acampamentos adversários” (MONTEIRO, 2002, p. 174, Cf. ENCARNAÇÃO, Marcelo A. F. R., *A guerra vista do chão. Os conflitos militares em Portugal nos reinados fernandino e joanino observados numa perspectiva local*, Dissertação de Mestrado em História Medieval, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2006).

⁷³ Os almocadéns “seriam oficiais que comandavam pequenos grupos de homens de pé a quem se atribuía a obrigação de auxiliar os almogávares” (MONTEIRO, João Gouveia – “De D. Afonso IV (1325) à Batalha de Alfarrobeira (1449) - os desafios da maturidade”, in *Nova História Militar de Portugal*, Dir. Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, Vol. 1, Coord. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, p. 220).

⁷⁴ Estes homens, almogávares e almocadéns, correndo terra, contribuía também de outras formas para o esforço de guerra, transportando, por exemplo, quando possível, algum gado, como refere Fernão Lopes aquando do cerco imposto às gentes de Lisboa: “e se almogavares tragiã alguñs bois” (LOPES, CDJ I, Vol. I, Cap. CXLVIII, p. 307).

⁷⁵ “E quando foi manhaã a gente dos Castellaños se foram aa estrada que vem de Couna [Coína] pera o logar; e as escuitas que os da villa tiñham fora, lhe foram dar novas de sua viimda deles” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXVI, p. 227). O episódio ocorre no seguimento do apertar do cerco sobre Lisboa, mais precisamente nas ações desencadeadas por D. João I de Castela para tomar Almada, em meados de 1384.

⁷⁶ “Asy o nobre Rey dom João, guiador dos portugueses mamdou primeiro avisar a oste dos castelaños, por saber quejamda era e como coregidos” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XLVII, p. 127).

⁷⁷ “Elles alli esperamdo rreposta do homem que mandarom que lhe trouvera o rrecado, era já grãde seraão amdado; e nom sabiam língua do logar que çerta fosse, salvo quamto lhe dissera aquell homem que esparavom” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CII, p. 196).

⁷⁸ “Hivos e avey vista e língua da terra” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLXII, p. 355).

⁷⁹ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XXXI, p. 72. Ou, por exemplo, num outro ponto da narrativa, Martim Afonso “mãdou os cavallguadores correr ao lugar derrador” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CXXXVII, p. 299).

⁸⁰ Nas palavras de João Gouveia Monteiro: “No fundo, o adail coordenava todo um serviço de exploração do espaço em que o exército se movimentava, apoiando-se para esse efeito na actividade de batedores de terreno e

Estes personagens trabalhavam, quando possível, infiltrados nas forças inimigas, servindo-as e servindo-se da cobertura dessas atividades para recolher informação, que, logo que podiam, faziam chegar a quem de direito.

Mas sigamos de novo e agora por instantes bem de perto, Fernão Lopes e o relato que este faz das convulsões no Alentejo, onde as forças de um e do outro lado se confrontam. Um dos episódios por si narrados é porventura sintomático da fácil intrusão em contingentes adversários e do uso de espiões junto do inimigo. A proximidade social, cultural e linguística das forças em confronto e, sobretudo, alguma ambiguidade de fidelidades, de que mais tarde falaremos, propiciava isso mesmo.

Assim, segundo o cronista, com o intuito de “correr terra” pela comarca de Évora⁸¹, partiram de Vila Viçosa, que tinha voz por Castela, alguns homens a pé e a cavalo, comandados pelo Comendador de Zalamea e pelo Comendador de Calatrava:

“E hindo elles grande noite muito encubertos, huñ moço portuguees naturall de Borva, que chamavom Rodrigo Vallejo, hia por page de huñ Castellaão, que deziam Diego Gomçallvez Maldonado; e fugiolhe do caminho no quarto daalva, e foisse aa villa do Allandroall dar novas a Pero Rodriguez, Alcaide do logar, como aquellas gemtes eram entradas a rroubar ho termo dEvora. E que eram duzemos homeês de pee, amtre almogavares e outra gemte; e çemto de cavalo com genetes que com elles hiam; e disselhe o caminho que levavom, e a falla omde aviam de hi fazer prea”⁸².

Diz Fernão Lopes, que o mesmo moço acabaria por pôr os homens de Pero Rodriguez, alcaide do Alandroal, e alguns escudeiros de Nuno Álvares Pereira no encalço desta força de Castela. Com dois homens de atalaia, os restantes, de cavalo e a pé escondidos num baixio, aguardaram desde as primeiras horas do dia que a cavalgada inimiga se aproximasse⁸³. Aos

espiões” (MONTEIRO, João Gouveia – “O Exército em Trânsito”, in *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 226).

⁸¹ Ataque desencadeado a um determinado lugar para reconhecer terreno, saquear, obter mantimentos e capturar prisioneiros e gado. Tinha a vantagem de flagelar o inimigo sem implicar, normalmente, grandes perdas na própria hoste. Não requeria tanto tempo, nem pressupunha (em termos logísticos e militares, especialmente em perdas humanas) tudo aquilo que um cerco implicava.

⁸² LOPES, CDJ I, Vol. I, Cap. CI, p. 192.

⁸³ “Pero Rodriguez fez logo fazer prestes os que comssigo avia de levar; e eram com os escudeiros de NunAlvares, viimte e seis de cavallo, e sessenta homeês de pee [...] e lavavom comssigo o moço que lhe as novas trouvera, e aquelle os pos na trilhada, per homde os Castellaãos passarõ e isso meesmo da serra; e alli ouverom acordo que no porto della os esperassem, omde seriam tam boôs os poucos come os muitos. [...] e pos Pero Rodriguez duas atalayas que devisavom grande terra per aquell campo; e ell estava em huña dellas; e assi estiverom des hora de prima, ataa meio dia, que virom viinr os de pee tamgemdo a cavallgada, e com elles dez genetes em guarda” (*Idem*, Vol. I, Cap. CI, p. 193).

gritos de Portugal e S. Jorge, de um lado, e de Castela e Santiago, do outro, deu-se o embate⁸⁴, que terminaria com baixas de lado a lado, mas sobretudo com a derrota dos invasores e com a recuperação do saque. No seguimento deste episódio, e especialmente da detenção de Álvaro Coitado por Vasco Porcalho, alcaide de Vila Viçosa, relata o cronista: “Nom tardou muito, que acerca desto, chegou huũ dia pela manhaã huũa emculca que Pero Rodriguez tinha em Villa Viçosa; e disse que aquella noite que avia de viir, aviam de levar Alvaro Coitado de Villa Viçosa pera Olivença, e que visse o que compria”⁸⁵. Sabedor desta movimentação, Pero Rodriguez à frente de alguns homens de sua confiança, parte ao cair do sol de forma encoberta, tomando caminho de Estremoz, para já noite dentro retomar outro caminho, de encontro ao local onde pretendia libertar Álvaro Coitado⁸⁶. Como podemos perceber de seguida pelas palavras do cronista, a dúvida quanto à fidelidade destes homens de mão – espões ou “emculcas” – estava sempre presente. Face ao adiantado da hora e à ausência de notícias, uns e outros começam-se a interrogar: “se era verdade o que lhe dissera; e deziã alguũs que esto podia seer treição de aquell homem, de que Pero Rodriguez fiãra, os teer vemdidos”⁸⁷. Contudo, decididos a libertar o prisioneiro, enviariam dois escudeiros com mais “dous homens de pee almogávares” aproximar-se da vila para saber o que se passava⁸⁸. Chegados à porta da traição, através da detenção de dois homens de pé de Castela e das diligências dos almogávares ficariam a saber que a escolta se aprontava para sair, a sua composição aproximada e que Affomssso Garçia, almocadém, seria o seu guia. A informação seria reconfirmada a Pero Rodriguez pelo espião que entretanto chegava: “veem com Alvaro Gõçallvez, e tragem comssigo ataa noveẽta de cavallo, e seseemta homens de [pee] todos escollheitos, e viimte e çimquo beesteiros; e vem por sua guia delles Affomssso Allvarez almocadém; e trazẽ esta estrada da corte dElvira, e hora os oivirees passar por aqui”⁸⁹. A libertação de Álvaro Coitado ocorreria de seguida graças a este ‘acompanhamento próximo’ da movimentação de Vasco Porcalho e dos seus acólitos.

⁸⁴ Esta comunicação próxima permitia incentivar, mas também coordenar a ação.

⁸⁵ *Idem, Ibidem*, Vol. I, cap. CII, p. 196.

⁸⁶ “Pero Rodriguez depois de soll posto com aquelles dez e seis de Nuno Alvarez, e com quinze escudeiros seus e çimquoemta homens de pee, partio do Allandroall, fingemdo que levava caminho dEstremoz; e depois que foi noite, derom vollta per outro caminho, o mais emcubertos que poderom, e foromssse ao pinhall que devisado tinham” (*Idem, Ibidem*).

⁸⁷ *Idem, Ibidem*.

⁸⁸ *Idem, Ibidem*, Vol. I, cap. CII, p. 197.

⁸⁹ *Idem, Ibidem*. O almocadém é referido como sendo Affomssso Garçia, pelos almogávares, e como Affomssso Alvarez, pelo espia de Pero Rodriguez e pelos dois castelhanos capturados.

O alcaide de Vila Viçosa agiria por sua vez, enviando “essa noite duas emcullcas saber que fazia Pero Rodriguez, e que gemtes foram com elle na tomada dAlvoro Gomçallvez, ou sse estava aimda no Allamdroall, ca ell quisera hi viinr correr e fazer alguu bem se podera”⁹⁰. Entretanto, movimentavam-se também no terreno alguns escutas do alcaide do Alandroal, que tomaram conhecimento do que se aprontava⁹¹. Álvaro Coitado havia de partir de Estremoz para Borba e Vasco Porcalho havia dado ordens aos seus homens para que o matassem, se necessário fosse, mas que este não lhes escapasse de novo. Diz-nos o cronista que esta informação seria confirmada a Pero Rodriguez por um outro homem de Vila Viçosa⁹². Eventualmente um informador a soldo do alcaide do Alandroal. Pero Rodriguez, à frente de uma força do concelho, alertaria Álvaro Coitado e acompanhá-lo-ia a Borba. Nos dias seguintes, em retaliação, Vasco Porcalho mandaria executar uma cavalgada sobre o Alandroal, de que resultariam algumas baixas de parte a parte, mas sobretudo ficaria patente a impossibilidade de os homens de Pero Rodriguez evitar que fossem roubadas nos arredores cerca de 700 cabras. Vasco Porcalho apelaria ainda à intervenção de Pero Rodriguez da Fonseca, alcaide de Olivença. Este último, com 200 homens a cavalo e 300 homens a pé, tenta montar uma cilada ao alcaide do Alandroal e tomar a vila. Para tal, envia cerca de 40 ginetes a provocar os da vila, de forma que o próprio alcaide saísse a eles e fosse capturado. Mas o alcaide “mambara essa manhã descobrir terra per dous escudeiros contra Villa Viçosa; e a atallaya que vio os genetes deu aa campãa, e derribou o çesto” dando assim atempadamente o alerta⁹³. A perseguição extemporânea dos da vila, que saíram armados de lanças e dardos, e alguns deles trazendo apenas algumas estevas aguçadas, levou o alcaide a intervir com dez de cavalo, e a cair na perseguição no meio da cilada que Pero Rodriguez da Fonseca ainda montava. A desordem foi tal, que os Castelhanos, segundo o cronista, sem perceberem exatamente o que lhes acontecia se precipitaram na fuga, abortando qualquer hipótese de sucesso.

Esta série de episódios (talvez parcialmente ficcionada por Fernão Lopes) entre os alcaides do Alandroal e de Vila Viçosa dá-nos uma visão aproximada das missões destes agentes empregues por um e por outro lado da contenda, da sua movimentação no terreno e, sobretudo, da sua importância, quer na ação ofensiva, quer na ação preventiva e defensiva.

⁹⁰ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CIII, p. 200.

⁹¹ “E huus homeês que Pero Rodriguez mãdara essa noite por escuitas, tomarõ lingua das escuitas de Vasco Porcalho” (*Idem, Ibidem*).

⁹² Ver, para mais pormenores *Idem, Ibidem*.

⁹³ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CV, p. 204. O derrubar de cestos é uma das muitas formas de alerta, que referiremos ao longo deste trabalho.

Recorriam a eles desde simples alcaides, como acabamos de ver⁹⁴, comandantes militares, como o Mestre de Avis ou Nuno Álvares Pereira⁹⁵, mas também monarcas como D. João I de Castela ou, na sequência das Cortes de Coimbra, o rei D. João I, da *Boa Memória*.

Mas sigamos novamente, a título exemplificativo do que acabamos de afirmar, a narrativa de Fernão Lopes. Face ao cerco a que Lisboa era sujeita por parte de D. João I de Castela, prepara-se no Porto uma frota de ajuda. Preparativos que, como podemos perceber pelas palavras do cronista, eram do amplo conhecimento do monarca castelhano: “Armandosse a frota no Porto [...] elRei de Castella tragia suas encullcas per caminho, de guisa que cada dia sabia novas do que sse fazia naquella çidade; e amte alguñs dias que a frota ouvesse de partir, soube ell o dia çerto em que avia de sahir de foz em fora”⁹⁶. Se dúvidas persistissem, Miguel Gomes Martins esclarece-nos: “Ao dominar boa parte do território português, o rei castelhano controlava também as principais vias de comunicação. Além disso, possuía uma eficaz rede de mensageiros, de informadores e de espiões distribuídos pelas praças fiéis ao Mestre de Avis, destinada a assinalar qualquer eventual deslocação de forças militares em direcção a Lisboa”⁹⁷. Permita-se-nos aqui, saltar no tempo narrativo para a segunda parte da *Crónica de D. João I*, de forma a evidenciarmos o recurso a processos idênticos por parte do monarca português:

“porque asy como em outro tempo Moyses guiador do povo dos judeus mandou enculcas e terra de promisaõ por saber que gemtes heraõ e toda sua maneira, asy o nobre Rey dom João, guiador dos portugueses mamdou primeiro avisar a oste dos castelaõs, por saber quejamda era e como coregidos”⁹⁸.

Palavras atribuídas por Fernão Lopes a Frei Pero, da ordem de S. Francisco, na igreja catedral de Lisboa, depois de conhecido o desfecho da Batalha de Aljubarrota. Para além da

⁹⁴ Por exemplo, como os já referidos enculcas que Pero Rodriguez tinha em Vila Viçosa ou que Vasco Porcalho trazia no Alandroal.

⁹⁵ Como já reportado *supra*, ver notas 67 a 69. Enculcas a que Nuno Álvares Pereira recorreria antes de se deslocar para Palmela, já que “per suas emculcas que a Almadaã mamdou, soube parte do que Pero Sarmento e Joham Rodriguez de Castanheda, e outros alguñs fidalgos faziam; e teemdo voomtade de viinr sobrelles, como pera ello visse rrazoado tempo, juntou suas gemtes que passariam de trezentas lamças afora homeês de pee e beesteiros poucos, e veosse com elles a Pallmella; e alli se deteve e hordenou sua hida” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXLVII, p. 300). Ou ainda, quando este “corria” por terras da raia castelhana, dizendo a seus homens: “Hivos e avey vista e linguaõ da terra” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLXII, p. 355).

⁹⁶ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXXIX, p. 250.

⁹⁷ MARTINS, Miguel Gomes – *A Vitória do Quarto Cavaleiro. O Cerco de Lisboa de 1384*, Lisboa, Prefácio, 2005, p. 76.

⁹⁸ LOPES, CDJ I, Vol. II, Cap. XLVII, p. 127. Não deixando o cronista de salientar, no elogio ao monarca, que este exigiu ao mensageiro que lhe trouxe as novas que “calasse” a informação, para assim melhor motivar os seus homens para a batalha.

elevação de D. João I ao estatuto de Moisés e de guiador, tal como este, do seu povo, a afirmação é suficientemente esclarecedora da importância de conhecer o inimigo e saber o que esperar no confronto que então se adivinhava inevitável.

Porfiavam, por isso, estes agentes, de forma mais ou menos arriscada (consoante as circunstâncias⁹⁹), para conseguir obter informações que fossem suficientemente importantes para lhes serem bem pagas. Vejam-se, a título exemplificativo, duas referências feitas pelo cronista a modos distintos de pagamentos a estes homens. Numa delas, o escudeiro João Esteves Correia, na sequência de uma cavalgada por Castela, estando de vigia ao acampamento português, afasta-se e intromete-se no meio de uma força castelhana de retaliação¹⁰⁰. Antão Vasques, chefe do contingente português, alertado pelo escudeiro para o ataque iminente dos castelhanos, promete logo que possível recompensá-lo pelo feito: “O irmaõ! Bêto seja Deus, que te guoardo e te trouve em salvo; qua nos pemsavamos ja que eras morto ou cativo! E tu sejas bem vimdo com taõ boas novas; e se estiuesemos ã tall lugar eu te daria boa alvisara; mas eu ta prometo como foremos em Portuguall”¹⁰¹. No caso, a recompensa consistiu em “hũ muito boõ cavalo e outras cousas”¹⁰².

Uma outra situação refere-se efetivamente a recompensas pecuniárias e acontece aquando da partida de uma força da cidade de Lisboa que acorre à chamada de D. João I, durante o cerco à cidade de Chaves: “E derão a Sylvestre Estevêz, Procurador da Cidade que ia cõ eles, çertos dinheiros que levase em depoyto pera dar a emculcas, se mister fizese, e outras tais cousas davisamento”¹⁰³.

Se a recompensa podia estar implícita, os riscos inerentes, esses, eram garantidos. Pois os espiões, uma vez capturados, podiam ter sortes muito variadas: serem libertados para

⁹⁹ Por vezes também empregues em missões internas menos arriscadas, como, por exemplo, quando D. João I trazia enculcas para saber os passos do seu camareiro-mor, Fernando Afonso, que andava envolvido com uma donzela da corte, D. Beatriz de Castro, filha do conde Álvaro Peres de Castro (ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CXXXVIII, pp. 300-303).

¹⁰⁰ “Ouvio grande toõm de gente e meteose em huũ carapetal; e logo açerqua vierão muitas gemtes, asy de pee como de cavalo, todos de mestura, e ele meteo se emtaõ amtre eles por saber todo seu ardill, ffalamdo as vezes rezõis algũas per castelão, porẽ as mais pouquas que podia. E asy passou cõ eles a aguoa de Chãça comtra Portugal alem domde seus cõpanheiros jazião, ouvimdo as semtemças que eles vinhaõ damdo sobre os portugueses, como os aviaõ de fazer. [...] Ho escudeiro, quoamdo vio que se eles ordenavaõ pera peleijar, deu desporas ao cavalo e sayo-sse damtre eles, dizemdo lhes algũs doestos” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. LIX, p. 157). A incursão de Antão Vasques em Castela ocorre pouco tempo depois da batalha de Valverde, em que Nuno Álvares Pereira derrota os Castelhanos (outubro de 1385).

¹⁰¹ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. LIX, p. 157.

¹⁰² *Idem, Ibidem*.

¹⁰³ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. LXV, p. 168. Esta situação ocorre em inícios de 1386. O cerco à cidade ter-se-á iniciado em meados de janeiro de 1386 e terá durado cerca de três meses e meio.

transmitir uma mensagem ou um desafio à força militar a que pertenciam; servirem de guias ao próprio inimigo; ou, pura e simplesmente, acabarem com a cabeça cortada. Todas estas ocorrências estão presentes na citada incursão de Antão Vasques por terras castelhanas. Reconhecendo efetivamente que também o inimigo recorria a processos idênticos (ou seja, a agentes no terreno), Antão Vasques parte de Serpa, como refere o cronista, pela calada da noite¹⁰⁴. Já em terras castelhanas, e no meio de uma pretesia com as gentes do castelo de Cortegana com vista ao pagamento de 20 000 reais de prata para que os portugueses não incendiassem os arrabaldes, os castelhanos decidem enviar um mensageiro pela comarca, com um pedido de socorro. Diz-nos, porém, Fernão Lopes, que os portugueses suspeitando das intenções dos castelhanos, ficam de alerta e aprisionam na volta o mensageiro – “enculqua”¹⁰⁵. Reiteram então, perante as gentes refugiadas no castelo, que lhes seja paga a quantia estabelecida. Mas estas recusam, tão esperançosas que estavam em receber ajuda. Perante a resposta castelhana, a ação endurece, com os portugueses, para fim de conversa, a cortarem a cabeça ao mensageiro e, depois, a atearem fogo às redondezas¹⁰⁶.

Partem então com gado e com prisioneiros, mas com duas enculcas no seu encalço, enviadas pelas gentes dos arredores, para saberem a composição da força portuguesa e onde acantonavam. Capturadas também estas enculcas, acabam por fornecer informação sobre o que contra os portugueses se preparava. Diz-nos o cronista que, ansiosos os homens de Antão Vasques por se baterem em combate, libertam uma das enculcas para que comunicasse aos castelhanos o desafio português, e que retêm a outra enculca para lhes servir de guia¹⁰⁷. Imaginamos que esta última espia não tenha colaborado com muito boa vontade...

Uma outra classe de espões, mais sofisticada, como refere João Gouveia Monteiro, integrava embaixadores, emissários e mesmo ‘simples’ mensageiros que, ao serviço de reis,

¹⁰⁴ “E partiraõ de Serpa huia terça feira por noyte, por escuitas algũas, se as hy ouvese, naõ averẽ deles vista” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. LVIII, p. 154).

¹⁰⁵ “Os portugueses, tomando, algũa sospeita, poseraõ em sy muito boa guoarda esa noute, e em outro dia pola menhã tomaraõ o memsageiro que levara o recaado e vinha dizer aos do castelo que se fosẽ a Cortedalaã, e que aly dariã todos sobre eles. E temdo asy a enculqua presa, mamdaraõ dizer aos do castelo que lhe desẽ aquele que lhe prometeraõ, se naõ que lhe queimariaõ o lugar; e eles por a esperamça que tinhaõ, diseraõ que fizesẽ o melhor e o peor que soubesẽ” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. LVIII, p. 155).

¹⁰⁶ “E pois asy he que vos amdais com falsidade e traição, e nos naõ quereis dar o que nos prometestes, aja este loguo aqui seu galardão. Cortaraõ lhe emtaõ a cabeça e roubaraõ e destroiã ho arravalde [e poseramlhe o fogo e partiraõ se dally com] muitos guados e prisioneiros” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. LVIII, p. 156).

¹⁰⁷ “Os da coarqu daredor [...] enviaraõ duas emculquas aly a Cortechaã, pera verem quee gemtes herão e em que loguar se apousemtavão. E eles quamdo cheguaã acharão nos dormindo sob huũ soveiro, e tomaraõ nos. E aqueles lhe diseraõ novas de toda gemte que em outro dia avia de vir sobre eles, e que se perçebesem. E porque eles aviaõ desejo de achar com quem peleijasẽ, tomaraõ cõ esto tamanho prazer que por alviçera de tais novas soltaraõ huũ deles que fosse dizer aos outros que lhes prazia muito de os esperar aly ou omde eles quisesẽ e lhe poer praça; e o outro reteveraõ no pera o tragerẽ comsyguo por guia” (*Idem, Ibidem*).

comandantes militares e grandes senhores, aproveitavam para recolher e transmitir informação ao abrigo das suas instituídas e respeitáveis funções¹⁰⁸. Embaixadores, por exemplo, que ocasionalmente, enquanto mensageiros em corte inimiga, aproveitavam para aliciar adeptos para a sua causa; é o caso de Garcia Gonçalvez e do Doutor Antão Sanchez, que, como refere Fernão Lopes, em visita diplomática ao rei D. João I, “amdamdo na Corte, moveram Martim Vasquez da Cunha e Lopo Vasquez, seu irmão, com grandes prometimentos e acrecentamêtos de omrra, que se fosem pera Casteella”¹⁰⁹.

Um outro episódio da *Crónica de D. João I* dá-nos a medida do embuste que então se utilizava, sob uma capa de comportamento cavaleiresco. Uma embaixada de última hora dos castelhanos ao arraial português, no campo de batalha de S. Jorge – constituída por Pedro Lopez de Ayala, Diogo Fernandez, marechal de Castela, e Diogo Álvares Pereira, entre outros – mais não é do que um pretexto para observação e avaliação do dispositivo militar que teriam de enfrentar¹¹⁰. Nuno Álvares Pereira, conhecedor dos meandros e percebendo a intenção, tenta que a visita seja breve: “E se me outra cousa alem desto querees dizer, podeilo fazer sem vos mais deterdes”¹¹¹.

Os espões eram homens que, mesmo em missão de simples mensageiros¹¹², deviam prestar toda a atenção ao dispositivo inimigo, pois esse era por vezes o seu único fito. Nesse sentido devemos entender o envio de um mensageiro ao arraial castelhano por parte de D. João I; tal como se pode perceber pelas palavras do cronista: “por mais avisamemto e çertidaõ das gemtes que el Rey de Castela trazia, mamdou el Rey aalaa com recado per palavra huñ escuudeiro chamado per nome Guuomçalo Añees Pexoto, ho qual el Rey emcomemdou que esguoardase bem que gemtes heraõ e como coregidos e toda a sua ordenança”¹¹³.

Mas se era dada importância à recolha de informação inteligente sobre o inimigo para preparar a contenda, havia também a plena consciência de que esta não deveria ser do conhecimento geral; especialmente nos casos em que poderia ser desmoralizadora. A própria

¹⁰⁸ MONTEIRO, João Gouveia – “O Exército em Trânsito”, in *A Guerra em Portugal...*, *op. cit.*, pp. 242-243.

¹⁰⁹ LOPES, CDJ I, Vol. II, Cap. CLVIII, p. 346. Na sequência da tomada de Badajoz, D. João I tenta que a cidade e os prisioneiros sirvam de penhora junto do rei castelhano, obrigando-o a pagar algumas dívidas de guerra.

¹¹⁰ “E por avisoamento de ver os portugueses como estavaõ” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XXXIII, p. 78).

¹¹¹ *Idem, Ibidem*, p. 79.

¹¹² Por vezes também designados como trombetas: “Sendo o Comde asi asemtado [...], nam sendo ainda meio dia, chegou hũ trombeta da parte dos castellaos e perguumtou quoaill era o Comde, e mostraramlho e elle chegouse a elle e dise: ...” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLXIII, p. 356).

¹¹³ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XXXII, p. 74. Esta incumbência de D. João I a Gonçalo Anes Peixoto tem lugar em meados de agosto de 1385, naquele que seria o anfiteatro da batalha de Aljubarrota; como é bom de perceber, convinha a D. João I de Portugal avaliar o que o esperava.

hoste não devia partir derrotada! Nas palavras de Frei Pero, D. João I, na antecâmara da batalha de Aljubarrota, quis saber o que esperar da força militar castelhana, mas perante as notícias que lhe trouxeram “como senhor de grandesforço e fouteza dalto coração dise ao mesageiro que se calase pera melhor poder esforçar os seus”¹¹⁴. Aliás, o mesmo terá feito Nuno Álvares Pereira, que, ficando a saber a força do exército inimigo depois de alguns dos seus ginetes terem capturado um escudeiro português que viajava na hoste do rei de Castela, o condiciona a dizer perante o rei D. João I e as tropas portuguesas, “que as gemtes del Rey de Castela eraõ estrosoas e pera pouco estroçados e desacordados huñ dos outros; e que aquelas gemtes que el Rey aly tinnha lhe parecia tais e taõ boas que milhores heraõ çem hommês darmas daqueles que mil dos outros”¹¹⁵. Diz-nos o cronista que o condestável disse ainda ao escudeiro que, se ele o fizesse da forma que lhe dizia, o recompensaria, caso contrário o mandaria matar; pelo que “o escudeiro prometeo que assy o diria e muito melhor, se o melhor dizer podese”¹¹⁶.

Por vezes, e fazendo fé nas palavras do cronista, estes homens superavam-se para entregarem ‘apenas’ uma mensagem. Referimo-nos particularmente ao episódio protagonizado por um almadense que, chegado com a frota de socorro que saíra do Porto durante o cerco castelhana a Lisboa, se disponibilizou a levar recado a nado à vila de Almada, sitiada pelas tropas castelhanas. Transmitiu-lhe o Mestre “per pallavra as cousas que lhe dissesse; e mais lhe escpreveo per carta, o que emtemdeo por seu serviço”¹¹⁷. E chegado à ribeira do monte durante a noite, subiu a barroca, espantando-se os que velavam a muralha; que reconhecendo-o lhe abriram a porta. Transmitido o recado, “se tornou logo de noite aquell homem a nado” com novas das condições em que os sitiados se encontravam¹¹⁸. O Mestre acabaria, dadas as condições calamitosas e o sofrimento de que padeciam os sitiados, por aconselhar que negociassem a entrega da vila ao rei de Castela, não sem contudo, sublinha o cronista, nadar

¹¹⁴ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XLVII, p. 127. Situação semelhante ocorre com o escudeiro Gonçalo Anes Peixoto, enviado por D. João I com uma mensagem ao rei de Castela, sendo também ele obrigado pelo monarca português a esconder a real situação e a deturpar a informação que dará às tropas: “Sede avisado que per cousa do mumdo não saiba eu que a ninguẽ dizees nemigualha do que ora a my disestes, mas dizey a queẽ vos perguntar que saõ pouquas gemtes e mal corrigidas e que todas vos pareçem gemte de comselho, e os mais deles que foraõ confessos e poucos e maos piães e piores besteiros, e assy das outras cousas e fazermeãs em elo serviço que vos eeu cobrarey com merçees; e doutra guisa a nenhuu por [muito] voso amiguuo que seja, não diguaes o comtariro do que vos emcomendo” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XXXII, pp. 76-77).

¹¹⁵ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XXXI, p. 74. Este é porventura também um artifício utilizado pelo cronista para passar ao leitor uma imagem exagerada do exército castelhana.

¹¹⁶ *Idem, Ibidem*.

¹¹⁷ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXXXVII, p. 270.

¹¹⁸ *Idem, Ibidem*, p. 271.

“aquell homem o rrio que he amtre Lixboa e Almadãa seis vezes, em levar rrecados e trager rrepostas, e sempre de noite”¹¹⁹!

Estes mensageiros deviam, por outro lado, cuidar para não serem vítimas de armadilhas e acabarem a fornecer informação acerca da sua própria hoste ao inimigo. Exemplo ilustrativo desta preocupação e precaução dá-nos o cronista pelas palavras de Nuno Álvares Pereira, quando este comandante militar envia um seu escudeiro à hoste inimiga com uma mensagem: “e sede avisado que nã bebaes nenhũa cousa, posto que vos convidem, caa poderia ser que vos acomteceria por elle algũu cajaom. E em esperãdo nos que tornasees com recado, viriam elles amtre tanto de sospeita sobre nos e receberíamos dano delles, mas paray bem memtes por toda sua maneira e que gemte saom; e como aderemçardes tornarvos es loguo”¹²⁰. Tal como previa o condestável, foi dada comida e vinho ao mensageiro, mas este “fimgio que bebia e nã guostou nada por o que lhe o Conde disera”¹²¹.

Para além da ação de mensageiros, de vigias, de escutas e de espões na recolha de informação, outros se destacam através de pequenos estratagemas ou golpes de mão. Ilustrativo é, acreditando no cronista, o exemplo do homiziado Gonçalo Eanes, que, vivendo com sua mulher e filhos em Badalhouce (Badajoz), servirá de agente facilitador da tomada desta vila castelhana, não sem, dado a sua origem forasteira, ter despertado a desconfiança e o receio dos castelhanos, que o ameaçam e intimam a abandonar a vila. Como já antes referido, o estranho, o ‘outro’, desencadeia, sobretudo em tempos de conflito e perante o medo latente, a desconfiança e a repulsa. Assim, quando Gonçalo Eanes andava um dia pela praça, é, segundo Fernão Lopes, intercetado pelos “moores do luguar”, que lhe dizem: “acordado he por hestes senhores e cavalleiros, que vos vades muito embora desta cydade fora, por que temos de vos sospeita que a podees daar a el Rey de Purtuguall”¹²². A prevenção acima de tudo. Pede então o cândido suspeito que, pelo menos, o deixem ficar a viver no arrabalde, coisa que estes lhe negam, dizendo “que pior lhe seria de fora que de demtro”¹²³. É então, e para que fique claro, proibido de por lá aparecer, e ameaçado de, se tal acontecer, ser atirado das ameias ou preso e enviado ao rei de Castela. Gonçalo Eanes voltará, contudo, à vila; e, apesar de confrontado com a ameaça que sobre ele pendia, consegue – segundo o cronista – argumentar que voltava apenas

¹¹⁹ *Idem, Ibidem.*

¹²⁰ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLXIII, p. 357.

¹²¹ “E foilhe trazido [vinho] e comeo da fruta e fimgio que bebia e nã guostou nada por o que lhe o Conde disera” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLXIV, p. 360).

¹²² *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLV, p. 339.

¹²³ *Idem, Ibidem*, p. 340.

porque lhe haviam ficado a dever dinheiro. A sua ardileza e o contacto que havia estabelecido com o porteiro castelhano facultariam a tomada da vila por Nuno Álvares e por Martim Afonso de Melo, a 12 de maio de 1396¹²⁴. Em retaliação, os castelhanos incendiariam a cidade de Viseu e espalhariam a destruição por toda a comarca¹²⁵.

Envolvidos nestes pequenos estratagemas e golpes-de-mão, encontramos – como não podia deixar de ser – também alguns ‘homens de fé’, que pelos mais variados interesses se arriscavam, por exemplo, para que uma localidade mudasse de mãos. Reza a crónica que:

“Em esse logar de Portell avia huñ clérigo de missa que chamavom Joham Mateus, e desejava muito que aquella villa estivesse por Portugall, e tevesse voz poro Meestre; e [...] que esto se poderia bem fazer avemdo chaves contrafeitas pera abrir as portas quando ell quisesse. [...] e fuisse escusamente a Evora omde NunAllvarez estava; ao quall fallou da maginaçõ que cuidada tiinha, e como sse queria trabalhar daver chaves feitiças pera abrir as portas de noite, e depois que as comçertadas tevesse que lho faria saber”¹²⁶.

Graças à entrada facilitada na vila pelo clérigo João Mateus, o castelo de Portel (feita a pretesia entre Nuno Álvares Pereira e o alcaide do lugar, o fidalgo Fernando Gonçalves de Sousa, que mantinha voz por Castela), mudaria de mãos, corria o ano de 1384. De outros pormenores deste episódio, e por razões distintas, daremos notícia mais adiante.

Aguns destes espiões, pela sua condição de religiosos, tinham acesso a determinadas pessoas e espaços sem levantarem grandes suspeitas. O cronista dá-nos mais uma vez nota disso, já que é um frade franciscano, frei Gonçalo da Ponte, que serve de mensageiro entre alguns escudeiros e o rei D. João I na preparação da tomada de Ponte de Lima, ocorrida em meados de maio de 1385¹²⁷. Estando por fronteiro na vila Lopo Gomes de Lira, que mantinha voz por Castela, decidiram alguns escudeiros portugueses, com Estevão Rodrigues à cabeça, entregar a vila a D. João I. O referido frade caminharia várias vezes entre a dita vila e

¹²⁴ Num período de acesas desavenças em que a diplomacia portuguesa alegava que os Castelhanos não estavam a respeitar integralmente o acordo de tréguas firmado em Lisboa a 15 de maio de 1393, a tomada de Badajoz era uma forma de pressão sobre os Castelhanos; o assalto a Albuquerque, na mesma altura, redundaria por sua vez em fracasso. Em retaliação, o condestável de Castela, acompanhado por alguns nobres portugueses exilados, entrava pela Beira e atacava Viseu, incendiando a cidade e espalhando a destruição pelos arredores.

¹²⁵ Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLIX, pp. 347-349.

¹²⁶ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLVII, p. 334.

¹²⁷ “Este outorguamento aasy feito, mamdaraõ chamar a Guimaraës, que saõ daly oyto leguoas, huñ frade de Saõ Francisco natural daquel logar, que chamavaõ frey Guomçalo da Pomte, e poe ele mamdaraõ dizer a el Rey ao Porto, omde aimda estava, que eles tinhaõ ordenado de lhe dar o loguar, e que como eles visẽ tempo azado pera se poer em obra, que loguo lho fariaõ saber” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XIV, p. 33).

Guimarães, para onde o rei entretanto se movimentara, com recados dos conjurados, até que se estabelecesse a melhor maneira de D. João I atacar¹²⁸. Tendo, finalmente, D. João I entrado em Guimarães a 8 de maio, tudo se encaminhava para, com a ajuda de Nuno Álvares Pereira (que acabava de tomar Braga) tomarem juntos Ponte de Lima. O frade serviria mais uma vez para comunicar ao rei que tudo estava a postos¹²⁹. D. João I, por seu lado, cautelosamente, fará saber a Nuno Álvares Pereira onde se deve encontrar com ele¹³⁰. A partida de Guimarães far-se-ia com cuidados redobrados, pois nunca se sabe quem anda nas redondezas: “partiose el Rey [...] e fingio que hia caminho do Mosteiro da Costa, pelo nenhuñ ãõ emtemder”¹³¹. Pelos vistos com razão, pois, como diz o cronista: “Pero ñõ embarguamdo isto, como se el Rey partio, loguo huñ homẽ que hi amdava por emculca se foy a presa a Pomte de Lima”¹³². A enculca que Lopo Gomes de Lira trazia com o monarca não consegue, porém, ser muito explícita, afirmando apenas que D. João I partira em direção ao Mosteiro da Costa, e que outros diziam que se dirigia a Vila Real. Com alguns estratagemas à mistura, a vela que habitualmente se fazia pelos arredores da vila não é feita naquela manhã e o franquear das portas é conseguido com a ajuda de Estevão Rodrigues e do seu irmão Lourenço. Entrados os atacantes, Lopo Gomes de Lira e os seus refugiam-se nas torres da vila, tentando defender-se o melhor que podem. Não aceitando a pretesia, Lopo Gomes acabou, todavia, por se render e por ser poupado à morte, com todos os seus. A Estevão Rodrigues e a seu irmão, com mais alguns seguidores, ficaria a vila entregue. O franquear da entrada mostrava-se, mais uma vez, a fórmula certa, pois Guimarães já havia sido conseguida por processo idêntico¹³³. E o “fingido caminho” fora uma precaução necessária para o alerta não ser dado cedo de mais¹³⁴. Na tomada de Guimarães, na aproximação ao lugar, são tomadas ainda medidas extraordinárias. Os cavalos escolhidos são os menos relinchadores, acabando mesmo um, mais inquieto, por ser abatido quando se encontravam a

¹²⁸ “Tornouse ho frade com recado, e foy e veio [por] tamtas vezes, falamdo sobre a maneira como se melhor avia de fazer, que foy el Rey em tamto a Guimaraẽs” (*Idem, Ibidem*).

¹²⁹ “Pasarã em esto algũs dias ata que el Rey tomou Guimarães. E soamdo estas novas pela terra, mamdou Estevãõ Rõiz recado ao frade que fose loguo dizer a el Rey que hũ dia çerto que lhe devisou partisse, e que cobraria o loguar” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XV, p. 34).

¹³⁰ “El Rey, muy alegre de taes novas, ãõ damdo a emtemder nenhũa cousa, mandou loguo recado ao Cõde a Bragua [...] recomtamdolhe todo como hera, e que lhe mamdava que se fizese prestes para se hir com elle, assynamdolhe huñ loguar çerto homde ho avia daguardar, pera se ajumtarem ambos” (*Idem, Ibidem*).

¹³¹ *Idem, Ibidem*.

¹³² *Idem, Ibidem*.

¹³³ Ver pra mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. II, Caps. IX-X, pp. 22-25. Neste caso também com a intervenção de um clérigo, o Arcebispo D. Lourenço, que, sabendo do diferendo entre Aires Gomes (alcaide e fronteiro do lugar) e Afonso Lourenço, diz ao rei para explorar essa situação, na tentativa de evitar um cerco de final duvidoso.

¹³⁴ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. XV, p. 34.

três tiros de besta da vila, refere o cronista¹³⁵. Especialmente no dia da partida, com o cuidado do rei em mandar deter todos aqueles que transitavam de e para o Porto, não fossem eles dar notícia da movimentação da hoste régia a caminho de Guimarães¹³⁶.

Chegados aqui, importa notar que, dadas as características do conflito, com fidelidades hesitantes e ambíguas, por vezes até com mudanças de partido à mistura¹³⁷, a recolha de informação revestia-se de algumas características muito próprias. Vejamos, a título de exemplo, o episódio que se segue à detenção de Vasco Rodrigues Leitão – “huñ dos boõs escudeiros” – naquela que é a tentativa da frota do Porto de furar o cerco castelhano e prestar ajuda às gentes de Lisboa. Diz Fernão Lopes, sem fazer qualquer julgamento:

“Levarõno estomçe perante elRei; e a primeira cousa que lhe preguntou, se viinha NunAlvarez naquella frota; e ell respomdeo que nom; emtom lhe preguntou quaaes viinham nas gallees e nas naaos; e ell lhos nomeou todos per nome, e da guisa que pellejarom, [...], e outras cousas que a esto perteeçiam”¹³⁸.

Ou seja, a informação é dada pelo prisioneiro sem aparente relutância; eventualmente, fruto do clima de fidelidades ambíguas que se vive, de que aqui fica um apontamento: “E em fallamdo assi com elRei, viinha a Rainha per huña camara, pera açerca domde elRei estava; e VaascoRodriguez quamdo a vio, foilhe beyjar as mãos”¹³⁹. As particularidades da contenda a isto propiciavam. Sobejamente ilustrativo dessas particularidades é o episódio relatado por Fernão Lopes, ocorrido a 31 de agosto de 1384 – que Miguel Gomes Martins apelida de quebra de rotina do cerco¹⁴⁰ –, em que o próprio Mestre de Avis transporta a filha de D. Álvaro Peres de Castro, D. Beatriz de Castro, conduzindo sua montada para além dos muros da cidade para

¹³⁵ Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. X, p. 24.

¹³⁶ “Em este dia que el Rey partio foy ordenado que tomasẽ todolos que hiaõ pelos caminhos pera ho Porto e vinhaõ, que nenhũ naõ podese dar novas...” (*Idem, Ibidem*).

¹³⁷ O sucesso alcançado na batalha de Atoleiros (6 de abril de 1384), a resistência vitoriosa do Porto ao ataque do bispo de Santiago de Compostela, em que participaram também alguns nobres portugueses partidários de D. Beatriz (maio de 1384) e, especialmente, a resistência ao cerco de Lisboa por D. João I de Castela (fim de maio até setembro de 1384) propiciariam um realinhamento de apoiantes, povoações e alguns nobres (RAMOS, Rui; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *História de ...*, *op. cit.*, p. 139). Resumindo, fidelidades em movimento face às mudanças na conjuntura do conflito, e inevitavelmente com hesitações e confianças periclitantes.

¹³⁸ LOPES, CDJ I, Vol. I, Cap. CXXXIV, p. 264.

¹³⁹ *Idem, Ibidem*. O episódio refere-se a D. Beatriz, esposa de D. João I de Castela.

¹⁴⁰ MARTINS, Miguel Gomes – *A Vitória do Quarto Cavaleiro...*, *op.cit.*, p. 75.

a entregar em casamento ao seu noivo, o conde de Mayorgas, Pero Nuñez de Lara, um dos sitiadores de Lisboa¹⁴¹.

Os prisioneiros viam-se, como é fácil de compreender dadas as circunstâncias extremamente desvantajosas em que se encontravam, condicionados a fornecer a informação que o inimigo pretendia¹⁴². Constituíam-se, enquanto tal, como fontes de informação importantes, adaptando até o seu discurso, como tivemos oportunidade de ver, à vontade dos seus ‘carcereiros’.

Se em tempos tão conturbados era dada especial importância à recolha de informação inteligente, havia também a plena consciência de que o inimigo trabalhava no mesmo sentido. Fernão Lopes dá-nos a medida dessa consciência, quando nos diz que, na tentativa de responder a uma cavalgada castelhana por terras do Guadiana, D. João I, chegando tarde de mais, considera prontamente que teriam sabido da sua ida por espiões¹⁴³. Daí encontrarmos frequentemente na narrativa de Fernão Lopes referências à precaução com a presença de eventuais ‘espetadores ocasionais’ que podem vir a dar informação sobre a partida de indivíduos ou contingentes militares, as direções tomadas e os locais a atingir. Mas também para evitar ciladas¹⁴⁴; aproveitamos para lembrar aqui que já Vegécio sublinhara que a deslocação de um exército era uma fase crítica, eventualmente até mais perigosa do que uma batalha, dado as variáveis e imprevistos em jogo, sendo por isso do maior interesse manter o itinerário em segredo, até dos próprios homens. A partida dissimulada ou ilusiva é, por isso, uma prática reiterada¹⁴⁵. Vejamos algumas referências que fomos colhendo ao longo do texto (já demos conta de algumas) que são esclarecedoras dessa preocupação e precaução. Cuidados, como dissemos, nas deslocações individuais, como faz Gonçalo Eanes, que parte de Sevilha, “hindo sempre desviado do caminho per honde emtemdia de nam ser conhecido”¹⁴⁶, para chegar de noite a Évora e para falar com Martim Afonso sobre o golpe-de-mão que permitiria tomar

¹⁴¹ Ver para mais pormenores LOPES, CDJ I, Vol. I, Cap. CXLI, p. 287.

¹⁴² “Trouve presos a el Rey, a que aprouve muito por que delles soube novas certas” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CXXXVI, p. 298).

¹⁴³ “Que o dia damte pela menhaã pasaraom os castellaõs Odiana pelo porto de Serpa, himdo ja a ribeira tam cheia que lhe ficaram gram parte da cavalgada, que nã poderá passar, e que se hũ pouco mais tardaram que nã ouverã vao, por muyta aguoã que no ryo crecia, e el Rei os achara demtro no Regno, seguumdo o amdar que levava, mas que emtemdia que por emculcas souberam de sua hida, e porem se foram asy triguosos” (*Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLIX, p. 348).

¹⁴⁴ Como a preparada perto de Vila Viçosa pelos homens do Alandroal para libertar Álvaro Coitado: ver *supra*, nota 85 e seguintes.

¹⁴⁵ Ver para mais pormenores MONTEIRO, João Gouveia – “O Exército em Trânsito”, in *A Guerra em Portugal...*, *op.cit.*, pp. 232-233.

¹⁴⁶ LOPES, CDJ I, Vol. II, Cap. CLVI, p. 340.

Badajoz. E cuidados redobrados, quando se trata de contingentes militares, partindo quase sempre ao final do dia ou mesmo de noite, e em direção distinta daquela que seguiriam posteriormente. Parte do Alandroal, depois do sol-posto, Pero Rodriguez com os seus homens, “ fingendo que levava caminho dEstremoz; e depois que foi noite, derom volla per outro caminho, o mais em cubertos que poderom, e foromsse ao pinhall que devisado tinham”¹⁴⁷ em socorro de Álvaro Coitado. Partira também, já em novembro de 1384, de forma dissimulada, Nuno Álvares para conquistar Portel. Salienta o cronista que:

“Nuno Alvares se perçebio dalgũas gemtes, nom mostramdo sua teemçom pera hu era; e partio huũ dia dEvora sobre a tarde, e levou caminho dEvoramõte bem hũa legoa da çidade; e depois tomou per hũa rribeira affumdo, atravessamdo sempre sem caminho, ataa que foi sahir aa estrada que vai pera Portell”¹⁴⁸.

Também num outro episódio com o mesmo comandante militar a dissimulação é evidente: “E partio com suas gemtes sobre a noite fazendo infimta que hia pera outra parte”¹⁴⁹, naquela que foi a partida de Nuno Álvares para tentar tomar Vila Viçosa. Nalguns casos, ia-se mesmo mais longe, não se limitando quem parte a iludir, mas antes a mandar deter eventuais informadores. É o que faz D. João I quando deixa o Porto em direção a Guimarães¹⁵⁰, como já referimos. Ou como faz Martim Afonso de Melo, na ação já referida sobre Badajoz, em que manda alguns escudeiros pelos caminhos para “que todollos que achasem hir ou vir pera estes luguares que os detivesem, por nam hirem dar novas”¹⁵¹. Na também já referida tomada de Ponte de Lima, a dimensão total do que estava em jogo é-nos dada por Fernão Lopes, quando este afirma que, logo que o rei parte, uma enculca inimiga parte por sua vez, para dar notícia da movimentação do monarca. No caso, a dissimulação deu os seus frutos, já que a enculca não pôde ser muito concreta quanto ao destino da hoste régia e, passados alguns dias, D. João I e a sua companha caíam sobre Ponte de Lima para a tomar.

Enquadrável, quanto a nós, no âmbito destas medidas de ilusão e de dissimulação, mas também naquilo que podemos designar por medidas de contrainformação, é o boato posto a circular pelas ruas de Lisboa de que matavam o Mestre de Avis, na sequência da conspiração que levou à morte do conde Andeiro. Boato bem-sucedido e que trouxe para a rua uma multidão

¹⁴⁷ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CII, p. 196.

¹⁴⁸ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLVII, p. 335.

¹⁴⁹ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXII, p. 366.

¹⁵⁰ Ver *supra*, nota 136.

¹⁵¹ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CLVII, p. 343.

de populares, que expressou de forma cabal o seu ódio à rainha e ao conde, o que culminaria com a nomeação do Mestre como regedor e defensor do reino¹⁵².

De braço dado com estas medidas, outros cuidados eram tidos no dia-a-dia na condução das operações militares e em tudo o que com elas se relacionava, cuidados acrescidos nos contactos com a população local e especialmente com mulheres de má-vida que sempre acompanhavam as tropas¹⁵³. Geradoras de rivalidades e de desentendimentos, a confraternização com elas era vista como um risco, uma vez que eram espias ideais, imunes que estavam de ser feitas prisioneiras de guerra¹⁵⁴. Uma medida tomada por Nuno Álvares Pereira durante o cerco à cidade de Bragança consistiu precisamente na proibição da presença de mulheres, especialmente de prostitutas, junto com as suas tropas, um exemplo aplicado depois à hoste régia¹⁵⁵. Medida condicionada, como salienta Miguel Martins, eventualmente por imperativos morais, mas mais por razão dos tumultos e dos desacatos na disputa dessas mulheres: Arriscamos aqui sugerir que esta medida, que se mostrou pouco popular, poderia também ter que ver com possíveis fugas de informação que se estivessem a verificar.

Mais difícil de debelar era, porém, quando o inimigo se internava na hoste ou dela fazia temporariamente parte. Um exemplo disso é-nos dado pelo cronista, na tentativa de tomada de Torres Vedras, que ocorreu entre finais de dezembro de 1384 e meados de fevereiro de 1385. Neste episódio, o alcaide de Torres Vedras, o fidalgo castelhano João Duque, através de mensagens enviadas em virotões e por sinais feitos por homens que integravam a hoste sitiante do Mestre, ia tendo conhecimento do plano de ataque, nomeadamente da escavação de túneis para ultrapassar a muralha¹⁵⁶. Ou seja, alguns “nom fiees vassalos que [o Mestre de Avis] comssigo trazia”¹⁵⁷, acusa o cronista, iam:

“fazendo saber a Johã Duque per escritos e sinnaes, quamto o Meestre contra eles hordenava, e era daqueste geito como depois foi sabudo: femdiam os viratoões e

¹⁵² Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. XI, pp. 24-27.

¹⁵³ Expulsas em períodos de crise, procurando aplacar a ira de Deus e manter os corpos e as mentes focados nos objetivos militares, a permanência destas mulheres, até durante as Cruzadas, era mais frequente do que a sua ausência. Ver para mais pormenores CURRY, Anne – “Sex and the Soldier in Lancastrian Normandy, 1415-1450”, *Reading..., op.cit.*, p. 19.

¹⁵⁴ *Idem, Ibidem*, pp. 24-26.

¹⁵⁵ Ver para mais pormenores LOPES, CDJ I, Vol. II, cap. LXIX, pp. 175-177.

¹⁵⁶ “Johan Duque que era já avisado per hu a cava hia, e omde avia de sahir, per aquelles maaos comsselheiros do Meestre, e perçebido de todo quamto sse fazia” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXIV, p. 371).

¹⁵⁷ “Teemdo o Meestre çercada esta villa que tamto desejava de tomar, que nom fiees vassallos que comssigo trazia, per escritos, e geitos desvairados, perçebiam assi os de dentro, que todo seu trabalho faziam ficar em vão” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXV, p. 373).

poinhamlhe penas de papell ou porgaminho e neellas hia escripto quanto lhe queriam descobrir. E mias lhe faziam saber, que omde se posesse alguũ dos seus, e começasse de doestar os da villa acenando com a mão [...] fazemdolhe certos sinaaes, per que os avisavom de todo”¹⁵⁸.

O cuidado do Mestre até havia sido muito, com um dos túneis, por exemplo, a ser iniciado sob uma tenda longe do lugar aonde deveria ir dar – o largo da Igreja de Santa Maria –, e com a terra que era retirada durante o dia a ficar na tenda para ser espalhada em outro local apenas durante a noite, escondendo-a assim da vista dos da vila (e também dos seus próprios homens no arraial). Diz Fernão Lopes que o Mestre, receando que a atalaia castelhana no alto da igreja tivesse adivinhado o que ali se fazia por causa das suas visitas frequentes a esta tenda, passou a ir só de noite ver como decorriam os trabalhos de escavação. Mas, como diz o cronista, “todo o seu cuidar e sospeita fora vão, se nom foram algũas pessoas, que amdavom com o Meestre, que pouco amavom seu serviço, que per sinaaes e outras emcubertas maneiras, lhe faziam saber todo, quanto o Meestre obrava contra elles”¹⁵⁹. Estes maus conselheiros e não fiéis vassalos, como os apelida o cronista, para além de darem a conhecer ao fidalgo castelhano todos os segredos que se falavam no conselho, ainda (como se diria hoje) assessoravam mal o Mestre, aconselhando-o mal, propositadamente¹⁶⁰.

Lapidar é por isso a seguinte a afirmação do cronista: “posto que o lamçamento de taaes pessoas em tempo desquiva guerra dhuũa parte aa outra, aos prudentes senhores muito seja de rreçar, pero porque todos ligeiramente creẽ qualquer cousa que lhes he prazível, mormente serviço de bõos fidallgos em tempo de necessidade, nom teve ho Meestre deste sospeita, nem rrenembrancha das nodoas dos outros”¹⁶¹. Cautela e caldos-de-galinha nunca fizeram mal a ninguém, diria o povo. Para que não restem dúvidas, Fernão Lopes aponta os culpados; são eles: o conde D. Pedro (de Trastâmara), primo do rei de Castela, D. Pedro de Castro, filho do conde de Arraiolos (D. Álvaro Peres de Castro), João Afonso de Beça e Garcia Gonçalves de Valdes. Todos eles já anteriormente envolvidos em episódios no mínimo duvidosos¹⁶². E

¹⁵⁸ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXVI, p. 378.

¹⁵⁹ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXIX, p. 362.

¹⁶⁰ Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*.

¹⁶¹ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXV, p. 374.

¹⁶² Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*. Por exemplo, D. Pedro de Castro tentara franquear a entrada na cidade de Lisboa às tropas sitiantes (ver *infra*, notas 169 e 170).

também, segundo o cronista, com um futuro próximo não mais abonatório¹⁶³, já que se preparavam para matar o Mestre, sendo mais uma vez João Duque conhecedor de todo o plano. Fernão Lopes é lacónico, nesta parte da narrativa, afirmando contudo que, avisado e desconfiado o Mestre que contra ele algo se preparava, inclusive com outros envolvidos (o conde D. Gonçalo e sua esposa, Airas Gonçalves de Figueiredo), decide, a 8 de janeiro de 1385, reunir no seu conselho todos os capitães e suas gentes. Aí dá ordem de prisão a D. Gonçalo e família, incluindo um filho pequeno. Sabedores da situação, e achando que o seu plano era descoberto, o conde D. Pedro refugia-se dentro da vila, e João Afonso de Beça foge para Santarém. Menos sorte teve Garcia Gonçalves de Valdes, que, procurando seguir as pegadas do conde D. Pedro, foi preso pelos homens do Mestre. Seria então convencido “a tormento daçoutes” a explicar tão súbita partida; acabando por confessar todo o plano para o matar e como, durante o Cerco de Lisboa, por ordem do rei de Castela, se havia passado para o lado do Mestre para atingir tal objetivo¹⁶⁴. Perante os factos, o Mestre “nom o quis mandar matar de simprez e honesta morte, mas cruell de fogo, e grave de sofrer, e mandou que o queimassem”, salienta o cronista¹⁶⁵.

Como é possível perceber, a informação podia transitar entre uns e outros das mais variadas formas. Fosse através do contacto direto, fosse à distância. Usando formas mais convencionais, como embaixadores, emissários, mensageiros ou trombetas que eram portadores quer de mensagens escritas, quer de simples mensagens orais, até outras menos convencionais e óbvias, como virotões, arremessados por bestas ou arcos, como acabamos de ver. Mas, também, recorrendo a mensagens visuais, mais ou menos codificadas, através de sinais gestuais a uma distância próxima ou a distâncias mais longas, através de bandeiras, estandartes ou pendões (estes últimos, basicamente para comunicar entre a própria força). A longa distância, podia-se comunicar através de sinais fumo, se durante o dia, ou de sinais de fogo, se durante a noite, estes provenientes de “almenaras” ou de tochas, tal como o cronista nos dá conta de ter ocorrido aquando dos cercos de Almada ou de Lisboa. Vejamos alguns exemplos ilustrativos. Nuno Álvares, chegado a Palmela, faz durante a noite disso saber ao Mestre de Avis através de

¹⁶³ Em cartas do rei de Castela, enviadas por um judeu em grande segredo, o conde é convidado a matar o Mestre. Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXV, pp. 374-375.

¹⁶⁴ Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXVII, pp. 379-380.

¹⁶⁵ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXVII, p. 380. Igual morte terá já em Coimbra um castelhano que, com o intuito de envenenar o Duque de Lencastre, se integrara ainda em terras castelhanas na hoste de D. João I e do Duque; denunciado por um outro homem com quem se desentendeu, acabou por confessar o intuito, sendo morto na fogueira, ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CXVI, pp. 257-258.

“taaes almenaras de fogo de guisa que o viiam os de Lixboa por saberem os da çidade que estava elle ali, e tomarem alguũ esforço”¹⁶⁶.

Diz-nos Fernão Lopes que o Mestre respondeu de modo idêntico:

“E çertamente assi foi de feito, que o Meestre quamdo vio aquellas almenaras de fogo em Palmella, bem emtemdeo que era NunAlvarez que alli estava com suas gêtes, e ouve mui gram prazer, ell e todos aquelles que o viiam; e mamdou açemder muitas tochas no grande eirado dos Paaços delRei hu estomçe pousava, por as veerem de Palmella, e lhe dar a emtender que viia suas almenaras; e que lhe respoddia com aquelles lumes, pois outra falla amtre elles aver nom podia”¹⁶⁷.

Aliás, o mesmo já se passara durante o cerco de Almada, como podemos ler: “E faziam do logar toda a noite ao Mestre muitas almenaras de fogo, per que lhe davom a emtemder, o grande aficamento em que eram postos, por que doutra guisa lho nom podiam fazer saber, seemdo assi çercados per mar e per terra”¹⁶⁸.

Por vezes, até uma singela luz servia para comunicar. Nomeadamente para trair, dando sinal aos que de fora sitiavam, como tinha intenção de fazer D. Pedro de Castro durante o cerco de Lisboa; o qual, segundo Fernão Lopes, “por grande câtidade douro e de prata que delRei avia de rreçeber”, prometera dar entrada no dia 15 de agosto na cidade de Lisboa a D. João I de Castela e aos seus homens¹⁶⁹. O “sinall çerto das horas a que vehesem, avia de seer huũa camdea posta em huũa seteira do muro”¹⁷⁰. Descoberta a conjura, foi o conde preso, com todos os seus.

Mas também havia lugar a mensagens comunicadas através de meros acenos, que denunciavam intenções. Relembramos, por exemplo, os alertas transmitidos a João Duque, alcaide de Torres Vedras, durante o cerco à cidade: “E mais lhe faziam saber, que omde se possesse alguũ dos seus, e começasse de doestar os da villa açenando com a mão [...] fazemdolhe certos sinaaes, per que os avisavom de todo”¹⁷¹.

Mas se os sinais visuais serviam de meio de comunicação, estes não eram os únicos, havendo múltiplos exemplos na crónica em causa de comunicação através de sinais sonoros. Entre estes, encontramos até inocentes cantilenas que previamente combinadas permitiam

¹⁶⁶ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXLVII, p. 304.

¹⁶⁷ *Idem, Ibidem*.

¹⁶⁸ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXXXVI, p. 269.

¹⁶⁹ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXXXVIII, pp. 273-274.

¹⁷⁰ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXXXVIII, p. 274.

¹⁷¹ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLXXVI, p. 378.

alertar para a presença ou para a chegada de uma patrulha, como o descrito pelo cronista a respeito da tomada da vila de Portel por Nuno Álvares Pereira: “E os da vela que disto tinham esperto cuidado, como sentirom que eram açerca, e virom viinr a rrollda pello muro, começaram de braadar apupamdo: *Ex a rraposa vai! Eyla rraposa vai!* que era o çerto sinall amtrelles. E depois que a rrollda passou ja lomge, começaram elles de camtar e dizer outras rrazões”¹⁷².

Mas também se comunicava através de sinais sonoros mais fortes e estridentes, como os sinos a repicar para um simples ‘toca a reunir’ ou para um vivo alerta de um ataque iminente, como aconteceu num sábado, dia 27 de agosto de 1384, durante o cerco a Lisboa, em que, através de um ataque concertado por terra e por rio, o rei de Castela procurou assenhorear-se das galés portuguesas. Narra Fernão Lopes que, logo no início da movimentação inimiga, “as vellas da çidade, quamdo esto virom, começaram logo rrepicar na See, e tambem nas quadrilhas omde estavom sinos”¹⁷³. Para depois, através de uma espécie de onomatopeia descritiva, o cronista nos dar nota da sinfonia que então se ouvia já no meio da refrega:

“Em esto açemdiasse cada vez mais a pelleja, a quall dhuña parte e doutra era mui brava e de grande arroido, assi de braados dhomeês e soôs de trombetas, e rrepicos de ssinos, come de chamar altas vozes: *Portugall e sam Jorge!* outros, *Castilha! Santiago!* [...]

Bradaava o Meestre que fezessem alguñas cousas que viia que compriam trigosamente; e o gramde arroido das gentes, e soom das armas com que pellejavom, empachava tanto seu mamdado que parecia que mamdava em vaão”¹⁷⁴.

Uma síntese perfeita daquilo que vínhamos referindo, até mesmo com sons de trombeta à mistura, que permitiam comunicar entre a hoste, fosse na sua manobra diária, fosse na preparação e consumação do ataque ou de um rápido alerta para o ataque inimigo. Mas a transmissão de informação não estava isenta de erros e mal-entendidos, até mesmo de mau uso, já que por vezes, em virtude de um falso alerta, “per mingua de boom aviso” de um

¹⁷² *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLVII, p. 335. Esclarece o cronista: “e o sinall çerto para chegar seguro aas portas seria este: por quãto a rrollda dos Castellaãos amdava pollo muro rrequeremdo as vellas e poderia seer que aa chegada da porta seria ella emtom presente, a quall cousa era gram perigo, que por tanto quamdo a rrollda vehesse açerca daquella porta, que elles braadariam altas vozes apupamdo: *Ex a rraposa vai! Eyla rraposa vai!* e que estomçe estevessem quedos e nom movessem nada; e quamdo braadassem nom nomeamdo rraposa, que emtom movessem a pressa, e achariam as portas abertas” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CLVII, p. 335).

¹⁷³ *Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXXXIX, p. 277.

¹⁷⁴ *Idem, Ibidem*, Vol. I, cap. CXXXIX, p. 279.

elemento menos cauteloso, a companhia se aprontava para um confronto que não chegaria a acontecer¹⁷⁵.

Como nota final, recuperamos aqui um dos quadros que Fernão Lopes nos pinta e que é ilustrativo de que o conhecimento das condições que o inimigo vivenciava era, por vezes, suficiente para conseguir atingir o objetivo militar, evitando-se um confronto direto com desfecho incerto, especialmente quando o inimigo se encontrava protegido atrás das muralhas. O caso da tomada do castelo de Monsaraz em finais de julho de 1384 é, quanto a nós, o exemplo cabal de que a informação podia fazer toda a diferença. Nuno Álvares Pereira, tomando conhecimento de que o alcaide do castelo de Monsaraz, na companhia da sua mulher, mantinha a fortaleza apenas com recurso a um punhado de homens, decide confiar a um seu escudeiro e a mais dez ou doze homens a missão de atraírem o alcaide para fora das muralhas para lhe tomarem facilmente o castelo. Sabedor de que o alcaide enfrentava sérios problemas de mantimentos, Nuno Álvares diz aos seus homens para procederem à largada de algumas vacas nas proximidades do castelo e para se esconderem o mais perto possível da porta do castelo, pois confia que o alcaide sairá atraído pelo gado e que, na esperança de voltar com este para dentro das muralhas, deixará a porta aberta. De facto, assim foi; segundo o cronista, os homens de Nuno Álvares Pereira, escondidos nas redondezas do castelo, logo que a porta ficou aberta e sem qualquer guarda infiltraram-se na fortaleza, expulsaram a mulher do alcaide e os que com ela estavam, dando de seguida conhecimento a Nuno Álvares da tomada da praça. O cronista não desvenda, no presente caso, a origem da informação que chega a Nuno Álvares Pereira sobre as condições particulares em que o alcaide de Monsaraz mantinha voz por Castela¹⁷⁶, mas arriscaríamos dizer que não é difícil de adivinhar; já que, em jeito de conclusão, no final da Segunda Parte da *Crónica de D. João I*, no elogio que tece à forma de fazer a guerra de Nuno Álvares Pereira, o cronista é deveras assertivo, ao afirmar que “Em guerra e em tregua trazia muito amiúde escuitas com os imiguos, por saber de seus feitos parte quomdo alguñ movimêto

¹⁷⁵ Situação ocorrida num acampamento português enquanto Nuno Álvares Pereira esperava para enfrentar uma força de Pero Rodriguez Sarmiento (e eventualmente do seu irmão, Pedro Álvares, prior do Hospital), que se queria vingar da morte do Mestre de Alcântara na batalha de Atoleiros. Diz o cronista que devido a um toque de trombeta inadvertido, de um dos homens que seguia num grupo destacado, “logo: NunAllvarez mamdou dar aas trombetas, e foi posto em batalha com todollos seus armados; e assi de pee aas tochas foi hordenadamente ataa hu a trombeta tamgera; e como soube o que era, tornousse pera dhu partira; e deffemdeo que dhi em deamte nenhuñ fosse ousado de sse apartar da hoste por cousa que fosse” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXLV, p. 295).

¹⁷⁶ “E desejamdo Nuno Allvarez de aver aquell castello teve hũa tall maneira. Soube per çerta emformaçom, que o escudeiro que era Alcaide, nom tiinha comssigo salvo sua molher, e poucos homeês, e que estava minguado de mantiimento” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXLIII, p. 292).

quisesem fazer”¹⁷⁷; sublinhando até, que enquanto comandante militar preocupado, utilizava mesmo “fyeeis emculcas” para conhecer o comportamento dos seus próprios homens em ação¹⁷⁸. Ou seja, era um comandante sempre providente e “bem avisado”.

E de “bom avisoamento” temos vindo a falar e assim continuaremos no próximo capítulo, com este e com outros protagonistas à mistura...

¹⁷⁷ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CXCVIII, p. 449. Já antes o cronista havia sido esclarecedor: “E per suas emculcas que a Almadaã mandou, soube parte do que Pero Sarmento e Joham Rodriguez de Castanheda, e outros alguõs fidalgos faziam” (*Idem, Ibidem*, Vol. I, Cap. CXLVII, p. 300).

¹⁷⁸ *Idem, Ibidem*, Vol. II, Cap. CXCVIII, p. 449.

CAPÍTULO 3

A espionagem na guerra de África, segundo as narrativas de Gomes Eanes de Zurara

1. Gomes Eanes de Zurara¹⁷⁹.

Gomes Eanes de Zurara, filho de um eclesiástico, terá nascido por volta de 1410 e falecido em 1473 ou 1474. Foi criado em casa de D. Afonso V, pelo que teria toda a confiança deste monarca¹⁸⁰. Em 1451, é nomeado guarda da livraria do rei, sucedendo a Fernão Lopes em 1454 como guarda-mor da Torre do Tombo; já lhe sucedera como cronista a partir de 1450. Ligado à Ordem de Cristo pelo menos desde 1452, recebe tença na casa do rei como cavaleiro.

Como salienta Rita Costa Gomes: “Zurara constitui um exemplo perfeito da unidade profunda de que se revestia o duplo labor de cronista e guarda-mor dos arquivos régios – a principal originalidade da historiografia portuguesa do século XV”¹⁸¹.

Se Fernão Lopes havia justificado pela História a nova dinastia e testemunhado a transferência para o seu fundador – D. João I – do desígnio superiormente atribuído de alinhar novamente Portugal com o seu transcendente destino da Reconquista, Zurara, sucessor de Fernão Lopes no cargo de cronista-mor, registará a aventura marroquina e o início da conquista do Magrebe¹⁸².

Segundo Rita Gomes, a obra de Zurara pode dividir-se em dois grupos. Um, que representa a sua participação na apelidada “Crónica Geral do Reino” (no seguimento do trabalho de Fernão Lopes) e que é a *Crónica da Tomada de Ceuta* (de 1449)¹⁸³; qualificada por

¹⁷⁹ O presente resumo biográfico do cronista foi baseado nos seguintes escritos: DUARTE, Luís Miguel – “A Crónica da Tomada de Ceuta: nem com ela nem sem ela...”, *Ceuta 1415*, 600 anos depois, Lisboa, Livros Horizonte, 2015, pp. 33-44; GOMES, Rita Costa – “Zurara, Gomes Eanes de”, In *Dicionário da Literatura Medieval...*, *op. cit.*, pp. 687-690; KRUS, Luís – “Crónica”, In *Dicionário da Literatura Medieval...*, *op. cit.*, pp. 173-175; KRUS, Luís – “Historiografia Medieval”, In *Dicionário da Literatura Medieval...*, *op. cit.*, pp. 312-315.

¹⁸⁰ Vitorino Magalhães Godinho refere-se-lhe como um “historiador comprometido com o infante D. Henrique e obreiro do «apagamento» político a que foi votada a figura do infante D. Pedro”, cf. em GOMES, Rita Costa – “Zurara, Gomes Eanes de”, In *Dicionário da Literatura Medieval...*, *op. cit.*, p. 688.

¹⁸¹ Se comparada, por exemplo, com a cronística castelhana do mesmo período (GOMES, Rita Costa – “Zurara, Gomes Eanes de”, In *Dicionário da Literatura Medieval...*, *op. cit.*, p. 687). Segundo a mesma Autora, é interessante notar que, apesar de narrar acontecimentos contemporâneos e das virtudes do seu relato servirem inclusive para o monarca fazer concessões aos que mais se haviam distinguido no campo de batalha, o cronista tem consciência das dificuldades inerentes a uma escrita sobre o presente.

¹⁸² KRUS, Luís – “Crónica”, in *Dicionário da Literatura Medieval...*, *op. cit.*, p. 174.

¹⁸³ Terá sido basicamente escrita entre 1449 e 1450, e sofrido eventuais acrescentos, alterações e cortes em anos posteriores (DUARTE, Luís Miguel, *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, p. 34). Retrata ao longo de 105 capítulos, desde a origem do projeto, passando pela preparação da armada e respetiva força militar, até ao ataque a Ceuta e a sua tomada a 21 de agosto de 1415, sem mesmo esquecer, no final, a recompensa pelo rei daqueles que se haviam destacado na campanha.

vezes como a “terceira parte” da *Crónica de D. João I*, Zurara sublima neste trabalho o esplendor cruzadístico de D. João I e daquela que ficará conhecida mais tarde por Ínclita Geração. O outro grupo, que se caracteriza pela sua atualidade, é constituído pela *Crónica dos feitos da Guiné* (escrita por volta 1452-53 e com prováveis acrescentos após 1460), pela *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*¹⁸⁴ (escrita entre 1458 e 1464) e pela *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* (escrita entre 1464 e 1467-68). Nas duas últimas, relatam-se os feitos destes capitães ‘marroquinos’ de Ceuta (1415-1437) e de Alcácer Ceguer (1459-1467).

Zurara escreveu, como lembra Luís Miguel Duarte, com “muita latitude de imaginação”, colocando na boca de alguns dos personagens considerações ou longos discursos que ninguém registou¹⁸⁵, aliás como Fernão Lopes fez. E, como este, deu também voz a alguns silêncios e omitiu quando achou conveniente; relembremos, a título de exemplo, a névoa que envolve as ações de D. Pedro na *Crónica da Tomada de Ceuta*. Não podemos esquecer que escreveu com a tragédia de Alfarrobeira (1449) ainda bem viva, a pedido de D. Afonso V, com a ‘bênção’ do conde de Barcelos (D. Afonso) e provavelmente com base numa espécie de entrevistas de eliciação ao Infante D. Henrique, passadas mais de três décadas¹⁸⁶. A memória seletiva do Infante foi necessariamente posta a funcionar. Uma crónica que como alguns já escreveram, mais não é do que uma Crónica da Tomada de Ceuta pelo Infante D. Henrique¹⁸⁷. Uma crónica propagandística e que serviria, aliás, de base para uma outra, vertida em latim, encomendada por D. Afonso V a Mateus Pisano e destinada a uma difusão mais alargada pelas cortes estrangeiras¹⁸⁸.

A *Crónica da Tomada de Ceuta* é, por tudo isto, uma fonte que deve ser criticamente analisada, mas não esquecida ou menosprezada; glosando Luís Miguel Duarte, e no nosso caso particular, “mais com ela do que sem ela”¹⁸⁹...

¹⁸⁴ Obra una, ainda que subdividida em dois livros, retrata os esforços do conde D. Pedro de Meneses para garantir a posse da praça africana entre 1415 e 1437, ano da sua morte. O Livro I é composto por 82 capítulos e o Livro II, por 40.

¹⁸⁵ DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, p 171.

¹⁸⁶ Tipo de entrevista em que se procura saber o modo de proceder de alguém, ou seja como e porque faz uma tarefa (trabalho, procedimento, ação, ritual) de determinada maneira e não de outra. Forma de esclarecimento/conhecimento para o entrevistador e de consequente esclarecimento/reconhecimento para o entrevistado. Processo de entrevista utilizado em campos tão distintos como a Antropologia (durante o trabalho de campo) ou da Informática (na fase de levantamento de processos funcionais). Considerámo-lo aqui enquanto forma de Zurara tomar conhecimento das maneiras de proceder no campo de batalha, das opções possíveis e das consequências que daí podiam advir...

¹⁸⁷ Entre eles, Luís Miguel Duarte; ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*.

¹⁸⁸ Intitulada *De Bello Septensi* (Acerca da guerra de Ceuta), esta obra de M. Pisano é, basicamente, uma tradução resumida da crónica de Zurara (*Idem, Ibidem*, pp 35-36).

¹⁸⁹ Título do ponto onde a equaciona enquanto fonte (ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, pp. 33-44).

A *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* é, resumidamente, aquilo que podemos considerar uma obra de glorificação cavaleiresca cristã e senhorial¹⁹⁰. Um monumento erigido a pedido de sua filha D. Leonor, com o conluio de D. Afonso V¹⁹¹, para manter viva a memória do primeiro capitão e verdadeiro governador de Ceuta¹⁹².

Relembramos, dado o discurso glorificador e o pendor propagandístico destas obras, a ambivalência monumento/testemunho que as impregna. As crónicas, segundo Vitorino Magalhães Godinho, dado o seu carácter oficial ou pelo menos oficioso, pela perspetiva muito própria e até enviesada que denotam, devem ser consideradas como fontes indiretas¹⁹³. Porém, como também já dissemos, pela reconhecida intenção marcadamente formativa e codificadora de comportamentos, as selecionamos e erigimos como fontes principais do estudo que nos propusemos, comprometendo-nos contudo a olhá-las criticamente.

Começamos então por analisar aquela que é uma das mais belas aventuras militares da guerra de além-mar, a expedição a Ceuta de 1415, registada em crónica por Zurara.

2. A *Crónica da Tomada de Ceuta*.

Assinada ‘definitivamente’ a paz com Castela, em 1411, impunha-se desviar as forças vivas da nação para outros objetivos militares¹⁹⁴. Segundo escreve Gomes Eanes de Zurara, a inquietude dos infantes – D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique –, filhos de D. João I, em serem armados cavaleiros, não em torneio organizado mas em campo de batalha, levaria a que João Afonso de Alenquer, vedor da fazenda, falasse nas virtuosidades da cidade norte-africana de

¹⁹⁰ KRUS, Luís – “Crónica”, in *Dicionário da Literatura Medieval ...*, op. cit., pp. 174.

¹⁹¹ DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, op. cit., p 171.

¹⁹² O real governo da cidade era efetivamente exercido pelo capitão da praça-forte e não pelo titular da honra, o infante D. Henrique, como demonstrou José de Bragança na sua introdução à *Crónica da Conquista da Guiné* (*Idem, Ibidem*, p. 153).

¹⁹³ *Idem, Ibidem*, p. 34.

¹⁹⁴ “Parece indiscutível a necessidade de a nova nobreza saída da crise de 1383-1385, e trinta anos depois de Aljubarrota, ter oportunidade de mostrar a única coisa que sabia fazer além de caçar, a guerra, e daí tirar os consequentes dividendos em honra e proveito: terras, tenças, títulos, prestígio social reforçado”, in DUARTE, Luís Miguel – “África”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. I, Lisboa, Circulo de Leitores, 2003, p. 395.

Ceuta¹⁹⁵, inicialmente aos príncipes e posteriormente ao rei¹⁹⁶, tornando-a alvo de desejo dos primeiros. O facto de outros objetivos, como Gibraltar ou Granada, inicialmente equacionados, se encontrarem na área de influência de Castela fez com que fossem perentoriamente postos de parte e que Ceuta tivesse sido eleita como destino para prolongar em África a reconquista cristã e a luta contra o infiel. Como salienta Luís Miguel Duarte, às razões apresentadas pelo cronista nunca foi dada demasiada importância; outras terão sido as motivações para tal empreendimento, entre as quais se podem considerar, a necessidade de D. João I afastar definitivamente o espectro de bastardia e, especialmente, a imagem de rei fraco de um país pobre e periférico, que lhe estavam associadas¹⁹⁷.

Seguindo, contudo, a narrativa do cronista, apontada que estava a praça-forte de Ceuta como objetivo militar, era primordial, segundo o rei D. João I, fazer o seu reconhecimento:

“A mim parece que o principal começo que a mim conuem fazer neste feito assy he, que primeiramente aja de saber o assentamento daquela cidade, e assy a fortelleza de seus muros e altura deles, ou como sam acompanhados de torres e de caramanchões përa saber quaaes artelharias me conuem de leuar përa seer combatida. Outro sy conuem que saiba as ancorações que tem e com quaaes ventos trabalham os nauios mais estando sobre ancora, e se peruentura as prayas sam assy liures e desempachadas que nossas jentes possam sair sem grande trabalho ou perigo, ou que o mar he tam chegado ao muro que dos nauios mesmos se possa combater”¹⁹⁸.

Para o efeito, D. João I enviaria uma embaixada à Sicília, encabeçada por D. Álvaro Gonçalves Camelo, prior do Hospital, e pelo capitão Afonso Furtado, naquilo que diz ser “huña fermosa dessimulaçam”¹⁹⁹. Isto para, a coberto de oferecer a mão do Infante D. Pedro em

¹⁹⁵ “E esto he a çidade de Cepta que he em terra dAffriqua que he huña muy notauel çidade e muy azada pera se tomar, e esto sey eu prinçipalmente per hum meu criado que la mandey tirar alguñs catiuos de que tinha encarrego, elle me contou como he huña muy grande çidade rriqua e muy famosa, e como de todallas partes a çerqua o mar afora huña muy pequena parte por que am sayda pera a terra” (ZURARA, CTC, Cap. IX, p. 27).

¹⁹⁶ “E estando em jsto faloume Joham Affonso na çidade de Cepta como he grande e nobre e azada pera se tomar. a qual cousa parece que soube per avisamento de hum seu homem que la enuiou tirar alguñs catiuos” (*Idem*, *Ibidem*, Cap. X, p. 33).

¹⁹⁷ Em DUARTE, Luís Miguel – “África”, in *Nova História Militar...*, *op. cit.*, p. 396. Outras razões são ainda apontadas pelo Autor, ver pp. 393-397. Uma espécie de visão pessoal, entre várias hipóteses e polémicas surgidas ao longo dos anos, é apresentada por este Autor, naquela que é a sua última obra sobre a conquista de Ceuta (DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, pp. 160-161).

¹⁹⁸ ZURARA, CTC, Cap. XV, p. 50.

¹⁹⁹ “Mas como seja que elles ajam lugar përa jsto poderem veer e saber, sem seer entendida nem sabida a fim por que elles vam, përa a qual cousa tenho vontade de fingir huña fermosa dessimulaçam, e jsto he que quero dar vooz que os enuio com embaxada aa rrainha de Cezilia” (*Idem*, *Ibidem*, Cap. XV, p. 50).

casamento à rainha da Sicília, aportar na ida e na volta em Ceuta: “por quanto meus embaxadores teram azo de hijr e vijr per açerqua daquella cidade onde poderam deuisar todo o que lhe por mim for mandado”²⁰⁰. E se dúvidas pudessem persistir, diz-nos o cronista que o rei de pronto chamou à sua presença o prior para lhe dizer, que “sua vontade era de os enviar a casa da rrainha de Cezilia com sua embaxada, empero que seu prinçipal fundamento e tençam era que elles devisassem a çidade de Cepta de totalas cousas que ante dissera”²⁰¹.

Zurara dá-nos, através das supostas palavras de D. João I, as razões para a escolha destes homens e as incumbências de cada um:

“Consirando açerqua desto quaaes pessoas la posso melhor enuiar, por quanto cumpre que seiam **homeês discretos e entendidos**, e taaes que possam bem todo prouer segundo he necessário pêra tal caso, e nam me parece que tenho outros que o melhor possam fazer que o priol do Esprital e o capitam Afonso Furtado.ss. o priol pêra deuisar a cidade e o capitam pêra atentar o mar com todallas outras cousas que a ello pertencem”²⁰².

O modo de atuar durante a missão destes agentes em passagem por Ceuta é-nos dado de seguida. Assim, na ida, enquanto “o priol asseemtado em sua gallee assy como homem muyto sages e discreto que era, oolhava muy bem todo o assemtamento da çidade, como quem sabia a fim por que o fazia”²⁰³, o capitão Afonso Furtado...

“doutra parte com gramde auiso esguardaua sobre a praya, oolhamdo quall era mais livre das pedras pera poderem em elle mais desempachadamente sahir as gemtes darmas, quamdo viesse a ora do mester, e depois que foy noute solldou amdando em huñ batell muy passamente todallas ancorageês que eram darredor da çidade, de guisa que polla mayor parte foi de todo em conhecimento”²⁰⁴.

Na volta da Sicília, aportaram novamente em Ceuta e atentaram em novos pormenores: “nom lhe esqueeço de chegarem outra vez açerqua da çidade de Cepta fazemdo alguñ mais rrepouso que o primeiro, pera acabarem de todo o que lhe falleçera da primeyra uista, e tall

²⁰⁰ *Idem, Ibidem*, Cap. XV, pp. 50-51.

²⁰¹ *Idem, Ibidem*, Cap. XVI, p. 51.

²⁰² *Idem, Ibidem*, Cap. XV, p. 50. Negrito nosso. Noutro ponto da narrativa, o prior é qualificado na sua atuação como “homem muyto sages e discreto” e o capitão como atuando “com gramde auiso” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVI, pp. 51-52).

²⁰³ *Idem, Ibidem*, Cap. XVI, p. 51.

²⁰⁴ *Idem, Ibidem*, Cap. XVI, pp. 51-52.

maneira teueram em todo que lhe nom ficou nehuña cousa por temtar daquellas que a elRey prazia de saber”²⁰⁵.

A sagacidade do plano, segundo o cronista, seria posteriormente reconhecida pelos ‘infieis’, que confrontados com a perda de Ceuta perceberam e se lamuriaram do logro em que tinham caído²⁰⁶.

Dissimulação cuidada e subterfúgios alargados que, como podemos perceber, tiveram diversas facetas e se estenderam por palcos distintos. Desde o “muy noble corregimento que leuauam”²⁰⁷ os embaixadores, passando pelo fingimento na presença da rainha da Sicília e do respetivo conselho²⁰⁸, até ao comportamento teatral de D. João I, quando, para uma plateia mais alargada, se mostrou descontente com o resultado de tal embaixada²⁰⁹. Não esquecendo, entre os enganados, os próprios naturais do reino, segundo o cronista, “cegos no entender”²¹⁰.

No retorno, e já nos paços em Sintra, os embaixadores dariam a D. João I conhecimento daquilo que puderam observar da praça africana e das suas defesas, das praias que rodeavam a cidade, das suas muralhas, das casas e das serras em volta²¹¹. Mas isto apenas perante um grupo muito restrito na câmara do rei, já que, na presença dos elementos do conselho, a farsa

²⁰⁵ *Idem, Ibidem*, Cap. XVI, p. 53.

²⁰⁶ “Alguñs mouros daquela çidade que depois do filhamento della comsijraram sobre a uimda destas gallees, mal diziam a ssey e a fraqueza de seus emtemdimentos, por que tam tarde conheceram a sagacidade com que sse trautara sua destroçoim, e emtom se acordauam como uiram o prioll hir com sua gallee ao lomgo da çidade assy uagarosamente, como quem sse trabalhaua de a esguardar com fememça” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVI, pp. 53-54).

²⁰⁷ “Esguardarom muy bem como aquelles embaxadores delRey de Portugall eram homeês de grande autoridade, e que assy por ello como pollo muy noble corregimento que leuauam, rrepresentauam muy bem a grandeza dauqlle senhor que os la emuiaua, polla qual cousa poderam muy mall cuydar a dessimullaçoim que jazia em aquelle feito” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVI, p. 53).

²⁰⁸ “Os embaxadores como quer que bem mostrassem que lhe prouera de levarem outra melhor rresposta, nom curarom de rrepicar mais sobre aquella materia, porque bem sabiam que nom era aquella a primçoim de sua primeyra uiagem” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVI, p. 53).

²⁰⁹ “E porque ajnda esta dessimullaçoim podesse seer melhor trautada. Quando elRey ouuiu determinadamente a uontade da rrainha fez sembrante como que lhe desprazia de aquelle feito nom uijnr a fim” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVII, p. 55).

²¹⁰ “E assy eram todos çegos no emtemder, que nom auia hi alguñ que podesse maginar outra cousa, senom que toda a força daquelle embaxada fora soamente pera trautar aquelle casamento” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVII, p. 55).

²¹¹ Ver *infra*, notas 217 e 218; CAMPOS, Nuno Silva – *D. Pedro de Meneses. O primeiro capitão de Ceuta*, Lisboa, Sete Caminhos, 2008, p. 25.

perdurou²¹². Os infantes seriam mesmo aconselhados por D. João I a dar uma desculpa aos seus homens mais próximos, quando se deslocassem à câmara real onde teria lugar a reunião²¹³.

A reunião seria, contudo, muito peculiar. O capitão, infelizmente para o rei, seria bastante lacónico, limitando-se a assegurar ao monarca “que teemdes muy boa praya, e muy boa amcoraçam, e que podees emcaminhar uossos feitos e hir mujto em boa ora quamdo quiserdes, ca a çidade sem gramde tardamça com a graça de Deos sera posta em uosso poder”²¹⁴. Parco em palavras e, sobretudo, em pormenores. Posição que manteria, apesar do reiterar da missão de que havia sido incumbido²¹⁵, vendo-se o rei obrigado a esclarecê-lo sobre os motivos da sua nomeação e a incentivá-lo a ser mais objetivo:

“que porem passasse per aquellas pallauras, e dissesse se aquella amcoraçom era sobre pedra ou sobre area, ou sobre bassa, ou se per uemtura era alli o mar tam alto que os grandes nauios podessem ancorar preto dos muros da çidade, ou se per uemtura por aazo das mareas ou correntes seriam os nauios em alguñ trabalho na emchemte ou uazamte da maree”²¹⁶.

Goraram-se, porém, as tentativas de D. João I. Já D. Álvaro explicar-se-ia de forma mais concreta, utilizando para o efeito um modelo rudimentar mas representativo, elaborado com areia, fita, favas e uma escudela. Nas palavras de Zurara, o prior...

“Tomou aquella escudella e fez logo o monte da Almina com toda a çidade assy como jaz com suas alturas e os ualles e fumdos dellas, e desy a Aljazira com a serra de Xemeyra assy como jaz em sua parte, e homde auia de fazer mostra de muro çercaua com aquella fita, e homde auia dassijnar casas poinha aquellas fauas, em tall guisa que lhe nom ficou nada por deuisar”²¹⁷.

²¹² “E por quanto todollos outros comsselheiros tijnam que aquelles embaxadores nom foram a outra cousa emuiados soamente por trautar aquelle casamento, teue elRey maneyra de os ouuir logo primeyramente perante elles, homde compridamente disserom todollos aquecimentos de sua uiagem callamdo aquelle primçipall que sse guardaua pera outro mayor segredo” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVII, p. 55).

²¹³ “Mas nom tardou mujto que o prioll e o capitam fossem auisados da maneira que auiamde teer quamdo lhe fossem dar o verdadeyro rrecado daquella cousa por que os elle emuiara. Teemdo maneyra como os Iffamtes se chegassem aaquelle tempo pera a camara de seu padre sob semelhamça dalguña outra neçessidade que cada huñ figurasse aos seus por melhor emcubrimento daquelle segredo” (*Idem, Ibidem*).

²¹⁴ *Idem, Ibidem*, Cap. XVII, pp. 55-56.

²¹⁵ “Assy aprazera a Deos disse elRey, empero quero saber particullarmente a amcoraçam com totalas outras cousas que uos eu emcomemdey” (*Idem, Ibidem*, Cap. XVII, p. 56).

²¹⁶ *Idem, Ibidem*, Cap. XVII, p. 58.

²¹⁷ *Idem, Ibidem*, Cap. XVIII, p. 59.

Com D. João I prestando toda a atenção...

“o prioll começoulhe a deuisar todo, mostramdolhe logo toda a lomgura do muro como estaua da parte do mar, e quamto era acompanhado de torres, e de que altura era mayor parte dellas, e depois lhe mostrou o castello com todo o seu assemtamento, e quaaes eram os lugares per homde a çidade podia rreçeber combate, com todallas outras cousas que a elRey prouue de saber”²¹⁸.

D. João I procurou, durante cerca de três anos (os primeiros dos quais de preparativos), manter no maior sigilo o objetivo a atacar, restringindo para o efeito o círculo de pessoas que o sabiam. Eram elas: o próprio D. João I, os infantes (D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique), o vedor da fazenda (João Afonso de Alenquer), os dois ‘embaixadores’ (o prior D. Álvaro Gonçalves Camelo e o capitão-mor Afonso Furtado), a rainha²¹⁹, Nuno Álvares Pereira – fruto de uma abordagem engenhosa e cuidada – e, inevitavelmente, pelo trabalho que tinham que desempenhar, o escrivão da puridade (Gonçalo Lourenço) e o escrivão da câmara do rei (Gonçalo Caldeira). Como salienta o cronista, o segredo seria revelado apenas a este último porque Gonçalo Lourenço “nom podia per ssi soo escpreuer tamta escriptura como perteeçia pera este feito, e porem foy reuelado assy aaquelle por sentirem delle que era homem que o guardaria”²²⁰.

Dentro desta linha de secretismo se pode então entender, o engendrar de uma caçada por montados de além Tejo, próximo de terras do condestável, em que participariam inicialmente os infantes D. Duarte e D. Henrique e a que mais tarde se juntariam o rei e o infante D. Pedro²²¹. Propicionou-se, dessa forma, um encontro ‘casual’ com Nuno Álvares Pereira, a quem seria confidenciado o objetivo e auscultada a sua opinião²²². Uma vez mais, alguns

²¹⁸ *Idem, Ibidem*, Cap. XVIII, p. 59.

²¹⁹ Para que a rainha intercedesse junto de D. João I, os infantes disseram-lhe: “fallamos a elRey nosso senhor e padre, o quall emuiou alia o prioll e o capitam por deuisarem o assemtamento da çidade, se per uemtura seria tall como Joham Affomso dezia, ora sam ja tornados della, e segumdo o rrecado que trouxeram a çidade he muy aazada pera sse filhar auendo boom auimento pera ello” (*Idem, Ibidem*, Cap. XIX, p. 61).

²²⁰ *Idem, Ibidem*, Cap. XXV, p. 76.

²²¹ “E loguo os lffamtes partiram sem toda sua gemente emtemder o tall segredo soamente no monte e caça, e amtre tamto elRey esteue em Samtarem ataa que lhe pareço que era tempo de partir, e tamto que passaram os dous meses loguo na segumda somana do terçeyro mes elRey fez emcaminhar sua partida” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXII, pp. 68-69).

²²² “Homde determinaram que este feito nom fosse fallado ao comde per escripto nem messegeiro soamente que elRey lho dissesse pessoalmente, e que pera sse esto fazer mais fora de sospeita que o lffamte Duarte e o lffamte Dom Hamrique partissem logo caminho de rriba dOdiana leuamdo comssigo monteiros e caçadores, e que andassem assy despemdendo dous ou tres meses em seus desemfadamentos, ataa que elRey e o lffamte Dom Pedro passassem o Tejo e se fossem chegamdo contra alguñ lugar que fosse mais açerqua domde quer que o comdestabre emtom esteuesse” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXII, p. 68).

episódios da crónica são reveladores dos requintes a que chegou o empenho na dissimulação concertada; com o rei, novamente, a ser parte ativa na atuação e tendo alguns dos seus mais próximos conselheiros como público-alvo:

“E porque sua teemçom fosse melhor dessimullada, disse huñ dia comtra o Iffante Dom Pedro per tall maneyra que o ouuissent todos. Ja agora uossos jrmaãos cuydaram que nom ha mais na caça nem no monte que quamto elles sabem, ernpero meu filho ajmda eu quero ueer se lhe posso leuar auamtagem”²²³.

E, também aqui, com um ponto alto neste secretismo, ilustrado pelo cuidado posto pelo infante D. Pedro na comunicação cifrada a entregar por mensageiro ao condestável: “E ao tempo que lhe ouue de poer aquelle sinete teue tall modo que fez huñ escripto per sua mão mujto secretamente, no quall fazia saber ao comde como a elRey seu padre era neçessario de fallar com elle alguñas cousas sustamçiaaes e de grande segredo”²²⁴. Agindo Nuno Álvares Pereira em conformidade, quando “uio a alma que em ella uijnha”, ou seja desconversando com o portador da missiva²²⁵.

Aliás, mesmo quando foi necessário envolver mais alguém nos preparativos, como o tesoureiro da moeda, Rui Pires do Alandroal, não lhe foi revelado o propósito: “E Joham Affomssso ueedor da fazemda proueeo logo todallas rremdas da çidade, e fallou com Ruy Pirez do Allandroall que era thesoureiro da moeda nom lhe declaramdo porem o segredo”²²⁶.

Contudo, a preocupação de D. João I em determinar se a ação a empreender seria considerada serviço de Deus, fez com que o leque de conhecedores se alargasse, ainda que de forma muito controlada. Entre mais alguns nomeados pelo cronista, como sejam frei João Xira ou o doutor frei Vasco Pereira, confessores do rei, outros, distintos letrados e eminentes do concelho de Lisboa foram também sabedores do desígnio projetado²²⁷.

O segredo porém era ainda a ‘alma do negócio’. De tal forma incutido a uns e a outros, que volvidos anos sobre a conquista ainda alguns ‘respeitavam’ o segredo. As palavras do

²²³ *Idem, Ibidem*, Cap. XXII, pp. 68-69.

²²⁴ *Idem, Ibidem*, Cap. XXII, p. 70

²²⁵ “A quall carta assy emuiada, quamdo o comde uio a alma que em ella uijnha, como homem sages e discreto, callou muy bem aquelle segredo fazemdo ao moço alguñas pregumtas muy alomgadas daquelle propósito” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXII, p. 70).

²²⁶ *Idem, Ibidem*, Cap. XXI, p. 66.

²²⁷ “E elRey mandou logo chamar o mestre frey Joham Xira, e o doutor frey Vasco Pereira que eram os seus confessores e o Iffante Duarte, e assi outros alguñs prinçipaaes letrados que se naquella çidade poderam cachar. E tambem fez chamar alguñs prinçipaaes do concelho ajnda que poucos fossem e sob grande segredo” (*Idem, Ibidem*, Cap. X, p. 31).

cronista, referindo-se à atitude de Gonçalo Caldeira, são elucidativas: “tomou dello tamanho cuydado, que posto que depois da tomada de Cepta mujtos annos uiuesse, numca foy homem que lhe em ello ouuisse fallar soamente per grande uemtura, e ajmda aquello que fallaua sob muy grande cautella e temor”²²⁸. Não era para menos, como veremos. O próprio cronista deixa transparecer que se debatera, também ele, no decorrer da sua escrita, com esta cultura do segredo, ou seja com a exiguidade de documentação em que se podia basear²²⁹.

Contudo, ainda que o rei evitasse tomar medidas que o fizessem ter que dar explicações mais alargadas²³⁰ e viesse adiando a comunicação ao seu conselho²³¹, a aprovação deste era essencial, pelo que a reunião ocorreu em Torres Vedras, por volta do S. João. Mas mesmo aí, e apesar de D. João I se sentir na ‘obrigação’ de justificar a tardia comunicação dos seus projetos²³², prevaleceu a ‘lei do silêncio’. As indicações do rei, para os seus homens do conselho foram inequívocas:

“quero que me façaes preito e menagem que guardarees fiellmente toàallas cousas que eu de presentem comusco fallar, e que as nom direes a nehuña pessoa per pallaura nem per escripto, amte afastarees todo aazo e geito per que sse nehuña cousa que ao dito feito perteeça possa saber nem emtemder.”²³³.

E, como podemos perceber, com uma espécie de ‘caução’ exigida pelo soberano: “E emtom lhes deu elRey juramento no lenho da uera cruz e sobre o liuro dos euangelhos, que

²²⁸ *Idem, Ibidem*, Cap. XXV, p. 76.

²²⁹ “E trautada em tam grande segredo, por cuja rrezam ouue em aquelles feitos muy poucas escripturas que ao depois pareçessem, soamente aquellas que sse fizeram depois do comsselho de Torres Vedras, quando ficou determinado de sse deuulgar a partida dos lffantes” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXIII, p. 105).

²³⁰ “E primeiramente comsijro como pera semelhamte feito se rrequerem muy grandes despesas, pera as quaaes hey mester mujto dinheiro, o quall eu nom tenho, nem sey pollo presentem domde o aja nem como, ca posto que o quisesse auer do pouoo lamçamdolhe alguñs pedidos, acho que sse o fezer, que sse me seguem dello duas perdas, a primeyra escandallo do pouoo, e a segumda rrompimento do segredo” (*Idem, Ibidem*, Cap. XII, p. 39). Adiando D. João I o mais possível a comunicação do seu intuito, pois como reafirma “sse ouuera de lamçar pedidos, fora neçessario de fazer ajuntamento de cortes nas quaaes de neçessidade se ouueram de declarar alguñas comjeituras ou partes do feito per tall guisa, que sse podera emtemder a uerdadeira determinaçam que elRey sobre esto tinha” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXI, p. 67).

²³¹ “Nom foy ajmda fallado a nehuñ dos do meu comsselho, e tenho determinado pera o sam Joham a Deos prazemdo fazer ajuntamcnto de comsselhos em Torres Vedras, homde emtemdo propoer este feito e determinar o termo çerto em que com a graça de Deos ajamos de partir” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXIII, p. 75). O cronista dá-nos uma perspectiva do tempo já passado até então: “Ca segumdo achamos des que neeste feito primeyramente foy fallado ata aquelle pomto eram passados melhora de tres anos” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXIV, p. 75).

²³² “Rretiuie assy este segredo sem uollo deuulgar por duas cousas, a primeyra por saber se teeria pejo no auiamto de meu feito, quanto aas pazes de Castella, e a segumda por auer çerto conhecimento se aueria alguñs empidimentos em minha passagem” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXVI, p. 80).

²³³ *Idem, Ibidem*, Cap. XXVI, p. 79.

guardassem assy todo aquelle segredo como dito he”²³⁴. Um dos atributos gerais de qualquer conselheiro que Zurara imputara já de muito importante – que “he grande segredo, por quanto o romprimento do conselho traz desfazimento da obra” –, não era garantia suficiente para o monarca²³⁵.

Deste conselho reunido em Torres Vedras sairia, aliás, uma nova medida de diversão; o envio de uma embaixada liderada por Fernão Fogaça a desafiar o duque da Holanda para uma guerra²³⁶. No seguimento, o duque da Holanda acabaria, ele próprio, por alinhar no complô de desinformação montado²³⁷, representando muito bem, perante os elementos da embaixada e o seu próprio conselho de notáveis, o papel de ofendido²³⁸. Aliás, aproveitou-se particularmente da situação, como adianta cinicamente o cronista, fazendo crer aos seus que os tinha em grande conta²³⁹. O convencimento destes também não era difícil, uma vez que, entre os conterrâneos

²³⁴ *Idem, Ibidem*.

²³⁵ *Idem, Ibidem*, Cap. X, p. 32. Mostrando-se, por outro lado, o soberano cauteloso, como um dos preceitos que Zurara aponta: “Empero teem mujtos e eu que esto escpreuj com elles, que a neçessidade nom era tamanha per que elRey assy ouuesse de rretardar aquella rreposta, mas que o fez por teer aazo de guardar mujto melhor seu segredo, por que de trimta e huña uirtudes que ao primçipe som apropiadas, mujto lhe comuem que seia cautelloso, segundo escpreue samto Agustinho no liuro da çidade de Deos, louuamdo mujto em os Romaãos o seguimento desta uirtude” (*Idem, Ibidem*, Cap. XII, p. 38).

²³⁶ “Sobre estas cousas passadas teue elRey seu comsselho, per que maneira poderia milhar emcubrir o auimento da sua frota, porque todos teuessem em ello olho, e perdessem cuydado de emquerer a çertidom daquella uiagem. E pera esta foi achado huñ muy proueitoso rremedio.s. que o duque dOlamda fosse logo desafiado, e pera esto hordenaram que Fernam Fogaça que era ueedor do Iffamte Duarte, fosse portador daquelle desafio” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXVIII, p. 83).

²³⁷ “Fernam Fogaça tamto que foi na pousada, muy secretamente fez saber ao duque como lhe era mujto neçessario de lhe primeiro fallar apartadamente, por quamto aquello que lhe emtom assy auia de dizer era a primçipall causa de sua uijmda, e o que lhe depois emtemdia de dizer de praça, nom era senom cautellosamente por milhar emcubrimto de seu proposito, ao duque prouue mujto de fazer seu rrequerimento, e assy emcaminhou como secretamente lhe desse sua audiencia” (*Idem, Ibidem*). Esclarecendo Fernando Fogaça o Duque sobre as razões de D. João I, nos seguintes termos: “que acordara de uos mamdar desafiar, porque os que uissem assy este corregimento, nom tenham aazo de sospeitar a çertidom do que elle deseia” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXVIII, p. 84). O plano suscitou a total concordância do Duque da Holanda: “O duque rrespomdeo que elle agradeçia mujto a elRey de o querer fazer sabedor de tamanho segredo, o quall lhe certificaua que elle guardasse muj bem, e esto dezia o duque, porque Fernam Fogaça lhe comtou toda a uerdade do feito, e que quamto era ao desafio, que elle daria açerqua dello tall maneira, que elle ouuesse por bem empregado o atreuimemo que em elle teuera” (*Idem, Ibidem*). E “ depois que foi noute, mamdou o duque por Fernam Fogaça muy secretamente damdolhe suas emcomemdas muy graciosas pera elRey com outras mujtas pallauras de rregradiçimento, e sobre todo fezlhe merçee, e mamdou que sse tornasse mujto em boa ora pera seu rregno” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXVIII, p. 86).

²³⁸ “E em esto fazia o duque duas cousas muy sages, a primeira fazia emtemder aaquelles que os tijinha em grande comta, pois nom queria ouuir semelhamte cousa ssnam em sua presemça, e a segumda fazia grande seruiço a elRey, porque estando alli aquelles ao tempo de seu desafio seria aazo de seer deuulgado com mayor autoridade e firmeza” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXVIII, p. 84). A farsa perante um público alargado, o do seu conselho, permitiria inevitavelmente uma difusão maior e sobretudo ‘certificada’, como refere Zurara.

²³⁹ Zurara chama-lhe “sagacidade” do duque, ver nota anterior.

do duque, alguém já ouvira novas da armada que se preparava em Portugal²⁴⁰. Faria, porém, o duque, para maior convencimento geral, circular a informação da necessidade de se prepararem para a guerra²⁴¹.

Como sustenta Luís Miguel Duarte, “a conquista de Ceuta também se decidiu nestes jogos no Norte da Europa”²⁴²; sublinhando o mesmo Autor que o rigor na simulação ainda hoje surpreende.

Porém, todo o “segredo calado” e o complô que o envolvia favoreciam a busca do verdadeiro intento e ainda mais o adiantar de todo o género de palpites. O cronista dá-nos a medida dessa especulação:

“Mas quem poderia espreuer a multidom das semtemças que sse dauam sobre aqueste feito, ca o rrumor do pouoo era muy grande ueemdo o aballamento destas cousas, e posto que cada huñ em sua parte se trabalhasse descolldrinhar aqueste segredo nom auia hij alguñ que çertamente soubesse determinar o lugar pera homde aquelle corregimento era”²⁴³.

Postulando porém o cronista que “nom auia hi porem nehuñ que podesse determinar a çertidom daquelle feito”²⁴⁴.

Contribuiria também, a seu tempo, a missão de Fernando Fogaça ao ducado da Holanda para o avolumar da especulação. Pois, ainda que secreta, a missão não tardou a ser do conhecimento popular: a tripulação que o acompanhou a isso ajudou... O ducado passou, a partir de então, a ser um dos destinos apontados²⁴⁵. O que não desagradava de todo ao rei, que

²⁴⁰ “Ca bem ha dous annos disse huñ delles, que eu ouuy a huñ mercador que uijnha de Bruges, que eram hy nouas que elRey fazia rrepayar sua frota, e mandaua fazer outra de nouo com outros grandes corregimentos de guerra, de que sse perçebia caladamente” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXVIII, p. 86).

²⁴¹ “O duque dOlamda [...] fez saber a todollos lugares de seu senhorio, como per çertos rrecados que auia delRey de Portugall era neçessario de seer prestes, por quamto o mamdara desafiar. E assy começou de sse correger dallguñas cousas, que em todo seu senhorio nom podiam em ali emtemder senam que todauia tijnham guerra aberta com o rregno de Portugall” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXIX, p. 87).

²⁴² DUARTE, Luís Miguel – “África”, in *Nova História Militar...*, *op.cit.*, p. 398.

²⁴³ ZURARA, CTC, Cap. XXI, p. 67.

²⁴⁴ *Idem, Ibidem*, Cap. XXX, p. 91.

²⁴⁵ “Outros disserom que os Iffantes todavia auiam dhir sobre o duque dOlamda, per a guisa que ja ouvistes, ca posto que aquelle segredo assy emfimidamente fosse callado, aquelles que hiam com Fernam Fogaça o contauam a seus amiguos, e quamto lhes elles mais emcomemdauam que fosse em segredo, tanto o elles mais asinha descobriam” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXX, p. 92).

aproveitava para adensar a nuvem que envolvia a empreitada²⁴⁶. Seguindo a narrativa de Zurara, D. João I sofreria contudo, no meio deste jogo de sombras, um enorme sobressalto:

“Ora que seria que estando elRey em estes çeumes daquelle segredo, sobrechegou a elle huñ homem pera arrecadar seus feitos, e trouxelhe a çidade de Cepta toda debuxada assy perfeitamente como ella esta, e como quer que aquelle homem semelhamte emtemçom nom trouuesse de sospeitar alguña cousa daquelle segredo, elRey foy em gram trabalho amtre ssi meesmo, pemssamdo que sua uoontade era descuberta per prosumçom dalguñs, a quall mouera aaquelle homem de lhe trazer assy aquella figura, pareçemdolhe que lhe prazeria com ella segumdo o deseio que tijnha”²⁴⁷.

Renasciam assim, a cada instante, as dúvidas sobre o destino da expedição, e a especulação aumentava inevitavelmente. Alguém parece ter finalmente acertado; segundo Zurara, um criado de D. Filipa de Lencastre, Juda Negro, havia de escrever a um seu amigo, dizendo que os mais ‘conhecedores’ apontavam Ceuta como o objetivo²⁴⁸. Como o soube? Segundo o cronista, através de um “juízo destrellomia em que elle mujto husaua”²⁴⁹. Quanto a nós, não é descabido pensar que, possivelmente, o soube através da conversa de alguém mais incauto. O mistério e a chusma de palpites fariam com certeza apurar o ouvido de qualquer um que percorresse os corredores do poder.

Glosando Luís Miguel Duarte, se trabalhavam as línguas, trabalhavam também os braços²⁵⁰, já que a azáfama no reino, segundo o cronista, era grande. Os meios navais em preparação distribuía-se por vários portos ‘nacionais’, como Porto, Lisboa ou Faro, com as

²⁴⁶ “E mandou que sse deuulgasse per todo o rregno que os prinçipaaes capitaães desta armada auiam de seer os Iffantes Dom Pedro e Dom Hamrrique, mas nom quis que sse deuulgasse determinadamente que auiam de hir sobre o duque dOlamda, empero que em sua uoontade bem lhe prazia que o cressem assy todos, porque semelhamte maneira demcobrimemo fazia parecer a cousa mais çerta aaquelles que a presumiam” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXIX, p. 87). E “quamdo lhe fallauam açerqua daquella hida, assessegaua sua comtenemça per tall guisa, que lhes fazia emtemder que nom era aquelle o lugar çerto pera homde elle fazia seu perçebimento” (*Idem, Ibidem*).

²⁴⁷ *Idem, Ibidem*, Cap. XXIX, p. 88.

²⁴⁸ “Soomente quamto achamos que huñ judeu seruidor da Rainha Dona Fillipa que chamauam Yuda Negro, que era grande trobador segundo as trobas daquelle tempo, em huña troba que emuiou a huñ escudeiro do Iffante Dom Pedro que chamauam Martim Affomssso da Atouguia, comtamdohe as nouas da corte, disse todas estas cousas que dissemos e outras mujtas, amtre as quaaes no derradeyro pee da quarta troba disse, que os mais ssesudos emtemdiam que elRey hiria sobre a çidade de Cepta” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXX, pp. 92-93).

²⁴⁹ *Idem, Ibidem*, Cap. XXX, p. 93.

²⁵⁰ DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, p. 67.

velas a serem fretadas em vários pontos da Europa²⁵¹ e com as respectivas tripulações a serem constituídas por gentes que de todo o reino iam chegando, com alguns estrangeiros à mistura²⁵². Era contudo necessário que o frenesim dos preparativos não alertasse o inimigo, como referira Fernando Fogaça ao duque da Holanda²⁵³, por isso, muitos dos envolvidos nos mais diversos preparativos desconheciam totalmente o seu propósito²⁵⁴. A ordem continuava a ser de silêncio, recusando e escusando-se o monarca a adiantar qualquer informação sobre o destino da frota. Também, e especialmente, como bem se pode entender, a voluntários estrangeiros que iam chegando e oferecendo os seus serviços²⁵⁵, a quem o rei reitera, perante a insistência, “que nem todollos do comsselho eram dello sabedores, soamente alguũs çertos e espiçiaaes”²⁵⁶.

Mas os preparativos portugueses, ainda que encetados no maior sigilo, dado os meios humanos e logísticos envolvidos, rapidamente se tornaram notórios aos olhares mais distraídos. Os rumores passam além-fronteiras, inevitavelmente²⁵⁷. Como sublinha Zurara, “posto que o corregimento delRey fosse muy grande, ajmda a fama era mujto mayor”²⁵⁸. Tal como podemos perceber, preocupando uns e outros, por razões distintas:

“E sobre esta duuida alguũs Genoeses estamtes na çidade de Lixboa escpreueram a outros seus parçeiros estamtes em Seuilha, rrecomtamdolhe todo ho ardimento que sse trazia no rregno de Portugall açerca do auimento daquela frota, e posto que sse alguũas cousas dissessem de desuayradas maneiras, os mais dos ssesudos erijam que todo se fazia pera hirem sobre a çidade de Seuilha, porem que elles fossem auisados

²⁵¹ “Mamdando logo fazer prestes çertos escudeiros com suas procurações abastantes, os quaaes mamdou per toda a costa de Galliza e de Bizcaya, e a Imgraterra, e a Allemanha fretar nauios grossos, quantos sse podessem achar” (ZURARA, CTC, Cap. XXIX, p. 87).

²⁵² CAMPOS, Nuno Silva – *D. Pedro de Meneses...*, *op. cit.*, pp. 27-28.

²⁵³ “E que por quanto a elle prazeria mujto de sua uerdadeira emtemçom seer emcuberta por mayor descuydo dos ditos jmfiees” (ZURARA, CTC, Cap. XXVIII, p. 84).

²⁵⁴ CAMPOS, Nuno Silva – *D. Pedro de Meneses...*, *op. cit.*, p. 23.

²⁵⁵ “E o duque disse a elRey, que ouuimdo nouas de sua armaçam, que partira de sua terra com emtemçom de o seruir, porem que lhe pedia por merçee, que lhe declarasse ho lugar çerto pera homde armaua sua frota, porque pera tall poderia seer, que nom seria rrezam de o elle seruir em ello. EIRey rrespomdeo que elle tijna determinado por seu seruiço de nom rreuellar aquelle segredo a alguũa pessoa fora de seu comsselho” (ZURARA, CTC, Cap. XXXIII, p. 104).

²⁵⁶ *Idem, Ibidem*, Cap. XXXIII, p. 104.

²⁵⁷ “Ca ouuimdo as nouas como este feito creçia cada uez mais, teueram muy grande cuidado de saber o princípal mouimento delRey” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXI, p. 94). Neste caso, espalhando-se por Castela e levantando muitas dúvidas e preocupações. Mas também chegando a Veneza e a preocupar aí alguns interesses (CAMPOS, Nuno Silva – *D. Pedro de Meneses...*, *op. cit.*, p. 27).

²⁵⁸ ZURARA, CTC, Cap. XXIX, p. 87.

de tirarem de hi sagesmente suas mercadorias e cousas, de que emtemdian rreçeber alguũ dano em abatimento de sua fazemda”²⁵⁹.

O Bispo de Ávila a quem tal informação foi especialmente dirigida²⁶⁰ corporiza a preocupação latente daqueles que se consideravam alvos potenciais e que não acreditavam, face os meios envolvidos, no ataque ao ducado da Holanda²⁶¹. Defende por isso, na voz que o cronista lhe atribui, a implementação de medidas de defesa na cidade de Sevilha e um plano concertado de ação:

“Porem meu comselho he que em quamto a cousa assy esta, que a çidade de Seuilha seia logo auisada, e os muros rrepayrados e os almazeës prouijdos, e que as portas seiam muy bem fechadas, e as chaves entregues a homeës fiees, e que seia mamdado a todollos fidallgos e caualleiros comarcaões daquella çidade, que sse uenham logo pera ella, e façam comprir e guardar todas estas cousas, como semtirem que perteeçe pera seguramça da dita çidade, e proueam todallas galees e nauios que esteuerem nas tarçenas, que lhe nom falleça nehuũa cousa pera sse aproueitarem dellas quamdo comprir.”²⁶².

Mas as noticias não chegavam apenas a Sevilha. Dado o mistério que rodeava o objetivo e a fama de tais preparativos, que, como diz o cronista, soava por todos os lados²⁶³, chegam também a Lisboa embaixadas de Castela e de Aragão. Estas procuravam inquirir os propósitos dos preparativos portugueses e expor as suas preocupações quanto ao destino da armada

²⁵⁹ *Idem, Ibidem*, Cap. XXXI, p. 94.

²⁶⁰ “Huũ bispo de Aauila, a que aquelle rrecado de Seuilha em espiçiall fora emcomendado” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXI, p. 95).

²⁶¹ “He boom pera creer aquelles que nom tem ssiso, que eiRey aja de fazer huũa armada, em que ha quatro annos que emtemde e despemde dinheiro, e nom tam soomeme aballa pera ella as cousas de seus rregnos mas ajmda mamda per todallas partes da chrijstamdade buscar nauios e armas pera hir sobre o ducado dOlamda” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXI, pp. 95-96). Reiterando que tal armada teria que ter outro fim: “Por çerto as jmmijzades nem os danos nom ssam passados amtre elles tam gramdes nem taaes, que por rrezam delles sse ouuessem de mouer tamanhas cousas, nem ajmda elRey he homem que por semelhantes cousas cometidas por pessoas uijs e de tam pequeno preço, ouuesse de mamdar dous seus filhos fora de sua terra com tamanho poder...” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXI, p. 96). Torna-se claro que a preocupação não devia ser só dos reinos próximos: “ca nom ha tam simprez em este rregno, que nom semta que semelhante ajuntamemo, quall se faz no rregno de Portugall nom seia mujto pera temer e arreçar, ca nom tam soomente nos outros que somos seus uezinhos, mas ajmda os alomguados de seu rregno pemssam...” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXI, p. 95).

²⁶² *Idem, Ibidem*, Cap. XXXI, p. 96.

²⁶³ “Embaxadores, que uieram a elRey por rrezam daquella armada que assy fazia, ca a fama della como ja dissemos, era muy gramde, que soaua per todallas partes” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXIII, p. 101).

portuguesa²⁶⁴. Do destino da armada partem, porém desconhecedores, sendo que, apesar de tudo, vão confiantes de que não serão eles o alvo²⁶⁵. Diz Zurara que regressam confiantes, sem mais adiantar na crónica a este respeito. Porém, D. Fernando de Aragão, como “soberano bem avisado”, enviara para Lisboa um castelhano, Ruy Dias de Vega, embaixador-espião, com a missão de saber qual a composição e destino da frota; chegando este, perante o secretismo dos desígnios portugueses, a propor ao monarca aragonês o incêndio da frota²⁶⁶. Sabemo-lo através das cartas que este enviou ao rei de Aragão. Nelas, Ruy Dias de Vega dá conta da construção de engenhos de ataque e de proteção em Santarém, do tamanho da frota, da sua composição e do número de efetivos²⁶⁷. No dia 16 de abril de 1415, cruza-se com D. João I, apresentando-lhe as suas credenciais. Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade do rei, fica encarregado de o acompanhar²⁶⁸. A informação que Ruy Dias de Vega fornecerá ao monarca de Aragão é demasiado precisa e certamente de origem oficial, confessando inclusive a D. Fernando que viu os livros das apurações. Perante o segredo que se vivia no reino, só é possível pensar que ele viu o que precisamente foi determinado que ele visse. Seria ainda recebido pelo rei D. João I e submetido por este a um ‘interrogatório’ sobre a situação política no reino de Aragão, e especialmente sobre Nápoles e a Sícia, que o integravam. A situação do reino da Sícia parece ter interessado particularmente o rei português, porventura aproveitando para adensar o mistério sobre o destino da frota. Se, em relação aos meios que compunham a frota, ao número de efetivos e à sua composição, aos soldos, aos víveres que levariam e mesmo ao calendário final dos preparativos e da partida o embaixador-espião conseguiu ser bastante objetivo – inclusive com pormenores muito precisos em relação à localização do rei, dos infantes, do condestável e dos mestres das ordens militares e, nalguns casos, à sua participação e contributo para os preparativos – já quanto ao destino da frota foi muito mais inconsequente²⁶⁹. Aponta nada mais nada menos, do que 10 destinos possíveis, no fundo aquilo

²⁶⁴ “Senhor, elRey dAragam nosso senhor uos faz saber, como ha mujto tempo que ha nouas que uos uos perçeebes de guerra [...] e que quamto a çertidom do feito he mais duuidosa, tamto he mayor rrezom que sse prouēja sobre ello” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXIII, p. 102).

²⁶⁵ De forma bastante diplomática, D. João I recusa adiantar o destino da frota: “E que sse per uemtura eu teuesse determinado de dizer este segredo a alguũ primçipe semelhamte, que elle seria o primçipall, mas que prazemdo a Deos muy çedo sabera çerto rrecado da minha emtemçom” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXIII, p. 103).

²⁶⁶ CAMPOS, Nuno Silva – *D. Pedro de Meneses...*, *op. cit.*, p. 24; DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, pp. 80-91.

²⁶⁷ *Idem, Ibidem*, pp. 80-87; MONTEIRO, João Gouveia; COSTA, António Martins – *1415 A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito, 2015, pp. 33-40.

²⁶⁸ DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, pp. 82-83.

²⁶⁹ *Idem, Ibidem*, pp. 85-91.

que conseguira ouvir pelas ruas e de alguns mais próximos do conselho, como confessa²⁷⁰. Ou seja, sobre o mais importante, sobre o verdadeiro destino, nada soube ao certo. Sugere Luís Miguel Duarte que Ruy Dias de Vega terá sido vítima de manipulação e de contrainformação²⁷¹; este Autor avança a possibilidade de Gonçalo Lourenço de Gomide, o escrivão da puridade, lhe ter ‘trocado as voltas’, daí que, a seu próprio pedido, e porventura em galardão desse (e de outros) serviços, é justamente ele, em Ceuta, o primeiro a ser armado cavaleiro por D. João I²⁷².

Voltando a seguir Zurara, outros que, no reino, indagavam o objetivo de tais preparativos eram os mouros-forros²⁷³, que por afinidade alertariam o rei de Granada, uma vez sabido que o objetivo não era nenhum dos reinos cristãos vizinhos²⁷⁴. O reino mouro enviaria também os seus emissários; partiriam, contudo, mais inquietos do que nunca...

Por esta altura, os preparativos prosseguiram por todas as partes do reino, com o Porto a ser palco de uma azáfama cada vez maior. D. João I havia recomendado ao infante D. Henrique para só entrar em Lisboa com a frota vinda do Norte quando fosse estritamente necessário. Contudo, a forma engalanada como esta chegou ao Tejo e o alvoroço e ambiente festivo com que foi recebida contrariam de alguma forma esta ideia de comportamento discreto que o monarca teria em mente.

Entretanto, um acontecimento trágico punha em causa o prosseguimento do intento. A rainha morria vítima, provavelmente, da peste que grassava em Lisboa. Perante o decesso de D. Filipa de Lencastre, D. João I reuniu de emergência no Restelo um conselho restrito, composto por 14 notáveis, que se terão dividido em dois grupos de sete, um deles defendendo que o objetivo devia manter-se e um outro postulando a suspensão da operação. A decisão final coube ao rei, que optou pela partida no prazo de quatro dias e pela consumação do ataque a Ceuta. A chamada para o embarque, contrariamente à discrição possível com que tudo fora tratado, é agora feita através de pregões pela cidade²⁷⁵. Aliás, a notícia da partida em breve da

²⁷⁰ *Idem, Ibidem*, pp. 91-93.

²⁷¹ *Idem, Ibidem*, p. 94.

²⁷² *Idem, Ibidem*, p. 187.

²⁷³ “Que poderia agora suspeitar ouvindo as nouas de tamanho ajuntamento, cuja fama espantava muitos príncipes da chrijstandade, quanto mais que os mouros forros que vivem em este regno, vendo assim aquelle ajuntamento como homees, que não perderam aquella amizade com todos os outros mouros que a sua seita requeria, nunca cessavam de perguntar qual era o verdadeiro proposito delRey” (ZURARA, CTC, Cap. XXXIV, pp. 105-106).

²⁷⁴ “Empero apalpando assim depois que viram que elRey segurava Castella e Aragam, suspeitaram que aquelle ajuntamento não podia ser senão sobre o regno de Graada, e assim ho escpreuerom a elRey de Graada per suas cartas” (*Idem, Ibidem*, Cap. XXXIV, p. 106).

²⁷⁵ “E foram logo dados pregões, que ataa terça feyra per todo o dia fossem todos recolhidos a sua frota” (*Idem, Ibidem*, Cap. XLIX, p. 151).

frota já havia sido dada pelo soar das trombetas a bordo da galé do Infante D. Henrique²⁷⁶. A tecnologia disponível não permitia formas muito mais discretas de comunicação. E também, perante uma tão significativa armada, era impossível fazer uma saída discreta do porto. A articulação da frota na sua partida do Tejo foi bem ruidosa, como podemos perceber pela descrição do cronista:

“E assy como deram aas trombetas na sua, assy deram em todollos outros nauios, fazemdo sinall aos marinheyros que desfalldrassem, o quall em huñ pomto foy posto em obra, e assy emcaminharam com boa uemtura caminho da foz. EIRey como ja disse leuaua a capitania das gallees, e o Iffamte Dom Pedro das naaos, leuamdo cada huu seu foroll pera rregimento das outras”²⁷⁷.

Se a comunicação entre as diferentes forças que compunham a frota era feita através de trombetas, a identificação das mesmas podia ser feita, durante o dia, através de estandartes e, durante a noite, através de luzes, que para além de identificadoras eram orientadoras. A descrição do cronista sobre a nau do Infante D. Pedro é preciosa nesse sentido: “assy tijnha a sua naao çerto sinall, per que ouuesse de seer conhecida amtre todallas outras, ca leuaua huñ grande estemdarte, auamtajado de todollos outros, e huñ foroll de noute segumdo custume”²⁷⁸.

A frota saía finalmente de Lisboa a 25 de julho de 1415 e apesar do alarido, “deixa[va] em terra um “mar de dúvidas” sobre o seu destino”²⁷⁹. Diz Zurara que, atónitos perante a grandeza da armada, uns tentavam calcular o seu tamanho, enquanto outros asseveravam saber o seu destino, esquecendo-se nisto, uns e outros, de comer e de beber²⁸⁰... O mar de dúvidas mantinha-se, contudo, partilhado pela quase totalidade daqueles que nela partiam, à exceção dos já atrás apontados. Somente chegados a Lagos, D. João I dá autorização a Frei João de Xira para que divulgue durante a missa o destino da armada e a bula de Cruzada que a legitimava²⁸¹.

²⁷⁶ “E quando ouuirom o soam das trombetas, de que tijnham por emtom pequena esperamça, fiquaram amtre ssi meemos mujto maravilhados” (*Idem, Ibidem*, Cap. XLIX, p. 150).

²⁷⁷ *Idem, Ibidem*, Cap. L, p. 153.

²⁷⁸ *Idem, Ibidem*, Cap. XXXIX, p. 123.

²⁷⁹ A feliz expressão é de João Gouveia Monteiro (MONTEIRO, João Gouveia; COSTA, António Martins – 1415 *A Conquista de ...*, op. cit., p. 40).

²⁸⁰ “E alli queria cada huñ çerteficar que sabia a uirtude daquelle segredo, mas nom porem que o nehuñ soubesse çertamente, outros se queriam trabalhar de saber o numero da frota, como quer que seu trabalho açerqua dello prestasse pouco. E assy esteueram em suas departiçoões com pouca nembramça de comer nem beuer, e mujtos delles tijnham os rostros cheos dagua, nom podemdo rreteer a força de suas lagrimas amte a grandeza de sua marauilhosa alegria, nom sse quereendo dalli partir ataa que os montes de Cezimbra escomderam toda a uista da frota” (ZURARA, CTC, Cap. LI, p. 155).

²⁸¹ “Mujtas uezes falley nos capitullos amte deste, com quanto cuydado e dilligemçia foy sempre guardado o segredo daqueste feito ataa este pomto, que ja a sua rrotura nom podia trazer nehuñ dano, e porem determinou

Ceuta foi então publicamente apontada como alvo²⁸². A explicação para a divulgação tardia do objetivo é dada pelo prelado e é suficientemente esclarecedora: o rei queria acautelar-se, a ele e aos seus, dos danos que podiam advir do alertar antecipado do inimigo²⁸³.

Neste labirinto de destinos, apesar da divulgação oficial, alguns recusam acreditar que o destino seja Ceuta. Terá a farsa terminado? Ou estarão a ser vítimas de novo logro?

“He mao de conhecer deziam elles, estas praticas que elRey traz por encubrir sua vontade. Sabe ja todo o mundo que vay pera Cezilia, e agora nos quer fazer entender que vay sobre a çidade de Cepta, tal he agora esta como a outra, que disseram agora ha hum anno, que auia dir sobre o duque dOlanda, dizeilhe que busque outra mais fremosa encuberta, que quanto esta muito ha que a sabíamos”²⁸⁴.

A acreditar em Zurara, fazemos aqui um parêntese para confessar alguma perplexidade quanto à pertinência de nesta fase, ainda primária da expedição, ser feita uma divulgação alargada e supostamente pública do destino da expedição. A frota deveria ainda navegar para Faro, onde acabou por ficar retida durante uma semana por falta de vento para zarpar. Depois de tanto cuidado em ocultar o objetivo, punham-se eventualmente em causa anos de preparativos e de segredo... Haveria provavelmente tempo para um alerta de última hora, dado por um qualquer ouvinte alheio. Aliás, neste sentido, terá D. João I recusado dar pormenores aos moradores da vila de Gibraltar²⁸⁵. E terá ficado satisfeito com o serviço prestado por Pero

elRey com acordo de seu comselho de seer alli deullgado” (*Idem, Ibidem*, Cap. LII, p. 156). Chegara a hora da divulgação: “E ao domingo seguimte sahio elRey em terra, e teue loguo alli seu comselho, no quall foy determinado que sse deullgasse claramente toda a uerdadeira emtemçom daquelle mouimento, porem foy mandado ao mestre frey Joham Xira que preegasse, porque todo o pouoo podesse uerdadeiramente saber quall era a emtemçom, por que sse elRey mouera a fazer aquelle ajuntamento” (*Idem, Ibidem*). A bula datava de 20 de março de 1411, ano do tratado de paz com Castela, desconhecendo-se com tudo o seu texto (MONTEIRO, João Gouveia; COSTA, António Martins – *1415 A Conquista de ...*, *op. cit.*, p. 195, nota 54).

²⁸² “Ora homrrados senhores, elRey nosso senhor uos faz a saber, como por todallas rrezoões suso ditas, sua emtemçom he com a graça do Senhor Deos hir sobre a çidade de Cepta” (ZURARA, CTC, Cap. LII, p. 159).

²⁸³ “Forom amtre uos outros desuayrados juyzos açerqua de sua emtemçom, nom com pequeno deseio de saber o seu uerdadeiro proposito, elle assy como primçipe mujto sesudo, acaudellamdosse dos danos que poderiam acomeçer a uos e a elle, guardou sempre seu segredo, como compria aa gramdeza de tamanho feito. Agora homrrados senhores, que semte que he rrazoado de uos seer rreuellado” (*Idem, Ibidem*, Cap. LII, pp. 156-157).

²⁸⁴ *Idem, Ibidem*, Cap. LIV, p. 164.

²⁸⁵ “E se eu rrespondeo elRey, nam quis a elRey de Graada fazer semelhante rrogo, que mo tam aficadamente mandou rrequerer, que rrezam teeria agora de o fazer pois a determinaçam deste feito ajnda nam esta fora daquellas pessoas, que sam ordenadas pera meu conselho, quanto pera dar semelhante segurança” (*Idem, Ibidem*, Cap. LV, p. 166).

Fernandez, filho de Martim Fernandez Portocarreiro, que deteve e enforcou, perante a frota ancorada junto a Tarifa, um almogávar mouro de Granada que rondava o local²⁸⁶.

Mas continuemos a seguir a narrativa. A partida rumo a África aconteceria apenas na noite de 9 de agosto, com a frota a ancorar junto a Gibraltar e posteriormente a navegar frente a Tarifa para fundear finalmente em Algeciras. Aguardava-se o momento propício para atravessar o estreito²⁸⁷. Como podemos perceber pela fantástica narrativa do cronista, a travessia não se faria sem um rol de peripécias²⁸⁸. A frota dispersou várias vezes, as condições marítimas e a diversidade dos meios navais utilizados, à vela e a remos, a isso ajudaram. Enquanto as galés e os meios navais mais pequenos viram Ceuta aparecer no horizonte, as naus, dadas as fortes correntes e o nevoeiro cerrado, viram-se arrastadas para Málaga. Foi necessário, face à demora em conseguir-se o reagrupamento da frota em frente à praça-forte, mandar o Infante D. Henrique em busca das naus. As luzes no convés da nau de D. Pedro permitiram a fácil identificação da força e o reagrupamento, segundo o cronista²⁸⁹.

Se, numa primeira fase, Salah-ben-Salah reunira reforços na praça-forte para a defender a todo o custo²⁹⁰, agora já os dispensava; o ataque não parecia mais iminente e as forças da natureza pareciam estar do lado mouro, a defender a cidade. O cronista aproveita para dar conta ao leitor da realização de um conselho de “sabedores”, entre os quais se encontraria um grande almocadém da cidade de Tunes, chamado Azmede ben Filhe, que terá alertado Salah-ben-Salah para estar atento à presença de qualquer estrangeiro que pudesse facilitar a entrada na cidade²⁹¹.

²⁸⁶ “Mas outro seruiço fez elle que lhe elRey muito mais agradeço, ca ouuindo o dito Pero Fernandez dizer como hum grande almogauere do rregno de Graada andaua aly saheando os moços que sayam a fruita, como entam leuaua hum, trabalhou se de o filhar, e trouxeo ali preso em huñs pardieiros velhos que ali estauam, antre os quaaes era huña torre que tinha ameas, e ali o mandou enforçar” (*Idem, Ibidem*, Cap. LVI, pp. 168-169).

²⁸⁷ “E a sesta feira hum pouco ante de noite ouueram uista de terra de mouros, e aly mandou elRey que fizessem andar todollos nauios de mar em roda, porque nom era sua vontade entrar polla boca do estreito senom de noite, cremos que seria, por que os mouros de terra nom podessem tam asinha saber a viagem, que elRey queria leuar. Tanto que foy a noite começaram de caminhár polla boca do estreito” (*Idem, Ibidem*, Cap. LIV, pp. 164-165).

²⁸⁸ Nas palavras de Luís Miguel Duarte: “Ceuta esteve longe de ser um passeio” (DUARTE, Luís Miguel – “África”, in *Nova História Militar...*, *op.cit.*, p. 400).

²⁸⁹ “E o Iffante Dom Anrrique partio aa quarta feira açerqua da noite, e começou de seguir sua viagem, e polla vista do forol, que a naao do Iffante Dom Pedro trazia, logo em aquella noute mesma a gallee de seu jrmão chegou a ella” (ZURARA, CTC, Cap. LVII, pp. 170-171).

²⁹⁰ “Depois que os mouros viram de todo as gallees ancoradas sobre o seu porto, foram ja algum tanto perdendo de sua primeira segurança, espeçialmcnte Çalabençala e assi alguñs daquelles velhos da çidade, por cuja rrezam escreuerom logo a todos aquelles lugares daly açerqua, que se veessem com suas armas e corregimentos, ata que vissem que podia seer aquella vinda, outros disseram que logo como a frota parcçera pollo estreito, aquelle rrecado fora enuiado” (*Idem, Ibidem*, Cap. LVII, pp. 169-170). Era segunda-feira, dia 12 de agosto de 1415, mas a frota já havia sido avistada no sábado anterior.

²⁹¹ “Por cuja rrezam Çalabençala fez ajuntar quantos sabedores se poderom achar per toda aquella terra, antre os quaaes veo aly hum grande estroliquo, que era almocadem mayor na çidade de Tunez, grande sabedor em muitas cousas de sua seita espeçialmente em estrolomia, ao qual chamauam Azmede ben Filhe” (*Idem, Ibidem*, Cap.

A desconfiança em relação ao ‘outro’, como já referimos para outros contextos, agudiza-se em situações de tensão.

Do lado português, as condições para o assalto parecem ser todas adversas. O desejado efeito surpresa havia-se esfumado, dada a dificuldade em manter a frota junta. A indecisão perdurava, atacar pelo lado do mar ou pelo istmo que ligava umbilicalmente a praça-forte ao continente. O planeamento da ação no terreno, se alguma vez existiu, falhou. A suspeita paira no ar, acabando por recair no prior do Hospital. Para muitos, entre arraia-miúda e capitães, torna-se evidente que o prior se havia conluiado com o alcaide muçulmano²⁹².

Ao cerrar da noite, os mouros da cidade decidem tentar desencorajar os portugueses, enchem todas as janelas e frestas com candeias, simulando serem muitos mais²⁹³. Como já fomos salientando, na simulação e na dissimulação se apostava por vezes, para tentar influenciar o curso dos acontecimentos.

As naus eram, por sua vez, alvo da fúria marítima, sendo de novo arrastadas para Málaga. A indecisão do lado cristão passa então pelo equacionar do prosseguimento da missão. Ceuta afigurava-se impossível de cercar. Alvitra-se entre os presentes voltar de imediato ao reino ou tentar alcançar outro objetivo, apontando-se para o efeito Gibraltar. Apenas o amplo

LVIII, p. 172). “E sera bem que se tenha todo bom auisamento em quaaesquer estrangeiros que aqui sejam, de guisa qne nam tenham azo desguardarem os muros da çidade, nem os leixem andar soltamente per onde elles quiserem, porque nam sabe homem a tençam que trazem” (*Idem, Ibidem*, Cap. LVIII, p. 174).

²⁹² “Agora dezia elles, podera elRey conhecer as traições do priol, ca çerto he que nos trazia todos vendidos pera nos rresgatar como seus presoneiros. Vede que cousa hia meter em cabeça a elRey, que auia de tomar a çidade de Cepta, onde se adergamos de filhar terra, nunqua de nos tornara pee de homem pera Portugal. Quem duuida que elle nam escreuesse a Çalabençala, que possesse em sy rrecado, auisandoo de todo corregimento delRey, ca çerto he que quando elle foy a Cezilia, em vez de olhar os muros da çidade, foy falar com Çalabençala, e a bofe segundo alguũs disseram, mais leouo elle daqui, do que rrende o seu priolado vinte anos” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXII, p. 180). Sublinha o cronista que “nam era a gente do pouo muito de culpar, quando muitos daquelles capitaães lhe dauom culpa” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXII, p. 181). O passado do prior mostrava para muitos que era homem em quem não se podia confiar. O prior será, contudo, elogiado, segundo Zurara, por uns e por outros, incluindo pelo rei, assim que a vitória se consumar: “outros fallauam da discreçam do prioll, que ante doestauam, dizendo que soubera muy bem emcaminhar todo o que lhe fora mamdado. Bem sabia rrespomdeio elRey, o prioll o rrecado que me leuaua, e eu bem conheçi quamdo o primeiramente eu emuiey, que sse elle uisse que a çidade era desposta ou aazada pera a eu poder filhar, que o saberia conhecer, nem eu nom começara nehuũa cousa em este feito, sse me elle o comtraio dissera, conheçemdo quem elle he, ca creo uerdadeiramente que sse alguũ homem per siso e emgenho ouuesse de sobir ao çeeo uiuo em carne, o prioll seria” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXXV, p. 230).

²⁹³ “Os mouros da çidade, tanto que viram a frota açerqua de seus muros, emcheram todas suas janelas e frestas de camdeas, por mostrarem que erom muitos mais do que os christãaos presomiam” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXVI, p. 190). Diz-nos Zurara que, “posto que aquelles mouros assy allumeassem sua çidade, a fim de acreçemtar em a ssemelhamça de sua multidom, os outros que estauam nos nauios, nom allumeariam menos sua frota, mas esto era mais per neçessidade, que por mostrar sua grandeza” (*Idem, Ibidem*). Pelo que ainda mais a frota sobressaía na sua grandiosidade aos olhos do infiel: “era a frota mujto allumeada, e parecia ajmda mujto mais aos que estauam na çidade, porque o fogo feria na augua do maar, e parecia que todo era lume, a quall cousa nom punha pequeno espamto aaquelles mouros, que o dereitamente podiam esguardar” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXVII, p. 191).

conhecimento europeu dos preparativos levados a cabo parece ter induzido D. João I a não voltar atrás²⁹⁴. Um ‘mundo’ à escuta e na expectativa foram decisivos:

“E quamto he ao que dizees que me torne pera meu rregno, pareçeme que assaz seria de grande mimgua auer açerqua de seis annos, que amdo em este trabalho fazemdo sobre elle tamtas çircumçias como sabees, pollas quaaes o mundo esta com as orelhas abertas pera ouuir a fym da uitoria, e leixallo assy agora pareçeme que nom sera outra cousa senam huñ escarnho”²⁹⁵.

Resume Luís Miguel Duarte: “trabalhara seis anos na preparação daquele momento, espalhara a inquietação e a curiosidade por toda a Europa, não queria que a história acabasse de forma tão humilhante”²⁹⁶...

Claro está que as considerações que tecemos quanto aos condicionalismos que D. João I sente, prendem-se unicamente com as palavras que Zurara coloca na boca do monarca; este parecia ter desde o início bem consolidado no seu pensamento o que pretendia fazer. Como vaticinara o Duque de Ávila, de tal “segredo calado” alguma coisa haveria de resultar²⁹⁷. E o monarca português já mostrara que o seu desígnio era Ceuta, a consulta do conselho era mais uma vez mera formalidade.

Perante a inevitabilidade do confronto, Zurara transmite-nos os pensamentos de Salah-ben-Salah:

“comsijraua Çalla bem Çalla, como elRey Dom Joham era huñ primçipe de grande fortelleza, ca posto que elle uiuesse aalem do mar, nom eram os feitos delRey tam pequenos, nem elle tampouco nom era desauisado, que nom soubesse muy bem parte de todo. Comsijraua como com tam pouca gemte nom negara a batalha a elRey de Castella, uemdoø açerca de ssi com tam grande poderio, e o uemçera e desbaratara, e depois per suas gemtes ouuera com os naturaes daquelle rregno tam grandes

²⁹⁴ Zurara já nos havia transmitido ideia semelhante, quando é equacionado o cancelamento do intento com a morte da rainha. Este era um feito já famoso mesmo antes de acontecer: “Quamto mais que a fama deste feito era tam deulgada per mujtas partes do mundo, que todos pemssauam que tamanho mouimento nom podia parar sem cometimento dalguñ grande feito” (*Idem, Ibidem*, Cap. XLVII, p. 145). Numa outra passagem, reitera-se esta ideia através dos infantes: “Senhor, vos deuees de consirar quanto tempo ha que começastes este feito, e quantas e quam grandes cousas tendes moidas pera chegardes aa fim, per cuja rrezam a fama deste feito voou per muitas partes do mundo, e como posto que no começo encobrissees este segredo, que o tendes ja agora rreuelado” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXII, p. 181).

²⁹⁵ *Idem, Ibidem*, Cap. LXIII, p. 185.

²⁹⁶ DUARTE, Luís Miguel – “África”, in *Nova História Militar...*, *op.cit.*, p. 401.

²⁹⁷ “Mas por çerto o feito que assy amda callado, alguña grande cousa ha de parir” (ZURARA, CTC, Cap. XXXI, p. 96).

çontemdas como todos sabiam, das quaaes sempre ficara uemçedor, e que começara assy aquelle feito com tam grande sajeza, que numca podera seer rreuellado, senom quando a frota pareçera dauamte os muros da sua çidade, homde o elle uia acompanhado de quatro filhos baroões nobres e de grande ardimento, e com tam grande poderio de gemtes e com tamanha grandeza de frota²⁹⁸.

Palavras que mais não são do que um elogio a D. João I e à sagacidade deste na condução da missão a Ceuta. Sabendo nós o desfecho, e ele também, trata-se de uma espécie de anúncio de uma vitória antecipada.

Decidido que estava o prosseguimento, a hesitação passa então pela escolha do local por onde se devia iniciar o ataque: uns apontam o sertão, outros a Almina. Finalmente, acertam-se os pormenores para uma ação bipartida. A frota proveniente do Porto, comandada pelo Infante D. Henrique posicionar-se-á para atacar pela Almina; o resto da força simulará atacar de outro lado, para num último momento confluir também para a Almina²⁹⁹. As trombetas e os estandartes serviriam agora para o desencadear e o articular do ataque à praça-forte de Ceuta³⁰⁰. O assalto far-se-á, contudo, unilateralmente; perante a investida de um homem do conde de Barcelos, o Infante D. Henrique impacienta-se e decide avançar para o ataque antes do sinal combinado, arrastando alguns dos seus homens para a ação e, conseqüentemente, o resto da sua frota³⁰¹. Face às escaramuças que então começavam na praia, D. Duarte segue-o. Seguindo a narrativa de Zurara, podemos perceber que a coordenação não existe, nem de um lado, nem do outro. Perante a retirada descoordenada dos muçulmanos, D. Duarte dá ordem para os seguirem. A ideia do Infante é aproveitar o tumulto gerado, com uns a tentar encontrar o abrigo das muralhas e os outros a tentar socorrê-los, para entrar no reduto inimigo. A Almina é então penetrada, Zurara destaca que a primeira bandeira real a entrar foi a do Infante D. Henrique³⁰².

²⁹⁸ *Idem, Ibidem*, Cap. LXX, p. 197.

²⁹⁹ “E uos tanto que uirdes meu sinall, lamçarees logo uossas pramchas em terra, e sahires o mais despachadamente que poderdes, e depois que nos semrirmos que uos teemdes a praya filhada, mudaremos nossa frota pera açerqua da uossa, e emcaminharemos de uos seguir, de guisa que uos nom leixemos mujto estar sem companhia” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXIII, p. 187).

³⁰⁰ “Quando as trombetas fizeram sinall de partida, elles eram de todo prestes” (*Idem, Ibidem*).

³⁰¹ “Estamdo assy o Iffamte Dom Hamrrique com a pramcha prestes, e todollos seus armados pera ssahir quando uisse o ssynall” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXI, p. 199). Mas perdurava a indecisão, “anojauamsse os homees porque tanto tardaua o signall, que lhes auia de seer feito pera sahirem em terra” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXII, p. 202). O Infante decide então agir: “E o Iffamte Dom Hamrrique [...] mamdou que as trombetas fizessem rrijamente sinall pera sahirem todollos outros em terra” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXII, p. 203).

³⁰² “E a primeira bamdeira rreall que emtrou em a çidade, foy a do Iffamte Dom Hamrrique, e çertamente que aquella bamdeira deuera de seer bem conhecida amtre toda a nobreza e geeraçom daquelles Marijms, ca mujtas uezes foy depois despreguada amtre grandes ajumtamentos delles, omde sse fez grande monijmdade amtre os

Mas o primeiro homem a penetrar terá sido Vasco Martins de Albergaria, que aproveita para gritar o feito, numa espécie de desafio aos restantes. Enquanto isto, D. Pedro tomava conhecimento de que seus irmãos já percorriam a Almina³⁰³. Terá sido exatamente assim? Assim nos diz Zurara, o protagonismo era dos irmãos, mais de um do que do outro, já sabemos.

O cronista dá-nos a sequência da tomada, primeiro, da praia, depois da Almina e, finalmente, da cidade³⁰⁴. Os estandartes de uns e de outros percorrem por fim as ruas da cidade, num desfile que assinala posições e protagonistas³⁰⁵. Um mensageiro permite a troca de missivas entre os infantes D. Duarte e D. Henrique³⁰⁶. Para o leitor de hoje, a descoordenação entre as forças de ataque é evidente, mas as comunicações numa ação desenfreada de penetração num labirinto de ruas e de casas só era possível quando tudo estava decidido ou pendia muito para um dos lados.

Seguir-se-ia um esperado ataque ao castelo (cidadela). Mas Salah-ben-Salah aproveitara já para se retirar e, afinal, o castelo estava abandonado. Um Genovês e um Biscainho abrem, por fim, as portas de acesso à fortaleza.

A praça-forte de Ceuta caía formalmente nas mãos dos Portugueses. Passava já das sete e meia da tarde do dia 21 de agosto de 1415, quando a cidade ficou de todo livre de ‘infiéis’;

mouros, [...] nem auia hi outra bamdcira nem estemdane, sse nom huña bamdeira de Martim Affomssso de Meello, e huñ estemdarte de Gill Vaaz” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXII, p. 205).

³⁰³ Mandava finalmente D. Pedro que se justassem todos à contenda: “quando Diogo Gonçalvez chegou com o rrecado, como o lffante Duarte ja era fora, mandou elle Diogo de Seabra, que era seu alferes que possesse a bandeira no seu batel, e mandou fazer sinal com as trombetas a todollos outros nauios, que se fezessem trigosamente prestes” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXV, p. 210).

³⁰⁴ “Que foy primeiramente filhada a praya e desi a Almina e depois a cidade” (*Idem, Ibidem*).

³⁰⁵ “O comde Dom Affomso per huña rrua, e a sua bamdeira com parte daquella gemte per outra, e Martim Affomssso de Meello per outra” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXVIII, p. 208). E, mais adiante: “a bamdeira do lffamte Duarte com todollos seus per huña parte” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXVI, p. 212). Ou ainda: “Senhor disse elle ao lffamte, a uossa bamdeyra e o estemdarte do lflamte Dom Pedro uaão caminho daquella outra porta de çima” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXXII, p. 224).

³⁰⁶ O Infante D. Duarte tentava coordenar a ação, e apelava para isso ao Infante D. Henrique: “E em esto lhe chegou rrecado de seu Irmaão o lffamte Duarte, que o emuiaua chamar a huña mezquita que alli estaua açerqua, omde depois foy a ssee catedrall, ao lffamte meu senhor e jrmaão, que melhor seria se o sua merçee ouuesse por bem, de elle uijnr pera aca pera arramcarmos estes mouros de todo daqui, que de me eu partir agora pera nehuña parte, e que esta lhe emuio dizer, polia boña uoomtade que lhe semto pera semelhantes feitos, e que sayba que como eu daqui partir, que emtemdo que nom ficara aqui mais nehuñ” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXXIII, pp. 224-225). Os recados continuaram, com o Infante D. Henrique a desvalorizar a chamada, como se pode perceber: “Porque a fora aquelle rrecado que assy primeiro ueo, foram outros, aos quaaes o lffamte sempre achou rreposta, dizemdo que em aquelle dia nom era pera leixar semelhante lugar, nom tamto pollo dano que os mouros ao depois poderiam fazer, como por lhe nom dar alguñ aazo, per que lhe podesse ficar nehuña esperamça de sua salluaçam” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXXIII, p. 225). D. Duarte é, por fim, contundente, como se pode ver pela mensagem: “Senhor disse o messegeiro, uosso jrmaão uos emuia dizer, que elle e os outros uossos jrmaãos som alli ajuntados, omde teem comssigo a mayor parte dos capitaães que ueeram em este feito, a fim de fallarem no filhamto do castello, pera a quall cousa lhe uossa presemça he mujto neçessaria, porem que uos emcomemda que uaades logo sem outro detijmento” (*Idem, Ibidem*).

de todo, exceto dos mortos e, principalmente, dos prisioneiros, que nestas alturas eram muito bem vigiados, pois renderiam bom dinheiro. Nas mais altas torres da cidade ondulavam agora as bandeiras dos novos inquilinos³⁰⁷.

Optámos, no caso da *Crónica da Tomada de Ceuta*, por seguir de perto a narrativa do cronista; julgamos, porém, ter ficado patente que, para além das circunstâncias muito específicas que então se viviam em Granada e especialmente nos reinos vizinhos de Ceuta³⁰⁸, foram fulcrais para a conquista da praça marroquina o sigilo, a dissimulação e toda a campanha de contrainformação em volta do projeto. A expedição a Ceuta é, só por isso, paradigma de que o segredo, mais do que a alma do negócio, é a alma da guerra. O reconhecimento disso é-nos dado de alguma forma pelas seguintes palavras: “ca depois de Deos nom tem hi nehuã cousa tamanho louuor, como o nobre comsselho que elRey teue, ca sse os mouros teueram auisamento, ajmda que mais nom fora que de huñ mes, numca sse a çidade cobrara, que sse primeiro nom gastara todo Portugall pedaço e pedaço”³⁰⁹.

As trombetas tocariam mais uma vez no dia 2 de setembro de 1415, agora para que se desfaldassem as velas e se aprantassem os remos em direção ao reino³¹⁰. “Estava feito o impossível, faltava fazer o difícil”, resume João Gouveia Monteiro³¹¹. Em Ceuta, ficavam cerca de 2500 a 3000 homens sob o comando de D. Pedro de Meneses e abria-se palco para diversas operações em que a utilização da espionagem e da informação inteligente seriam preponderantes.

De tudo isto nos dá conta Gomes Eanes de Zurara, naquela que é a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* que passaremos agora a esquadriñar.

³⁰⁷ “Uaão chamar Joham Vaaz dAlmadaã que traz a bamdeyra de sam Viçemte, e digamlhe da minha parte que a uaa loguo poer sobre a mais alta torre” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXXVI, p. 231). E por outro lado, “mamdou logo o lffamte Duarte ao comde Dom Pedro de Meneses que era seu alferez, que leuasse a sua bamdeira aa outra uilla de fora, e que a possesse sobre a torre de Feez” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXXVI, p. 232). E “assy forom todos juntamente poer aquella bamdeyra sobre a torre de Feez, e a guardaram aquella noute” (*Idem, Ibidem*, Cap. LXXXVI, p. 233).

³⁰⁸ Com Granada a braços com os Castelhanos, o reino de Fez não estava no seu apogeu, a capacidade de mobilização, bem como o prestígio religioso e político do seu rei eram muito reduzidos e, por outro lado, a autonomia de Ceuta jogava contra ela em situações de solidariedades vizinhas (DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, p. 109).

³⁰⁹ ZURARA, CTC, Cap.XCVIII, p. 237.

³¹⁰ “E tamto que elRey foi demtro na gallee, mamdou fazer sinall com suas trombetas, per que todollos outros nauios desfalldrassem suas uellas seguimdo sua uiagem” (*Idem, Ibidem*, Cap. CI, p. 266).

³¹¹ MONTEIRO, João Gouveia; COSTA, António Martins – *1415 A Conquista de ...*, *op. cit.*, p. 101.

3. *A Crónica do Conde D. Pedro de Meneses.*

A situação peculiar da possessão da praça-forte de Ceuta obrigaria os Portugueses a reajustarem-se às novas circunstâncias e condicionantes de ‘sitiados’ em terras de África – isolados e sem ajuda próxima. A manutenção do enclave que então defendiam dependia de anteciparem os ataques inimigos, que se adivinhavam frequentes. Para o efeito, implementaram um conjunto de medidas defensivas, com velas, rondas e um complexo sistema de atalaias e de alerta bem coordenado, onde os “escuitas” e os almogávares tinham um papel preponderante³¹². Como refere Zurara logo no início da narrativa:

“Antre as cousas, que o Conde ordenou pera guardar a Cidade assy foram as Atallaias, as quaes foraõ postas logo primeiramente sobre Barbaçote em hum outeiro, que hy está; e no dia seguinte ao que se ordenaraõ, mandou o Conde hum de cavallo, que fosse pôr os homens em ellas, o qual andando cercando a Cidade pera descobrir alguns Mouros se os hy avia, sahiram a elle huma toma delles, que jaziam escondidos, e começaram de o seguir; em pero porque o espaço era pequeno ouve razaõ de se salvar; a qual cousa vista por outra Atallaia, que estava sobre a Torre de Féz, começou de repicar hum sino”³¹³.

Medidas que se mostraram, como podemos perceber, vitais face aos pequenos ataques e ciladas que se iam sucedendo³¹⁴, com baixas de parte a parte. O cronista salienta precisamente a apetência dos mouros para a utilização das ciladas, pois, como diz, o emprego destas tinha por aquelas paragens uma longa tradição: “Anibal, que foi no tempo dos Gentios, e que foi natural daquella terra, as uzou muito em seus dias; e per ventura que dalli ficou o ensino, aos que depois vieraõ”³¹⁵.

³¹² As palavras do cronista são elucidativas: “o Conde da outra parte, temendo que no Romal ouvesse outra alguma cillada, porque lhe os Escuitas tinham dito, que sentiraõ em aquella noite muita gente de pee, e de cavallo em aquella parte, como de feito era; caa certamente se o Conde assy nom recolhêra sua gente, que alli perecêram todos, segundo a grande multidaõ, que a Atalaya da Porta de Féz vio sobre o Romal, os quaes estavam alli com entençaõ de se lançar de salto dentro na Cidade” (ZURARA, CCDPM, Livro I, Cap. XX, p. 57).

³¹³ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XVIII, p. 52.

³¹⁴ “E porem tornáraõ outra vez a lançar suas cilladas, a saber, huma na Boca d’Asna, e outra dentro em Aljazira; as quaes foram sentidas pelas Escuitas” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XX, p. 56). Alguns eram mesmo locais de eleição para as ciladas: “caa se temeo de lhe terem algumas cilladas, porém ouve todavia d’hir avante, mandando primeiro descobrir aparte do Canaveal, porque alli estava por entaõ a duvida principal” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. III, p. 252).

³¹⁵ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XVIII, pp. 52-53.

Os confrontos eram inevitáveis, especialmente entre os almogávares mouros que desde cedo começaram a rondar a praça-forte e os “descobridores” portugueses que o conde fazia andar nas redondezas³¹⁶.

Paralelamente a estas medidas, o conde procedeu à criação de uma terra-de-ninguém. Uma espécie de clareira que, se por um lado, negava o abrigo e afastava o olhar inimigo, por outro lado, tornava possível às atalaias divisar atempadamente qualquer tipo de aproximação³¹⁷. Mas não só, limitava também aos mouros a obtenção de recursos durante os cercos³¹⁸. Como salienta o cronista: “O Cuidado do Conde não era outro senão afastar os Mouros quanto podesse da cerca da Cidade, e guerrealos por tal guisa, que deixassem sua vizinhança: e porém mandou suas escuitas, que fossem ver hum lugar, que chamavaõ Val de Laranjo, e que esguardassem bem a gente que era, e quanta de peleja”³¹⁹.

Como podemos perceber das intenções do conde, a defesa não era tudo. Era necessário contra-atacar, executar missões ofensivas e punitivas sobre os mouros. Mas, para isso, era essencial recolher informação sobre o inimigo: as ações que este preparava, o poderio de que dispunha, as suas dependências e mesmo as suas desavenças. A cautela na ação era um imperativo. A experiência dos homens que rodeavam D. Pedro de Meneses contribuía também para esse cuidado. O conselho de Gonçalo Nunes Barreto é taxativo:

“e poram compre, que vos aviseis quando taes cousas ouverdes de fazer, que seja com tal resguardo, que se outros recrecerem, que nom soamente se lhes possam os nossos defender, mas ainda empecer: porem meu conselho he, que onde elles saõ

³¹⁶ Como refere Zurara, um filho de um senhor mouro abatido logo nas primeiras contendas voltou mais tarde “com certos Almogavares que se lançaraõ ácerca das Quintãas, onde chamaõ a Boca da Asna; e os que sahiraõ a descobrir a terra toparom com eles” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XIX, p. 55). Afirmando o cronista que “caa o mais que pôde fazer foi ajuntamento de Almogavares, com os quais se lançou huma noite em hum lugar, que se chama o Porto-Franco, e á madrugada toparaõ com outros almogavares de Cepta, onde pelejáraõ açaz” (*Idem, Ibidem*). Por vezes, os atacantes eram em grande número: “cento e cincoenta Mouros Almogavares vierom a Cepta” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XVII, p. 296).

³¹⁷ Tomando o inimigo também consciência disso: “Vede como nos vem afastando pouco, e pouco da cerca da Cidade” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXI, p. 58). Do lado mouro a concentração fazia-se nas principais aldeias em redor da praça-forte, tomando também eles, medidas defensivas e de vigilância: “Entaõ ordenaraõ todos antre sy, que se ajuntassem nas principaes Aldeas, onde tevessem suas guardas de noite, e de dia, como naõ podessem ser enganados dos imigos, e des y, que se taipassem muy bem, e se cercassem de vallos, onde comprisse; porque os achassem sempre percebidos, quando quer que os quisessem cometer” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXI, p. 61).

³¹⁸ O cronista revela-nos as razões apresentadas pelo conde: “que vindo aqui outras gentes de fóra achariam em estos mantimentos, e esforço, que seria azo de estar mais tempo, e nos darem mais trabalho...” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIII, p. 64).

³¹⁹ *Idem, Ibidem*.

vinte, que vós envieis cento, e que vão de noite, e que sejam homens, que saibam fazer tal feito com toda boa temperança”³²⁰.

Efetivamente, o conde mostrava ser homem prudente e avisado, como se lhe refere Zurara ao longo da crónica³²¹. Volvidos que eram dez meses sobre a posse da praça-forte, foi dito ao governador pelas suas escutas que...

“naõ muy longe dalli avia huma Aldea, que chamavam d’Albegal, em que avia boa povoração de Mouros abastados de gado, e que avia antr’elles alguns, que por dinheiro escuitavaõ, e guardavaõ a terra, e que soamente naquelle atrevimento viviam sem teerem outro Capitaõ, em que posessem a esperança de sua guarda; des y contáraõ-lhe toda a maneira da terra acerca dos caminhos, e lugares empidosos pera aquelles de cavallo, que lá ouvessem de hir”³²².

O conde não se precipitou, antes “mandou [...] ás Escuitas esguardar bem aquella terra, por se certificarem melhor, do que lhe compria ser avisado, e des y que posessem boa femença assy nos caminhos, como na entrada do lugar; os quaes tornados de sua viagem, certificando aquello mesmo, que ante disserom”³²³.

Aliás, como vai reiterando o cronista ao longo da narrativa, esta não foi uma decisão isolada, já que, enquanto responsável máximo pela defesa da praça-forte de Ceuta, D. Pedro de Meneses “sempre teve maneira de saber quanto se fazia em todas aquelas partes d’Africa, e esto traitava per tal maneira, que nunca seus imigos se podiaõ delle guardar, e sobr’esto dispendia açaz de sua fazenda”³²⁴. Zurara dá-nos então o modo como o conde se mantinha avisado: “aquelle nobre Capitaõ cheio de toda sabedoria, que a tal encarrego pertencia, trazia sempre suas espias antre os Mouros, de guisa que se nom podia fazer cousa antre elles, de que elle nom

³²⁰ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIII, p. 65.

³²¹ “Antre as especiaes cousas, que no Conde avia, assy era grande aviso” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXVIII, p. 84). Para, num outro ponto da narrativa, o cronista salientar: “O Conde Dom Pedro como homem prudente, e avisado” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVIII, p. 230) ou ainda, “O Conde porém como homem muito prudente, e avisado” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XX, p. 307).

³²² *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXXIV, p. 98. Decorria o mês de junho de 1416.

³²³ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXXIV, pp. 98-99.

³²⁴ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXVIII, p. 84. No mesmo sentido, diz Zurara: “E acertou-se, que em huma vespera de Santa Maria de Setembro vierom a Cepta quatrocentos Mouros de cavallo, e mil seiscientos de pee, e como o Conde era avisado de todas as cousas, que seus contrários queriam contra elle fazer, defendeo, que em aquelle dia não fosse nenhum fora, porque disse, que avia novas, que aviam de vir Mouros sobre a Cidade” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXV, p. 323).

ouvesse sentimento”³²⁵. Pelo que, segundo o cronista, cada dia recebia informações do que os inimigos faziam e, se não as tivesse, “ou per cartas de estantes Genoeses, ou per Mouros, a que o Conde dava de seus dinheiros por terem cuidado de o avizar de semelhantes cousas, ou pelo Alfaqueque” logo mandava os seus homens executar missões de “salto” para perceberem as intenções e movimentações inimigas³²⁶, por vezes com ordens expressas “pera lhe tomarem alguma lingua” de quem pudesse obter informações³²⁷. Estes “saltos” ou incursões em território inimigo eram, consoante as circunstâncias, executados através de cavalgadas ou através de um qualquer meio marítimo, especialmente embarcações menores, dado o carácter furtivo destas ações. Na descrição que Zurara faz deste tipo de missões, encontramos referências a deslocações a locais como Targa, Tituão³²⁸, Alcácer ou mesmo Granada; o último, especialmente, epicentro do poder inimigo, dá-nos uma perspetiva da extensão da área abrangida³²⁹.

A assertividade de Zurara em relação ao permanente conhecimento do conde do que se passava em redor e do que contra ele preparavam os mouros, é contrariada por si mesmo quando, a determinada altura na narrativa, refere: “sendo os Mouros sobre a Cidade, naquelles arvoredos pera tomarem suas cilladas; o Conde mandou sem saber, nem presumir nada da vinda dos Mouros a hum Irmaõ d’ Affonso Munhóz, que fosse a escuitar a terra”³³⁰.

³²⁵ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXXV, p. 101.

³²⁶ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. L, p. 145. O cronista aponta até alguns daqueles que lhe davam notícias e os meios que utilizavam. Porém, nem sempre a informação chegava, pelo que o conde mandava fazer um salto ‘marítimo’: “porque se fezerom alguns dias, que naõ ouvera nenhũa preza, nem soubera muito certo a maneira que Çalabemçalla tinha; mandou a hum Patraõ de huma sua Fusta, que se chamava Bento Sanches, que jaa tivera aquelle mesmo carrego em outra Fusta de Cartagena, que fosse em hum seu Bragantim poer os Almogavares, a saber, a Affonso Munhoz, e os outros a hum salto” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXXIX, p. 115). Ou então mandava fazer uma cavalgada em busca de informação: “que por quanto avia dias, que o Conde nom ouvera novas dos feitos de Aabu, e daquelles seus vizinhos, quizera hir fazer huma cavalgada contra aquella parte” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LX, p. 181).

³²⁷ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LIX, p. 177; ou, por exemplo, num outro caso referido: “que era bem hir ver a vereda, que estava na varzea de Negraõ por ver se achariam alli algum homem pera o Conde aver lingua per elle” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LX, p. 181).

³²⁸ “E tanto que o Conde Dom Pedro chegou a Cepta trabalhou-se logo de mandar tomar todo-los saltos, que eram em terra de Mouros pera aver sabedoria, do que seus contrarios contra elle queriam fazer; e hum Escudeiro, que se chamava Ruy Vazques foi a hum salto junto com Targa, onde filhou quatro Mouros, e tres Mouras, e assy per estes como per outros, que forom filhados ácerca de Tituam, soube o Conde como ElRey de Tunes era embargado de sua viagem” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XII, p. 282). A execução destes saltos surge na sequência do Conde ter estado no reino e Rui Gomes lhe ter enviado uma mensagem em como o rei de Tunes queria atacar Ceuta: “e passados nove mezes, que o Conde estava neste Regno, escreveo-lhe Ruy Gomes como avia por certas novas, que ElRey de Tunes armava pera vir sobre a Cidade” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XI, p. 280).

³²⁹ “Empero quizesse ainda melhor certificar-se, mandou a Diogo Vazques, que armasse outra vez, e que se passasse da parte de Graada a filhar algum salto, onde podesse tomar alguma lingua” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXII, p. 216).

³³⁰ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXX, p. 88. No dia de Santa Cruz, a 3 de maio de 1416 (?).

Contudo, as referências constantes do cronista às diversas informações que chegavam ao conde dão-nos, para além da extensão da zona de recolha, a variedade de fontes e de agentes informadores no terreno, voluntários ou não. Mas vejamos o que nos diz Zurara ao longo da crónica.

Alguns destes agentes mais não eram do que simples escutas – “mancebos que se trabalhavam de andar de noite em escuita dos Mouros” – coordenadas por homens como “Affonso Munhóz, que era Almocadem, o qual Officio há lugar nas guerras depois do Adaíl”, escreve Zurara³³¹. Gomes Fernandes é também referenciado como um dos almocadéns³³². A nomeação pelo cronista de almocadéns e almogávares denota a importância que uns e outros têm na manobra táctica. Daí que Afonso Prego e João Moreno sejam, por sua vez, apontados como almogávares³³³, que como diz o cronista eram gente que “mais continuamente andavam fora”³³⁴. Esta é uma característica que aparece como marca indelével e que lhes está associada, mesmo quando se trata de almogávares mouros³³⁵. O cronista deixa porém, logo no início da obra, transparecer que não se tratava de gente “de conta”, pois, como sublinha, até ao momento o conde havia mandado fora da Cidade “soamente Almogavares” e que então, pela primeira vez, queria enviar “gente mais nobre”³³⁶. Contudo, eram suficientemente importantes para o conde se mostrar pesaroso com a morte de um dos seus almocadéns, segundo o cronista, “por ser homem especial em seu Officio”³³⁷.

Fulcrais no terreno, parecem contudo não ver a sua ação devidamente reconhecida e valorizada pelos fidalgos, como evidencia um episódio protagonizado pelo escudeiro Álvaro Guisado (escuta). Caracterizado por Zurara como “homem esperto, e dezejador d'onra, cujo officio era mais por seguir sua vontade, que por lhe ser dado encarrego de andar de noite com os Almogavares; porque era cousa em que lhe nom fallecia continuamente contenda com os imigos”, havia de reunir com Afonso Munhoz, almocadém, e com Gomes Fernandes, Lourenço Camalho e João Fernandes, homens da sua companhia, para reclamar o reconhecimento que

³³¹ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIV, p. 69.

³³² “Alli era Gomes Fernandes Almocadem, e Affonso Pago por Capitaõ da outra gente de pee; e cada hum delles matou seu Mouro afastados dos outros, sem ajuda d'outra companhia” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXVI, p. 200).

³³³ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXVIII, p. 206.

³³⁴ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXV, p. 74.

³³⁵ Avisado que estava o Conde da vinda dos mouros sobre Ceuta, aos primeiros movimentos detetados, logo “presumio, que seriam Almogavares, porque soham alli de andar” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 189).

³³⁶ “Porque era a primeira vez, que queria mandar gentes fóra da Cidade, porque os que ante mandara eraõ soamente Almogavares, e esta avia de ser gente mais nobre” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIII, p. 66).

³³⁷ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXXV, p. 102.

achava merecerem e que os fidalgos lhes roubavam³³⁸. Pois, como dizia o escuta, quando estes querem empreender algum ataque que lhes traga honra e glória, “logo nos mandaõ espiar os lugares, e nós trabalhamos em ello como vedes, e tornamos com elles, e sofremos aquelle mesmo trabalho, medo, e perigo tanto, e mais quelles, e emfim nunca dizem, que se as consas acabaõ, senaõ por elles, e de nós outros nunca se falla, senaõ muito menos, do que nosso grande merecimento require”³³⁹.

A ação que seria preparada e desencadeada sobre Vale de Bulhões por estes homens dá-nos, por outro lado, a dimensão da sua atuação. Como sugere Álvaro Guisado: “e porque melhor façamos nosso feito vamos primeiro contra lá alguma noite e sentiremos o percebimento da gente, que tanto he, e em que ponto, e quantos são”³⁴⁰. Mas para tal, como é referido, “avisarom-se, que o segredo nom fosse menos guardado dos amigos, que dos imigos”³⁴¹. E assim, “em breve ouverom noticia do que dezejavam; caa elles cada noite andavaõ por aquelles Valles”³⁴². Juraram então manter o segredo entre si, garantindo que “o feito não será descuberto a todos, senaõ sobre o lugar”³⁴³. Tiveram contudo que falar com o conde, não sobre a ação que pensavam empreender, mas sobre a suposta vigilância que levavam a cabo, já que sem o seu consentimento não lhes abririam as portas da cidade para saírem pela calada da noite³⁴⁴. O conde mantinha, como se pode perceber, um controlo apertado das saídas, em especial da abertura das portas. A operação resultaria vitoriosa, em particular pelo cuidado posto no *timing* do ataque mas, sobretudo, pela forma como pensaram a ajuda na retirada.

Mas a atuação destes homens não estava isenta de erros, e o cronista vai-nos dando exemplos de atuações menos bem-sucedidas. Ora fruto de alguma precipitação na ação (mostrando maior confiança do que aquela que era aconselhável³⁴⁵), ora falhando mesmo

³³⁸ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIV, p. 69.

³³⁹ *Idem, Ibidem*.

³⁴⁰ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIV, p. 70.

³⁴¹ *Idem, Ibidem*.

³⁴² *Idem, Ibidem*.

³⁴³ *Idem, Ibidem*.

³⁴⁴ “E sobre todo falláraõ ao Conde aquillo mesmo, que aos outros disserom, o qual lhes outorgou de boamente a licença, porque não era aaquelles cousa nova hirem assy de noite fora, soomente quanto avia de ser sempre com sabedoria do Conde; caa d’outra guisa nom lhes aviaõ de abrir as portas” (*Idem, Ibidem*).

³⁴⁵ Como a ocorrida, logo em dezembro de 1415, numa operação que o Conde havia preparado e que envolvia algumas zavras e uma força de almogávares, tendo os últimos precipitado a ação: “E tanto que as Zavras achegarom junto com o lugar, onde os outros jaziam, alguns daquelles Almogavares com maior orgulho do que naquelle cazo compria, levantaraõ-se primeiro do tempo, que lhes fora mandado” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXII, p. 63).

algumas evidências no terreno (como pegadas recentes); interroga-se neste caso o cronista se isso sucederia por “ceguidade, ou malicia”³⁴⁶.

Isto, dependendo dos resultados e sobretudo dos protagonistas no comando, podia ser bastante perigoso. Numa das ações em território inimigo, o cronista disso nos dá nota: “certamente que se o Adail nom errara a vereda, o monte fôra tomado, de que Gonçalo Velho foy anojado, e quizera matar o Adail, senaõ fôra per alguns requerido pera o contrario dizendo, que se anojariam aquelles Fidalgos por ello; porem mandou-lho preso, que o castigassem”³⁴⁷. Riscos da profissão; no presente caso, risco duplo, uma vez que se tratava de um adail que “fôra jaa Mouro, e morador daquella mesma terra”³⁴⁸. Como sabemos, a utilização de ‘nativos’ tem reconhecidas vantagens, mas quando as coisas correm mal, a dúvida é mais forte... O próprio Gonçalo Velho se interroga acerca da fidelidade deste homem, mas os fidalgos que o utilizavam podiam assegurar que não mudaria de campo, já que “elle tem jaa aqui feitas tantas, e taes cousas em danno daquesles, que a mais pequena parte da vingança seria a elles a morte”³⁴⁹.

Para além destes homens, que estavam, como podemos perceber pelas palavras de Zurara, enquadrados em companhias e organizados numa ‘pirâmide’ de responsabilidades e de competências – escutas, almogávares, almocadéns e adaís –, como aliás já havíamos referido em capítulo anterior, outros atores no terreno serviam de recetores e de informadores³⁵⁰, voluntários ou não, de todo um sistema de informações.

Alguns faziam-no involuntariamente, na condição de cativos ou apenas enquanto prisioneiros ocasionais³⁵¹, como homens e mulheres capturados quer em terra, quer no mar³⁵².

³⁴⁶ “E hindo assy postoque suas Escuitas levassem diante, nom ouverom sentimento dos contrarios, porêm que acharom rasto de dous homens, a saber, hum descalço, e outro calçado, e nom esguardando em ello como deviam, fezerom-no no outro dia; e passando a Atalaya no caminho achavam os juncos atados, e as ervas, que atravessavam o caminho humas com outras, e como quer que as nossas Escuitas esto bem vissem, tanta foi sua ceguidade, ou malicia, que nom o quizerom dizer, senaõ depois que foram, onde aviam de jazer, e pera se o feito peor encaminhar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XV, p. 289).

³⁴⁷ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. IX, pp. 268-269.

³⁴⁸ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. IX, p. 269.

³⁴⁹ *Idem, Ibidem*.

³⁵⁰ Como se depreende, alguns seriam apenas informadores ocasionais: “e foram-se a Callez, e estando no porto chegou hy hum moço, que era do Chantre daquelle Lugar, que lhes vinha a dizer, como seu Senhor os avisava, que de cima de huma Torre da Igreja viam huma Fusta no maar largo defronte do Lugar: Alvaro Affonso por se certificar dello mandou hum dos Alcaydes de sua Fusta, que fosse a cima pera reconhecer se era assy, e quando souberom que todavia era Fusta, ou Navio daquella forte, aparelháraõ de partir” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIX, p. 305); e mais adiante: “em estando Alvaro Affonso pera se tornar chegou hum mareante a elle, e disse-lhe como no porto d’Alcacer jaziam dous Navios, e que lhe parecia hum delles crecido” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXII, p. 316). O facto foi com certeza fruto de interesses conjugados.

³⁵¹ “Segundo me ainda certificou este Mouro, que aqui tenho, que outro dia foi tomado per Affonso Bugalho meu Escudeiro, e pelo Almocadem” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIII, p. 64).

³⁵² Ver *supra*, nota 328.

E se, por vezes, a informação que se lhes conseguia extrair era de pouca monta, dado que o seu conhecimento se restringia ao pequeno mundo em seu redor³⁵³, outras vezes ela era extremamente importante, permitindo antecipar ataques ou lançar alguns dias depois uma cavalgada contra os interesses inimigos³⁵⁴. Outras vezes ainda, trata-se de informação que servia de alerta ou de confirmação para um cerco que o inimigo preparava³⁵⁵. Mas, por vezes, também havia informação não diretamente relacionada com a praça-forte que o capitão prometera defender, perante a qual era necessário agir: “avendo o Conde novas, que as Fustas dos Mouros aviam de hir a hum salto a Castella, e dahy ao Regno do Algarve, fez armar tres Fustas suas”³⁵⁶. Se o Algarve, pela proximidade a Ceuta, era naturalmente o primeiro a socorrer aquela praça-forte, o contrário também acontecia, com Ceuta a servir de ‘atalaia’ para a costa algarvia.

Alguns informadores parecem fazê-lo a troco da ‘bondade’ do conde; as palavras do cronista são esclarecedoras: “chegou hum Mouro á Cidade, que se chamava Jufez, a que o Conde fazia mercê, pelo avisar d’alguns contrarios quando viessem, o qual notificou como eram vindos Mouros da Gazulla, os quaes seriam alli no dia seguinte”³⁵⁷.

Como podemos perceber, a informação é, em alguns casos, bastante abrangente e contextualizadora, como a fornecida por um mouro natural de Santarém:

“achou o Conde hum Mouro [...] per que foi avisado de quanto dezejava saber, porque nom soamente abastou dizer novas de Graada, mas ainda avisou ao Conde quaes eram os Mouros per que podia saber o mais, que dezejava, e per aquelles foi avisado como ElRey de Tunes per nenhum modo podia vir sobre Cepta, pela contenda que avia com os Alarves, e des y mingoa de Frota, em que pelo presente era; e soube como ElRey Buamar partira de Caza d’ElRey de Tunes com setecentos de cavallo, e huma carrega de dobras tuneciis, as quaes jaa tinha todas despezas, e que estava em Féz açaz prove, e que Mulle Buale era em aquelle tempo em Cacer

³⁵³ “O Conde quisera saber deste Mouro alguma cousa, do que dezejava; mas elle assy como era creado em vida rustica, assy nom avia nenhum saber das cousas de fora; somente quanto lhe contou das Aldeas derrador como se guardavam, e a gente, que cada huma podia ter, e tanto aprendeo o Conde delle, que dahy a poucos dias partio da Cidade pera trazerem cavalgada” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. L, pp. 145-146).

³⁵⁴ “Eu ey já, boa enformaçã da vida destes Mouros, e da tençom, que tem, como jaa disse, e soube como no Val de Laranjo sam até vinte Mouros de pelêja” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIII, p. 65).

³⁵⁵ “Per estes soube o Conde como se o cerco ordenava, e mais que os Mouros da costa queriam armar, pera vir correr a costa do Algarve” (*Idem, Ibidem*, Livro II, pp. 186-187). No caso, trata-se de informação sobre o cerco a Ceuta, que se iniciaria no domingo, dia 13 de agosto de 1418.

³⁵⁶ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIX, p. 305.

³⁵⁷ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. VII, p. 261.

Quebir com Çallabemçalla, e que lhe tinha huma mulher, e hũ filho, e dous irmãos em hum Castello, que fezera na Serra de Gibel Fabibe, e contou-lhe como Çallabemçalla matára muitos Mouros daquelles, que vizinham com Cepta, barbaros de Luzmara, e d'Angera, e que roubára toda a terra, e que levára muitos prezos; e esto porque tinham com ElRey Buamar com outras muitas cousas, que lhe contou, de que o Conde recebeo aviso³⁵⁸.

Também alguns viajantes que aportavam em Ceuta forneciam ocasionalmente informações ao conde: “Este Elche disse muitas cousas ao Conde acerca da fazenda dos contrarios, e como a gente era casy infinda, especialmente a de pee, que a de cavallo nom era tanta, que per todos nom seriam até dous mil e seiscentos antre os de Xoem, e os outros que vinham com Xeber, afora os naturaes da terra”³⁵⁹.

Ceuta, “*Cidade, que mais costumava guerra*”³⁶⁰, não deixou de ser lugar de encontro, pois como diz Zurara: “nom soomentc foi a Cidade repairada nos fallecimentos principaes, mas ainda muitas boas cousas feitas de novo; caa mandou fazer adegas, e celleiros pera os mantimentos que viessem, serem alojados, onde se nom perdessem, como ante faziam, e assy logeas, e cazas pera mercadores derredor da Praça, e correger a Aduana com as outras aposentadorias pera as nobres gentes, que vinham aa Cidade”³⁶¹. Deste fluxo de gente aproveitava-se o conde D. Pedro de Meneses para ter novas do inimigo³⁶².

A informação tinha proveniências distintas e era confirmada por diferentes agentes no terreno – incluindo homens de confiança de El-rei em Tarifa e em Sevilha –, circulando por diversos espaços³⁶³, por vezes mesmo descontínuos, já que ‘circum-navegava’ o mar

³⁵⁸ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XVI, p. 295.

³⁵⁹ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXVIII, p. 207. A acreditar em Zurara, este Elche chega a Ceuta no decorrer do primeiro cerco à cidade, conseguindo introduzir-se na praça-forte enquanto os mouros que o acompanhavam, pela falta de “aviso” que tiveram, foram feitos em muitos pedaços.

³⁶⁰ “Em este tempo chegarom alli as Gallés de Veneza, e ouverom grande gasalhado do Conde, e lhes foram alli compradas daquellas cousas, que traziam, muy bem, porque foi achado, que leváraõ dalli bem seis mil coroas antre ouro, e troco de mercadoria, de que elles mostrarom, que lhes prazia muito, porque pensavam, que em Cidade, que mais costumava guerra, que traotos d’outros negocios, nom podessem achar, quem em sua mercadoria tanto dispendesse” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXII, p. 316).

³⁶¹ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXXII, p. 245.

³⁶² “E casy cada semana era avisado do que seus contrarios faziam” (*Idem, Ibidem*).

³⁶³ “E logo á Terça feira seguinte lhe chegárom quatro Cartas de Tarifa, em que lhe notificárom como hum vizinho daquelle lugar chegára poucos dias avia de Mallaga, e lhe certificára, que ElRey de Graada armava toda sua frota pera virem sobre aquella Cidade” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXI, p. 214). Como podemos perceber, a informação que chegava ao conde abrangia os redutos do inimigo, do outro lado do Mediterrâneo, como se confirma noutro ponto da narrativa: “E seguio-se que neste tempo ouve o Conde Dom Pedro novas como se carregavaõ em Malaga huma Fusta, e alguns Carevos de grossa mercaderia” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. X, p. 276).

Mediterrâneo³⁶⁴. Um desses lugares, Tarifa³⁶⁵, pela sua centralidade, corupio de gente e potencial de troca de informação, era um alvo de especial atenção, por uns e por outros. Do lado cristão, reconhecidamente por ser um espaço charneira e/ou interstício nevrálgico, próximo da movimentação do inimigo³⁶⁶. Do lado mouro, como um canal estratégico a curto-circuitar. Por isso, pela pena do cronista e pela boca do rei Esquerdo de Granada, é proposto, perante um conselho de nobres em Málaga, fazer “andar hum Navio bem armado na boca do Estreito, porque os de Cepta nom tenham azo de mandar a Tarifa, caa este he o seu principal remedio como se vem na apertada, e que ainda que em Portugal ajam as novas, primeiro eu tomarei a Cidade, que se a gente possa ajuntar”³⁶⁷. Missão que parece, contudo, votada ao fracasso, já que, segundo Zurara, um velho alcaide mouro afirmaria retumbantemente perante os presentes:

“mas he pera rir do que Vossa Senhoria diz, que mandarees andar Navio na boca do Estreito pera reter algum recado se o Conde quiser enviar ao Alcayde de Tarifa: e nom sabees vós, que o Alcaide de Tarifa he parente muito chegado do Conde, e que he Christaõ como elle, e que este Alcayde foi em Portugal, onde lhe foi feita muita honra, e grande mercê, segundo soubestes per vossos Alfaqueques, o qual trás aqui continuamente enculcas antre nós, as quaes lhe vós nom podeis tolher com quanto poder tendes, caa sam vossos propios naturaes, e tem suas maneiras com elles, por ijso, que lhes elle daa do seu, de guisa que inda vós nom bullis com hum remo em vosso Reyno, quando jaa he sabido em Tarifa, e nom sem razaõ, caa assy fazeis vós antr’elles, que nom podem fazer cousa de que nom sejais primeiro avisado: e em

³⁶⁴ Como se pode perceber pelo percurso e agentes envolvidos: “e esto soube o Conde ao depois pelo Alfaqueque, e ainda o Alcayde de Tarifa, que ouve dello certidom per hum homem, que enviou em huma sua Fusta a Cartagenia, que o laa aprendeo de hum Alfaqueque, que aaquella sazaõ era em Alcacer com recado de cativos, que tirara da Ordem da Trindade, e era Irmaõ daquelle arrenegado, que sendo Christaõ se chamava Manoel, e logo em outro dia passou aalem, e o Alcayde de Tarifa escrepveo esto assy a ElRey de Portugal” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XX, p. 310).

³⁶⁵ As menções a Tarifa como ponto de origem de algumas das informações que chegam ao conde são várias, como temos vindo a referir; aqui ficam mais algumas: “O Conde Dom Pedro como homem prudente, e avisado vio como os Mouros cada vez recreciam assy da parte do maar, como da terra, e sobre todo, que lhe escrepveraõ de Tarifa, como ElRey de Graada queria passar” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVIII, p. 230).

³⁶⁶ A centralidade de Tarifa é notória pelo enquadramento no seio do inimigo, as palavras de Zurara são elucidativas: “Como aquella Villa de Tarifa he vizinha do Regno de Graada especialmente de Gibraltar” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVII, p. 228).

³⁶⁷ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXXII, pp. 243-244. O rei de Granada estava, ao que parece, bem informado da situação que se vivia dentro da praça-forte naquela altura: “e os que hy ficaõ sei muito certo, que nom tem que comer, e o Inverno he grande; sei que se agora fossem sobr’elles, que com pouco trabalho os podiam tomar...” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXXII, p. 243).

Tarifa está hum Escudeiro d’ElRey de Portugal com muitos homens de pee, perque logo escrepve ao seu Rey”³⁶⁸.

Zurara revela-nos, de forma brilhante, pela voz do velho conselheiro, a teia de agentes que existe no terreno e a dificuldade de agir sem que o inimigo tome conhecimento. Terreno esse que, por vezes, se encontrava completamente lotado:

“E seguio-se, que huma noite mandára o Conde suas Escuitas fora com entençom do outro dia dar lenha aos Moradores da Cidade, e jazendo huns sobre a volta do Romal, e outros sobre hum porto, que se chama dos Alemos, ao quarto d’alva sentirom Mouros de cavallo, e outra muita gente de pee, e querendo aquelles trazer as novas ao Conde topárom com as Escuitas dos contrarios, as quaes eram em muito mayor numero”³⁶⁹.

O reconhecimento, nas palavras do velho alcaide mouro, de que entre si se movimentavam naturais que passavam informação ao inimigo e que era quase impossível suster a circulação da informação é sintomático. Zurara dá-nos contudo, noutra passagem da crónica, o contraponto, afirmando que, apesar das “enculcas” que os mouros tinham entre os homens da praça-forte de Ceuta e das escuitas que sempre rondavam as proximidades desta³⁷⁰, apenas tinham conhecimento de coisas gerais, já que, das mais importantes, conseguiam os capitães portugueses guardar silêncio:

“Se dissemos que o Conde Dom Pedro trazia sempre suas enculcas antre os Mouros pera saber, o que elles faziam, nem elles nom andavam fora daquelle cuidado, porque, ou pelos Alfaqueques, que vinham á Cidade, per quem os cativos avisavam seus parentes, e amigos, ou per alguns falsos Christãos, que os Mouros antre os nossos traziam por enculcas, casy sempre eram avisados, especialmente das cousas geraes, porque nas especiaes sabiam os Capitães ter seus avisamentos como sentiam, que cumpria a sua segurança”³⁷¹.

³⁶⁸ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXXII, pp. 244-245. Em modo de confirmação do que o velho alcaide afirmara, diz-nos Zurara: “Porem ElRey todavia se começou de correger com alguma dissimulaçam, que lhe pouco prestou; caa o Conde como pensava toda-las cousas cuidou, o que ElRey podia cuidar; e por se certificar dello mandou em aquella costa hum Bragantim pera lhe tomarem huma lingoa, a qual de feito foi filhada, per onde elle soube todos los movimientos d’ElRey” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXXII, p. 245).

³⁶⁹ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. II, p. 250.

³⁷⁰ “Traziam sempre suas Escuitas contra a parte de Cepta” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXIX, p. 369). Esta passagem reporta-se já à preparação do malogrado ataque a Tânger, em 1437.

³⁷¹ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXVIII, p. 333.

Com certeza, sabemos de que lado se encontra o cronista. Particularmente interessante é a qualificação que Zurara faz de alguém que forneceu informação aos mouros sobre a condição debilitada em que o Conde, a dada altura, se encontrava:

“**hum máo homem** se partio de Cepta, o qual vivia com hum Fidalgo, a que chamavaõ Joham Marsalla, creemos, que era Catallaõ, e porque em sua nova chegada fosse melhor recebido, disse aos Mouros, que o Conde estava ferido muito mais do que o elle com verdade era, fazendo-lhes saber, que o tempo convinhavel seria aquelle, pera elles darem sobre a Cidade”³⁷².

Interessa notar que mesmo os cativos, através dos alfaqueques, conseguem fazer chegar informação aos seus camaradas de armas. Rui Gomes, como veremos, é exemplo disso. Por outro lado, estes cativos, quando libertados, transportavam consigo um conhecimento do inimigo que de outra forma nunca teriam³⁷³; como tal, eram por vezes utilizados como guias para desferir golpes-de-mão sobre o adversário³⁷⁴.

Os Alfaqueques na sua tarefa de remissores de corpos e de almas, desempenham também um papel relevante na circulação da informação, quer informando um lado da contenda³⁷⁵ (arriscaríamos até dizer ‘ambos os lados’), quer fazendo uma espécie de *debriefing* depois dos confrontos³⁷⁶, em que dão conta das forças que se enfrentaram³⁷⁷, das baixas

³⁷² *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXX, p. 88. Negrito nosso.

³⁷³ “E vós outros, disse Dom Duarte contra as Escuitas, que dizeis a esto. Que avemos nós de dizer, disserom elles, certo he, que a terra assocegada estaa, e o que o Magriço diz, he pera crer, porque nom o pode nenhum molhor saber, que elle, que o vio pelo olho” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVII, p. 360). No presente caso, trata-se de uma ação preparada e comandada por D. Duarte de Meneses (ver nota seguinte).

³⁷⁴ “Dime, disse elle, que lugar he aquelle, onde jazias cativo, e que percebimento tem là os Mouros. [...] Naõ ha hy mais que hum pêjo, disse o Magriço, o qual he o rio, que vai por meio do campo; porém se vós laa mandais, e vos prouver, que eu laa vá por vos fazer serviço, eu lhe mostrarei o váo, e hirei encaminhallos pera as casas daquelle Mouro, que vos disse” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVII, p. 359).

³⁷⁵ “Por quanto lhe dissera o Alfaqueque, que alli entom era, que ficavam naquelle lugar duas Zavras pera partir pera Gibraltar, e huma pera Tanger, e que entendia, que partiriam, tanto que tevessem tempo” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LIX, p. 179). E também, por exemplo: “E per este Alfaqueque, e pelos Mouros, que tomarom na Barca, soube o Conde, que tanto que passasse a Pascoa do Carneiro, logo se os Mouros aviam d’ajuntar pera virem cercar a nossa Cidade, como se de feito seguio” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LIX, p. 180).

³⁷⁶ Por vezes, é apenas neste momento que os defensores da praça de Ceuta tomam conhecimento da composição das forças do inimigo que enfrentaram e das baixas que lhes impuseram.

³⁷⁷ “E assy ajuntárom per toda a gente dezasseis mil e quinhentos, a saber, mil e quinhentos de cavallo, e os quinze mil de pee, segundo ao depois foi sabido por seus Alfaqueques” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXX, p. 88).

infligidas³⁷⁸ e até mesmo das ocorrências no terreno³⁷⁹. Não é, contudo, imprudente admitir que o aparecimento frequente do alfaqueque na narrativa, como arauto das baixas em combate, bem como do número de mouros enfrentados em cada contenda, seja utilizado por Zurara de forma pouco inocente, para garantir ao leitor que os ‘dados’ apresentados são fidedignos, uma vez que a fonte destes é alguém ‘independente’.

Complementarmente a este ‘complexo’ sistema de recolha de informações, funcionavam no terreno algumas atalaias, que procuravam garantir a segurança dos que desempenhavam tarefas fora do abrigo das muralhas, como era o caso de quem recolhia lenha ou erva junto da praça-forte, mas que eram usadas mais intensivamente para detetar a aproximação de forças de ataque inimigas. Como refere Zurara logo no início da narrativa: “Antre as cousas, que o Conde ordenou pera guardar a Cidade assy foram as Atallaias”³⁸⁰. Trata-se de estruturas de vigia que permitiam observar a terra e o mar em volta e que eram tanto mais eficazes quanto se verificasse a aproximação de forças numerosas³⁸¹. Por isso, quando a ameaça se pressentia no ar, D. Pedro de Meneses avisava os seus homens para redobrem a atenção³⁸². E quando das atalaias não era possível garantir um olhar abrangente, logo se

³⁷⁸ Por exemplo, diz-nos Zurara que “no outro dia vêo o Alfaqueaue, e contou como falleciam seiscentos e vinte Mouros, dos quaes nom achava mais, que cincoenta presos” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXV, p. 327). E também: “E cahirom naquelle dia no campo de Mouros de cavallo trinta e cinco, afora os que foram feridos, que morrerom ao depois, segundo foi dito ao diante pelo Alfaqueque” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXIII, p. 346). Para mais adiante o cronista dizer: “No outro dia vêo o Alfaqueque á Cidade, e disse, como dos Mouros foram mortos duzentos e oitenta e dous, e vinte e cinco foram cativos, e dos Christãos foi hum fallecido, que se chamava Joham Garcia por alcunha Bulle Bullibu” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXV, p. 355).

³⁷⁹ Por exemplo: “E segundo se depois soube pelo Alfaqueque, elles foram sentidos ante da mêa noite, e as duas Escuitas foram dar recado, hum a toda a terra de Meigiece, e outro a Angera, e outro ficou tras elles, e seguios até onde se lançaram, e tanto que os deixou lançados foi dar recado onde ficavam” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XV, p. 290).

³⁸⁰ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XVIII, p. 52.

³⁸¹ Já que aproximações de agentes isolados ou de pequenas unidades eram mais difíceis de detetar, como ocorreu com a aproximação de alguns mouros que capturaram dois moços e um homem mais incautos: “e logo a poucos dias estes mesmos Cossarios tornaram a tomar hum salto na Almina, onde filharom dous moços, e hum homem” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. VI, p. 260). Esta ação decorreu poucos dias depois de quatro fustas mouras se terem aventurado a entrar no porto e a “filharem” uma embarcação. Por vezes, também o olhar dos homens nas atalaias era atraído por algo menos usual, e o inimigo conseguia penetrar sem ter necessidade de criar ele próprio alguma manobra de diversão: “eram em aquello encejo dous Barinees no porto, e como gente descansada, com dezejo de ver novidade de cazamento, e des y er por ser Domingo, deixaram os Navios desacompanhados, e sobrevierom pera os filhar quatro Fustas de Mouros, as quaes sentidas na Cidade, começáraõ de repicar muy rijamente” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. VI, p. 259). O casamento de D. Isabel, filha do conde D. Pedro de Meneses, com Rui Gomes da Silva, não era algo vulgar na praça-forte de Ceuta, pelo que a distração estava garantida.

³⁸² Tal como aconteceu com a vinda ‘anunciada’ de mouros Gazulles sobre a cidade: “No outro dia mandou o Conde a Fernam Soares d’Albergaria, e a Fernam Camêlo, que fosse seguir sua guarda, como he costume naquella Cidade, avisados porem das novas, que ante ouvera; mas nom se alongáraõ aquelles Fidalgos muito das Atalayas, quando encontraram com os Mouros” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. VII, p. 261).

encarregava o capitão de fazer sair uma embarcação para, afastando o observador, aumentar o horizonte visual e divisar o que se aproximava³⁸³.

Especialmente nos primeiros tempos do assentamento de Ceuta, algumas das atalaias foram improvisadas em moitas³⁸⁴, onde alguns homens “escuitavam a terra”, procurando detetar eventuais aproximações inimigas. E mesmo mais tarde, locais como a “cillada do Canaveal” foram amplamente utilizados por almogávares cristãos e mouros, quer para a partir daí dissimuladamente se desferirem ataques contra o inimigo, quer para montar vigia. Já em tempo de preparação e de consumação de ações ofensivas, os homens em missões de reconhecimento de locais e de interesses inimigos procuravam lugares como cabeços, que permitissem observar toda a envolvente, onde montavam as suas atalaias. É exemplo disso, a vigilância efetuada na preparação das primeiras ações sobre Vale de Castelejo³⁸⁵. Para a sua própria segurança, quando se encontravam em território hostil, no meio de um “salto” ou cavalgada, os homens do conde usavam do mesmo artifício³⁸⁶.

Com o avançar do tempo, as medidas de defesa em Ceuta passariam a implicar o recurso a estruturas fixas³⁸⁷, que Zurara refere ao longo da crónica, quer situando-as geograficamente em relação à praça-forte³⁸⁸, quer nomeando-as. São do último caso exemplos: a atalaia de João

³⁸³ “Armai aquelle Bragantim, e segui via de Castelo de Metene, e vede que gente lá jaz, ou se por ventura nom he mais que esta, que parece desta parte” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 189).

³⁸⁴ Logo no final de novembro de 1415, o conde “mandou chamar hum seu Escudeiro, que chamavaõ Affonso Bugalho, e o Almocadem, com os quaes mandou cincoenta homens de pee: Amigos, disse ele [...] vós vos hy lançar de noite sob a Cabeça-Ruiva, que está em cima do valle, e ponde vossa Atalaya em humas moutas” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXII, p. 62).

³⁸⁵ “E logo a primeira noite espiáraõ bem o lugar repartindo-se por estas Aldeãs, e sobre a manhã tomáraõ sua Atalaya sobre hum cabeço, de que bem podiam vêr a gente, que sahia do lugar, e assy das outras Aldêas” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXVI, p. 77).

³⁸⁶ São disso exemplo as atalaias postas nas ações que o conde executava sobre interesses mouros: “onde chegarom de noite pera tomar a Atalaya, que he alem da ponta” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXI, p. 186); ou ainda: “os que estavam em cima na Atalaya vierom-se á praya o mais escondidamente, que poderom, em tal guisa que os Mouros nom ouverom delles sentimento” (*Idem, Ibidem*).

³⁸⁷ De acordo com uma fonte moura coeva, existiriam em Ceuta, antes do ataque cristão, dezoito atalaias; é possível que os Portugueses tenham aproveitado pelo menos uma parte dessas estruturas (DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, p. 128).

³⁸⁸ “Em descobrindo a ponta primeira sahirom-lhe tres Fustas de Mouros, e elle deu-lhes a prôa, e fez via da Cidade dando-lhes caça, até direito da Atalaya, que está mais achegada á Cidade” (ZURARA, CCDPM, Livro I, Cap. LXI, p. 185). Ou, por exemplo: “Porto do Lameiro, que he abaixo da Atalaya de cima” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXV, p. 324).

Preto³⁸⁹, a atalaia da porta de Madrabaxabe³⁹⁰, a atalaia do Negraõ³⁹¹, a atalaia da Vila³⁹², a atalaia da Almina e a da Torre de Álvaro Afonso³⁹³, a atalaia da Palmeira³⁹⁴, ou ainda as atalaias da Torre de Fez e da Torre de Álvaro Mendes³⁹⁵. As duas últimas “estão contra a terra dos Mouros da parte da Algezira” (sendo a de Fez a “maior Torre, que está no muro daquela Cidade”), tendo sido, desde o início da ocupação, entregues a dois fidalgos experientes – Gonçalo Nunes Barreto e Álvaro Mendes Cerveira³⁹⁶. Como sublinha o cronista, a torre de Álvaro Mendes chamar-se-ia no início Torre da Madraba, mas pelos feitos daquele fidalgo passou-se mesmo a chamar de Álvaro Mendes³⁹⁷. Outros casos são mais dúbios, designando-as o cronista de forma vaga, como a atalaia do caminho³⁹⁸, a atalaia do outeiro ou, até, a atalaia de cima³⁹⁹. No caso da atalaia do outeiro, julgamos, pela descrição de Zurara a respeito de uma outra ação moura sobre a praça-forte, que se tratava de “hum outeiro alto, que estava antre Barbeche, e a Cidade, onde se tem as Atalayas quando vão aa lenha”⁴⁰⁰.

³⁸⁹ Ver *infra*, nota 400.

³⁹⁰ “E os outros que guardavam as Atalayas da porta de Madrabaxabe começaram de repicar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIV, p. 286).

³⁹¹ “Mandando porêem o Conde, que fossem ant’elles seis homens de pee por azo da Escuita, que lhe disserom, que os Mouros tinham a Atalaya do Negraõ por vêr se a poderia tomar, ou embargar, de guisa que nom podesse avisar os Mouros” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XV, p. 289). Ou, numa outra referência, aquando do regresso de uma cavalgada bem-sucedida sobre Meigece, em março de 1432: “e recolherom-se sem nenhuma perda, soamente de hum cavallo, que laa foi morto, e outro que fugio no caminho a hum Escudeiro, que se deceo delle por lhe tirar huma pedra, que trazia no pee, sendo junto com a Atalaya do Negraõ” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXVII, p. 330).

³⁹² “Os que estavam na Atalaya da Villa começaram seu repique, e a gente começou de se alvoroçar, e o Conde disse, que nenhum nom sahisse” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXV, p. 323).

³⁹³ “E veio tambem recado da Almina daquelles, que lá tinham a Atalaya, e da outra d’Alvaro Affonso, que os Mouros começavaõ a poer arrayal, e fazer choças, e assentar tendas desde as Quintãs pera o mar, e que lhes parecia, que traziam muitas bestas de carrega, e o gado em manadas, comoque queriam manter assocego. Tornai, disse o Conde, e vede se verees algumas Fustas, e vinde-me logo com recado trigosamente” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 190).

³⁹⁴ “Os Mouros como virom, que não podiam cobrar o Outeiro pera se lançarem em Barbeche, e virom a soma dos mortos, os que hiam na dianteira acordarom-se de saltar em hum caminho velho muy espesso, que vai sob a cabeça encontra a Cidade per a Atalaya da Palmeira, que he sobre Bulhões” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XVIII, p. 301).

³⁹⁵ “Ante encaminharom via da Cidade, dando rumor, que vinha gente, pelo qual derom ao sino na Torre d’Alvaro Mendes” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 190).

³⁹⁶ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. VI, pp. 23-24.

³⁹⁷ *Idem, Ibidem*.

³⁹⁸ “Porque de quatro homens, que dormiam na Atalaya do caminho, per que estava corregida pera se defender, depois que o dia era alto, e a terra descoberta hiam-se dous delles a Atalaya da Aljazira, por quanto descobre o maar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIV, p. 286).

³⁹⁹ “Affonso Vazques, que estava per Atalaya hia per aquelle mesmo caminho per onde elles vinham, pera hir tomar a Atalaya no outeiro” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XVII, p. 296).

⁴⁰⁰ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XVIII, p. 302.

Em relação à Torre de João Preto, é expressamente assegurado por Zurara que esta foi solicitada a El-rei tendo como argumento a sua utilização em prol da defesa da cidade⁴⁰¹. Estatuto e situação idêntica parece ter a Torre de Bulhões, também concedida por El-rei em carta firmada a João Pereira, configurando-se enquanto tal como atalaia próxima de Ceuta⁴⁰².

Mas o bom funcionamento destas atalaias exigia também um bem articulado sistema de comunicação e de alerta⁴⁰³, pois, quando não era possível comunicar diretamente⁴⁰⁴, a mensagem era transmitida através de sinais visuais – acenos e sinais de fumo⁴⁰⁵ – mas também de sinais sonoros – trombetas e repique de sinos⁴⁰⁶. A boa coordenação entre estes postos de vigia e os homens de sentinela nas muralhas da praça-forte era fundamental para assegurar uma defesa cabal da cidade⁴⁰⁷. Evidentemente, surgiam alguns percalços à mistura⁴⁰⁸, já que nem sempre a vigilância apertada funcionava, com alguns dos mais incautos a serem apanhados. Acontecia mesmo que incursões inimigas algo numerosas não eram atempadamente descobertas, como se pode perceber pelas palavras de Zurara: “e estando assy guardando os que

⁴⁰¹ “A huma Torre, em que estava hum Escudeiro, a que chamavam Johaõ Preto, o qual a pedira a ElRey com entençaõ de a manter, e avisar a Cidade de qualquer novidade, que hy sobreviesse” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. III, p. 252). Nesta torre se recolheriam Rui Gomes da Silva com mais vinte de cavalo quando se viram cercados por mouros (*Idem, Ibidem*).

⁴⁰² Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXVI, p. 198.

⁴⁰³ Como aconteceu no domingo, dia 13 de agosto de 1418, com o alerta para o cerco que começava sobre Ceuta: “as Atalayas fezerom sinal, que aviam vista de gente, e repicaron logo” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 188).

⁴⁰⁴ “E em estando em esto as Atalayas virom vir Mouros, e foram-no logo dizer aos Capitães” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LIX, p. 179). Neste caso, em concreto, numa ação de salto.

⁴⁰⁵ “Avisarom seu Capitaõ, o qual lembrado daquellas Barcas, que andavam a pescar, mandou fazer huma fumaça sobre o cesto, per que foram avisados, aindaque se já trabalhosamente podessem salvar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. VI, p. 260). No caso, um alerta da praça-forte para os homens que andavam no mar.

⁴⁰⁶ “O Conde mandou logo dar ao sino, fazendo seu repique, segundo seu costume” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXX, p. 89).

⁴⁰⁷ “Ca o sino repicava dês que vira as Atalayas capear” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. II, p. 250). Os exemplos ao longo da narrativa são frequentes e evidentes: “do que a Atalaya ouve sentido, e avisou logo a Cidade, des y começando de repicar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. VII, p. 262); mas também num outro ponto da narrativa: “Mas logo em breve a outra Atalaya começou de avisar a Cidade com seus acenos, caa segundo parece a Atalaya do caminho por bradar ao parceiro, que andava colhendo sua lenha, esqueceo-lhe o sinal, em tal guisa que quando jaa o fez, os Mouros eram á Figueira, de guisa que escassamente se pôde aver o outro na Torre, alli começáram o repique muy rijamente” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIV, p. 286); ou ainda: “as Atalayas começaram de fazer acenos, pelo qual o sino começou de soar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XVIII, p. 298).

⁴⁰⁸ “Porque de quatro homens, que dormiam na Atalaya do caminho, per que estava corregida pera se defender, depois que o dia era alto, e a terra descoberta hiam-se dous delles a Atalaya da Aljazira, por quanto descobre o maar; e parece, que quando os dous foram, hum dos outros dous, que ficavam rogou ao outro, que tomasse elle por hum pedaço aquelle cuidado soo, caa elle queria hir fazer hum feixe de lenha, e quiz assy a ventura, que naquele mesmo anejo sahiraõ os Mouros em tal guisa, que quando os da Aljazira sobiraõ, jaa os de cavallo eram á Ponte: e porém começáraõ logo de capear huma vez decendo-se logo, e como quer que grande trigança pousessem jaa nom poderom aver a Atalaya do caminho, ante se lançáraõ pela porta de fundo da Aljazira; e os outros que guardavam as Atalayas da porta de Madrabaxabe começaram de repicar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIV, p. 286).

apanhavam sua erva, sahiram até cem Mouros de cavallo da volta do Romal, com os quaes seriam até mil homens de pee, que nunca foraõ vistos, se nom quando jaa eram sobre o porto dos Alemos”⁴⁰⁹. Algumas destas ações, ainda que pouco recompensadoras para o inimigo, preocupavam o conde, sobretudo por evidenciarem fragilidades no sistema de vigilância: “vierom de noite alguns Mouros, e filharãna, de que o Conde tomou cuidado, mais pelo atrevimento dos imigos, que pela perda do Navio”⁴¹⁰. Não podemos esquecer que o cansaço acumulado dos homens que permaneciam nas torres, a maior ou menor visibilidade e, sobretudo, as condições meteorológicas eram condicionantes do trabalho de vigia: “e porque a chuva era grande nom poderom os Mouros ser vistos, até que foram junto com a Atalaya, que começaram de repicar”⁴¹¹.

Como podemos perceber pelo alerta dado para uma incursão moura em fevereiro de 1425, o número de homens envolvidos na vigilância não era propriamente diminuto, já que se articulavam diferentes forças no terreno, com missões definidas e com um entendimento muito preciso do que delas se esperava:

“chegou ally Martim de Çamora, ao qual eram encomendados dez homens daquelles, que tinhaõ carrego de escuitar a terra. Eu jazia, Senhor, disse elle, esta manhã além de Barbeche contra a calçada, pera hir tomar minha Atalaya, e vi vir por aquelle caminho dezaseis Mouros; os quaes entraram no Valle passando ao ribeiro, e eu, Senhor, leixei lá dous homens, e rodei por Bulhões, pera vos trazer este recado. O Conde lhe perguntou se posera os outros em aviso de lhe trazerem recado se mais gente passasse. Sy, Senhor, disse Marfim de Çamora, mas entendo, que aquelles, nem outros jaa vos nom podem vir com recado nenhum, senaõ de noite, aindaque mais gente vejam passar”⁴¹².

Face à desconfiança do que se avizinhava, o conde mandava no dia seguinte alguns dos seus homens bater o terreno: “e porem mandou atravessar toda-las veredas, que nenhum nom podesse passar, que nom fosse sentido, e des y avisou Lourenço Carvalho, e Joham Preto,

⁴⁰⁹ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. III, p. 252.

⁴¹⁰ Mais uma vez, o emprego de enculcas permitiu saber, pouco depois, onde se encontrava o navio roubado: “e porem teve taes enculcas com ella, que soube como estava em Tagaça carregando pera Malega” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LVII, p. 170).

⁴¹¹ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXII, p. 314.

⁴¹² *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIII, p. 284.

porque cada hum tinha carregado de dez homens, e mandou-lhes, que fizessem tomar os portos”⁴¹³.

Mas as atalaias não ajudavam só na ação defensiva, já que o cronista refere, no cerco sobre a cidade, a utilização de uma atalaia para direcionar e temporizar o tiro sobre o inimigo⁴¹⁴, o que julgamos não terá sido caso único. Infere-se também da narrativa que pelo menos algumas destas atalaias estariam operacionais apenas em alguns períodos, ou mais provavelmente durante o dia, já que a visibilidade era certamente uma das condicionantes. Como refere Zurara, o conde, face a um anunciado ataque inimigo, apenas quando amanhece é que manda “poer as Atalayas pera o avisarem da frota, quando sahisse do porto de Gibraltar”⁴¹⁵. Ou, como se refere numa outra situação, em que alguns escutas do conde foram cercados nas proximidades da praça-forte por uma força moura de Gazulla que se preparava para atacar Ceuta: “sendo jaa horas, que as Atalayas estavam em seu lugar ouverom vista do trabalho, em que os nossos eram, o qual recado trigosamente foram dar ao Conde”⁴¹⁶.

Para além destas atalaias de proximidade, gostaríamos de salientar o papel de Tarifa, que julgamos poder dizer que funcionou como ‘atalaia’ distante e autónoma de Ceuta. Os alertas a partir dela para o cerco que os mouros preparavam são disso exemplo cabal: “O Conde tinha jaa recado, como temos dito, que os Mouros aviam de vir, e nom havia muitos dias, que hum Gonçalo Esteves Tavares, que estava em Tarifa lho viera a dizer”⁴¹⁷. Aliás, de Tarifa partem os alarmes, quer para Ceuta⁴¹⁸, quer para o reino⁴¹⁹, fruto daquilo que podemos designar como redes de solidariedade, ou pelo menos de partilha de interesses. Porém, relembramos, Tarifa, não era caso único, de Sevilha partiam também avisos de homens que o rei lá tinha para esse

⁴¹³ *Idem, Ibidem.*

⁴¹⁴ “E tanto que a Atalaya vio como se ajuntavam pera poer o fogo a bombardas, avisou o Mestre do engenho, o qual endereçou assy seu artificio, que ao tempo que a bombardas estava pera desfechar, fez carregar o engenho de mais pedra, e foi dar no meio da bombardas, a qual afora ser quebrada em muitos pedaços” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVI, p. 226).

⁴¹⁵ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 220.

⁴¹⁶ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. II, p. 250. Outro exemplo pode ainda ser por nós apontado, como o ocorrido na já referida incursão moura de fevereiro de 1425: “Lopo Vazques, e os outros Escudeiros tomarom o porto da calçada, e puserom suas Escuitas, e como foi manhã tomarom as Atalayas” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIII, p. 285).

⁴¹⁷ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 188.

⁴¹⁸ Ver *supra*, nota 363.

⁴¹⁹ “ElRey meu Senhor he jaa avisado per Gonçalo Esteves, pelo Alcaide de Tarifa meu Primo, e se nos socorro for necessário, sei que nos não pode muito tardar, e que necessario nom seja, todavia sei, que ha de vir” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXV, p. 197).

efeito⁴²⁰. Mas Tarifa era com certeza a mais importante, já que por ela, especialmente, circulava a informação para o reino, como veremos de seguida.

A narrativa que Zurara faz do(s) cerco(s) mouro(s) a Ceuta, ainda que confusa⁴²¹, dá-nos a oportunidade de apreciar o fluxo de informação e a articulação dos diferentes agentes no terreno. Confirmamos.

Através de Gonçalo Esteves Tavares, alcaide de Tarifa e primo de D. Pedro de Meneses, chegava a confirmação da vinda dos mouros para um primeiro cerco sobre Ceuta. O conde estava, contudo, já informado da sua preparação através de alguns homens de uma barca do alcaide de Gibraltar feitos prisioneiros⁴²², entre eles um alfaaqueque, e ainda por mais alguns mouros de uma zavra de Tituão, entretanto também aprisionada⁴²³, pelo que, a 13 de agosto de 1418, um domingo, na alvorada, quando as atalaias repicam, o capitão não se mostra de modo algum surpreendido. Porventura tentando acalmar os ânimos, assegura aos seus homens que D. João I fora já avisado pelo alcaide de Tarifa e que a ajuda não deveria tardar⁴²⁴.

A ajuda possível, enviada pelo reino para o primeiro cerco a Ceuta, chegava contudo atrasada:

“Quando assy estes Senhores chegaram a Cepta, nom foram muy contentes, porque hy nom acharom os Mouros; caa tamanha vontade aviam de se combater com elles,

⁴²⁰ Ver *infra*, nota 432.

⁴²¹ Permanecem as dúvidas sobre a ocorrência de um segundo cerco sobre Ceuta, a narrativa de Zurara é confusa, deixando no ar a incerteza; alguns autores, como David Lopes e, mais recentemente, Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga, sugerem a existência de dois cercos distintos, o segundo logo em 1419 (DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta 1415...*, *op. cit.*, p. 236, nota 197). Porém, da leitura da Zurara é possível apontar que a 13 de agosto de 1418 era dado o alerta para aquilo que o cronista designa como cerco a Ceuta (ZURARA, CCDPM, Livro I, Cap. LXII, p. 188) e que o mesmo, depois de narrar uma série de acometidas e episódios individuais, termina dizendo: “e estas saõ as cousas que se passáraõ naquelles cinco dias, que os Mouros desta vez estiverom sobre a Cidade” (ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXX, p. 213). No capítulo seguinte (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXI, p. 214), Zurara diz que na terça-feira seguinte à partida dos mouros, o conde soube por quatro cartas que lhe enviaram de Tarifa que haviam de voltar sobre a cidade. E porém mais conclusiva é a afirmação do cronista: “e bem devem de consirar, Cidade que duas vezes fora cercada, ainda que muito nom fosse, que nom poderia ter as cousas em tal abastança” (ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXI, p. 240).

⁴²² “E per este Alfaaqueque, e pelos Mouros, que tomarom na Barca, soube o Conde, que tanto que passasse a Pascoa do Carneiro, logo se os Mouros aviam d’ajuntar pera virem cercar a nossa Cidade, como se de feito seguio” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LIX, p. 180).

⁴²³ “E também per estes soube o Conde como se o cerco ordenava, e mais que os Mouros da costa queriam armar, pera vir correr a costa do Algarve” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXI, pp. 186-187).

⁴²⁴ Ver *supra*, nota 419.

que receavam, que o medo do primeiro cerco os faria cobrar temor, porque nom viessem ao segundo”⁴²⁵.

Mas, segundo as informações que o conde tinha, um outro cerco estaria a ser preparado: “Porem o Conde lhes contou os recados, que avia, pelos quaes se elle regêra pera escrepver a ElRey”⁴²⁶. Referir-se-ia possivelmente à chegada de quatro cartas de Tarifa, logo na terça-feira seguinte à partida dos mouros, em que lhe afiançavam que o rei de Granada armava a sua frota para vir sobre Ceuta⁴²⁷.

Diz-nos o cronista que mais um alerta tinha chegado ao conde, desta feita por enviados do alcaide de Alcácer, a quem “fez o Conde muita honra, como tinha costume de fazer sempre a todos os que a elle vinham por Embaixadores, especialmente aaquelles, que eram daquelle Alcaide, que antre os Mouros daquella parte lhe mostrava melhor dezejo”⁴²⁸. E que perante o avistamento de fogos na ponta de Gibraltar, o conde aproveitaria a presença destes para confirmar, com cada um deles, o significado de tais ocorrências⁴²⁹.

Rui Gomes, apesar de na altura se encontrar cativo, teria também ele oportunidade, segundo Zurara, de escrever ao conde alertando-o para o ataque mouro⁴³⁰. As informações, como vemos, eram muitas e os sinais preocupantes.

Face ao que se adivinhava, D. Pedro de Meneses faria por sua vez chegar informação a D. João I através de mensageiros transportados até Tarifa⁴³¹. Reitera o cronista que “o Conde consírando como este feito se aparelhava pera ser de verdade, pois per tantas testemunhas era

⁴²⁵ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 219.

⁴²⁶ *Idem, Ibidem*.

⁴²⁷ Ver *supra*, nota 363.

⁴²⁸ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXI, p. 214.

⁴²⁹ “E fez hy vir hum dos Mouros, fazendo-lhe grandes promessas, assy de lhe guardar o segredo, como de lhe fazer por ello mercê, que lhe dissesse, o que sabia daquella vinda, e tanto lhe rogou sobr’ello, até que o Mouro antre a esperança do ganho, e a quentura do vinho, disse quanto sabia, especialmente afirmou o trauto, que era antre ElRey de Graada, e ElRey de Féz, pela guisa que jaa lhe escrepverom de Tarifa: e aquelle fogo *he sinal*, disse o Mouro, que as Fustas, e frota tom jaa de todo prestes, e que se percebam porem os da terra; e tambem vam pelo Embaixador, que foi a Graada, e esto, Senhor, disse elle, avee por muito certo. O Conde por se certificar melhor fez inda vir o outro em sua parte, o qual lhe afirmou todo, o que lhe o outro dissera, nom desviando nenhuma cousa” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXI, pp. 214-215).

⁴³⁰ “E per aquella mesma guisa o escrepveo Ruy Gomes de lá donde estava cativo” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXI, p. 215).

⁴³¹ “O Conde vendo quanto lhe compria, d’ElRey ser avisado de semelhante feito, escrepveo logo trigosamente mandando com aquellas Cartas dous seus criados, homens de que elle avia boa esperança, que se per caso, algum adoecesse, que o outro podesse seguir a viagem: e porque estes messageiros podessem mais prestesmente ser levados, mandou o Conde a Diogo Vazques, que armasse o Bragantim, e que os pozesse em Tarifa” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXII, p. 216).

provado e que alem daquestes lho escrepveram homens, que ElRey tinha pera esto em Sevilha, e em Tarifa avisados pera taes cousas, enviou logo outros messageiros a ElRey”⁴³².

A confirmação de que estes messageiros haviam cumprido a sua missão chega-nos pela pena do cronista: “e em esto chegarom as primeiras Cartas do Conde Dom Pedro como estava cercado, que lhe fosse socorro, as quaes foram feitas logo no segundo dia, que os Mouros achegaro”⁴³³. Refere-se o cronista ao segundo dia do primeiro cerco. O rei e os infantes no reino eram, contudo, já avisados⁴³⁴. Diz Zurara que, “como aquella Villa de Tarifa he vizinha do Regno de Graada especialmente de Gibraltar, como se os Mouros começáráõ de correger pera hir cercar a Cidade, logo o Alcayde daquella Villa teve cuidado de escrepver a ElRey, avisando-o, que se queria defender a sua Cidade, que lhe enviasse trigosamente socorro”⁴³⁵.

Apesar dos alertas de uns e de outros, a narrativa deixa transparecer alguma hesitação no envio da ajuda, a prontidão não era a melhor e Ceuta não ficava logo ali ao lado⁴³⁶. A distância pesava na comunicação; ainda que esta se fizesse com alguma facilidade entre a praça-forte e o reino, ela era demasiado morosa, pois só então “chegáráõ as Cartas do Conde, nas quaes recontava como os Mouros, que o tinham cercado eram jaa partidos”⁴³⁷. Refere-se o cronista ao levantar do primeiro cerco mouro. A ajuda tinha já seguido: “E do Reino do Algarve partirom Micer Carlos filho do Almirante, e Affonso Vazques da Costa, os quaes se foram logo ouvindoo o primeiro recado, com quanta gente poderom aver”⁴³⁸. A proximidade territorial do reino do Algarve regulava a chegada da informação e a prestação de ajuda, como o próprio cronista sublinha: “E certamente, que depois, que aquella Cidade foi tomada aos Mouros, os daquelle Reino trabalharom em ello muito; caa como estavam mais ácerca, assy aviam as novas primeiro”⁴³⁹.

⁴³² *Idem, Ibidem.*

⁴³³ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 218.

⁴³⁴ “Pouco espaço estiverom os Infantes com seu Padre naquelles Paços da Serra, onde o acharom doente, quando achegarom as Cartas dos primeiros Mouros, que eram em Cepta, as quaes lhe enviarom de Tarifa, porque ainda o Conde nom tivera vagar de o escrepver” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 218).

⁴³⁵ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVII, p. 228.

⁴³⁶ “E porque jaa dias avia que ElRey sabia, que os Mouros aviam de vir pelos recados, que lhe o Conde enviára, como jaa ouvistes, mandou logo ao Infante Eduarte, que se fosse a Lisboa, e que fizesse aviar a frota, de guisa que estevesse prestes, que se o Conde escrepvesse [...] e entre tanto algum outro recado virá, que nos avise do que nos convenha fazer” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 218).

⁴³⁷ *Idem, Ibidem.*

⁴³⁸ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 219.

⁴³⁹ *Idem, Ibidem.*

O conde, mais uma vez alertado por Tarifa e vendo que “os Mouros cada vez recreciam assy da parte do maar, como da terra”, decide enviar novo mensageiro ao reino, para que D. João I seja “avisado do ponto em que somos, e mais do em que esperamos de ser”⁴⁴⁰.

Ainda que a narrativa do cronista seja algo confusa, denotando ela própria desfasamentos entre comunicações e acontecimentos no terreno, julgamos ter deixado patente a importância da troca de informações, dos agentes envolvidos e dos locais privilegiados para o efeito.

A informação era, como temos vindo a evidenciar, fulcral para um e para o outro lado da contenda. A prová-lo deixamos aqui mais alguns exemplos. Perante a informação em 1432 de que o conde D. Pedro se ausentara da praça-forte para visitar o reino, um ataque mouro foi de pronto considerado. A comunicação de Allazoto, senhor mouro, aos seus acólitos, evidentemente ficcionada por Zurara, dá-nos uma perspetiva do conhecimento que havia do que se passava no seio dos portugueses: “Chamei-vos, disse elle, a este lugar pera vos dizer as novas, que ouve de Cepta, e esto he, que o Velho, que alli está por Capitaõ, he partido pera o seu Regno, donde elle he natural, porque parece, que vai fallar a seu Rey; que segundo me escrepvem, que leixar aquella Cidade ao seu Filho”⁴⁴¹. Zurara já havia advertido o leitor (umas linhas antes) de que por Alfaqueques ou por falsos cristãos que os mouros tinham infiltrado na praça-forte, quase sempre eram sabedores, principalmente das coisas mais gerais⁴⁴². . . De coisas gerais e algumas com mais pormenores, como se pode ler: “pois sabemos, que os de cavallo nom passam de trinta, e que nom ha hy Capitaõ, que os saiba reger”⁴⁴³.

Mas o filho do conde, D. Duarte de Meneses, então ao comando da praça, não descuidara a vigilância, pelo que, ao aviso das atalaias da cidade, as trombetas fizeram soar o alerta⁴⁴⁴. Diz-nos o cronista que a mortandade foi grande entre os mouros, incluindo Allazoto, que se retiraria do campo de batalha ferido de morte.

A forma de agir de D. Duarte, na ausência do conde, é em tudo semelhante à do capitão. Os processos de fazer a guerra em Ceuta foram durante os longos anos da capitania do conde suficientemente comprovados e sedimentados, pelo que basicamente nada havia a alterar.

⁴⁴⁰ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVIII, p. 230.

⁴⁴¹ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXVIII, p. 333.

⁴⁴² Ver *supra*, nota 371.

⁴⁴³ *Idem, Ibidem*.

⁴⁴⁴ “E sendo junto com a Cidade, as Atalayas ouverom vista delles, caa entráaõ de dia, e foram-se lançar em cillada acerca dos moinhos do Canaveal, do que Dom Duarte foi logo avisado, e fez tanger suas trombetas” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXVIII, p. 334).

Da narrativa do comando interino de D. Duarte disse nos vamos apercebendo:

“mandou Dom Duarte saber pelas Comarcas d’arredor, onde poderia fazer alguma cousa, em que elle cobrasse nome de quem elle era, e ainda do que dezejava ser [...] e com esta vontade mandou ao Adail com seus Almocadens a ver o que dissemos; os quaes lhe tornaram com recado, como em Benexeme estavam por Fronteiros cincoenta de cavallo, nom com pequena esperança de guardar muy bem aquella terra”⁴⁴⁵.

Mostrando também ele ser homem “avisado”:

“e assy trazia os Adaïs, e Almocadens ajuntados assy per benefícios, e favor, que nunca pensavam senaõ como lhe buscariam cousas de sua folgança, e tanto andarom per suas enculcas, que vierom a saber como os Mouros d’Alfageja faziam huma voda, em que entendiam fazer grande festa, porque assy o noivo, como a noiva eram filhos de Mouros, que aviam boas fazendas, e bons parentes, e soube ainda, como todo seu gado andava fora d’Aldêa, e a mayor parte era no campo. Este segredo calou Dom Duarte, que o nom disse a nenhuma pessoa; e hum Domingo como ouvio Missa mandou fazer sinal de cavalgar, e sahio fora da Cidade, avisando a todos, que nom levassem nenhum homem de pee, salvo as Escuitas, que mandou, que o seguissem”⁴⁴⁶.

Renderia esta cavalgada, segundo o cronista, 340 cabeças de gado⁴⁴⁷. O segredo continuava a ser a chave do sucesso. Dentro do mesmo paradigma, outras cavalgadas se seguiram, como as levadas a cabo sobre Benaazem⁴⁴⁸ ou sobre Boburim⁴⁴⁹, recorrendo como podemos perceber aos mesmos homens de terreno a que o seu pai recorria⁴⁵⁰.

⁴⁴⁵ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXIX, p. 337.

⁴⁴⁶ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXX, p. 339.

⁴⁴⁷ Ver para mais pormenores *Idem, Ibidem*, p. 340.

⁴⁴⁸ “Neste mesmo anno poucos dias depois que Dom Duarte trouxe novas d’Alfageja, lhe trouxerom as Escuitas recado, como em outro Lugar, que se chamava Benaazem estava hum Mouro honrado, que se chamava Cega Mucy, Irmaõ que fora d’Aabu, com peça de bons Mouros homens pêra feito, e fez prestes sessenta de cavallo, e duzentos e sessenta de pee, antre Beesteiros e outra gente, e como foi o sol de todo afastado deste nosso emisferio, partirom da Cidade...” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXI, p. 341).

⁴⁴⁹ “E entre tanto ouve seu Filho Dom Duarte novas, como em hum Aduar, que se chamava Boburim avia boa povoraçaã, e por se certificar melhor do que se poderia fazer, mandou laa suas Escuitas” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXII, p. 342).

⁴⁵⁰ “Avisando Martim de Çamora, e outro que se chamava Vicente que levassem certos homens de seu officio, que fossem diante fazendo o caminho em aquelles lugares onde sentisse, que cumpria, hindo Dom Duarte com a outra gente nas costas” (*Idem, Ibidem*).

Nestas ações, como em outras, a utilização das trombetas para coordenar o movimento é uma constante; seja para recolher⁴⁵¹, seja para reagrupar e incentivar ao ataque⁴⁵². Como se pode perceber, num código de entendimento sem margem para que houvesse mal entendidos: “fez dar ás trombetas, e começou a seguir apos os Mouros, e os que hiam diante, ouvindo aquelle som fizeram a volta”⁴⁵³. Aliás, o conde, quando presente, dava o mote, pois perante uma investida dos mouros que punha em causa a vida de alguns cristãos, entre eles o fidalgo Tristão do Vale, logo “mandou fazer ás trombetas sinal de sahida”⁴⁵⁴, evitando-se dessa vez o pior.

Como já descrito em capítulo anterior, estas eram as formas mais comuns de comunicação próxima, a que podemos associar ainda o uso de alguns artefactos, como bandeiras e pendões que, para além de identificativos⁴⁵⁵, eram facilitadores da comunicação. Serviam inclusive para informar o oponente de que queriam parlamentar e não guerrear⁴⁵⁶ – um pano singelo podia desempenhar a mesma função⁴⁵⁷ –, mas também eram utilizados para distrair e ludibriar, a ilusão e o engano eram de uso recorrente. A forma como a Torre de Bulhões mudou de mãos, no apertar do cerco sobre Ceuta, denota a criatividade e a dissimulação a que se chegava para enganar o inimigo:

⁴⁵¹ “E alli vio Dom Duarte que era tempo de se recolher, e fez tanger suas trombetas em sinal de recolhimento” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXVIII, p. 335).

⁴⁵² “E como D. Duarte viu, que elles começavaõ de tomar recêo de se chegar fez dar ás trombetas pera fazer sinal á gente, que se chegasse, o que nom foi grave de cumprir” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXII, p. 343).

⁴⁵³ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXIX, p. 338.

⁴⁵⁴ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXIII, p. 346. Trombetas de que já vinha fazendo uso há muito tempo: “Alli vio o Conde a ora, que elle em tal dia dezejava, e fez logo dar ás trombetas, a cujo tom as outras ceilladas sahirom donde estavaõ, e foi alli hum ajuntamento muy lédo pera os Christãos, e triste pera os contrairos; caa em muy breve foi o campo todo cheio deles” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXX, p. 91).

⁴⁵⁵ “Levai hum Pendam de minha devisa estando naquellas partes d’Almina, e por cousa que vejais, que as Fustas fazem, nom leixeis a dita guarda, salvo se virdes, que querem dar escala, onde os Mouros som derribados; caa acontecendo tal cousa, entam vos encomendo, que acuda alli ametade de vós, e a outra ametade fique todavia com meu Pendam; e quando vierdes, seja o mais escusamente, que poderdes, porque os Mouros nom possam entender, que nenhuns se movem de donde estaõ” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXIII, p. 191). E num outro ponto da crónica “Vede, disse Gonçalo Velho, como alli veem Pendões, que trazem pontas, o que nenhuns Mouros uzam trazer: e sendo todos certificados da verdade avivaram-se tanto, que começaram a terceira pelêja com os contrários” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. IX, p. 273).

⁴⁵⁶ “Da parte da Almina os das Fustas quizerom filhar terra, e quando virom a gente como estava aparelhada pera os receberem, nom quizerom tentar semelhante sahida, soamente huma dellas, que poz hum Pendaõ por sua segurança, e disse, como alli tinham os cativos, que filharom em Bulhões. Martim de Crasto lhe respondeo, que se fossem embora, ca lhe nom fallariam sem licença do Conde” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXVII, p. 204).

⁴⁵⁷ “As Fullas forom via d’Almina, onde fizeram mostrança, que queriam tomar terra; mas tanto que virom os Beesteiros estar prestes pera os receber, nom ousarom d’acabar o que tinham vontade, antes se tornarom atrás, onde hum co pano fez sinal de falla” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXVIII, p. 206).

“e huma cabeça de hum Mouro, que os do muro da Cidade matarom, a qual levavam assy alta em huma lança, e as bandeiras arrastando, dando voz, que o Conde era morto, e que aquella era sua cabeça, e as bandeiras d’EIRey de Portugal, requerendo-os, que se dessem de sua vontade, pois o contrario lhes nom prestava: e dizem, que pensando os nossos, que esto era verdade, outorgarom de se darem sem outra mostrança de defeza; e de huma, e outra guisa certo he, que as bandeiras foraõ assy fingidamente mostradas, e elles presos, e a Torre filhada”⁴⁵⁸.

Refere também o cronista que numa das ações sobre a praça-forte, levada a cabo por um jovem mouro de Fez, de nome Mulley Bucar, cerca de 100 homens trajando as vestes dos seus servidores e sem arreios nas montadas procuravam atrair os Portugueses para uma cilada, fazendo-se passar por gente simples que por ali andava⁴⁵⁹. Importa notar que estes homens, no seu caminho para Ceuta, são alertados pelo comandante mouro: “nom curemos de nenhuns dos da terra, nem saibam o que queremos fazer, caa jaa como antr’elles andam alguns tornadiços, logo os Christãos sam avisados”⁴⁶⁰. Especialmente em tempos de conflito armado, a suspeita e o cuidado andam de mãos dadas.

Tal como comunicavam as tropas de Nuno Álvares Pereira ou as gentes sitiadas em Almada com o Mestre da Avis, como antes vimos através Fernão Lopes, também os mouros trocavam mensagens entre si, mesmo de um lado para o outro do Mediterrâneo!

Mensagens de teor qualitativo, em que alertavam os seus correligionários para a partida de meios marítimos portugueses em direção à costa africana (ou de meios próprios que partiam para um ataque mouro a Ceuta)⁴⁶¹; mas também mensagens de teor quantitativo, em que indicavam o número de embarcações que compunham a frota que partia, através do número de fogueiras ateadas⁴⁶².

⁴⁵⁸ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXVI, p. 199.

⁴⁵⁹ “E tomáraõ em humas Aldeas Mouros, que sabiam bem a terra, e encaminharom-os como entrassem de noite, e os lugares mais azados pera poer as cilladas, e huma dellas lançarom ao Porto do Leaõ, e a outra na Alagoa; e como foi manhã escolherom cento de cavallo, aos quaes mandarom, que tomassem as vestiduras de seus servidores, e que tirassem os arreios ás bestas, e que se fossem contra a Cidade, e que andassem pelo campo como gente temeroza, que andava mais por vêr, que por pelêjar” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVIII, p. 365).

⁴⁶⁰ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVIII, p. 364.

⁴⁶¹ “E assy como os Mouros começavam mais esguardar, assy hiam os Navios mais descobrindo; e alli começaram a fazer muy grandes fumaças contra os Mouros, que estavam sobre [sic] o cerco, mas que seria, caa elles cuidavam, que lhes davam esforço notificando-lhes a vinda d’EIRey de Graada, e por ello nom leixavam d’obrar, no que de ante tinham começado” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVIII, p. 231). No presente caso, o episódio evidencia a sempre possível falha de comunicação, dados os inerentes problemas de codificação/interpretação, já que de um lado se alertava para a partida de meios portugueses em direção a Ceuta e os mouros, que se encontravam no cerco, julgavam tratar-se de meios do rei de Granada que iam em seu apoio.

⁴⁶² “Daquella parte da Almina ouverom conhecimento das grandes fumadas, que se per toda-las partes daquella costa antre seus amigos faziam, e suspeitando, que nom era sem algum grande misterio de alguma manifesta

Este uso mouro é do conhecimento do conde e dos outros senhores na praça-forte⁴⁶³. Conhecimento de vivência feito, como deixa transparecer Zurara: “caa elle bem conhecia, que semelhante sinal nom podia sinificar senaõ grande ajuntamento, quanto mais pelo que jaa d’antes sabia”⁴⁶⁴. Mas não da arraia-miúda que vem com as forças de auxílio do reino⁴⁶⁵ e que Zurara aproveita sub-repticiamente para criticar.

Este uso das “fumadas” servia também, do lado mouro, para o pedido de socorro próximo⁴⁶⁶, alertando para o ataque dos cristãos e convidando à solidariedade dos iguais.

Evocamos aqui um outro episódio em que é referida a utilização de fogos, pela possibilidade que ele nos dá de apreciar a visão etnocêntrica dos portugueses perante a alteridade. Numa ação sobre Tituão, em 1435, repousando os portugueses por momentos em Alminhacar, diz Zurara que começaram a aparecer fogos em vários locais e “hũas animalias, que ha naquella terra, que chamaõ Adibes começaram de uivar”; diz então Zurara que estes uivos se parecem “com as vozes da gente da terra, e muitas vezes nom sabem as gentes dar

contrariedade, mandarom hum homem ao Castello d’Almina avisando-o, que esguardasse contra a sahida do Estreito se veria cousa, que os em alguma guisa podesse torvar, e tanto que aquelle foi em cima vio como hum Navio se encostava contra a ponta de Bulhões, e assy fez hũ fogo, e logo apos aquelle vio outro Navio, e por semelhante fez outro fogo; e a esto atendiaõ jaa tambem os Mouros d’Aljazira, como os da Almina, pelas grandes fumadas, que avia peça que viam, e quando huns, e os outros virom aquelles dous fogos sentirom, que eram Navios, que vinham a socorro, e começáraõ logo de se torvar, e floxar algum tanto de seu combate, mas nom tardou muito quando o Mouro fez dez, ou doze fogos ajuntadamente, e depois espalhou o fogo per toda-las partes em sinal, que os Navios eram tantos, que os nom podia jaa contar” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIX, pp. 232-233). Este episódio reporta-se à chegada da frota de socorro portuguesa, em 1418-19.

⁴⁶³ “Hum Domingo á noite pareceo sobre o mais alto monte da Ximeira hum grande fogo, o qual durou por espaço de quatro horas, a qual cousa vista pelo Conde, e pelos outros Senhores, que tal sinal nom era senaõ aviso para os Mouros de Graada” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 220). O fogo seria um aviso para o segundo cerco a Ceuta.

⁴⁶⁴ *Idem, Ibidem*.

⁴⁶⁵ A arraia-miúda sugeria que o conde fingia os alertas que lhe chegavam: “Que ficára taõ espantado dos primeiros Mouros, que fingira assy aquelles recados por lhe a gente ser enviada, e ter com elles ousio...” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 219). Diz Zurara, que se mostrava impossível convencer os homens dos barcos a desembarcarem, eles continuavam a achar que era tudo ‘teatro’ do conde: “e porem tiveram logo conselho esta mesma noite, de se perceber; mas quem poderia meter em cabeça á gente, que era nos Navios, que se tornassem outra vez em terra. Agora cremos nós, diziam elles, o trabalho em que ElRey he com este homem, o qual como vee hum pouco de fogo, que alguns pastores fazem pera se aquentar, ou pera fazerem de comer, logo mete em alvoroço todo o Regno de Portugal, tam amederontados ficárom daquelles Mouros, que as sombras das arvores lhes fazem espanto” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXIII, p. 220).

⁴⁶⁶ Como aconteceu no ataque de D. Duarte à aldeia de Boburin, em 1434, por nós já referido, em que os mouros alertam os lugares vizinhos de que estavam a ser atacados: “muitos eram fora do lugar, que andavam fazendo suas fumadas, com que avisavam seus vizinhos do trabalho, em que estavam” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXII, p. 343). Num outro episódio, já em 1436, Bucar Caudil, senhor mouro, tendo “suas Atalayas como homem muy avisado naquele mister”, perante o ataque dos homens de D. Duarte “fez fazer suas fumaças pelas quaes a gente da terra d’arredor conheceo seu trabalho, e assy acudirom muy trigosamente”. Reconhecendo assim os atacantes que “elle nom vem a nós porque tem jaa a terra afumada, e espera pela gente” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVII, p. 360). Ações e reações esperadas, de um e do outro lado...

diferença de seus uivos aos apellidos dos Mouros, como fizeram naquella hora, que se juntarom logo todos pensando, que eram os imigos”⁴⁶⁷.

Se dúvidas houvessem acerca da função dos fogos que naquele momento se avistavam por muitas partes, um escuta “a que se em toda-las cousas daquelle officio dava mayor autoridade” afirmava perentoriamente a D. Sancho de Noronha, que o inquirira, “caa a verdade he, que nós fomos sentidos, e estes Mouros avisam-se huns aos outros como gente, que se quer ajuntar, pera vos ter o caminho, ou vos dar pelêja se se acertarem com vosco em lugar onde o possam fazer”. Diria ainda o escuta, aos fidalgos que o ouviam, que os mouros “tem suas fallas antre sy, e seus sinais concertados, porque se ajuntem em breve, quando tal cousa sobrevier”⁴⁶⁸.

Precisamente para evitar ser detetado pelo inimigo, partia-se o mais furtivamente possível para as mais diversas missões de entrega de missivas⁴⁶⁹, de exploração e, especialmente, de ataque⁴⁷⁰. Parte-se quando a noite sobrevem⁴⁷¹, ou pela “boca do serão”⁴⁷² ou ainda, como refere o cronista, quando o sol é “de todo afastado deste nosso emisferio”⁴⁷³.

Alguns dos episódios da crónica dão-nos, por outro lado, fazendo fé em Zurara, uma perspetiva do tempo que podiam durar as missões de reconhecimento dos objetivos a atacar. Vejamos: “Querendo o Conde uzar de sua acostumada providencia, em saber o que seus imigos faziam, ordenou de enviar tres homens, que jaa em outro tempo foram Mouros, os quaes trazia por enculcas [...] e estes foram postos per hum Bargantim ácerca de Tituaõ, onde jouverom assy tres dias”⁴⁷⁴. No seguimento, um outro escudeiro, conhecedor da comarca por lá ter estado

⁴⁶⁷ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXV, p. 351. O adibe é uma espécie de chacal.

⁴⁶⁸ *Idem, Ibidem*. D. Sancho de Noronha era um fidalgo mancebo, neto de D. Henrique de Castela e de D. Fernando, que de visita a Ceuta procurava prestar serviço ao rei e “acrescentar em sua honra”.

⁴⁶⁹ “E que logo esta noite vos enderenceis de partir o mais escusamente, que poderdes, de guisa que ElRey meu Senhor em breve possa per vós ser avisado do ponto em que somos, e mais do em que esperamos de ser”, dizia o conde D. Pedro a um seu homem, a quem encarregava da entrega de uma missiva (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVIII, p. 230).

⁴⁷⁰ “Sahio Dom Duarte ao seraõ, e andou assy com aquelles peça da noite” para uma investida sobre a aldeia de Benagara em 1435 (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVI, p. 357).

⁴⁷¹ “A estes tres Capitães chamou o Conde, e amoestou-os, que tevessem tal aviso, que per sua mingoa nom se recrecesse algum perigo á outra companhia, avisando-os da maneira, que tevessem em sua viagem, os quaes bem ensinados do que lhes compria, como sobreveio a noite partirom da Cidade” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. X, p. 276).

⁴⁷² “De guisa que sobre a boca do seraõ começou de fazer sua viagem, dêz y fez vogar sua Fusta com suas vogas largas, e mantas, perque os Mouros nom ouvessem razaõ de conhecer, que a Fusta era de Christãos” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXXVIII, p. 230). Partia de noite e de forma camuflada.

⁴⁷³ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXI, p. 341.

⁴⁷⁴ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XV, p. 288. Com dois deles durante a missão a querer trair o conde, riscos que sempre se corriam: “que devia hum delles tornar ao Conde, e dizer-lhe como os dous ficavam sobre as vacas, e que por alli o faria hir a lugar, onde o podessem matar, ou prender” (*Idem, Ibidem*).

cativo e pelas muitas idas e vindas que já depois ali fizera, requereria ao conde uma autorização para ir vigiar tal lugar. Especifica Zurara que este escudeiro “buscou outro, que o fosse aajudar aaquelle trabalho, onde durarom quatro dias, em fim dos quaes trouxerom recado”⁴⁷⁵.

Num outro caso, tentando D. Pedro de Meneses agradar aos recém-chegados a Ceuta, Rui Dias de Sousa (filho de D. Lopo Dias, mestre da Ordem de Cristo) e a Gonçalo Rodrigues, fidalgos mancebos que queriam “acrescentar em sua honra”, enviou dois homens em reconhecimento de uma aldeia próxima de Tituão; “os Escuitas partiram de Cepta, e andarom laa oito dias, até que se avisáraõ de todo o que lhes compria”⁴⁷⁶. No dia do ataque, seriam estes a avançar na dianterira “por sentir alguma cousa se hy ouvesse, que a seu Officio coubesse saber”⁴⁷⁷.

Numa outra passagem da crónica, diz Zurara que, com o intuito de desencadear uma cavalgada sobre a aldeia de Benagara, junto a Tituão, o próprio D. Duarte envia Vicente Pires a perscrutar o local; este último “foi-se lançar sobre a Aldeã dous dias, e vio como estava povorada, salvo, que tinham escuitas ao porto, ate cerca da manhã, e que dês alli por diante hiam fazer seu proveito”⁴⁷⁸. Na posse da informação que Vicente Pires lhe trouxe, D. Duarte mandaria de seguida dois escutas aguardar no local a sua chegada com uma força de ataque, que ocorreria pela manhã, quando os vigias mouros tivessem já abandonado os seus postos⁴⁷⁹. A cavalgada resultaria frutuosa graças ao reconhecimento inicial efetuado.

Já numa outra altura, em março de 1432, em que o conde envia alguns escutas a Meigece para lhe “tomarem língua”, Zurara não consegue ser tão preciso, diz-nos apenas que “enviando laa suas Escuitas, andaraõ aquelles dias, que sentirom que compria, e nom poderom tomar nenhum Mouro, nem Moura, per que se o Conde podesse aviaar, do que dezejava saber: e porém

⁴⁷⁵ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XV, p. 289.

⁴⁷⁶ “[O Conde] avisou logo Martim de Çamora, e outro que se chamava Vicente, (cremos, que fôra Mouro) que fossem Escuitar huma Aldea, que se chamava Cencem, a qual era a par de Tituaõ, encarregando-os, que tevessem bom cuidado em se certificar do que a elle prazia saber. Os Escuitas partiram de Cepta, e andarom laa oito dias, até que se avisáraõ de todo o que lhes compria” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXIV, p. 347).

⁴⁷⁷ “Até que as Escuitas disserom, que seriaõ mêa legoa do Lugar; e porque nom eram inda mais que duas horas depois de mêa noite, disserao os Escuitas, que se sustivessem alli, e que naõ fossem mais adiante, até que fosse mais perto da manhã; e elles foram-se em tanto avante por sentir alguma cousa se hy ouvesse, que a seu Officio coubesse saber” (*Idem, Ibidem*).

⁴⁷⁸ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVI, p. 356. Reconhecimento da aldeia de Benagara para posterior cavalgada (1435).

⁴⁷⁹ “Sahio Dom Duarte ao seraõ, e andou assy com aquelles peça da noite, [...], jazendo alli até que seriam dez horas do dia, em que entendeo, que os Mouros estavam seguros de seus contrarios, e que os gados andavam pacendo pela terra com segurança; e alli sahio donde estava, passando o Paul, e poendo a mayor trigança, que pôde em sua hida, e passando o porto acharom seus Escuitas, que os estavam jaa esperando, avisando-os, que tinham segurança de seus contrarios, porque jaa todos eram espalhados cada huns per onde entendiam sua prol” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXVI, p. 357).

avisaram as Aldeas o melhor que poderom”⁴⁸⁰. Aliás, o conselho do Conde aos seus homens, numa ação que então preparava no início da permanência portuguesa em Ceuta, é ilustrativo da exigência de resultados do capitão da praça-forte, mas também do reconhecimento da imprevisibilidade do tempo necessário para o cumprir: “porem hy vós laa esta noite com entençaõ de me muito bem saberdes todo, e me tornardes com o recado, pera aver conselho sobre a maneira, que nello devo ter; e ante retardai mais algum tempo, que vos virdes sem certa sabedoria”⁴⁸¹.

Do emprego destes homens de terreno, nomeadamente “enculcas” e “escuitas”, podemos inferir capacidades e papéis diferenciados. Distinção que se enquadra na feita por Adelino de Almeida Calado no glossário de termos incluído na sua edição crítica da *“Coronica do Condestabre”*⁴⁸². Este Autor qualifica os primeiros como espiões, enquanto os “escuytas”, na grafia utilizada, são equiparados a sentinelas⁴⁸³.

Da dimensão do primeiro (“enculca”), intuímos da leitura que fazemos de Zurara a capacidade de se infiltrar entre o inimigo. A condição de agente infiltrado, digamos, do rato que joga o “jogo do gato e do rato” no terreiro do gato. De alguém com predicados suficientes para se fazer passar por aquilo que não é. A seguinte afirmação de Zurara é, julgamos, exemplificativa: “e porque o Conde avia novas, que hũa enculca de Gibraltar era dentro na Cidade, que era hum Mouro natural destes Reynos, o qual fallava muito bem assy a nossa Lingoagem, como o Castelhana, e pensou que podia ser aquelle”⁴⁸⁴. A vantagem da utilização de alguém ‘nativo’ é algo que surge implícito, dado que normalmente não atraem sobre si suspeitas, pelo menos de imediato. Zurara é, quanto a nós, suficientemente esclarecedor:

“Querendo o Conde uzar de sua acostumada providencia, em saber o que seus imigos faziam, ordenou de enviar tres homens, que jaa em outro tempo forom Mouros, os quaes trazia por enculcas, caa nom podia elle achar y quem os taõ bem fezesse, querendo elles manter lealdade, assy pela terra, que sabiam, como pela

⁴⁸⁰ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXVII, p. 330.

⁴⁸¹ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXVI, p. 77.

⁴⁸² *Estoria de dom Nuno Alvrez Pereyra*. Edição crítica da “*Coronica do Condestabre*”, com introdução, notas e glossário de Adelino de Almeida Calado, Coimbra, Coimbra Editora, 1991.

⁴⁸³ No presente caso, ver Glossário em *Estoria de dom Nuno Alvrez Pereyra ...*, *op. cit.*, pp. 215-216.

⁴⁸⁴ ZURARA, CCDPM, Livro I, Cap. LX, p. 181.

lingoagem, e natureza, que avia antrc aquelles; e nom pareça esto mingoa d'avisamento, caa se nom podia fazer per outra guisa”⁴⁸⁵.

Sublinha o cronista que o emprego de mouros não era falta de cuidado do conde, apenas não se podia fazer de outra maneira, quisessem eles manter a lealdade e seriam os melhores. Aliás, como vimos, os ‘infiéis’ socorriam-se dos mesmos processos⁴⁸⁶.

Por tudo isto, a incerteza era latente, o enculca era alguém sempre potencialmente presente. Numa das acometidas sobre Ceuta, Zurara chama a atenção, através de um breve comentário, para o conhecimento preciso que os mouros tinham da altura das muralhas: “bem pareceo, que o Mestre, que estas escadas fizera, avia bom conhecimento do muro, ou aquelles que lhas mandarom fazer; caa eram iguaes com a altura daquella muralha”⁴⁸⁷. É evidente que Ceuta fora reduto mouro e esse conhecimento podia vir dessa altura, contudo não é de desprezar a ideia que a informação fosse dada por alguém infiltrado, já que o pano de muralha vinha naturalmente sofrendo alterações e melhoramentos...

Do segundo, do “escuta”, se percebem duas realidades: uma, atuando próximo das próprias linhas de defesa, como detetor de intrusões⁴⁸⁸; uma espécie de sentinela que, por vezes, se confunde mesmo com o terreno; a outra, atuando internado em território inimigo, como batedor de terreno, como guia, mas sobretudo como descobridor, perscrutador e observador do inimigo, que recolhe a informação que facilitará o ataque a interesses inimigos⁴⁸⁹. As palavras do conde, numa ação desencadeada sobre Vale de Castelejo, esclarecem-nos sobre a multiplicidade de emprego destes homens, que espiam, que reportam a informação recolhida e que permanecem vigilantes em terreno inimigo enquanto o golpe se prepara⁴⁹⁰.

⁴⁸⁵ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XV, p. 288.

⁴⁸⁶ Ver *supra*, nota 371.

⁴⁸⁷ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXX, p. 213. Trata-se dos episódios finais do primeiro cerco a Ceuta, em que os homens do conde conseguem ‘apreender’ as escadas de assalto dos mouros.

⁴⁸⁸ “E porem tornáraõ outra vez a lançar suas cilladas, a saber, huma na Boca d’Asna, e outra dentro em Aljazira; as quaes foram sentidas pelas Escuitas, e assy o disserom logo ao Conde pera avisar a Cidade como cumpria” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XX, p. 56). E também: “porque lhe os Escuitas tinham dito, que sentiraõ em aquella noite muita gente de pee, e e cavallo em aquella parte, como de feito era” (*Idem, Ibidem*, Cap. XX, p. 57). Num outro caso, diz Zurara que “mandou o Conde suas Escuitas fora, por lhe avisarem a terra, porque no outro dia queria dar lenha pera carvom; os quaes partirom como lhes foi mandado, mas nom acharom cousa, que lhe podesse fazer empacho: porêm mandarom dizer ao Conde no outro dia, que fosse a aviar sua fazenda, pois era seguro dos contrarios” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XVIII, p. 298).

⁴⁸⁹ “E porêm mandou suas escuitas, que fossem ver hum lugar, que chamavaõ Val de Laranjo, e que esguardassem bem a gente que era, e quanta de peleja” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXIII, p. 64).

⁴⁹⁰ “Porque saõ certo pelas espias, que laa mandei, que moram hy peça de Mouros, e que trazem gado em boa cantidade: ora vós me dizeis como vos parece que hiremos melhor, porque as Escuitas saõ jaa laa esperando per

Designados também por Zurara como “Escuitas da Cidade”⁴⁹¹, estes homens faziam por vezes mais do que uma vigilância próxima, faziam uma vigilância ‘colada aos muros’, detetando atrás das muralhas qualquer quebra de silêncio.

Corriam porém nestas missões, como é fácil de entender, alguns perigos, já que por vezes o cansaço fazia com que adormecessem e acabassem por ser surpreendidos pelo inimigo da pior forma possível, até mesmo quando abandonavam as suas posições⁴⁹².

A expressão utilizada pelo cronista, ainda que aos olhos de hoje e segundo a nossa leitura, é ilustrativa do atuar destes homens, que literalmente “jazem” em sua escuta⁴⁹³. Como veremos de seguida, perante o cerco mouro iminente, alguns almogávares são mesmo aconselhados pelo capitão da praça-forte a permanecer junto às muralhas e a atuar como escutas – silenciosos na sua vigília.

Do trabalho entrecruzado de todos estes homens se tecia a rede que ia assegurando a possessão da praça-forte e que procurava debelar cada um dos ataques inimigos.

Perante o primeiro cerco mouro a Ceuta, as ordens do conde são sugestivas dessa coordenação de esforços:

“que em todo-los Caramanchões dormissem aquelles, que a elles eram ordenados de vellar, e roldar, acrecentando hy certos Escudeiros, aos quaes mandou, que se nom partissem dalli até que aquelle feito ouvesse fim; e na barreira mandou, que

nossa hida” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXVI, pp. 77-78). E no dia do ataque: “As escuitas vierom logo ao Conde a darlhe novas do assecego, que os Mouros tinham” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXVI, p. 78).

⁴⁹¹ “E vierom sobre a Cidade lançando de noite suas cilladas, pera vêr se podiam tomar alguns dos nossos descubridores, ou dos que sahiam á erva; os quaes foram sentidos pelas Escuitas da Cidade, e pelos Almogavares, que andavam de fôra; e logo assy de noite como os sentiraõ, vieram com recado ao Conde” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXVII, p. 81). Este tipo de trabalho era sempre complementado por aqueles que mais comumente andavam fora, como já referimos.

⁴⁹² “E acertou-se, que as Escuitas, que alli eram adormecerom; caa era jaa contra a vella da manhã, onde o sono mais carrega aos homens; e os Mouros jouveraõ assy até que foi dia claro, que as Escuitas se foram a pescar fôra do muro, e outros quatro homens, que vinham a tirar covos, foram-se aaquella mesma parte, onde os outros estavam, e os Mouros vieraõ de trás elles, e filharãnos” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XLI, p. 122). O próprio conde, sabedor de novo ataque mouro, alerta os seus homens: “Hy, disse elle, por essas Atalayas, e avisai-vos, que nom passeis mais adiante, ca sei certo, que os Mouros vierom, ou ham de vir oje: não metais a vós em perigo, e a nós em trabalho” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXV, p. 323). Por vezes, acabavam da pior maneira: “mandou o Conde seis daquellas Escuitas fora; e parece, que se nom lançaram assy como lhes era ordenado, a saber, em duas partes, e vierom os Mouros, e meterom-se antre elles, e a Cidade; e elles quando virom o rumor quizerom-se tornar e os Mouros ouverom vista delles, e mataram os cinco, e hum escapou” (*Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXI, p. 312).

⁴⁹³ Por exemplo: “He, que as nossas Escuitas me trouverom recado, que jazendo sobre o Canaveal sentirom passar de gente de cavallo, e de pee, açaz muita” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXX, p. 89). O cronista já havia usado a mesma expressão na mesma página na referência que faz precisamente a esta deteção no dia de Santa Cruz (3 de maio de 1416) pela Companhia do almocadém, irmão de Afonso Munhoz. Empregos desta expressão, no mesmo sentido, podem ser encontrados em *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. XXXIX, p. 116 (no caso, empregue em relação a escutas mouros), mas também em *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. II, p. 250 e *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XIII, p. 284.

dormissem os Almogavares, avisando-os, que estevessem calados, como Escuitas, e sobre as portas da barreira mandou dormir certos Escudeiros, e Beesteiros”⁴⁹⁴.

O conde já antes havia mandado alguns escudeiros de sua casa reforçar a cavalo a vela da modorra⁴⁹⁵, os almogávares sair para perscrutar o terreno em volta⁴⁹⁶ e, ainda, as atalaias redobrar as atenções⁴⁹⁷.

E se dúvidas persistissem quanto à chave que foi utilizada para manter, nas condições peculiares conhecidas, a praça-forte de Ceuta, Zurara conclui para nós: “aveis de saber, que o Conde Dom Pedro manteve a Cepta vinte dous annos, e poucos dias mais, governando como Cavalleiro, em que avia grande prudencia, e não menos ardideza”⁴⁹⁸...

Aliás, o conde, para atingir os seus propósitos, deitava mão a todo o tipo de artifícios, inclusive, explorava velhas ou recentes inimizades, chegando a oferecer os seus préstimos a um e ao outro lado da disputa moura:

“chegarom hy novas como ElRey de Féz tinha cercado aaquele gram Marim Çallabemçalla, a qual cousa Pero Gonçalves fallou ao Conde dizendo, que pois aquelle Mouro estava tam apressado, que seria bem de lhe ser cometido, que deixasse a Villa pera ElRey, e que o Conde se obrigasse de o hir aajudar a defender daquelle perigo, em que estava; o que pareceo muy bem assy ao Conde, como aos outros Senhores; e fallando sobr’ello acordarom, que seria proveitoso, que Pero Gonçalves, e seu Irmaõ, e Ruy Gomes fossem em huma Gallé como Embaixadores aaquele grande Marim, e que levassem sua Carta de crença, e lhe fizessem o dito cometimento, e que per semelhante levassem outra a ElRey de Fez dizendo-lhe, que

⁴⁹⁴ *Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXIV, p. 193. Com o capitão de Ceuta a empenhar-se pessoalmente não só na coordenação das ações de defesa, mas também na própria vigia da praça-forte: “No Castello mandou o Conde, que estevesse Gil Vazques pera requerer as vellas, e roldas, e elle ficou naquella guarda que Lopo Vazques sohia de ter, na qual estava Joham Soares seu Irmaõ, até que passou a meia vella, que foi ver toda a Cidade, e dalli se tornou a hum Caramanchaõ, onde dormio” (*Idem, Ibidem*).

⁴⁹⁵ “Que dez Escudeiros de sua caza tomassem encarrego d’andar a cavallo a vella da madorra, porque a da manhã jaa ficava encarregada a outros” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 190).

⁴⁹⁶ “Ora, disse elle, amigos, contra os Almogavares, vós me atravessai esta terra de mar a mar, poendo-vos em tal guisa, que esteis seguros; e des y mandou logo dobrar toda-las vellas, e roldas da Cidade” (*Idem, Ibidem*).

⁴⁹⁷ “E veio tambem recado da Almina daquelles, que lá tinham a Atalaya, e da outra d’Alvaro Affonso, que os Mouros começavaõ a poer arrayal, e fazer choças, e assentar tendas desde as Quintãs pera o mar, e que lhes parecia, que traziam muitas bestas de carrega, e o gado em manadas, comoque queriam manter assocego. Tornai, disse o Conde, e vede se verees algumas Fustas, e vinde-me logo com recado trigosamente” (*Idem, Ibidem*, Livro I, Cap. LXII, p. 190).

⁴⁹⁸ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XL, p. 371.

elles lhe ajudariam a filhar aquelle lugar, com tanto que elle desse pera a Coroa d'ElRey de Portugal a Villa d'Alcacer com certa soma d'ouro⁴⁹⁹.

Ele próprio já havia alertado D. Sancho de Noronha, fidalgo de visita a Ceuta, de que os mouros eram “gente, em que ha muitas arteirices, e sagacezas na guerra”, pelo que, entendamo-lo, ele só procura responder na mesma moeda⁵⁰⁰.

E de arteirices, sagacidade, ardileza e outros temas quejandos viemos nós falando ao longo deste trabalho, sendo agora tempo de o concluirmos.

⁴⁹⁹ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. VIII, p. 265.

⁵⁰⁰ *Idem, Ibidem*, Livro II, Cap. XXXV, p. 351.

CONCLUSÃO

Tendo por base o traçado que expusemos e as considerações que fomos tecendo nos capítulos anteriores, é chegada a altura de apresentarmos uma espécie de conclusão (não fechada) encerradora do percurso que nos propusemos fazer.

Cientes de que o período em que centramos o nosso interesse, a Idade Média, foi palco de uma intensa guerra secreta, em que se registaram diversas práticas de espionagem herdadas de outros tempos e de outros contextos, sentimos a necessidade de recuar no tempo de forma a recuperarmos a utilização da espionagem e da informação inteligente através da História. Dessa visita ao passado e a teatros coevos mais próximos do nosso tema, como a Guerra dos Cem Anos, procurámos capacitar-nos para melhor identificar e entender processos e possíveis influências, para, suportados por esse lastro do passado, partirmos mais bem preparados para escutar as vozes autorais de Quatrocentos.

Com Fernão Lopes e a *Crónica de D. João I*, tivemos oportunidade de, no palco da guerra medieval mais convencional, encontrar diversas formas de espionagem e de utilização de informação inteligente. Na sua trama narrativa, pudemos identificar um conjunto de personagens que buscam e que passam informação privilegiada. Personagens mais ou menos insuspeitas que, ao serviço de reis, de comandantes militares ou de grandes senhores, porfiam nesse sentido. Entre estes, podemos encontrar embaixadores, emissários e mesmo ‘simples’ mensageiros ou trombetas que, no âmbito das suas instituídas e respeitadas funções, aproveitam para conhecer as potencialidades e as fragilidades do inimigo. Neste jogo de sombras, todos os argumentos são válidos, inclusive para, ao abrigo de uma capa cavaleiresca, enviar à última da hora uma embaixada para parlamentar no acampamento inimigo.

Mas, para além destes, também alguns ‘homens da fé’ são, quer pelo ‘hábito’, quer pela sua liberdade de circulação, utilizados como mensageiros, especialmente quando o acesso aos outros é vigiado ou está vedado. Na lista destas personagens incluem-se ainda os homens do terreno, os ‘operacionais’; mais ousados, movimentam-se junto do reduto do inimigo, chegando em alguns casos a nele se internarem para espiar e, por vezes mesmo, a sabotar os seus planos. Designados correntemente por “enculcas”, correm obviamente riscos acrescidos, acabando por vezes os seus dias na fogueira.

Mas a recolha de informação era feita ainda por mais alguns agentes de campo: guias ou batedores (almogávares e almocadéns), atalhias (sentinelas) ou escutas, “cavalgadores” (ginetes) ou “descobridores” que, no seu dia-a-dia, ao bater as proximidades do seu acampamento ou do inimigo, na condução da hoste ou companha, nas suas múltiplas missões,

estavam atentos aos pormenores do terreno e ao inimigo. As expressões utilizadas por Fernão Lopes para identificar as ações levadas a cabo por estes homens são as mais diversas, como por exemplo: “avisar”, trazer “rrecado”, saber “língua do logar que çerta fosse” ou “aver vista”, entre muitas outras. A informação recolhida era muitas vezes canalizada para um adail, responsável máximo pela segurança na movimentação da hoste.

Fica, contudo, evidente, ao longo da narrativa, a preocupação com a legitimidade da informação que chega, porque se umas vezes se tenta sonegá-la, outras ela é libertada intencionalmente, com o intuito de manipular o inimigo, levando-o a agir.

A dissimulação é uma constante. Seja para atingir um objetivo militar, evitando o confronto direto ou o cerco (sempre de desfecho duvidoso), seja para surpreender o inimigo, não lhe dando tempo para se preparar para o ataque. Partiam, por isso, agentes e companhas pela calada da noite (preocupados com potenciais espões inimigos), sinuosamente, tomando direção diversa do destino final, evitando assim cair em ciladas. Executam-se ciladas, golpes-de-mão, fustiga-se o inimigo com cavalgadas, quase sempre com a preocupação de capturar prisioneiros que possam servir de guias ou de informadores.

Num conflito muito particular, como o confronto luso-castelhano, com mudanças de lado, de fidelidades hesitantes e ambíguas, a intriga e a traição estavam sempre à espreita. Traía-se enviando uma mensagem, através de um aceno, da luz de uma candeia, de um virotão disparado por uma besta ou por um arco; mas também franqueando o acesso ao inimigo, sabotando os próprios planos ou dando-os a conhecer ao adversário...

Comunicava-se a mais ou menos a longa distância, através de fumo, se durante o dia, ou de fogueiras, se durante a noite, provenientes de “almenaras” ou de tochas. Alertava-se sonoramente para a aproximação inimiga com recurso a sinos ou a trombetas, ou, mais disfarçadamente, através do derrube de cestos numa qualquer vigia elevada.

Sim, vimos com Fernão Lopes e através da *Crónica de D. João I* diversas formas e processos de recolha, exploração e comunicação de informação inteligente (ou, como refere o cronista, “coisas de bom avisoamento”).

Já com Gomes Eanes de Zurara, tivemos o privilégio de, na sua *Crónica da Tomada de Ceuta*, avaliar o culto do segredo, da manipulação e da dissimulação que envolveu os preparativos daquela que foi uma das mais belas aventuras militares portuguesas da guerra de além-mar. Nesta aventura, que ainda hoje surpreende pelos meios envolvidos e pelo secretismo que envolveu toda a operação, uma embaixada é enviada à Sicília, camuflando as reais intenções de observar a praça-forte de Ceuta, e uma outra é enviada ao ducado da Holanda, para desviar a atenção do objetivo real. Objetivo que era conhecido apenas de um grupo muito

restrito e com instruções muito precisas, para não o divulgar de forma alguma. Na senda desse silêncio se compreende a dissimulação engendrada para dele dar conhecimento ao condestável do reino; e até a sua divulgação tardia no conselho do rei.

Zurara deixa, aliás, bem patente durante toda a narrativa a cultura de segredo que envolveu o projeto desde o seu início e que, inclusivamente, dificultou o trabalho do cronista. Mas, nem por isso deixa de nos dar conta, ao som ruidoso dos muitos preparativos que se faziam no reino, dos mais variados palpites que uns e outros iam adiantando. Chusma de suposições e de boatos, que aumentava a campanha de desinformação e que, por isso, era do agrado do monarca. A chamada que fizemos a palco de Ruy Dias de Vega teve a intenção de ilustrar a bem sucedida campanha de dissimulação e, especialmente, de contrainformação.

A expedição a Ceuta é, por tudo isto, paradigma de que o segredo, mais do que a alma do negócio, é a essência da guerra. E, do âmbito da utilização da informação inteligente, fazem parte a dissimulação, a sonegação da informação ao inimigo e as campanhas de contrainformação.

Com Zurara e com a sua *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* pudemos perceber a ardileza com que o primeiro capitão da praça-forte a conseguiu manter durante os 22 anos em que esteve ao seu comando, pois, como no discurso ficcionado por Zurara diz o bispo de Ávila: “homem percebido é meio combatido”. Ora, para se manter “bem percebido”, D. Pedro de Meneses despendia assaz de sua fazenda, recorrendo, para além de um complexo sistema de atalaias e vigias bem coordenado, a um largo contingente de “enculcas”, “escuitas” e almogávares. Estes últimos tinham um papel preponderante na manobra tática e asseguravam ao conde, para além da possessão da praça-forte, a capacidade de executar missões ofensivas e punitivas sobre o inimigo.

Homem prudente e avisado, D. Pedro de Meneses sempre pugnou por se manter informado. No corrúpio de informações que constantemente lhe chegavam, encontramos como seus provedores, para além das “enculcas” mouras a que recorria e dos escutas, almogávares e almocadéns do contingente português, os alfaqueques que faziam a remissão de cativos, os viajantes que aportavam a Ceuta, alguns alcaldes mouros e os prisioneiros que ia fazendo. Nas muitas cavalgadas e “saltos” em território inimigo que mandava executar, estava sempre implícito capturar potenciais informadores, fossem eles embaixadores inimigos ou gente comum, homens e mulheres mouros. Na descrição que Zurara faz deste tipo de missões, encontramos referência a deslocamentos a locais como Targa, Tetuão, Alcácer ou mesmo Granada; o que nos dá uma perspetiva da vastidão da área abrangida. Informação que, como podemos perceber, tem proveniências distintas e que é confirmada por diferentes agentes no

terreno, incluindo homens da confiança de D. João I em Tarifa e em Sevilha, e que circula por diversos espaços, por vezes mesmo descontínuos. Um desses lugares, Tarifa, pela sua centralidade e corupção de gente e de troca de informação, era primordial e configurava um alvo de especial atenção para cristãos e para mouros, constituindo-se como atalaia distante e autónoma de Ceuta. Tarifa, dada a sua proximidade dos diferentes redutos inimigos (Gibraltar, Málaga e Granada) foi por vezes a primeira a tocar a rebate, quer para Ceuta, quer para o reino.

Cristãos e mouros recorriam, para a transmissão da informação recolhida, a missivas e a mensageiros, mas também, especialmente os mouros, a grandes fogueiras visíveis de um lado ao outro do Mediterrâneo, nada de que já não tenhamos ouvido falar pela voz de Fernão Lopes... mas com outros protagonistas.

Nos nossos dias, os meios tecnológicos disponíveis possibilitam e condicionam; no período em análise, não era diverso, fazendo muitas vezes o engenho humano a diferença. Duas porções de areia, um novelo de fita, meio alqueire de favas e uma escudela permitiram que se construísse uma maqueta rudimentar de representação. Um virotão fendido com um pequeno papel apenso permitia o envio rápido de uma mensagem. Estes são apenas dois exemplos do engenho humano ao serviço da guerra. O alerta através de diferentes meios como fogo, fumo, cestos que mudam de posição, sinos e trombetas, são outros exemplos da adequação de meios e utensílios comuns aos tempos de conflito armado; com sinaléticas subentendidas por uns e por outros, incluindo o inimigo, com os inevitáveis mal-entendidos à mistura. Do engenho, do subterfúgio, dos enganos, mas também dos equívocos se faz a guerra e, por arrastamento, a recolha, a exploração e a transmissão de informação inteligente.

Como dissemos, esta não é uma “tarefa fechada”. Num tema tão rico como o que decidimos trabalhar, outras crónicas coevas (ibéricas e não só), algumas versando os mesmos acontecimentos, podiam ter sido chamadas a depor, trazendo porventura a palco diferentes processos de recolha, de exploração e de comunicação de informação inteligente, bem como outras operações especiais e variados golpes-de-mão. A cronística foi a nossa fonte; outras podiam ter sido privilegiadas, ou eventualmente cruzadas, mas decidimos fazê-lo desta forma, com estes autores e os seus protagonistas. Apesar do pendor propagandístico e monumental que as impregna e do intuito de construção de memória que as enforma, esperamos ter conseguido atingir o objetivo a que nos propusemos.

Como afirma Christopher Allmand, “se a guerra tem de se disputar com armas e com homens, também tem de se travar com a mente”⁵⁰¹. Ao que nós acrescentamos se nos permitem ... sobretudo *De Olhar atento e Ouvidos à escuta...*

⁵⁰¹ ALLMAND, Christopher, “Intelligence in the Hundred Years War” ..., *op. cit.*, p. 32.

ANEXOS

APÊNDICE DOCUMENTAL

A. *Crónica de D. João I* – Vol I (Fernão Lopes).

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXVIII, p. 58	E por quamto era defeso per elRei de Castella, que qualquer do Iffamte que fosse achado no logar homde ell jazia preso, fosse rreteudo ataa sua merçee, foi lla aquell Escudeiro o mais emcubertamente que pode, e fallou com huñ Frade em comfissom, pello qual fez saber ao Iffãte aquello por que era alli viimdo, dizemdo como sse afirmava que seu irmão, aquella teemçom que tomara de rreger e deffemder o rregno, emtemdia levar addeamte, ataa esperar seer çercado delRei de Castella em Lixboa, e outra quallquer cousa que lhe aviinr podesse; e que porem fosse sua merçee de lhe mamdar dizer, que era o que daria de ssi.	Agitação em Lisboa. Aclamação do Mestre de Avis (Comunicação ao infante D. João, detido em Castela)	64
Cap. LXIII, p. 122	O Meestre [...] trazia emculca com elRei de Castella depois que lhe disserom que era na Guarda, por saber as gemtes que com elle viinham, e que caminho queria trazer; e amte alguñs dias que chegasse a Samtarem, chegou ao Meestre rrecado como se viinha pera alli dereitamente, e que trazia suas gêtes espalhadas, e nom muito acompamhado.	O rei de Castela entra pela Guarda em Portugal (inícios de janeiro de 1384) - movimentações subsequentes Chega a Santarém a 12 de janeiro de 1384 (Enculca acompanha progressão hoste castelhana)	67
Cap. LXIII, pp. 123-124	Nuno Allvarez rrespomdeo a esto dizemdo, que posto que sse elles tornassem pera a çidade, que tam bem saberia elRei de Castella o caminho pera viinr sobre ella, como elles a aviam de deffemder; mas que sseu comsselho era, que emquamto elRei de Castella viinha com pouca gemte, amte que sse juntasse com elle mayor poder, que trouvesse emculca com elle, e quando chegasse a termo de Samtarem, que lhe sahissem elles de travessa ao caminho e que pellejassem com elle, e assi o poderiam desbaratar ligeiramente, por cujo desbarato adeamtariam muito em sua demamda.		68
Cap. LXIII, p. 123	O Messtre disse que lhe parecia boom seu comselho, mas que esto se nom podia fazer a seu salvo, por quamto eram alli muito poucos; em esto veolhe outro rrecado, que elRei de Castella avia de seer aquell dia em Samtarem; e o Meestre partio com suas gemtes, e veosse pera Lixboa.		69
Cap. LXXII, p. 141	...e a moor duvida deste feito era se aquelles rrecados que viinham eram verdadeiros, ou aazados per arte delRei de Castella, pera matar ou premder o Meestre, e todos aquelles que em ssa companhia fossem; e porẽ çessou de sse nom fazer.		70
Cap. LXXXI, p. 155	Omde sabe que o primçipall embaxador destes feitos que levava rrecado aa Rainha, e ao Conde dom Pedro, da parte do Comde dom Gonçallo; e isso meesmo que tragia rreposta, era huñ Frade de sam Framçisco; mas ell nõ sabia parte da morte delRei, nem das outras cousas, que ao Comde dom Gomçallo nom foram descubertas.	Escaramuças diversas. "Conspiração" de Coimbra e degredo de	65

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LXXXII, p. 158	Em esto huñ Escudeiro daquelles com que o Comde dom Pedro fallara seu segredo, que amdava pollo Paaço oolhamdo o que faziam; quamdo vio aquellas jemtes viinr daquella guisa, sospeitou que segredo do Comde era descuberto, e foisse a ell mui a pressa e disse: ...	Leonor Teles. Lisboa em vésperas do cerco. (Tentativa de D. Leonor se furtrar ao controlo do rei de Castela)	66
Cap. CI, pp. 192-193	E hindo elles grande noite muito emcubertos, huñ moço portuguees naturall de Borva, que chamavam Rodrigo Vallejo, hia por page de huñ Castellaão, que deziam Diego Gomçallvez Malldonado; e fugiolhe do caminho no quarto daalva, e foisse aa villa do Allamdroall dar novas a Pero Rodriguez, Alcaide do logar, como aquellas gemtes eram emtradas a rroubar ho termo dEvora. E que eram duzentos homeês de pee, amtre almogavares e outra gemte; e çemto de cavalo com genetes que com elles hiam; e disselhe o caminho que levavam, e a falla omde aviam de hi fazer prea.	Confrontos no Alentejo (episódios do Alandroal – Pero Rodrigues / Vasco Porcalho)	82
Cap. CI, p. 193	Pero Rodriguez fez logo fazer prestes os que comssigo avia de levar; e eram com os escudeiros de NunAlvares, viimte e seis de cavallo, e sessenta homeês de pee [...] e lavavam comssigo o moço que lhe as novas trouvera, e aquelle os pos na trilhada, per homde os Castellaãos passarõ e isso meesmo da serra; e alli ouverom acordo que no porto della os esperassem, omde seriam tam boõs os poucos come os muitos. [...] e pos Pero Rodriguez duas atalayas que devisavam grande terra per aquell campo; e ell estava em huña dellas; e assi estiverom des hora de prima, ataa meio dia, que virom viinr os de pee tamgemdo a cavallgada, e com elles dez genetes em guarda.		83
Cap. CII, p. 196	Nom tardou muito, que acerca desto, chegou huñ dia pela manhaã huña emculca que Pero Rodriguez tinha em Villa Viçosa; e disse que aquella noite que avia de viir, aviam de levar Alvoros Coitados de Villa Viçosa pera Olivença, e que visse o que compria.		85
Cap. CII, p. 196	Pero Rodriguez depois de soll posto com aquelles dez e seis de Nuno Alvarez, e com quimze escudeiros seus e çimquoemta homêes de pee, partio do Allamdroall, fimgemdo que levava caminho dEstremoz; e depois que foi noite, derom vollta per outro caminho, o mais emcubertos que poderom, e foromsse ao pinhall que devisado tinham. Elles alli esperamdo rreposta do homem que mandarom que lhe trouvera o rrecado, era já grãde seraão amdado; e nom sabiam língua do logar que çerta fosse, salvo quanto lhe dissera aquell homem que esparavam. E veemdo sua tardada mui grande, começaram de duvidar se era verdade o que lhe dissera; e deziam alguñs que esto podia seer treição de aquell homem, de que Pedro Rodriguez fiara, os teer vemdidos...		77, 86, 87, 147

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. CII, p. 197	Foromsse os escudeiros com dous homêes de pee almogavares; e como foram preto da villa, mandarom os de pee ao arravallde; e elles ficarom açerca em dereito da porta da treição.		88
Cap. CII, p. 197	<i>Sabee que os Comendadores veem com Alvaro Gõçallvez, e tragem comssigo ataa noveêta de cavallo, e seseemta homeês de [pee] todos escollheitos, e viimte e çimquo beesteiros; e vem por sua guia delles Affomssso Alvarez almocadem; e trazê esta estrada da corte dElvira, e hora os oivirees passar por aqui.</i>		89
Cap. CIII, p. 200	E mamdou essa noite duas emcullcas saber que fazia Pero Rodriguez, e que gemtes foram com elle na tomada dAlvaro Gomçallvez, ou sse estava aimda no Allamdroall, ca ell quisera hi viinr correr e fazer alguû bem se podera. E huûs homeês que Pero Rodriguez mãdara essa noite por escuitas, tomarõ lingua das escuitas de Vasco Porcalho...		90, 91
Cap. CV, p.204	Elles correram a villa come lhes era mandado; e Pero Rodriguez, Alcaide do Allamdroall, mamdara essa manhã descobrir terra per dous escudeiros contra Villa Viçosa; e a atallaya que vio os genetes deu aa campãa, e derribou o çesto. Os do logar como virom aquello, sahirom a pee com lanças e dardos...		93
Cap. CXVI, p. 227	E quando foi manhaã a gemte dos Castellaãos se foram aa estrada que vem de Couna pera o logar; e as escuitas que os da villa tiinham fora, lhe foram dar novas de sua viimda deles.	D. João de Castela cerca Lisboa (Episódio do acosso a Almada)	75
Cap. CXXIX, p. 250	Armandosse a frota no Porto, e prestes pera partir como ouvistes, elRei de Castella tragia suas encullcas per caminho, de guisa que cada dia sabia novas do que sse fazia naquella çidade; e amte alguûs dias que a frota ouvesse de partir, soube ell o dia çerto em que avia de sahir de foz em fora...	Combates navais, resistência e cerco de Lisboa e de Almada (Episódios do “interrogatório” a Vasco Rodrigues Leitão; comunicação entre Lisboa e Alamada; tentativa de traição de D. Pedro de Castro – franquear	96
Cap. CXXXIV, p. 264	Levarõno estomçe perante elRei; e a primeira cousa que lhe preguntou, se viinha NunAlvarez naquella frota; e ell rrespomdeio que nom; emtom lhe preguntou quaaes viinham nas gallees e nas naaos; e ell lhos nomeou todos per nome, e da guisa que pellejarom, e como fora morto Rui Pereira, e outras cousas que a esto perteeçiam. E em fallamdo assi com elRei, viinha a Rainha per huûa camara, pera açerca domde elRei estava; e Vaasco Rodriguez quando a vio, foilhe beyjar as mãos...		138, 139
Cap. CXXXVI, p. 269	E faziam do logar toda a noite ao Mestre muitas almenaras de fogo, per que lhe davom a emtemder, o grande afficamento em que eram postos, por que doutra guisa lho nom podiam fazer saber, seemdo assi çercados per mar e per terra.		168

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. CXXXVII, p. 270	Estomçe huñ homem dAlmadãa que vehera na frota do Porto, disse que ell levaria rrecado a nado, se o Mestre lho quisesse mamdar. Ao Mestre prougue dello muito, e disselhe per pallavra as cousas que lhe dissesse; e mais lhe escpreveo per carta, o que entemdeo por seu serviço	entrada na cidade de Lisboa)	117
Cap. CXXXVII, p. 271	E eles lhe fezerom saber quamto aviam passado ataa lli, e que no, tinham agua nehuña, nem sabiam rremedio que fazer a suas vidas; e com este rrecado se tornou logo de noite aquell homem a nado.		118
Cap. CXXXVII, p. 271	Estomçe hordenarom de mamdar dous homeês boôs com rrecado e elRei, como queriam seer seus, e lhe dar a villa; porem que primeiro nadou aquell homem o rrio que he amtre Lixboa e Almadãa seis vezes, em levar rrecados e trager rrepostas, e sempre de noite.		119
Cap. CXXXVIII, pp. 273-274	Amtre as quaaes foy que dom Pedro de Castro com todos seus vassallos, por grande câtidade douro e de prata que delRei avia de rreçeber, lhe tiinha vemdida a dita çidade; e que aos quimze dias daquell mes dagosto, na noite da Asumpçom da Beemta Virgem, avia de dar emtrada aas gemtes delRei; os quaaes aviam de sobir per escaadas postas nos muros quaaes compria, e que os ferros pera ellas foram feitos em Alamquer. E que o sinall çerto das horas a que vehesem, avia de seer huña camdea posta em huña seteira do muro; do quall sinall o Mestre sabeemdo parte, mamdou poer gemtes em guarda açerca daquell logar, os quaes rreçeberom os Castellaãos, quando chegarom, com seetas e pedras e outras cousas, de que lhe muito nom prougue; e dom Pedro foi logo esse serão preso e todollos seus com elle.		169, 170
Cap. CXXXIX, p. 277	As vellas da çidade, quando esto virom, começaram logo rrepicar na See, e tambem nas quadrilhas omde estavom sinos [...].E por as gemtes que per terra viinham, começaram dacudir aos muros daquella parte, omde os emmiigos faziam mostrança que queriam combater, dormindo aimda muitos da çidade.		173
Cap. CXXXIX, p. 279	Em esto açemdiasse cada vez mais a pelleja, a quall dhuña parte e doutra era mui brava e de grande arroido, assi de braados dhomeês e soôs de trombetas, e rrepicos de ssinos, come de chamar altas vozes: Portugall e sam Jorge! Outros, Castilha! Santiago! [...] Bradaava o Meestre que fizessem alguñas cousas que viia que compriam trigosamente; e o grande arroido das gemtes, e soom das armas com que pellejavom, empachava tanto seu mamdado que parecia que mamdava em vão.		174

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. CXLIII, p. 292	E desejamdo Nuno Allvarez de aver aquell castello teve hũa tall maneira. Soube per çerta emformaçom, que o escudeiro que era Alcaide, nom tiinha comssigo salvo sua molher, e poucos homeês, e que estava mimguado de mamtiimento.	Novas operações de Nuno Álvares Pereira, entre o Alentejo e Almada (Episódio da tomada de Monsaraz; movimentação de Nuno Álvares Pereira para Palmela)	62, 176
Cap. CXLV, p. 295	...e levarom comssigo hũa trombeta que amdava em companhia dhuũ daquelles que sse assi apartarõ; e quamdo veo aa mea noite, aquella trombeta, per mimgua de boom avisamento, começou de tanger, e foi ouvida no allojamento omde NunAllvarez jazia, e cuidarom que eram os Castellaãos que hiam buscar, que viinham seu caminho. E logo NunAllvarez mamdou dar aas trombetas, e foi posto em batalha com todollos seus armados; e assi de pee aas tochas foi hordenadamente ataa hu a trombeta tamgera; e como soube o que era, tornousse pera dhu partira; e deffemdeo que dhi em deamte nhuũ fosse ousado de sse apartar da hoste por cousa que fosse.		175
Cap. CXLVII, p. 300	E per suas emculcas que a Almadaã mamdou, soube parte do que Pero Sarmiento e Joham Rodriguez de Castanheda, e outros alguũs fidalgos faziam; e teemdo voomtade de viinr sobrelles, como pera ello visse rrazoado tempo, juntou suas gentes que passariam de trezentas lamças afora homeês de pee e beesteiros poucos, e veosse com elles a Pallmella; e alli se deteve e hordenou sua hida.		95, 177
Cap. CXLVII, p. 304	NunAllvarez foi comer a Couna, e alli rrepartio o esbulho per todos sem avemdo pera ssi parte alguũa; e dhi cavallgou e foi a Pallmela; e quamdo foi de noite, mamdou fazer taaes almenaras de fogo de guisa que o viiam os de Lixboa por saberem os da çidade que estava elle ali, e tomarem alguũ esforço. E çertamente assi foi de feito, que o Meestre quamdo vio aquellas almenaras de fogo em Palmella, bem emtemdeo que era NunAlvarez que alli estava com suas gêtes, e ouve mui gram prazer, ell e todos aquelles que o viiam; e mamdou açemder muitas tochas no gramde eirado dos Paaços delRei hu estomçe pousava, por as veerem de Palmella, e lhe dar a emtender que viia suas almenaras; e que lhe respomdia com aquelles lumes, pois outra falla amtre elles aver nom podia.		166, 167
Cap. CXLVIII, p. 307	...e se almogavares tragiam alguũs bois...		Lisboa: os castelhanos levantam cerco. Nuno Álvares Pereira junta-se ao Mestre de Avis.

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. CLVII, p. 334	Em este logar de Portell avia huũ clérigo de missa que chamavom Joham Mateus, e desejava muito que aquella villa estevesse por Portugall, e tevesse voz poro Meestre; e pemssou em seu coração, que esto se poderia bem fazer avendo chaves comtrafeitas pera abrir as portas quamdo ell quisesse. E tomou çera e posea nas fechaduras; e foisse escusamente a Evora omde NunAllvarez estava; ao quall fallou da maginaçõ que cuidada tiinha, e como sse queria trabalhar daver chaves feitiças pera abrir as portas de noite, e depois que as comçertadas tevesse que lho faria saber.	Episódio da tomada de Portel por Nuno Álvares Pereira	126
Cap. CLVII, p. 335	... e o sinall çerto para chegar seguro aas portas seria este: por quãto a rrollda dos Castellaãos amdava pollo muro rrequeremdo as vellas e poderia seer que aa chegada da porta seria ella emtom presemte, a quall cousa era gram perigo, que por tamto quamdo a rrollda vehesse açerca daquella porta, que elles braadariam altas vozes apupamdo: <i>Ex a rraposa vai! Eyla rraposa vai!</i> e que estomçe estevessem quedos e nom movessem nada; e quando braadassem nom nomeamdo rraposa, que emtom movessem a pressa, e achariam as portas abertas.		172
Cap. CLVII, p. 335	... Nuno Alvares se perçebeo dalgũas gemtes, nom mostramdo sua teemçom pera hu era; e partio huũ dia dEvora sobre a tarde, e levou caminho dEvoramõte bem hũa legoa da çidade; e depois tomou per hũa rribeira affumdo, atravessamdo sempre sem caminho, ataa que foi sahir aa estrada que vai pera Portell...		148
Cap. CLVII, p. 335	E os da vela que disto tinham esperto cuidado, como sentirom que eram açerca, e virom viinr a rrollda pello muro, começaram de braadar apupamdo: <i>Ex a rraposa vai! Eyla rraposa vay!</i> que era o çerto sinall amtrelles. E depois que a rrollda passou ja lomge, começarom elles de camtar e dizer outras rrazõoes.		172
Cap. CLXIX, p. 362	...porem todo o seu cuidar e sospeita fora vão, se nom forom algũas pessoas, que amdavom com o Meestre, que pouco amavom seu serviço, que per sinaaes e outras emcubertas maneiras, lhe faziam saber todo, quamto o Meestre obrava comtra elles.		Ofensiva do Mestre de Avis na região de Lisboa (episódio do cerco de Torres Vedras - dezembro de 1384 a meados de fevereiro de 1385)
Cap. CLXXII, p. 366	Outros comtam que alguũs homens boõs de Villa Viçosa, emviarom dizer a NunAllvarez que fosse alla, e que eles lhe dariam hũa porta da villa per que emtrasse; e que seemdo ell mui ledado da tal embaxada, trabalhou logo de o poer em obra. E partio com suas gemtes sobre a noite fazemdo imfimta que hia pera outra parte...	Episódio da partida de Nuno Álvares Pereira para Vila Viçosa	149

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. CLXXIV, p. 371	Johan Duque que era já avisado per hu a cava hia, e omde avia de sahir, per aquelles maaos comsselheiros do Meestre, e perçebido de todo quamto sse fazia...	Episódios do cerco de Torres Vedras – dezembro de 1384 a meados de fevereiro de 1385	156
Cap. CLXXV, p. 373	...teemdo o Meestre çercada esta villa que tamto desejava de tomar, que nom fiees vassallos que comssigo trazia, per escritos, e geitos desvairados, perçebiam assi os de demtro, que todo seu trabalho faziam ficar em vaão...		157
Cap. CLXXV, p. 374	E posto que o lamçamento de taaes pessoas em tempo desquiva guerra dhuña parte aa outra, aos prudentes senhores muito seja de rreçar, pero porque todos ligeiramente creẽ qualquer cousa que lhes he prazivell, mormente serviço de bõos fidallgos em tempo de neçessidade, nom teve ho Meestre deste sospeita, nem rrenembrança das nodoas dos outros.		161
Cap. CLXXVI, p. 378	...fazemdo saber a Johã Duque per escritos e sinnaes, quamto o Meestre comtra eles hordenava, e era daqueste geito como depois foi sabudo: femdiam os viratoões e poinhamlhe penas de papell ou porgaminho e neellas hia escrito quamto lhe queriam descobrir. E mais lhe faziam saber, que omde se posesse alguũ dos seus, e começasse de doestar os da villa acenando com a mão, que per alli hia a cava; [...] fazemdo lhe certos sinaaes, per que os avisavom de todo...		158, 171
Cap. CLXXVII, p. 380	O Meestre veemdo tam grande malldade, deu muitas graças a Deos, que por sua grande misericordia o quisera guardar de tamanho periigo, amdamdo tam dessegurado amtrelles; doutra parte foi mui irado comtra elle, per nova e rrazoada sanha; e nom o quis mandar matar de simprez e honesta morte, mas cruell de fogo, e grave de sofrer, e mandou que o queimassem.		165

B. *Crónica de D. João I* – Vol II (Fernão Lopes).

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. X, p. 24	Em este dia que el Rey partio foy ordenado que tomasẽ todos que hiaõ pelos caminhos pera ho Porto e vinhaõ, que nenhũ naõ podese dar novas...	Tomada de Guimarães - maio de 1385 (Episódio da partida de D. João I do Porto para Guimarães)	136, [150]
Cap. XIV, p. 33	Este outorguamento aasy feito, mamdaraõ chamar a Guimaraẽs, que saõ daly oyto leguoas, huõ frade de Saõ Francisco natural daquel logar, que chamavaõ frey Guomçalo da Pomte, e poe ele mamdaraõ dizer a el Rey ao Porto, omde ainda estava, que eles tinhaõ ordenado de lhe dar o loguar, e que como eles visẽ tempo azado pera se poer em obra, que loguo lho fariaõ saber.	Episódio da tomada de Ponte de Lima – maio de 1385	127
Cap. XIV, p. 33	Tornouse ho frade com recado, e foy e veio [por] tamtas vezes, falamdo sobre a maneira como se melhor avia de fazer, que foy el Rey em tanto a Guimaraẽs, e o tomou como ouvistes.		128
Cap. XV, p. 34	...pasarã em esto algũs dias ata que el Rey tomou Guimarãis. E soamdo estas novas pela terra, mamdou Estevaõ Rõiz recado ao frade que fose loguo dizer a el Rey que hũ dia çerto que lhe devisou partisse, e que cobraria o loguar. El Rey, muy alegre de taes novas, naõ damdo a emtemder nenhũa cousa, mandou loguo recado ao Cõde a Bragua, que eraõ dahy tres leguoas homde haimda estava, recomtamdohe todo como hera, e que lhe mamdava que se fizese prestes para se hir com elle, assynamdohe huõ loguar çerto homde ho avia daguardar, pera se ajuntarem ambos.		129, 130
Cap. XV, p. 34	...partiose el Rey [...] e fingio que hia caminho do Mosteiro da Costa, pelo nenhuõ naõ emtemder. Pero nõ embarguamdo isto, como se el Rey partio, loguo huõ homẽ que hi amdava por emculca se foy a presa a Pomte de Lima...		131, 132, 134
Cap. XXXI, p. 72	E esto feito ordenou ho Comde loguo de fazer duas couusas: huõ foy de mandar quuoatro genetes que fosẽ tomar alguõ da companhia dos imiguos, por saber ã çerto que gentes trazia el Rey e como asemtava seu arraial e que guoardas puunha e tinnha de noute sobre sy...		79

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXXI, pp. 73-74	... e que lhe rogava e mandava que, presente el Rey e todos os homens das armas que ali estavam, dissesse que as gentes do Rey de Castela eram estroçadas e pouco acordadas e desobedientes; e que aquelas gentes que el Rey ali tinha lhe parecia tais e tão boas que melhores eram sem homens das armas daqueles que mil mil dos outros; e que dizendo [ele] assim que lhe fazia merce, e se soubesse que de outra guisa o dizia, que o mandaria matar sem avendo nele mais [du]vida; e o escudeiro prometeo que assim o diria e muito melhor, se o melhor dizer podesse.	Antecedentes da Batalha de Aljubarrota – agosto de 1385 (episódios do condicionamento por Nuno Álvares Pereira a escudeiro de Castela aprisionado; envio de trombeta de D. João I ao acampamento castelhano; embaixada castelhana a acampamento português)	115, 116
Cap. XXXII, p. 74	Semelhavelmente não embarguando [o que] este escudeiro disse, por mais avisamento e certeza das gentes que el Rey de Castela trazia, mandou el Rey a alaa com recado per palavra hum escudeiro chamado per nome Guomçalo Añes Pexoto, o qual el Rey emcomendou que esguardasse bem que gentes eram e como coregidos e toda a sua ordenança.		113
Cap. XXXII, pp. 76-77	Sede avisado que per cousa do mundo não saiba eu que a ninguém dizem nem igualha do que ora a mim disestes, mas dizem a quem vos perguntar que são poucas gentes e mal coregidas e que todas vos parecem gente de conselho, e os mais deles que foram confessos e poucos e maos piães e piores besteiros, e assim das outras cousas e fazermeões em elo serviço que vos eu cobrarei com mercees; e de outra guisa a nenhum por [muito] voso amiguuo que seja, não diguaes o comtario do que vos emcomendo.		114
Cap. XXXIII, pp. 78-79	... e por aviso de ver os portugueses como estavam, chamou el Rey Pero Lopez de Ayalla e Dioguuo Fernamdez, marichal de Castela, e Dioguuo Alvarez, irmão do Comdestabre, dizendo algumas cousas que fosse falar com ele, mostrando que o havia por proveito de hum e outra parte...		110
Cap. XXXIII, p. 79	Ho Comde respondeu dizendo: – <i>Asy ey eu saudades de vos e dele; e aquelo que vos pera my desejoes, que he vedeme com vosco e da vosa parte, asy vos desejo eu ver da nossa e da parte del Rey meu Senhor. E se me outra cousa alem desto querees dizer, podeilo fazer sem vos mais deterdes.</i>		111
Cap. XLVII, p. 127	... porque assim como em outro tempo Moyses guidor do povo dos judeus mandou enulcas a terra de promessa por saber que gentes eram e toda a sua maneira, assim o nobre Rey dom João, guidor dos portugueses mandou primeiro avisar a oste dos castelaões, por saber quem era e como coregidos; e pero lhe contasse per certas novas a grande multidão de seus inimigos e a sua fortaleza e grandes corregimentos, não se espantou por isto, mas como senhor de grande esforço e fouteza do coração disse ao mensageiro que se calasse para melhor poder esforçar os seus.		Pós-Aljubarrota (episódio do sermão de Frei Pero, da ordem de S. Francisco, na igreja da catedral de Lisboa)
Cap. LVIII, p. 154	E partirão de Serpa hum terça feira por noyte, por escuitas algumas, se as hy ouvese, não averẽ deles vista...		104

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LVIII, p. 155	Os portugueses, tomando, algũa sospeita, poseraõ em sy muito boa guoarda esa noute, e em outro dia pola menhã tomaraõ o memsageiro que levara o recaado e vinha dizer aos do castelo que se fosẽ a Cortedalaã, homde os portugueses dormiraõ a noute seguimte, e que aly dariã todos sobre eles. E temdo asy a enculqua presa, mamdaraõ dizer aos do castelo que lhe desẽ aquelo que lhe prometeraõ, se não que lhe queimariaõ o luguar; e eles por a esperamça que tinhaõ, diseraõ que fizesẽ o melhor e o peor que soubesẽ.	Episódio de cavalgada pela raia castelhana de Antão Vasques	105
Cap. LVIII, p. 156	<i>E pois asy he que vos amdais com falsidade e traição, e nos não quereis dar o que nos prometestes, aja este loguo aqui seu galardão.</i> Cortaraõ lhe mtaõ a cabeça e roubaraõ e destrairaõ ho arravalde [e poseramlhe o fogo e partiraõ se dally com] muitos guados e prisioneiros...		106
Cap. LVIII, p. 156	Os da coarquã daredor [...] enviaraõ duas emculquas aly a Cortechaã, pera verem que gemtes herão e em que loguar se apousemtavão. E eles quamdo cheguaõ acharão nos dormindo sob huõ sovereiro, e tomaraõ nos. E aqueles lhe diseraõ novas de toda gemte que em outro dia avia de vir sobre eles, e que se perçebesem. E porque eles aviaõ desejo de achar com quem peleijasẽ, tomaraõ cõ esto tamanho prazer que por alviçera de tais novas soltaraõ huõ deles que fosse dizer aos outros que lhes prazia muito de os esperar aly ou omde eles quisesẽ e lhe poer praça; e o outro reteveraõ <no> pera o tragerẽ comsyguo por guia...		107
Cap. LIX, p. 157	E Joaõ Estevez se apartou deles e passou a agua alem; e fõi mais huõ pouco por diante e ouvio gramde toõm de gente e meteose em huõ carapetal; e logo açerqua vierão muitas gemtes, asy de pee como de cavalo, todos de mestura, e ele meteo se emtaõ amtre eles por saber todo seu ardill, ffalamdo as vezes rezõis algũas per castelão, porẽ as mais pouquas que podia. E asy passou cõ eles a aguoã de Chãça comtra Portugal alem domde seus cõpanheiros jazião, ouvimdo as semtemças que eles vinhaõ damdo sobre os portugueses, como os aviaõ de desbaratar e das justiças que em eles avião de fazer. [...] Ho escudeiro, quoamdo vio que se eles ordenavaõ pera peleijar, deu desporas ao cavalo e sayose damtre eles, dizemdo lhes algũs doestos...		100
Cap. LIX, p. 157	<i>O irmaõ! Bẽto seja Deus, que te guoardou e te trouve em salvo; qua nos pemsavamos ja que eras morto ou cativo! E tu sejas bem vimdo com taõ boas novas; e se estiuesemos ã tall luguar eu te daria boa alvisara; mas eu ta prometo como foremos em Portuguall.</i> E assy o fez depois; qua lhe deu hũ muito boõ cavalo e outras cousas.		101, 102

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LXV, p. 168	E derão a Sylvestre Estevêz, Procurador da Cidade que ia cõ eles, çertos dinheiros que levase em depoyto pera dar a emculcas, se mister fizese, e outras tais cousas davisamento.	Episódio da partida de uma força do concelho de Lisboa (e Sintra) para o cerco a Chaves – entre fevereiro/março de 1386	103
Cap. CXXXVI, p. 298	E coo veio a allva posese em atallaia; e em amanhecemdo, vio vir ate oitemta de cavallo que saíram de Badalhouce, e foram ver ao arraial e tornavamse e foi a elles de rosto, e começaram de fugir, e derribaram alguñs delles, e os outros se acolheram a Badalhouce; e aquellos que derrybaram trouve presos a el Rey, a que aprouve muito por que delles soube novas certas das gemtes que lhe Martim Afonso dissera que estavam nas frontarias, que eram atee duas mil lâças.	Episódios do Cerco a Campo Maior – entre meados de setembro e finais de novembro de 1388	142
Cap. CXXXVII, p. 299	El Rei se tornou pera seu arraiall, Martim Afonso foi correr Albuquerque, e ficou meia legua do luguar em cilada, e mãdou os cavalluadores correr ao luguar derrador, [...]; e elles lhe trouveram novas que a esas oras emtrara Guarcia Guomçallvez de Grisalva e seu irmaõ Fernam Guarcia demtro no lugar, e que com aqueles que traziam, e com as gemtes que estava na villa, seriam ataa duzentas e vimte lamças, e Martim Afonso tinha setemta.		79
Cap. CLV, p. 339	E amdando hũ dia polla praça, e os moores do luguar em conselho, loguo hacerca foi chamado Guomçale Annes e ditas estas palavras: <i>Guomçale Annes, acordado he por hestes senhores e cavalleiros, que vos vades muito embora desta cydade fora, por que temos de vos sospeita que a podees daar a el Rey de Purtuquall.</i>	Episódios relacionados com a tomada de Badajoz, a 12 de maio de 1396	122
Cap. CLV, p. 340	E elle pedimdo que o deixasem viver no arrabalde, disseram que pior lhe seria de fora que de demtro.		123
Cap. CLVI, p. 340	Amdou Martim Afonso em casa del Rey por bom espaço, e como Guomçalle Annes soube que era em Evora, partio de Sevilha e foi o ver, hindo sempre desviado do caminho per honde emtemdia de nam ser conhecido, e chegou acinte de noite, e faloulhe nam sendo ninguem com elle, salvo Rodrigo Afonso de Brito, seu tio.		146
Cap. CLVII, p. 343	E emtam se foy ao Vao do Mouro homde leixara Martim Afonso, que jaa tinha mamdado Rodrigo Afonso a Albuquerque com XXX homens darmas, e besteiros e homens de pee e certos escudeiros aos caminhos, que todollos que achasem hir ou vir pera estes luguares que os detivesem, por nam hirem dar novas, e tambem recado a algũs seus a Elvas...		151

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. CLVIII, p. 346	E desta vimda que os ditos embaixadores vieram falar a el Rey sobre esto que dizemos, amdamdo na Corte, moveram Martim Vasquez da Cunha e Lopo Vasquez, seu irmão, com grandes prometimentos e acrecentamêtos de omrra, que se fosem pera Casteella.		109
Cap. CLIX, p. 348	... e como el Rey pasou, amte que cheguase a Momtragill, soube certas novas que o dia damte pela menhaã pasaraom os castellaõs Odiana pelo porto de Serpa, himdo ja a ribeira tam cheia que lhe ficaram gram parte da cavalguada, que ãã poderá passar, e que se hũ pouco mais tardaram que ãã ouverã vao, por muyta agooa que no ryo crecia, e el Rei os achara demtro no Regno, seguundo o amdar que levava, mas que emtemdia que por emculcas souberam de sua hida, e porem se foram asy triguosos.	Entrada castelhana pelo baixo Alentejo, no 2º semestre de 1396	143
Cap. CLXII, p. 355	... o Comde mandou diante a correr e dise: <i>Hivos e avey vista e lingua da terra e trazey algũs bois e vacas se os poderdes aver, pera manmtimento destas gemtes, mas de prisioneiros nem doutro guado meudo nam vos empacheis, caa eu nam vym aqui senam por este homem so !</i>	Cavalgada do condestável por Castela (episódio do desafio ao Mestre de Santiago)	78, 95
Cap. CLXIII, p. 356	Sendo o Comde asi asemtdado como vinha de caminho emquoamto lhe faziã de comer e armavam a temda, nam semdo aimda meio dia, chegou hũ trombeta da parte dos castellaos e perguumtjou quoaall era o Comde, e mostraramlho e elle chegouse a elle e dise: ...		112
Cap. CLXIII, p. 357	<i>Levai este escrito, o qual elle fizera e *asinara* por sua mão, e daio ao Mestre, depois que lhe diserdes o que vos mamdo e sede avisado que ãã bebaes nenhũa cousa, posto que vos comvidem, caa poderia ser que vos acomteceria per elle algũu cajaom. E em esperãdo nos que tornasees com recado, viriam elles amtre tanto de sospeita sobre nos e receberíamos dano delles, mas paray bem memtes por toda sua maneira e que gemte saom; e como aderemçardes tornarvos es loguo.</i>		120
Cap. CLXIV, p. 360	E disse o Mestre a Fernam Diaz Memdoça: <i>Tomai este escudeiro e temdeo em vosa guoarda e fazeilhe trazer vinho e fruta. E foilhe trazido e comeo da fruta e fingio que bebia e ãã guostou nada por o que lhe o Conde disera. E esteve agouardamdo por espaço de meia ora, perguumtamdolhe em tanto Fernam Diaz por todallas cousas do arraiall. E em esto cheguouse o Mestre e os outros e começaram a perguumtar, dizemdo: Escudeiro, vos que homem soes? Saom vasallo del Rei de Portugall, disse elle e criado do Comdeestabre. Soees casado ou solteiro? Casado, disse elle. E omde moraees? Respomdeo, que em Lixboa. Que gemtes vem no arraiall do Condeestabre? Seram, disse elle, ate setecentos bacinetes e quatro mill homens de pee e algũus besteiros. Como pode ser iso, disseram elles, ca ho nosso trombeta nos disse o comtrairo? ...</i>		121

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. CXCVIII, p. 449	Em guerra e em tregua trazia muito amiúde escuitas com os inimigos, por saber de seus feitos parte quando algum movimento quisessem fazer. [...] Se os seus tomavam algumas mulheres, moças ou moços pequenos dando a forragem ou por outra guisa ainda que muito fizessem por encobrir dellas, elle trabalhava por foyes emculcas por saber parte de todos...	Referências elogiosas a Nuno Álvares Pereira, final da obra	177, 178

C. *Crónica da Tomada de Ceuta* (Gomes Eanes de Zurara).

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. IX, p. 27	E esto he a çidade de Cepta que he em terra dAffriqua que he huũa muy notauel çidade e muy azada pera se tomar, e esto sey eu prinçipalmente per hum meu criado que la mandey tirar alguũs catiuos de que tinha encarrego, elle me contou como he huũa muy grande çidade rriqua e muy famosa, e como de todallas partes a çerqua o mar afora huũa muy pequena parte por que am sayda pera a terra.	Episódios relativos ao apontar de Ceuta como alvo e preservar do segredo	195
Cap. X, p. 31	E elRey mandou logo chamar o mestre frey Joham Xira, e o doutor frey Vasco Pereira que eram os seus confesores e o Iffante Duarte, e assi outros alguũs prinçipaaes letrados que se naquella çidade poderam achar. E tambem fez chamar alguũs prinçipaaes do conçelho ajnda que poucos fossem e sob grande segredo lhes disse por esta guisa.		227
Cap. X, p. 32	E a terceira cousa que se no conselheiro rrequere he grande segredo, por quanto o rromprimento do conselho traz desfazimento da obra, e sabees como no tempo dos Romaãos que bem e proueitosamente rregiam a grandeza daquelle jmperio, huũa das cousas per que seus feitos sam tanto louuados per seus autores assi he por guardarem com grande delligencia a puridade de seus conselhos.		235
Cap. X, p. 33	Mas elles consirando em ello antre sy tinham que se nom podia de semelhante maneira fazer cousa por grande que fosse que açerqua de semelhante feito nom fosse pequena, mouendome açerqua dello muitas e justas rrezões por que deuia buscar outra cousa em que os fizesse caualeiros, as quaaes posto que me justas e rrezoadas pareçessem nom podia porem mais fazer que o azo pera semelhantes cousas nam se acha assi ligeiramente. E estando em jsto faloume Joham Affonso na çidade de Cepta como he grande e nobre e azada pera se tomar, a qual cousa parece que soube per aviso de hum seu homem que la enuiuou tirar alguũs catiuos.		196
Cap. XII, p.38	Empero teem mujtos e eu que esto escpreuj com elles, que a neçessidade nom era tamanha per que elRey assy ouuesse de rretardar aquella rreposta, mas que o fez por teer aazo de guardar mujto melhor seu segredo, por que de trimta e huũa uirtudes que ao primçipe som apropiadas, mujto lhe comuem que seia cauteloso, segundo escpreue samto Agustinho no liuro da çidade de Deos, louuando mujto em os Romaãos o seguimento desta uirtude.		235
Cap. XII, p. 39	E primeiramente comsijro como pera semelhante feito se rrequerem muy gramdes despesas, pera as quaaes hey mester mujto dinheiro, o quall eu nom tenho, nem sey pollo presemte domde o aja nem como, ca posto que o quisesse auer do pouoo lamçamdolhe alguũs pedidos, acho que sse o fazer, que sse me seguem dello duas perdas, a primeyra escamdallo do pouoo, e a segumda rrompimento do segredo.		230

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XV, p. 50	A mim parece que o principal começo que a mim conuem neste feito assy he, que primeiramente aja de saber o assentamento daquella çidade, e assy a fortalleza de seus muros e altura delles, ou como sam acompanhados de torres e de caramanchões pera saber quaaes artelharias me conuem de levar pera ser combatida. Outro sy conuem que saiba as ancorações que tem e com quaaes ventos trabalham os nauios mais estando sobre ancora, e se per ventura as prayas sam assy liures e desempachadas que nossas jentes possam sair sem grande trabalho ou perigo, ou que o mar he tam chegado ao muro que dos nauios mesmos se possa combater.	Episódio de instrução aos embaixadores enviados à Sicília do verdadeiro objetivo (prior do Hospital e capitão Afonso Furtado)	198
Cap. XV, p. 50	Consiramdo açerqua desto quaaes pessoas la posso melhor enuiar, por quanto cumpre que seiam homeês descretos e entendidos, e taaes que possam todo prouer segundo he neçessario pera tal caso, e nam me parece que tenho outros que o melhor possam fazer que o priol do Esprital e o capitam Afonso Furtado .ss. o priol pera deuisar a çidade e o capitam pera atentar o mar com todallas outras cousas que a ello pertencem.		202
Cap. XV, p. 50-51	Mas como seja que elles ajam lugar pera jsto poderem veer e saber, sem seer entendida nem sabida a fim por que elles vam, pera a qual cousa tenho vontade de fingir huña fermosa dessimulaçam, e jsto he que quero daar vooz que os enuio com embaxada aa rrainha de Cezilia, a qual ao presente esta veuua e em ponto pera casar, a qual cousa eu sey bem çerto que ella nam ha de fazer, empero aprouveitaraa muito semelhante cometimento por quanto meus embaxadores teram azo de hijr e vjir per açerqua daquella çidade onde poderam deuisar todo o que lhe por mim for mandado.		199, 200
Cap. XVI, p. 51	ElRey mandou logo chamar o priol do Espital e fezlhe saber como sua vontade era de os enviar a casa da rrainha de Cezilia com sua embaxada, empero que seu prinçipal fundamento e tençam era que elles devisassem a çidade de Cepta de todalas cousas que ante dissera, porem que lhes mandaua que se fizessem logo prestes pera seguir sua uiagem.		201
Cap. XVI, pp. 51-52	E o priol asseemtado em sua gallee assy como homem muyto sages e discreto que era, oolhava muy bem todo o assemtamento da çidade, como quem sabia a fim por que o fazia. E o capitam doutra parte com gramde auiso esguardaua sobre a praya, oolhamdo quall era mais livre das pedras pera poderem em elle mais desempachadamente sahir as gemtes darmas, quando viesse a ora do mester, e depois que foy noute solldou amdando em huñ batell muy passamente todallas amcorageês que eram darredor da çidade, de guisa que polla mayor parte foi de todo em conheçimento.	Embaixada à Sicília (episódios da ida por Ceuta; embaixada na Sicília e volta por Ceuta)	202, 203, 204
Cap. XVI, p. 53	Todos aquelles gramdes homeês que eram com a rrainha, esguardarom muy bem como aquelles embaxadores delRey de Portugall eram homeês de gramde autoridade, e que assy por ello como pollo muy nobre corregimento que leuauam, rrepresentauam muy bem a gramdeza daquelle senhor que os la emuiaua, polla qual cousa poderam muy mall cuydar a dessimullaçom que jazia em aquelle feito.		207

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XVI, p. 53	Os embaxadores como quer que bem mostrassem que lhe prouera de levarem outra melhor rresposta, nom curarom de rrepicar mais sobre aquella materia, porque bem sabiam que nom era aquella a primçipal cousa de sua primeyra uiagem. E porem espediramsse da rrainha e meteramsse em suas gallees e tornaromsse pera Portugall, mas nom lhe esqueeço de chegarem outra vez açerqua da çidade de Cepta fazendo alguñ mais rrepouso que o primeiro, pera acabarem de todo o que lhe falleçera da primeyra uista, e tall maneira teueram em todo que lhe nom ficou nehuña cousa por temtar daquellas que a elRey prazia de saber.		205, 208
Cap. XVI, pp. 53-54	Alguñs mouros daquela çidade que depois do filhamento della comsijraram sobre a uimda destas gallees, mal diziam a ssy e a fraqueza de seus emtemdimentos, por que tam tarde conheçeram a sagacidade com que sse trautara sua destroiçom, e emtom se acordauam como uiram o prioll hir com sua gallee ao lomgo da çidade assy uagarosamente, como quem sse trabalhaua de a esguardar com fememça...		206
Cap. XVII, p. 55	Os outros da çidade mouiam amtre ssy grandes perfias sofismamdo cada huñ a fim daquela embaxada. E em esto chegaram as gallees dauamte a çidade homde ja estauam a mayor parte dos grandes e boñs que hi auia pera acompanhar aquelles embaxadores, assy por seu mereçimento como polla homrra da embaxada que traziam. E assy eram todos çegos no emtemder, que nom auia hi alguñ que podesse maginar outra cousa, senom que toda a força daquela embaxada fora soomente pera trautar aquelle casamento.	Episódios da chegada a Lisboa da embaixada e farsa na corte – calar objetivo	210
Cap. XVII, p. 55	E por quanto todoIllos outros comsselheiros tijnham que aquelles embaxadores nom foram a outra cousa emuiados soomente por trautar aquelle casamento, teue elRey maneyra de os ouuir logo primeyramente peramte elles, homde compridamente disserom todollos aqueecimentos de sua uiagem callamdo aquelle primçipall que sse guardaua pera outro mayor segredo. E porque ajnda esta dessimullaçom podesse seer melhor trautada. Quamdo elRey ouuio determinadamente a uontade da rrainha fez sembrante como que lhe desprazia de aquelle feito nom uijnr a fim, mas os outros dous lhe rrazoaram sobre os rremedios que lhe pareciam que eram neçessarios pera tornar outra uez a rrepicar no comitimemto daquelle feito. ElRey nom desprezamdo seus rrezoados mostrou que era muyto melhor leixar assy o feito quedo per alguu espaço de tempo.		209, 212
Cap. XVII, p. 55	Mas nom tardou mujto que o prioll e o capitam fossem auisados da maneyra que auiam de teer quamdo lhe fossem dar o verdadeyro rrecado daquela cousa por que os elle emuiara. Teemdo maneyra comoos Iffantes se chegassem aaquelle tempo pera a camara de seu padre sob semelhamça dalguña outra neçessidade que cada huñ figurasse aos seus por melhor emcubrimto daquelle segredo.		213

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XVII, pp. 55-56	Juntos assy todos, primeyramente pregumtjou elRey ao capitam polla rreposta de seu emcarrego, o quall sem outra sollempnidade de pallauras disse. Senhor, eu nom trago outra rreposta senam que teemdes muy boa praya, e muy boa amcoraçam, e que podees emcaminhar uossos feitos e hir muyto em boa ora quando quiserdes, ca a çidade sem grande tardança com a graça de Deos sera posta em uosso poder. Assy aprazera a Deos disse elRey, empero quero saber particullarmente a amcoraçam com todalas outras cousas que uos eu emcomemdey.		214, 215
Cap. XVII, p. 58	ElRey era homem que tijnha em pequena comta semelhantes juizos, e porem começou de sse rriyr teemdo em joguo as pallauras dAffomssso Furtado, dizemdo que lhe dissesse todauia a çertidom do que lhe emcomemdara, ca bem sabia elle que o nom mamdara fora deste rregno primçipallmente ssenam aaquella fim creemdo que elle era tall pessoa que saberia prouar e conhecer nom tam soamente semelhante cousa, mas ajmda outro muyto mayor feito quando quer que fosse neçessario, e que porem passasse per aquellas pallauras, e dissesse se aquella amcoraçom era sobre pedra ou sobre area, ou sobre bassa, ou se per uemtura era alli o mar tam alto que os grandes nauios podessem amcorar preto dos muros da çidade, ou se per uemtura por aazo das marees ou corremtes seriam os nauios em alguñ trabalho na emchemte ou uazamte da maree.	Episódios da apresentação do relatório da viagem por Ceuta na câmara do rei	216
Cap. XVIII, p. 59	Tomou aquella escudella e fez logo o monte da Almina com toda a çidade assy como jaz com suas alturas e os ualles e fumdos dellas, e desy a Aljazira com a serra de Xemeyra assy como jaz em sua parte, e homde auia de fazer mostra de muro çercaua com aquella fita, e homde auia dassijnar casas poinha aquellas fauas, em tall guisa que lhe nom ficou nada por deuisar.		217
Cap. XVIII, p. 59	Esguardou elRey muy bem toda aquella mostra como estava, e desy o prioll começoulhe a deuisar todo, mostramdolhe logo toda a lomgura do muro como estaua da parte do mar, e quamto era acompanhado de torres, e de que altura era mayor parte dellas, e depois lhe mostrou o castello com todo o seu assemtamento, e quaaes eram os lugares per homde a çidade podia rreçeber combate, com todallas outras cousas que a elRey prouue de saber.		218
Cap. XIX, p. 61	... e estamdo em esta duuida quis Deos que sobrechegou hi Joham Affomssso ueedor da fazemda, e fallounos em huña çidade que he em Africa que chamam Cepta mostramdonos como era muy aazada pera seer filhada, a quall cousa fallamos a elRey nosso senhor e padre, o quall emuiou alia o prioll e o capitam por deuisarem o assemtamento da çidade, se per uemtura seria tall como Joham Affomso dezia, ora sam ja tornados della, e segumdo o rrecado que trouxeram a çidade he muy aazada pera sse filhar auemdo boom auiamto pera ello.	Conhecimento dado à rainha pelos infantes	219

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXI, p. 66	E Joham Affomssso ueedor da fazemda proueeo logo todallas rremdas da çidade, e fallou com Ruy Pirez do Allandroall que era thesoueiro da moeda nom lhe declaramdo porem o segredo, per tall guisa que as fornaças da moeda foram loguo todas prestes, e despachadameme começaram de laurar, e tamanha trigamça se poinha naquelle lauramento que afora alguũs dias de muy gramdes festas todollos outros continuadamente de dia e de noite laurauam.	Episódios do lançamento do projeto Ceuta; segredo e rumores	226
Cap. XXI, p. 67	Mas quem poderia escpreuer a multidom das semtemças que sse dauam sobre aqueste feito, ca o rrumor do pouoo era muy grande ueemdo o aballamento destas cousas, e posto que cada huũ em sua parte se trabalhasse descolldrinhar aqueste segredo nom auia hij alguũ que çertamente soubesse determinar o lugar pera homde aquelle corregimento era...		243
Cap. XXI, p. 67	E deues de saber que a dilligemçia que elRey mamdou poer na moeda e rremdas foy por nom lamçar pedidos, a quall cousa fez a duas fijns. A primeyra por quanto aquelle feito primçipalmente era mouido por seruiço de Deos, e nom queria elRey que nehuũa pessoa de seu rregno teuesse aazo de rreçeber nehuũ escamdallo. E a segumda era, porque sse ouuera de lamçar pedidos, fora neçessario de fazer ajuntamento de cortes nas quaaes de neçessidade se oueram de declarar alguũas comjeituras ou partes do feito per tall guisa, que sse podera emtemder a uerdadeira determinaçam que elRey sobre esto tijnha.		230
Cap. XXII, p. 68	Elrey e os lffamtes eram aaquelle tempo em Samtarem quando sse estas cousas amtre elles foram falladas, homde determinaram que este feito nom fosse fallado ao comde per escripto nem messegeiro soamente que elRey lho dissesse persoalmente, e que pera sse esto fazer mais fora de sospeita que o lffamte Duarte e o lffamte Dom Hamrrique partissem logo caminho de rriba dOdiana leuamdo comssigo monteiros e caçadores, e que amdassem assy despemdendo dous ou tres meses em seus desemfadamentos, ataa que elRey e o lffamte Dom Pedro passassem o Tejo e se fossem chegamdo comtra alguũ lugar que fosse mais açerqua domde quer que o comdestabre emtom esteuesse.	Episódio da montaria para dar conhecimento ao condestável	222
Cap. XXII, pp. 68-69	E loguo os lffamtes partiram sem toda sua gemte emtemder o tall segredo soamente no monte e caça, e amtre tanto elRey esteue em Samtarem ataa que lhe pareçeo que era tempo de partir, e tanto que passaram os dous meses loguo na segumda somana do terçeyro mes elRey fez emcaminhar sua partida. E porque sua teemçom fosse melhor dessimullada, disse huũ dia comtra o lffamte Dom Pedro per tall maneyra que o ouuissem todos. Ja agora uossos jrmãaos cuydaram que nom ha mais na caça nem no monte que quanto elles sabem, empero meu filho ajmda eu quero ueer se lhe posso leuar auamtagem...		221, 223

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXII, p. 70	E ao tempo que lhe ouue de poer aquelle sinete teue tall modo que fez huñ escrito per sua mão mujto secretamente, no quall fazia saber ao comde como a elRey seu padre era neçessario de fallar com elle alguñas cousas sustamçiaaes e de gramde segredo, porem que lhe emcomendaua que elle dessemullasse per alguña boa maneyra, como bem podesse chegar a Monte Moor, homde elRey seu padre loguo açerqua emtemdia de seer. A quall carta assy emuiada, quando o comde uio a alma que em ella uijnha, como homem sages e discreto, callou muy bem aquelle segredo fazemdo ao moço alguñas preguntas muy alomgadas daquelle proposito.s. polla saude delRey e de seu filho, e desy dos desemfadamentos que trazia em suas montarias.		224, 225
Cap. XXIV, p. 75	Ca segumdo achamos des que neeste feito primeyramente foy fallado ata aquelle pomto eram passados melhoria de tres annos, e acordaram amtre ssy de fallarem em ello a seu padre, o que assy fizeram pedimdolhe por merçee que possesse aquelle feito em alguñ çerto termo, pera elles emcaminharem seus feitos segumdo lhe perteeçia. Ao que lhe elRey rrespomdeo e disse esto. Nom foy ajmda fallado a nehuñ dos do meu comselho, e tenho determinado pera o sam Joham a Deos prazemdo fazer ajuntamnto de comselhos em Torres Vedras, homde emtemdo propoer este feito e determinar o termo çerto em que com a graça de Deos ajamos de partir.	Episódios relativos à manutenção do segredo	231
Cap. XXV, p. 76	Gomçallo Caldeyra soomente foy aquelle que era escpriuam da camara delRey, a que a puridade deste segredo foy rreuellada, e esta era porque Gomçallo Louremço escpriuam da puridade cujo criado elle fora, nom podia per ssi soo escpreuer tamta escriptura como perteeçia pera este feito, e porem foy reuelado assy aaquelle por sentirem delle que era homem que o guardaria. Certamente elle tomou dello tamanho cuydado, que posto que depois da tomada de Cepta mujtos annos uiuesse, numca foy homem que lhe em ello ouuisse fallar soomente per gramde uemtura, e ajmda aquello que fallaua sob muy gramde cautella e temor.		220, 228
Cap. XXVI, p. 79	Porem amte que eu nehuña cousa falle comusco daquello sobre que aqui fostes chamados, quero que me façaes preito e menagem que guardarees fiellmente todallas cousas que eu de presemte comusco fallar, e que as nom direes a nehuña pessoa per pallaura nem per escrito, amte afastarees todo aazo e geito per que sse nehuña cousa que ao dito feito perteeça possa saber nem emtemder. Todos disseram que lhe prazia, empero cada huñ era duuidoso amtre ssy pemssamdo que cousa podia ser aquella sobre que sse fazia tam nouo fundamento. E emtom lhes deu elRey juramento no lenho da uera cruz e sobre o liuro dos euangelhos, que guardassem assy todo aquelle segredo como dito he.	Episódios do Conselho de Torres Vedras (junho de 1414); decidido desafio ao Duque da Holanda e	233, 234

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXVI, p. 80	E porque semti e soube a gramdeza daquella çidade, e a multidom das gemtes que em ella mora, e comsijramdo outrossy como he nas partes daalem deste nosso mar, rretiue assy este segredo sem uollo deulgar por duas cousas, a primeyra por saber se teeria pejo no auaiamento de meu feito, quanto aas pazes de Castella, e a segumda por auer çerto conhecimento se aueria alguñs empidimentos em minha passagem.	partir daí a um ano rumo a Ceuta.	232
Cap. XXVIII, p. 83	Sobre estas cousas passadas teue elRey seu comselho, per que maneira poderia melhor emcubrir o auaiamento da sua frota, porque todos teuessem em ello olho, e perdessem cuydado de emquerer a çertidom daquella uiagem. E pera esta foi achado huñ muy proueitoso rremedio .s. que o duque dOlamda fosse logo desafiado, e pera esto hordenaram que Fernam Fogaça que era ueedor do Iffamte Duarte, fosse portador daquelle desafio, e alli ficou loguo determinado, que pera o outro sam Joham que seria dalli a huñ anno, fossem todos prestes cada huñ omde ouuesse dembarcar.		236
Cap. XXVIII, p. 83	Fernam Fogaça tanto que foi na pousada, muy secretamente fez saber ao duque como lhe era mujto neçessario de lhe primeiro fallar apartadamente, por quanto aquello que lhe emtom assy auia de dizer era a primçipall causa de sua uijmda, e o que lhe depois emtemdia de dizer de praça, nom era senom cautellosamente por milhar emcubrimto de seu proposito, ao duque prouue mujto de fazer seu rrequerimento, e assy emcaminhou como secretamente lhe desse sua audiencia.		237
Cap. XXVIII, p. 84	E que por quanto a elle prazeria mujto de sua uerdadeira emtemçom seer emcuberta por mayor descuydo dos ditos jmfiees, que acordara de uos mandar desafiar, porque os que uissem assy este corregimento, nom tenham aazo de sospeitar a çertidom do que elle deseia. Porem uos rroguia que uos praza rreçeber assy este desafio com mostrança de o auer por firme, pera cuja comfirmaçam façaes alguña maneyra de perçebimento...	Episódios da embaixada de Fernando Fogaça ao ducado da Holanda; desafio e embuste	237, 253
Cap. XXVIII, p. 84	O duque rrespomdeio que elle agradeçia mujto a elRey de o querer fazer sabedor de tamanho segredo, o quall lhe certificaua que elle guardasse muj bem, e esto dezia o duque, porque Fernam Fogaça lhe comtou toda a uerdade do feito, e que quanto era ao desafio, que elle daria açerqua dello tall maneira, que elle ouuesse por bem empregado o atreuimemo que em elle teuera.		237
Cap. XXVIII, p. 84	E em esto fazia o duque duas cousas muy sages, a primeira fazia emtemder aaquelles que os tijnha em grande comta, pois nom queria ouuir semelhante cousa ssenam em sua presemça, e a segumda fazia grande seruiço a elRey, porque estamdo alli aquelles ao tempo de seu desafio seria aazo de seer deulgado com mayor autoridade e firmeza.		238

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXVIII, p. 86	... e amte que uos uos possaes perçeber, uijnra sobre uos com todo seu poder, ca bem ha dous annos disse huñ delles, que eu ouuy a huñ mercador que uijnha de Bruges, que eram hy nouas que elRey fazia rrepayrar sua frota, e mamdaua fazer outra de nouo com outros grandes corregimentos de guerra, de que sse perçebia calladamente, e pois elle teem pazes feitas com Castella, bem sse mostra segumdo este rrecado, que aa uossa homrra se fazia toda esta festa.		240
Cap. XXVIII, p. 86	Porem uos lhe dize e que a mym praz mujto de sua uijmda, e que elle me achara prestes quamdo uier, e que lhe faço çerto que o uaa rreçeber a quallquer lugar homde sua frota uier portar. E pera esta lhe mandou fazer sua carta de creemça, e desy mandou que sse partisse quamdo quisesse. Mas depois que foi noute, mandou o duque por Fernam Fogaça muy secretamente damdolhe suas emcomemdas muy graciosas pera elRey com outras mujtas pallauras de rregradiçimento, e sobre todo fezlhe merçee, e mandou que sse tornasse mujto em boa ora pera seu rregno.		237
Cap. XXIX, p. 87	Bem mostrou o duque dOlamda que tijnha uoomtade de fazer prazer a elRey, porque tamto que seu embaxador Fernam Fogaça partia, elle logo fez saber a todollos lugares de seu senhorio, como per çertos rrecados que auia delRey de Portugall era neçessario de seer prestes, por quamto o mamdara desafiar. E assy começou de sse correger dallguñas cousas, que em todo seu senhorio nom podiam em ali emtemder senam que todauia tijnham guerra aberta com o rregno de Portugall.		241
Cap. XXIX, p. 87	EIRey depois que sse Fernam Fogaça partia, começou mujto mais trigosamente de correger todallas cousas que lhe compriam pera boom auiamento de sua partida, mandamdo logo fazer prestes çertos escudeiros com suas procurações abastantes, os quaaes mandou per toda a costa de Galliza e de Bizcaya, e a Imgraterra, e a Allemanha fretar nauios grossos, quamtos sse podessem achar, a quall cousa nom era senam huñ manifesto pregam que corria per mujtas partes da christijmdade daquesta armaçom que elRey assy fazia, e porque as nouas de lomge sempre fazem a cousa mayor do que he, posto que o corregimento delRey fosse muy grande, ajmda a fama era mujto mayor.		251, 258
Cap. XXIX, p. 87	E em sse corregemdo estas cousas e outras mujtas sobrechegou Fernam Fogaça com seu rrecado, do quall mujto prouue a elRey, e mandou que sse deuulgasse per todo o rregno que os primçipaaes capitaães desta armada auiam de seer os lffantes Dom Pedro e Dom Hamrrique, mas nom quis que sse deuulgasse determinadamente que auiam de hir sobre o duque dOlamda, empero que em sua uoomtade bem lhe prazia que o cressem assy todos, porque semelhamte maneira demcobrimento fazia parecer a cousa mais çerta aaquelles que a presumiam.		Episódios relativos ao segredo; rumores; contrainformação
Cap. XXIX, p. 87	E em esta tijnha elRey maneira, que quamdo lhe falluam açerqua daquella hida, assessegaua sua comtenemça per tall guisa, que lhes fazia emtemder que nom era aquelle o lugar çerto pera homde elle fazia seu perçebimento.	246	

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXIX, p. 88	Ora que seria que estando elRey em estes çeumes daquelle segredo, sobrechegou a elle huñ homem pera arrecadar seus feitos, e trouxe a cidade de Cepta toda debuxada assy perfeitamente como ella esta, e como quer que aquelle homem semelhante emtemçom nom trouessee de sospeitar alguña cousa daquelle segredo, elRey foy em gram trabalho amtre ssi meesmo, pemssamdo que sua uoomtade era descuberta per prosumçom dalguñs, a quall mouera aaquelle homem de lhe trazer assy aquella figura, pareçemdohe que lhe prazeria com ella segumdo o deseio que tijna.		247
Cap. XXX, p. 91	Quem seria aquelle que destimamente podesse comtar os trabalhos, que auia amtre aquellas gemtes, ca nom era alguñ que fosse escusado daquelle emcarrego, ca posto que os uelhos per rrezom de sua hidade soubessem que auiam de ficar, nom tijnam porem pequeno cuidado descolldrinhar quall seria çertamnte a parte, pera homde aquella frota auia de fazer sua uiagem [...] nom auia hi porem nehuñ que podesse determinar a çertidom daquelle feito.		244
Cap. XXX, p. 92.	Outros disserom que os Iffantes todavia auiam dhir sobre o duque dOlamda, per a guisa que ja ouuistes, ca posto que aquelle segredo assy emfimgidamente fosse callado, aquelles que hiam com Fernam Fogaça o contaam a seus amiguos, e quamto lhes elles mais emcomemdaam que fosse em segredo, tamto o elles mais asinha descobriam.		245
Cap. XXX, pp. 92-93	E como quer que assy estes desuaios e outros mujtos auia amtre elles, nom era porem alguñ que podesse çertamente nem assy apalpando fallar na cidade de Cepta, soomente quamto achamos que huñ judeu seruidor da Rainha Dona Fillipa que chamaam Yuda Negro, que era grande trovador segundo as trobas daquelle tempo, em huña troba que emuiou a huñ escudeiro do Iffante Dom Pedro que chamaam Martim Affomsso da Atouguia, comtamdohe as nouas da corte, disse todas estas cousas que dissemos e outras mujtas, amtre as quaaes no derradeyro pee da quarta troba disse, que os mais ssesudos emtemdiam que elRey hiria sobre a cidade de Cepta. Mas esto emtemdiam que elle nom soubera tamto por nehuñ sinall çerto que uisse, soomente per juizo destrellomia em que elle mujto husaua.		248, 249
Cap. XXXI, p. 94	Cujo mouimento foi em alguñs daquelles primçipaaes do rregno de Castella, ca ouuimdo as nouas como este feito creçia cada uez mais, teueram muy grande cuidado de saber o primçipall mouimento delRey, mas este deseio nom era saluo por aquella derradeira rrezam que ja dissemos, temendo ho dano que lhe podia vijr, e diziam amtre ssi. Como pode seer que elRey aja de fazer armada nem tamanho ajuntamento de gemtes, pera hir sobre o duque dOlamda, seemdo amtre elles tam poucas emjurias passadas...	Episódios da inquietação externa	257

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXXI, p. 94	E sobre esta duuida alguũs Genoeses estantes na çidade de Lixboa escpreueram a outros seus parceiros estantes em Seuilha, rrecomtamdolhe todo ho ardimento que sse trazia no rregno de Portugall açerca do auimento daquela frota, e posto que sse alguũas cousas dissessem de desuayradas maneiras, os mais dos ssesudos crijam que todo se fazia pera hirem sobre a çidade de Seuilha, porem que elles fossem auisados de tirarem de hi sagesmente suas mercadorias e cousas, de que emtemdiam rreçeber alguũ dano em abatimento de sua fazemda.		259
Cap. XXXI, p. 95	E com estes rrecados e mujto mais com a prosumçom que sse fazia manifesta, se ajuntarom aquelles uijnte e quatro da quadra de Seuilha, e teueram sobre ello grandes comsselhos, sobre os quaaes escpreuerom ao comsselho delRey.s. aa rrainha e a alguũs outros grandes senhores que eram com ella, por quamto o lffamte Dom Fernamdo era ja rrey dAragam, c estaua em seu rregno proueemdo sua terra. Chegou assy este rrecado a Pallemça homde elRey estaua, sobre o quall se fallarom mujtas cousas, amtre os quaaes fallou primçipallmente huũ bispo de Aauila, a que aquelle rrecado de Seuilha em espiçiall fora emcomemdado por quamto elle era naturall daquela çidade, e esto fallou elle assy, porque mujtos daquelles do comsselho deziã que nom era pera fallar em semelhamte cousa, que bem era de presumir que sse elRey Dom Joham teuera uoomtade de cometer semelhamte cousa, que nom mamdara la seus embaxadores rrequerer paz.		260
Cap. XXXI, p. 95	Senhores, disse o bispo, mujtas mais uezes dam as cousas comsselho aos homeẽs, do gue os homeẽs dam aas cousas, e sobre todo a experiemçia que he meestra de todallas cousas nom çertas, e porem o que os de Seuilha rrequerem nom he sobre fundamemo uaão, ca nom ha tam simprez em este rregno, que nom semta que semelhamte ajuntamemo, quall se faz no rregno de Portugall nom seia mujto pera temer e arreçear, ca nom tam soomente nos outros que somos seus uezinhos, mas ajmda os alomguados de seu rregno pemssam semelhamte cousa, e comsijram bem ho dano que sse lhe dello pode seguir, ca aquelle he auido por prudemte e ssesudo que comsijra as cousas amte que uenham, ca por jssso disseram os uelhos amtijgos que ho homem perçebido he meo combatido...		1, 261
Cap. XXXI, pp. 95-96	He boom pera creer aquelles que nom tem ssiso, que elRey aja de fazer huũa armada, em que ha quatro annos que emtemde e despemde dinheiro, e nom tam soomeme aballa pera ella as cousas de seus rregnos mas ajmda mamda per todallas partes da chrijstamdade buscar nauios e armas pera hir sobre o ducado dOlamda.		261
Cap. XXXI, p. 96	Por çerto as jmmizades nem os danos nom ssam passados amtre elles tam grandes nem taes, que por rrezam delles sse ouuessem de mouer tamanhas cousas, nem ajmda elRey he homem que por semelhamtes cousas cometidas por pessoas uijs e de tam pequeno preço, ouuesse de mamdar dous seus filhos fora de sua terra com tamanho poder, mas por çerto o feito que assy amda callado, alguũa grande cousa ha de parir.		261, 297

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXXI, p. 96	E os Genoeses estamtes em Lixboa que semelhante escpreueram, alguãa cousa conhecem e sabem, porque fezerom tall auiso a seus amigos. Porem meu comsselho he que em quamto a cousa assy esta, que a çidade de Seuilha seja logo auisada, e os muros rrepayrados e os almazeës prouijdos, e que as portas seiam muy bem fechadas, e as chaves emtregues a homeës fiees, e que seia mamdado a todollos fidallgos e caualleiros comarcaãos daquella çidade, que sse uenham logo pera ella, e façam comprir e guardar todas estas cousas, como semtirem que perteeçe pera seguramça da dita çidade, e proueam todallas galees e nauios que esteuerem nas taraçenas, que lhe nom falleça nehuãa cousa pera sse aproueitarem dellas quamdo comprir.		262
Cap. XXXIII, p. 101	... embaxadores, que uieram a elRey por rrezam daquella armada que assy fazia, ca a fama della como ja dissemos, era muy gramde, que soaua per todallas partes, e espamtaua mujto os corações dos homeës espiçiallmente daquelles que eram mais chegados a este rregno.		263
Cap. XXXIII, p. 102	Senhor, elRey dAragam nosso senhor uos faz saber, como ha mujto tempo que ha nouas que uos uos perçeebes de guerra e que elle em quamto uosso perçebimeuto nom foi mujto ssoado, sempre pemssou que era alguãa cousa pequena, mas depois que ouue çertas nouas, que mamdauees perçeber todallas gemtes de uosso rregno, e buscar per diuersas partes naaos e nauios pera fazer gramde ajuntamento de frota, que emtemdeo e emtemde que huũ tam alto primçipe como uos nom pode mouer semelhante feito senom a alguũ gramde fim, e que quamto a çertidom do feito he mais duuidosa, tamto he mayor rrezom que sse proueja sobre ello.	Embaixada do rei D. Fernando de Aragão	264
Cap. XXXIII, p. 103	Vos direes disse elle, a elRey Dom Fernamdo meu amigo, depois que lhe derdes minhas saudações, que elle saiba çertamente que meu ajuntamento nom he contra elle, nem contra cousa que a elle perteeça, ca sayba elle que com melhor uoontade ho ajudaria a gaanhar outro rregno, em que elle teuesse alguãa justa parte de dereito, que de lhe dar fadigua sobre aquelle que elle teem gaanhado, do quall Deos sabe que me prouue e praz mujto. E que sse per uemtura eu teuesse determinado de dizer este segredo a alguũ primçipe semelhante, que elle seria o primçipall, mas que prazemdo a Deos muy çedo sabera çerto rrecado da minha emtemçom.		265
Cap. XXXIII, p. 104	Outrossy uieram em este emsseio a elRey huũ gramde duque dAllemanha e huũ barom com elle pera o seruir em aquelle feito, e o duque disse a elRey, que ouuimdo nouas de sua armaçam, que partira de sua terra com emtemçom de o seruir, porem que lhe pedia por merçee, que lhe declarasse ho lugar çerto pera homde armaua sua frota, porque pera tall poderia seer, que nom seria rrezam de o elle seruir em ello. EIRey rrespomdeo que elle tijnha determinado por seu seruiço de nom rreuellar aquelle segredo a alguãa pessoa fora de seu comsselho, e que ajmda saberia que nem todollos do comsselho eram dello sabedores, soamente alguũs çertos e espiçiaaes...	Episódios relativos à manutenção do segredo; inquietação de Granada	255, 256

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XXXIII, p. 105	A quall hordenamça nos nom podemos guardar em esta obra, por seer começada tam tarde como ja ouuistes, e trautada em tam gramde segredo, por cuja rrezam ouue em aquelles feitos muy poucas escrituras que ao depois pareçessem, soamente aquellas que sse fizeram depois do comselho de Torres Vedras, quando ficou determinado de sse deulgar a partida dos lffantes. E as cousas que sse emtom escpreuiam, nom eram senam hordenamças, que sse geerallmente fazem em todallas armaçoões, em que ha de seer alguña multidom de gemte, o que ajmda nom foi feito senam no derradeiro anno, e sobre todo as cousas foram muy grandes e emburilhadas huñas com as outras, por cuja rrezam nom se poderam escpreuer per outra guisa...		229
Cap. XXXIII, pp. 105-106	Que poderia agora sospeitar ouuimdo as nouas de tamanho ajuntamento, cuja fama espamtaua mujtos primçipes da chrijstamdade, quamto mais que os mouros forros que uiuem em este rregno, ueemdo assy aquelle ajuntamento como homeës, que nom perderam aquella amizade com todollos outros mouros que a sua seita rrequeria, numca çessauam de preguntar quall era o uerdadeiro proposito delRey. [...] Empero apalpamdo assy depois que uiram que elRey seguraua Castella e Aragam, sospeitaram que aquelle ajuntamento nom podia seer senam sobre o rregno de Graada, e assy ho escpreuerom a elRey de Graada per suas cartas.		273, 274
Cap. XXXIX, p. 123	Ja o lffante Dom Pedro aaquelle tempo estaua na frota, como aquelle que tijnha a capitania de todallas naaos, e assy tijnha a sua naao çerto sinall, per que ouuesse de seer conhecida amtre todallas outras, ca leuaua huñ grande estemdarte, auamtajado de todollos outros, e huñ foroll de noute segumdo custume, mas a capitania de todallas gallees era delRey.	Episódios que antecedem a partida, posta em causa com a morte da rainha D. Filipa de Lencastre	278
Cap. XLVII, p. 145	Quamto mais que a fama deste feito era tam deuulgada per mujtas partes do mundo, que todos pemssauam que tamanho mouimento nom podia parar sem cometimento dalguñ gramde feito, polla fim do quall estauam cada dia em esperamça de ouuir çerto rrecado, a quall cousa seria muy uergonhosa assy pera elRey como pera todo o rregno, quando soubessem que por semelhamte aazo o leixauam de poer em fim.		294
Cap. XLIX, p. 150	E como era domingo, e os homeës por rrezam das calmas estauam todos jugamdo e follgamdo em seus nauios, ca o mais que podiam, escusauam a çidade por causa da gramde pestenemça que nella amdaua, e quando ouuïrom o soam das trombetas, de que tijnham por emtom pequena esperamça, fiquaram amtre ssi meemos mujto marauilhados, empero pemssarom que os lffantes nom estauam allí, e que por ello aquelles seus trombetas com pouco auisamento filharam assy aquelle ousia.		276

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. XLIX, p. 151	Nom tardou mujto que as nouas chegaram aa çidade, as quaaes fizeram em ella huñ nouo aluoroço, porque todos estauam ja casi desperçebidos de semelhamte mouimento, por cuja rrezom lhes foy neçessario de sse trigarem pera tornarem todo a correger, ca o espaço era muy breue pera sse mouer tamanho feito, e foram logo dados pregoões, que ataa terça feyra per todo o dia fossem todos rrecolhidos a sua frota.		275
Cap. L, p. 153	E assy como deram aas trombetas na sua, assy deram em todollos outros nauios, fazemdo sinall aos marinheyros que desfalldrassem, o quall em huñ pomto foy posto em obra, e assy emcaminharam com boa uemtura caminho da foz. ElRey como ja disse leuaua a capitania das gallees, e o lffamte Dom Pedro das naaos, leuamdo cada huu seu foroll pera rregimento das outras.	Episódios da partida de Lisboa, sexta-feira, 25 julho de 1415.	277
Cap. LI, p. 155	E alli queria cada huñ çerteficar que sabia a uirtude daquelle segredo, mas nom porem que o nehuñ soubesse çertamente, outros se queriam trabalhar de saber o numero da frota, como quer que seu trabalho açerqua dello prestasse pouco. E assy esteueram em suas departiçoões com pouca nembrança de comer nem beuer, e mujtos delles tijnam os rrostros cheos dagua, nom podemdo rreteer a força de suas lagrimas amte a grandeza de sua marauilhosa allegria, nom sse queremdo dalli partir ataa que os montes de Cezimbra escomderam toda a uista da frota.		280
Cap. LI, p. 156	E ao domingo seguimte sahio elRey em terra, e teue loguo alli seu comsselho, no quall foy determinado que sse deuulgasse claramente toda a uerdadeira emtemçom daquelle mouimento, porem foy mamdado ao mestre frey Joham Xira que preegasse, porque todo o pouoo podesse uerdadeiramente saber quall era a emtemçom, por que sse elRey mouera a fazer aquelle ajuntamento.	Episódios em Lagos, domingo, 27 de julho de 1415; divulgação objetivo e respetiva bula de cruzada por frei João Xira.	281
Cap. LII, p. 156	Mujtas uezes falley nos capitullos amte deste, com quamto cuydado e dilligemçia foy sempre guardado o segredo daqueste feito ataa este pomto, que ja a sua rrotura nom podia trazer nehuñ dano, e porem determinou elRey com acordo de seu comsselho de seer alli deuullgado...		281
Cap. LII, pp. 156-157	Creo disse elle, que depois que elRey nosso senhor teue determinada a emxucuçom deste feito, foram amtre uos outros desuayrados juyzos açerqua de sua emtemçom, nom com pequeno deseio de saber o seu uerdadeiro proposito, elle assy como primçipe mujto sesudo, acaudellamdosse dos danos que poderiam acomteçer a uos e a elle, guardou sempre seu segredo, como compria aa grandeza de tamanho feito. Agora homrrados senhores, que semte que he rrazoado de uos seer rreuellado...		283
Cap. LII, p. 159	Ora homrrados senhores, elRey nosso senhor uos faz a saber, como por todallas rrezoões suso ditas, sua emtemçom he com a graça do Senhor Deos hir sobre a çidade de Cepta...		282

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LIV, p. 164	He mao de conhecer deziam elles, estas praticas que elRey traz por encubrir sua vontade. Sabe ja todo o mundo que vay pera Cezilia, e agora nos quer fazer entender que vay sobre a çidade de Cepta, tal he agora esta como a outra, que disseram agora ha hum anno, que auia dir sobre o duque dOlanda, dizeilhe que busque outra mais fremosa encuberta, que quanto esta muito ha que a sabíamos.		284
Cap. LIV, pp. 164-165	E a sesta feira hum pouco ante de noite ouueram uista de terra de mouros, e aly mandou elRey que fizessem andar todollos nauios de mar em roda, porque nom era sua vontade entrar polla boca do estreito senom de noite, cremos que seria, por que os mouros de terra nom podessem tam asinha saber a viagem, que elRey queria leuar. Tanto que foy a noite começaram de caminhar polla boca do estreito...	Episódios frente a Gibraltar e Trarifa (9 de agosto de 1415)	287
Cap- LV, p. 166	E se eu rrespondeo elRey, nam quis a elRey de Graada fazer semelhante rrogo, que mo tam aficadamente mandou rrequerer, que rrezam teeria agora de o fazer pois a determinaçam deste feito ajnda nam esta fora daquellas pessoas, que sam ordenadas pera meu conselho, quanto pera dar semelhante segurança...		285
Cap. LVI, pp. 168-169	Mas outro seruiço fez elle que lhe elRey muito mais agradeço, ca ouuindo o dito Pero Fernandez dizer como hum grande almogauere do rregno de Graada andaua aly saheando os moços que sayam a fruita, como entam leuaua hum, trabalhou se de o filhar, e trouxeo ali preso em huüs pardieiros velhos que ali estauam, antre os quaaes era huña torre que tinha ameas, e ali o mandou enforçar.		286
Cap. LVII, pp. 169-170	Depois que os mouros viram de todo as gallees ancoradas sobre o seu porto, foram ja algum tanto perdendo de sua primeira segurança, espeçialmnte Çalabençala e assi alguüs daquelles velhos da çidade, por cuja rrezam escreuerom logo a todos aquelles lugares daly açerqua, que se veessem com suas armas e corregimentos, ata que vissem que podia seer aquella vinda, outros disseram que logo como a frota pareçera pollo estreito, aquelle rrecado fora enuiado.	Aproximar a Ceuta (12 de agosto de 1415).	290
Cap. LVII, pp. 170-171	E o Iffante Dom Anrrique partio aa quarta feira açerqua da noite, e começou de seguir sua viagem, e polla vista do forol, que a naao do Iffante Dom Pedro trazia, logo em aquella noute mesma a gallee de seu jrmão chegou a ella.	Episódios junto a Ceuta; arrastar de parte da frota (14 de agosto de 1415, sai D. Henrrique em busca das naus; do outro lado da barricada	289
Cap. LVIII, p. 172	Por cuja rrezam Çalabençala fez ajuntar quantos sabedores se poderom achar per toda aquella terra, antre os quaaes veo aly hum grande estroliquo, que era almocadem mayor na çidade de Tunez, grande sabedor em muitas cousas de sua seita espeçialmente em estrolomia, ao qual chamauam Azmede ben Filhe...		291
Cap. LVIII, p. 174	E sera bem que se tenha todo bom auisamento em quaaesquer estrangeiros que aqui sejam, de guisa que nam tenham azo desguardarem os muros da çidade, nem os leixem andar soltamente per onde elles quiserem, porque nam sabe homem a tençam que trazem.		291

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LXII, p. 180	Agora deziã elles, podera elRey conhecer as traições do priol, ca çerto he que nos trazia todos vendidos pera nos rresgatar como seus presioneiros. Vede que cousa hia meter em cabeça a elRey, que auia de tomar a çidade de Cepta, onde se adergãmos de filhar terra, nunca de nos tornara pee de homem pera Portugal. Quem duuida que elle nam escreuesse a Çalabençala, que possesse em sy rrecado, auisandoo de todo corregimento delRey, ca çerto he que quando elle foy a Cezilia, em vez de olhar os muros da çidade, foy falar com Çalabençala, e a bofe segundo alguũs disseram, mais leuou elle daqui, do que rrende o seu priolado vinte annos.	Episódio frente a Ceuta; hesitações e suspeita no ar (19 de agosto de 1415)	292
Cap. LXII, p. 181	Quando o priol passaua por açerqua dos nauios em seu batel, ca nam olhauam todos menos, que se elles çertamente souberom que era verdade, o que ante deziã, e nam cuidauam ai, senam que elRey lhe queria demandar rrezam daquelle feito, e nam era a gente do pouo muito de culpar, quando muitos daquelles capitaães lhe dauom culpa, dizemdo que elle ordenara todo aquelle feito.		292
Cap. LXII, p. 181	Senhor, vos deuees de consirar quanto tempo ha que começastes este feito, e quantas e quam grandes cousas tendes moidas pera chegardes aa fim, per cuja rrezam a fama deste feito voou per muitas partes do mundo, e como posto que no começo encobrissees este segredo, que o tendes ja agora rreuelado, e tornandouos assi, ou apontando em outra cousa de menos valia, nam podees auer vitoria que vos nam ficasse maior prasmoo, quanto mais por nam prouardes nem ensayardes vossa força e poder sobre a grandeza daquella çidade.	Reunião do conselho (20 de agosto de 1415) Episódio da decisão de manter o objetivo e do ‘desenhar’ do plano de ataque	294
Cap. LXIII, p. 185	E quanto he ao que dizees que me torne pera meu rregno, pareçeme que assaz seria de grande mimgua auer açerqua de seis annos, que amdo em este trabalho fazemdo sobre elle tantas çircustamçias como sabees, pollas quaaes o mundo esta com as orelhas abertas pera ouuir a fym da uitoria, e leixallo assy agora pareçeme que nom sera outra cousa senam huũ escarnho.		295
Cap. LXIV, p. 187	E uos tamto que uirdes meu sinall, lamçarees logo uossas pramchas em terra, e sahirees o mais despachadamente que poderdes, e depois que nos semtirmos que uos teemdes a praya filhada, mudaremos nossa frota pera açerqua da uossa, e emcaminharemos de uos seguir, de guisa que uos nom leixemos mujto estar sem companhia.		299
Cap. LXV, p. 187	E assy com aquella lediçe ajmda que fosse uaã, corregeram muy asinha todas suas cousas, de guisa que quamdo as trombetas fizeram sinall de partida, elles eram de todo prestes, e porque era em tall tempo como sabees, e era açerqua da tarde, mujtos delles fizeram sua çea temporaã por darem mayor esforço a seu prazer.		300
Cap. LXVI, p. 190	E os mouros da çidade, tamto que uiram a frota açerqua de seus muros, emcheram todas suas janellas e freestas de camdeas, por mostrarem que eram mujtos mais do que os christaãos presomiam, e assy polla grandeza da çidade, como por seer de todallas partes tam allumeada, era muy fremosa de uer.	293	

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LXVII, p. 190	Posto que aquelles mouros assy allumessem sua çidade, a fim de acreçenttar em a ssemelhamça de sua multidom, os outros que estauam nos nauios, nom allumeariam menos sua frota, mas esto era mais per neçessidade, que por mostrar sua gramdeza.		293
Cap. LXVII, p. 191	E amtre as tochas que os capitaães tijnham amte ssi, e as camdeas que os homeês traziam nas mãos, quando amdauam corregemdo suas cousas, era a frota mujto allumeada, e parecia ajmda mujto mais aos que estauam na çidade, porque o fogo feria na augua do maar, e parecia que todo era lume, a quall cousa nom punha pequeno espamto aaquelles mouros, que o dereitamente podiam esguardar.		293
Cap. LXX, p. 197	E porque quamto os homeês ssom mais ssesudos, tamto acham mais duuidas nas cousas grandes e perijgosas, e porem comsijraua Çalla bem Çalla, como elRey Dom Joham era huũ primçipe de grande fortelleza, ca posto que elle uiesses aalem do mar, nom eram os feitos delRey tam pequenos, nem elle tampouco nom era desauisado, que nom soubesse muy bem parte de todo. Comsijraua como com tam pouca gemte nom negara a batalha a elRey de Castella, uemdoo açerca de ssi com tam grande poderio, e o uemçera e desbaratara, e depois per suas gemtes ouuera com os naturaes daquelle rregno tam grandes çomtemdas como todos sabiam, das quaaes sempre ficara uemçedor, e que começara assy aquelle feito com tam grande sajeza, que numca podera seer rreuellado, senom quando a frota pareçera dauamte os muros da sua çidade, homde o elle uia acompanhado de quatro filhos baroões nobres e de grande ardimento, e com tam grande poderio de gemtes e com tamanha gramdeza de frota.		298
Cap. LXXI, p. 199	E estamdo assy o Iffamte Dom Hamrrique com a pramcha prestes, e todollos seus armados pera ssahir quamdo uisse o ssynall...		301
Cap. LXXII, p. 202	E o soll começaua ja aqueeçer, anojauamsse os homeês porque tamto tardaua o signall, que lhes auia de seer feito pera sahirem em terra, e desi os mouros amdauam ja polla rribeira fazemdo suas maneiras, pollas quaaes punham grande aluoroço na gemte que estaua em nos nauios, e cada huũ deseiaua sayr, se nom teueram rreço da deffesa delRey.		301
Cap. LXXII, p. 203	E o Iffamte Dom Hamrrique porque tijnha sua pramcha alguũ pouco afastada da terra, lamçousse demtro em huũ batell que passaua per hi, e meteo comssigo Esteuam Soarez de Mello e Meem Roiz de Refoyos, que era seu alferes, e mandou que as trombetas fizessem rrijamente sinall pera sahirem todollos outros em terra.		301

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LXXII, p. 205	E a primeira bamdeira rreal que emtrou em a çidade, foy a do Iffamte Dom Hamrrique, e çertamente que aquella bamdeira deuera de seer bem conhecida amtre toda a nobreza e geeraçom daquelles Marijms, ca mujtas uezes foy depois despreguada amtre grandes ajuntamentos delles, omde sse fez grande mortijmdade amtre os mouros, [...] nem auia hi outra bamdeira nem estemdarte, sse nom huña bamdeira de Martim Affomssso de Meello, e huñ estemdarte de Gill Vaaz.	Episódios no dia do assalto a Ceuta (15 de agosto de 1415).	302
Cap. LXXIV, p. 208	E porque a gemte era ja mujta, mamdou o Iffamte Dom Hamrrique per rrequerimento de seu jrmaão, que sse rrepartissem cada huñs per suas partes .s. o comde Dom Affomso per huña rrua, e a sua bamdeira com parte daquella gemte per outra, e Martim Affomssso de Meello per outra.		305
Cap. LXXV, p. 209	Empero posto que alguñs boñs homeēs com elle fossem, ca toda a força da sua jemte ficaua ajmda na frota, os quaaes depois ueeram com a sua bamdeira, a sua espada era a primeyra que feria em quallquer lugar, que sse açertaua de seer neçessario, assy como teemdes ouuydo, que foy primeiramente filhada a praya e desi a Almina e depois a çidade. Porque todollos da frota delRey esperauam que ouuessem de sahir per outra hordenamça, segumdo era hordenado, nom estauam tam prestes, como sse o caso offereço.		304
Cap. LXXV, p. 210	Mas quando Diogo Gonçaluez chegou com o rrecado, como o Iffante Duarte ja era fora, mandou elle Diogo de Seabra, que era seu alferrez que possesse a bandeira no seu batel, e mandou fazer sinal com as trombetas a todollos outros nauios, que se fizessem trigosamente prestes.		303
Cap. LXXVI, p. 212	E todollos outros se espalharam pollas partes da çidade .s. a bamdeira do Iffante Duarte com todollos seus per huña parte, e o Iffante Dom Pedro com sua gemte per outra, e o comdestabre e o meestre de Christo e assy todollos outros capitaães cada huñ omde os a uemtura leuaua, empero cada huñ delles tijnha assaz de trabalho, porque todallas rruas ajmda amdauam cheas de mouros.		305
Cap. LXXXII, p. 224.	Senhor disse elle ao Iffante, a uossa bamdeyra e o estemdarte do Iffante Dom Pedro uaão caminho daquella outra porta de çima, com teemçam desse hirem per alli pera a uilla de fora, e os mouros ssam mujtos açerqua daquella porta, faço uollo saber, porque me parece que he bem que uos uaades comtra lla, por tall que os uossos rreçebam esforço e ajuda.		305
Cap. LXXXIII, pp. 224-225	E em esto lhe chegou rrecado de seu Irmaão o Iffante Duarte, que o emuiaua chamar a huña mezquita que alli estaua açerqua, omde depois foy a ssee catedrall, ao Iffante meu senhor e jrmaão, que melhor seria se o sua merçee ouuesse por bem, de elle uijnr pera aca pera arramcarnos estes mouros de todo daqui, que de me eu partir agora pera nehuña parte, e que esta lhe emuio dizer, polla boña uoomtade que lhe semto pera semelhamtes feitos, e que sayba que como eu daqui partir, que emtemdo que nom ficara aqui mais nehuñ.		306

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap. LXXXIII, p. 225	Porque a fora aquelle rrecado que assy primeiro ueo, foram outros, aos quaaes o lffamte sempre achou rreposta, dizemdo que em aquelle dia nom era pera leixar semelhamte lugar, nom tamto pollo dano que os mouros ao depois poderiam fazer, como por lhe nom dar alguũ aazo, per que lhe podesse ficar nehuũa esperamça de sua salluaçam.		306
Cap. LXXXIII, p. 225	Senhor disse o messegeiro, uosso jrmaão uos emuia dizer, que elle e os outros uossos jrmaãos som alli ajuntados, omde teem comssigo a mayor parte dos capitaães que ueeram em este feito, a fim de fallarem no filhamento do castello, pera a quall cousa lhe uossa presemça he mujto neçessaria, porem que uos emcomemda que uaades logo sem outro detijmento.		306
Cap. LXXXV, p. 230	... outros fallauam da discreçam do prioll, que amte doestauam, dizemdo que soubera muy bem emcaminhar todo o que lhe fora mamdado. Bem sabia rrespomdeo elRey, o prioll o rrecado que me leuaua, e eu bem conheçi quamdo o primeiramente eu emuiy, que sse elle uisse que a çidade era desposta ou aazada pera a eu poder filhar, que o saberia conhecer, nem eu nom começara nehuũa cousa em este feito, sse me elle o comtrairo dissera, conheçemdo quem elle he, ca creio uerdadeiramente que sse alguũ homem per siso e emgenho ouuesse de sobir ao çeeo uiuo em carne, o prioll seria.		292
Cap. LXXXVI, p. 231	Nom ueedes disse elle comtra os outros, como aquelles pardaaes alli estam assessegados, que me matem sse Çalla bem Çalla com todollos outros nom he partido dalli, e leixou ho castello uazio, ca sse assy nom fosse, nom estariam alli aquelles pardaaes assy dassessego. E todollos outros disserom que lhes parecia seer assy, sobre a quall cousa tornaram a elRey, e pera rreçeber seu mamdamento açerqua do que auiam de fazer, mas por uemtura nom seriam aquelles os pardaaes, que o outro sonhaua que comiam as abelhas. Pois que assy he, disse elRey, uaão chamar Joham Vaaz dAlmadaã que traz a bamdeyra de sam Viçemte, e digamlhe da minha parte que a uaa loguo poer sobre a mais alta torre.		307
Cap. LXXXVI, pp. 232-233	Como o castello foi assy desempachado como dito he, mamdou logo o lffamte Duarte ao comde Dom Pedro de Meneses que era seu alferez, que leuasse a sua bamdeira aa outra uilla de fora, e que a posesse sobre a torre de Feez. Mas esto nom era assy ligeiro de fazer, porque os mouros nom podiam assy leixar de boamente a posse de sua çidade, ca mujtos delles determinauam amte fazer alli fim de suas uidas [...] E assy ouue alli huũa escaramuça aa saida daquella porta, que sse agora chama de Fernamdo Affomssso, na quall mataram huũ alferez de Dom Hamrrique de Loronha, empero esto prestou pouco aos mouros, porque a bamdeira era acompanhada de muy nobres pessoas. [...] E assy foram todos juntamente poer aquella bamdeyra sobre a torre de Feez, e a guardaram aquella noute.		307

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Cap.XCVIII, p. 237	Ora uos callaae, deziau outros aaquelles, ca depois de Deos nom tem hi nehuña cousa tamanho louuor, como o nobre comselho que elRey teue, ca sse os mouros teueram auisamento, ajmda que mais nom fora que de huñ mes, numca sse a çidade cobrara, que sse primeiro nom gastara todo Portugall pedaço e pedaço.	Episódio no rescaldo da tomada de Ceuta	309
Cap. CI, p. 266	E tamto que elRey foi dentro na gallee, mamdou fazer sinall com suas trombetas, per que todollos outros nauios desfalldrassem suas uellas seguimdo sua uiagem, na quall cousa foi posta pequena deteemça, e assy começaram todos demcaminhar com muy grande prazer caminho do Algarue, fazendo desuayrados soõs em seus estromentos, como aquelles que a doçura da uitoria e a esperamça que traziam de ueer sua terra e seus amigos e parentes, fazia os corações mujto allegres.	Partida para o reino (2 de setembro de 1415)	310

D. *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (Gomes Eanes de Zurara).

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. VI, pp. 23-24	...ao qual Gonçalo Nunes foi logo entregue a maior Torre, que está no muro daquella Cidade, que se chama de Fez. [...]; ficou ainda hy Alvaro Mendes Cerveira por Capitão dos Escudeiros d'Evora, e de Beja, donde elle era morador, ao qual foi encomendada outra Torre, que esta junto com a outra de Féz, e d'ambas estaõ contra a terra dos Mouros da parte da Algezira; a qual Torre entaõ era chamada de Madraba; e pela muita continuação, que aquelle Fidalgo alli continuou, onde fez açaz honrozos feitos em armas, chamarom aaquella Torre d'Alvaro Mendes...	Assentamento português; implementação primeiras medidas defensivas; afastar o inimigo; primeiras cilladas e acossos mouros	396, 397
Livro I, Cap. XVIII, p. 52	Antre as cousas, que o Conde ordenou pera guardar a Cidade assy forom as Atallaias, as quaes foraõ postas logo primeiramente sobre Barbaçote em hum outeiro, que hy está; e no dia seguinte ao que se ordenaraõ, mandou o Conde hum de cavallo, que fosse pôr os homens em ellas, o qual andando cercando a Cidade pera descobrir alguns Mouros se os hy avia, sahiram a elle huma toma delles, que jaziam escondidos, e começaram de o seguir; em pero porque o espaço era pequeno ouve razão de se salvar; a qual cousa vista por outra Atallaia, que estava sobre a Torre de Féz, começou de repicar hum sino...		313, 380
Livro I, Cap. XVIII, pp. 52-53	...o Conde conhecendo jáa alguma cousa de suas maneiras, e como eram homens, que muito sabiam de cilladas, a qual cousa não era nova antr'elles; porque Anibal, que foi no tempo dos Gentios, e que foi natural daquella terra, as uzou muito em seus dias; e per ventura que dalli ficou o ensino, aos que depois vieraõ, temeo-se de lhe terem alguma em tal lugar, que lhe fosse perigosa; fez entaõ recolher sua gente, e tomou-se pera a Cidade...		315
Livro I, Cap. XIX, p. 55	... tornou com certos Almogavares que se lançaraõ ácerca das Quintãas, onde chamaõ a Boca da Asna; e os que sahiraõ a descobrir a terra toparom com elles...		316
Livro I, Cap. XIX, p. 55	... caa o mais que pôde fazer foi ajuntamento de Almogavares, com os quais se lançou huma noite em hum lugar, que se chama o Porto-Franco, e á madrugada toparaõ com outros almogavares de Cepta, onde pelejáraõ açaz		316
Livro I, Cap. XX, p. 56	E porem tornáraõ outra vez a lançar suas cilladas, a saber, huma na Boca d'Asna, e outra dentro em Aljazira; as quaes foram sentidas pelas Escuitas, e assy o disserom logo ao Conde pera avisar a Cidade como cumpria; e assy foraõ logo avisados os que tinhaõ cavallos, e como foi manhã sahiraõ fora da Cidade, e assy aquelles bons Escudeiros de pee, e Besteiros, e outra gente miuda, com os quaes o Conde logo mandou descobrir a Aljazira...		314, 488

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. XX, p. 57	... o Conde da outra parte, temendo, que no Romal ouvesse outra algua cillada, porque lhe os Escuitas tinham dito, que sentiraõ em aquella noite muita gente de pee, e de cavallo em aquella parte, como de feito era; caa certamente se o Conde assy nom recolhêra sua gente, que alli perefêram todos, segundo a grande multidaõ, que a Atalaya da Porta de Fáz vio sobre o Romal, os quaes estavam alli com entençaõ de se lançar de salto dentro na Cidade...		312, 488
Livro I, Cap. XXI, p. 58	... vede como nos vem afastando pouco, e pouco da cerca da Cidade...		317
Livro I, Cap. XXI, p. 61	Entaõ ordenaraõ todos antre sy, que se ajuntassem nas principaes Aldeas, onde tevessem suas guardas de noite, e de dia, como não podessem ser enganados dos imigos, e des y, que se taipassem muy bem, e se cercassem de vallos, onde comprisse; porque os achassem sempre percebidos, quando quer que os quisesses cometer...		317
Livro I, Cap. XXII, p. 62	... mandou chamar hum seu Escudeiro, que chamavaõ Affonso Bugalho, e o Almocadem, com os quaes mandou cincoenta homens de pee: Amigos, disse ele [...] vós vos hy lançar de noite sob a Cabeça-Ruiva, que está em cima do valle, e ponde vossa Atalaya em humas moutas...		384
Livro I, Cap. XXII, p. 63	E tanto que as Zavras achegarom junto com o lugar, onde os outros jaziam, alguns daquelles Almogavares com maior orgulho do que naquelle cazo compria, levantaraõ-se primeiro do tempo, que lhes fora mandado		345
Livro I, Cap. XXIII, p. 64	O Cuidado do Conde não era outro senaõ afastar os Mouros quanto podesse da cerca da Cidade, e guerrealos por tal guisa, que deixassem sua vizinhança: e porém mandou suas escuitas, que fossem ver hum lugar, que chamavaõ Val de Laranjo, e que esguardassem bem a gente que era, e quanta de peleja...		319, 489
Livro I, Cap. XXIII, p. 64	... segundo me ainda certificou este Mouro, que aqui tenho, que outro dia foi tomado per Affonso Bugalho meu Escudeiro, e pelo Almocadem...		351
Livro I, Cap. XXIII, p. 64	... que vindo aqui outras gentes de fóra achariam em estos mantimentos, e esforço, que seria azo de estar mais tempo, e nos darem mais trabalho...		318

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. XXIII, p. 65	... eu ey já, boa enformaçã da vida destes Mouros, e da tençom, que tem, como jaa disse, e soube como no Val de Laranjo sam até vinte Mouros de pelêja...	Exploração das aldeias vizinhas por almogávares e escutas	354
Livro I, Cap. XXIII, p. 65	... e poram compre, que vos aviseis quando taes cousas ouverdes de fazer, que seja com tal resguardo, que se outros recrecerem, que nom soamente se lhes possam os nossos defender, mas ainda empecer: porem meu conselho he, que onde elles saõ vinte, que vós envieis cento, e que vaõ de noite, e que sejaõ homens, que saibam fazer tal feito com toda boa temperança...		320
Livro I, Cap. XXIII, p. 66	... porque era a primeira vez, que queria mandar gentes fóra da Cidade, porque os que ante mandara eraõ soamente Almogavares, e esta avia de ser gente mais nobre.		336
Livro I, Cap. XXIV, p. 69	... e eram entom na Cidade alguns homens mancebos que se trabalhavam de andar de noite em escuita dos Mouros, leixando a Affonso Munhóz, que era Almocadem, o qual Officio há lugar nas guerras depois do Adaíl		331
Livro I, Cap. XXIV, p. 69	Alvaro Guisado homem esperto, e dezejador d'onra, cujo officio era mais por seguir sua vontade, que por lhe ser dado encarrego de andar de noite com os Almogavares; porque era cousa em que lhe nom fallecia continuamente contenda com os imigos, e se ajuntou hum dia aaquelle Almocadem, e Gomes Frenandes, e Lourenço Camalho e hum joham Fernandes, porque todos eram de uma Companhia		338
Livro I, Cap. XXIV, p. 69	... como elles querem fazer alguma cousa de sua honra, logo nos mandaõ espiar os lugares, e nós trabalhamos em ello como vedes, e tornamos com elles, e sofremos aquelle mesmo trabalho, medo, e perigo tanto, e mais quelles, e emfim nunca dizem, que se as consas acabaõ, senaõ por elles, e de nós outros nunca se falla, senaõ muito menos, do que nosso grande merecimento requiere		339
Livro I, Cap. XXIV, p. 70	... e porque melhor façamos nosso feito vamos primeiro contra lá alguma noite e sentiremos o percebimento da gente, que tanto he, e em que ponto, e quantos saõ		340
Livro I, Cap. XXIV, p. 70	... e des y avisarom-se, que o segredo nom fosse menos guardado dos amigos, que dos imigos, e em breve ouverom noticia do que dezejavam; caa elles cada noite andavaõ por aquelles Valles		341, 342

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. XXIV, p. 70	...o feito não será descoberto a todos, senão sobre o lugar		343
Livro I, Cap. XXIV, p. 70	...e sobre todo falláraõ ao Conde aquillo mesmo, que aos outros disserom, o qual lhes outorgou de boamente a licença, porque não era aaquelles cousa nova hirem assy de noite fora, soamente quanto avia de ser sempre com sabedoria do Conde; caa d'outra guisa nom lhes aviaõ de abrir as portas		344
Livro I, Cap. XXV, p. 74	... mandou o Conde, que repoussem assy per huns dias, e que nom tomassem outro trabalho, senão guardar suá Cidade; e bem quisera o Conde que elles estiveram assy hum mez ao menos; mas como se diz, que o uzo faz natureza, e desy as boas vontade, que neles avia, fezeos tirar daquelle propósito, especialmentc os Almogavares, que mais continuamente andavam fora; e foram-se ao Conde, que todavia lhes desse lugar, que uzassem de seu Officio...		334
Livro I, Cap. XXVI, p. 77	...porem hy vós laa esta noite com entençaõ de me muito bem saberdes todo, e me tornardes com o recado, pera aver conselho sobre a maneira, que nello devo ter; e ante retardai mais algum tempo, que vos virdes sem certa sabedoria.		481
Livro I, Cap. XXVI, p. 77	Os Almogavares tomáraõ suas talleigas pera andarem laa, quanto bem podessem, ata virem com certa determinaçaõ; e logo a primeira noite espiáraõ bem o lugar repartindo-se por estas Aldeãs, e sobre a manhãa tomáraõ sua Atalaya sobre hum cabeçaço, de que bem podiam vêr a gente, que sahia do lugar, e assy das outras Aldêas		385
Livro I, Cap. XXVI, pp. 77-78	...porque são certo pelas espias, que laa mandei, que moram hy peça de Mouros, e que trazem gado em boa cantidade: ora vós me dizei como vos parece que hiremos melhor, porque as Escuitas são jaa laa esperando per nossa hida.		490
Livro I, Cap. XXVI, p. 78	As escuitas vierom logo ao Conde a darlhe novas do assecego, que os Mouros tinham ...		490
Livro I, Cap. XXVII, p. 81	...e vierom sobre a Cidade lançando de noite suas cilladas, pera vêr se podiam tomar alguns dos nossos descobridores, ou dos que sahiam á erva; os quaes foram sentidos pelas Escuitas da Cidade, e pelos Almogavares, que andavam de fóra; e logo assy de noite como os sentiraõ, vieram com recado ao Conde		491

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. XXVIII, p. 84	Antre as especiaes coutss, que no Conde avia, assy era grande aviso, ca depois que foi naquella Cidade, sempre teve maneira de saber quanto se fazia em todas aquellas partes d' Africa, e esto traitava per tal maneira, que nunca seus imigos se podiaõ delle guardar, e sobr' esto dispndia açaz de sua fazenda...		321, 324
Livro I, Cap. XXX, p. 88	...hum mão homem se partio de Cepta, o qual vivia com hum Fidalgo, a que chamavaõ Joham Marsalla, creemos, que era Catallaõ, e porque em sua nova chegada fosse melhor recebido, disse aos Mouros, que o Conde estava ferido muito mais do que o elle com verdade era, fazendo-lhes saber, que o tempo convinhavel seria aquelle, pera elles darem sobre a Cidade; as quaes novas a elles forom ligeiras de crer		372
Livro I, Cap. XXX, p. 88	...e assy ajuntárom per toda a gente dezasseis mil e quinhentos, a saber, mil e quinhentos de cavallo, e os quinze mil de pee, segundo ao depois foi sabido por seus Alfaqueques		377
Livro I, Cap. XXX, pp. 88-89	...sendo os Mouros sobre a Cidade, naquelles arvoredos pera tomarem suas cilladas; o Conde mandou sem saber, nem presumir nada da vinda dos Mouros a hum Irmaõ d' Affonso Munhóz, que fosse a escuitar a terra,, porque no outro dia queria hir dar lenha, a qual avia dias nom dera por razão de suas feridas. O Almocadem era homem bem destro em teu Officio, e presumio, que poderia ser, que as novas das feridas do Conde podiam ser azo da vinda dos Mouros, e desy como muitas vezes aquece, que as vontades duvidosas presumem as cousas primeiro, que as vejam, o Almocadem teve grande femença no que avia de fazer, e assy tomou lugar convinhavel em seu proposito, e jazendo em sua escuita sobre a cillada do Canaveal, sendo jaa a mêm noite passada sentio os Mouros como vinham pera lançarem suas cilladas, e ordenarem sua fazenda, como sentissem por mais sua vantagem o Almocadem avisou sua companhia, que olhassem em sua parte, porque a gente era muita; e tanto que as gentes passaram, elles se vierom pera arredor de Barbaçote, onde falláraõ aaquelles, que vellavam, dizendo, como lhes compria muito falar logo ao Conde...		330
Livro I, Cap. XXX, p. 89	O Conde mandou logo dar ao sino, fazendo seu repique, segundo seu costume...		406
Livro I, Cap. XXX, p. 89	...he, que as nossas Escuitas me trouverom recado, que jazendo sobre o Canaveal sentirom passar de gente de cavallo, e de pee, açaz muita		493

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. XXX, p. 91	Alli vio o Conde a ora, que elle em tal dia dezejava, e fez logo dar ás trombetas, a cujo tom as outras ceilladas sahirom donde estavaõ, e foi alli hum ajuntamento muy lédo pera os Christãos, e triste pera os contrairos; caa em muy breve foi o campo todo cheio delles		454
Livro I, Cap. XXXIV, p. 98	Ora avees de saber, que avendo jaa dez mezes, que Cepta era de Christãos, foi dito ao Conde pelas Escuitas, como não muy longe dalli avia huma Aldea, que chamavam d' Albegal, em que avia boa povoração de Mouros abastados de gado, e que avia antr'elles alguns, que por dinheiro escuitavaõ, e guardavaõ a terra, e que soamente naquelle atrevimento viviam sem teerem outro Capitaõ, em que posessem a esperança de sua guarda; des y contáraõ-lhe toda a maneira da terra acerca dos caminhos, e lugares empidosos pera aquelles de cavallo, que lá ouvessem de hir...		322
Livro I, Cap. XXXIV, pp. 98-99	E porem mandou logo o Conde ás Escuitas esgusrdar bem aquella terra, por se certificarem melhor, do que lhe compria ser avisado, e des y que posessem boa femença assy nos caminhos, como na entrada do lugar; os quaes tornados de sua viagem, certificando aquello mesmo, que ante disserom, ordenou logo de partir levando comsigo cento e cincoenta de cavallo, e duzentos de pee, e sobre a noite partio da Cidade, metendo suas Escuitas diante, os quaes Martim de Çamora avia de guiar com outros Almogavares, que lhe eram ordenados		323
Livro I, Cap. XXXV, p. 101	...como aquelle nobre Capitaõ cheio de toda sabedoria, que a tal encarrego pertencia, trazia sempre suas espias antre os Mouros, de guisa que se nom podia fazer cousa antre elles, de que elle nom ouvesse sentimento...		325
Livro I, Cap. XXXV, p. 102	...e morreo alli hum Christaõ, que era Almocadem, o qual alli trouvera Ruy Mendes Cerveira, de cuja morte ao Conde pesou muito, por ser homem especial em seu Officio		337
Livro I, Cap. XXXIX, p. 115	Como o Conde cada dia avia novas do que os imigos faziam, soube como aquelle grande Marim, que fora Senhor daquella Cidade, se trabalhava de requerer aos Reys Mouros, que ouvessem sentimento de sua tamanha perda, e grande deshonra delles mesmos; e porem queria o Conde ter avisamento pera saber, se quer cada dia, o que os seus contrarios faziam: e porque se fezerom alguns dias, que não ouvera nenhũa preza, nem soubera muito certo a maneira que Çalabemçalla tinha; mandou a hum Patraõ de huma sua Fusta, que se chamava Bento Sanches, que jaa tevera aquelle mesmo carrego em outra Fusta de Cartagenia, que fosse em hum seu Bragantim poer os Almogavares, a saber, a Affonso Munhoz, e os outros a hum salto...		326

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. XXXIX, p. 116	...e segundo parece, que junto com a fonte, que he no caminho, onde foraõ tomar agua, jaziam as Escuitas dos Mouros, e ouveraõ sentimento delles, e forom logo dar recado a Aldêa, que era tam perto, que os nossos ouvrirom o ladrido dos cães, quando as Escuitas dos Mouros chegarom a ella		493
Livro I, Cap. XLI, p. 122	...e acertou-se, que as Escuitas, que alli eram adormecerom; caa era jaa contra a vella da manhã, onde o sono mais carrega aos homens; e os Mouros jouveraõ assy até que foi dia claro, que as Escuitas se forom a pescar fóra do muro, e outros quatro homens, que vinham a tirar covos, forom-se aaquella mesma parte, onde os outros estavam, e os Mouros vieraõ de trás elles, e filharãnos		492
Livro I, Cap. L, p. 145	Como passavam alguns dias, que o Conde naõ avia lingoa de seus contrarios, ou per cartas de estantes Genoeses, ou per Mouros, a que o Conde dava de seus dinheiros por terem cuidado de o avizar de semelhantes cousas, ou pelo Alfaqueque, tinha cuidado d'aver sua lingoa o melhor, que podia.		326
Livro I, Cap. L, pp. 145-146	O Conde quisera saber deste Mouro alguma cousa, do que dezejava; mas elle assy como era creado em vida rustica, assy nom avia nenhum saber das cousas de fora; somente quanto lhe contou das Aldeas derrador como se guardavam, e a gente, que cada huma podia ter, e tanto aprendeo o Conde delle, que dahy a poucos dias partio da Cidade pera trazerem cavalgada		353
Livro I, Cap. LVII, p. 170	...vierom de noite alguns Mouros, e filharãna, de que o Conde tomou cuidado, mais pelo atrevimento dos imigos, que pela perda do Navio, e porem teve taes enculcas com ella, que soube como estava em Tagaça carregando pera Malega		410
Livro I, Cap. LIX, p. 177	...e como elle sabia muito nos feitos do mar, e ainda da terra, quanto ácerca daquella costa, pelo qual lhe o Conde fazia muita honra, e mercê: huma vez lhe disse, que fossem elle, e Andres Martim ver alguns saltos, que elle bem sabia contra as prayas, pera lhe tomarem alguma lingoa ...		327
Livro I, Cap. LIX, p. 179	E em estando em esto as Atalayas virom vir Mouros, e forom-no logo dizer aos Capitães, os quaes sobre aquelles cavallo, que tinham se forom a descobrir, aonde virom como vinham até trinta de cavallo, e dez de pee, em maneira de cillada...		404
Livro I, Cap. LIX, p. 179	E em este enejo mandou o Conde armar hum seu Bragantim, e outro de Pero Palhaõ pera hirem a Alcácer, por quanto lhe dissera o Alfaqueque, que alli entom era, que ficavam naquelle lugar duas Zavras pera partir pera Gibraltar, e huma pera Tanger, e que entendia, que partiriam, tanto que tevessem tempo.		375
Livro I, Cap. LIX, p. 180	...e per este Alfaqueque, e pelos Mouros, que tomarom na Barca, soube o Conde, que tanto que passasse a Pascoa do Carneiro, logo se os Mouros aviam d'ajuntar pera virem cercar a nossa Cidade, como se de feito seguio.	Episódios que antecedem o primeiro cerco mouro a Ceuta;	375, 422

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LX, p. 181	... que por quanto avia dias, que o Conde nom ouvera novas dos feitos de Aabu, e daquelles seus vizinhos, quizera hir fazer huma cavalgada contra aquella parte...	primeiras informações de alerta.	326
Livro I, Cap. LX, p. 181	... virom os do muro sahir hum homem pela porta das coiraças, e como quer que lhe bradasse, nunca se porem quiz tornar; e porque o Conde avia novas, que hũa enculca de Gibraltar era dentro na Cidade, que era hum Mouro natural destes Reynos, o qual fallava muito bem assy a nossa Lingoagem, como o Castelhana, e pensou que podia ser aquella...		484
Livro I, Cap. LX, p. 181	...que era bem hir ver a vereda, que estava na varzea de Negraõ por ver se achariam alli algum homem pera o Conde aver lingoa per elle.		327
Livro I, Cap. LXI, p. 185	E logo no mez seguinte acercou de fugirem homens em huma barca, em que andavam pescando, e o Conde mandou a hum Patraõ, que alli era de Cartagenia, que se chamava Joham de Cordova, que fosse apos ella, a qual hindo tanto avante como Bulhões, em descobrindo a ponta primeira sahirom-lhe tres Fustas de Mouros, e elle deu-lhes a prôa, e fez via da Cidade dando-lhes caça, até direito da Atalaya, que está mais achegada á Cidade...		388
Livro I, Cap. LXI, p. 186	... ou pera furta huma Atalaya, que estava sempre em cima da ponta do Cabo-monte, onde chegarom de noite pera tomar a Atalaya, que he alem da ponta ...		386
Livro I, Cap. LXI, p. 186	...os que estavam em cima na Atalaya vierom-se á praya o mais escondidamente, que poderom, em tal guisa que os Mouros nom ouverom delles sentimento ...		386
Livro I, Cap. LXI, pp. 186-187	...e também per estes soube o Conde como se o cerco ordenava, e mais que os Mouros da costa queriam armar, pera vir correr a costa do Algarve ...		355, 423
Livro I, Cap. LXII, p. 188	... hum Domingo, que eram treze dias do mez d'Agosto a horas de Prima, as Atalayas fezerom sinal, que aviam vista de gente, e repicaron logo...	Episódios relativos ao primeiro cerco mouro a Ceuta (13 de agosto de 1418)	403, 421
Livro I, Cap. LXII, p. 188	O Conde tinha jaa recado, como temos dito, que os Mouros aviam de vir, e nom havia muitos dias, que hum Gonçalo Esteves Tavares, que estava em Tarifa lho viera a dizer, e mandou logo dar aviso aas portas		417

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LXII, p. 189	...e presumio, que seriam Almogavares, porque sohiam alli de andar		335
Livro I, Cap. LXII, p. 189	Hy, disse elle contra Diogo Vazques de Portocarreiro, e armai aquelle Bragantim, e segui via de Castelo de Metene, e vede que gente lá jaz, ou se por ventura nom he mais que esta, que parece desta parte.		383
Livro I, Cap. LXII, p. 190	Ora, disse elle, amigos, contra os Almogavares, vós me atravessai esta terra de mar a mar, poendo-vos em tal guisa, que esteis seguros; e des y mandou logo dobrar toda-las vellas, e roldas da Cidade...		496
Livro I, Cap. LXII, p. 190	...que dez Escudeiros de sua caza tomassem encarrego d'andar a cavallo a vella da madorra, porque a da manhã jaa ficava encarregada a outros ...		495
Livro I, Cap. LXII, p. 190	...quando aquella vella passou, os Mouros quizerom ver o muro; e huns a cavallo e outros a pee vinham-se chegando contra a Cidade, e os Almogavares ouveraõ delles sentido, e o mesmo os Mouros dos nossos, e quizerom de boamente pelêjar; mas a nossa gente nom avia aquelle conselho, ante encaminharom via da Cidade, dando rumor, que vinha gente, pelo qual derom ao sino na Torre d'Alvaro Mendes.		395
Livro I, Cap. LXII, p. 190	...e veio tambem recado da Almina daquelles, que lá tinham a Atalaya, e da outra d'Alvaro Affonso, que os Mouros começavaõ a poer arrayal, e fazer choças, e assentar tendas desde as Quintãs pera o mar, e que lhes parecia, que traziam muitas bestas de carrega, e o gado em manadas, comoque queriam manter assocego. Tornai, disse o Conde, e vede se verees algumas Fustas, e vinde-me logo com recado trigosamente.		393, 497
Livro I, Cap. LXIII, p. 191.	...levai hum Pendam de minha devisa estando naquellas partes d'Almina, e por cousa que vejais, que as Fustas fazem, nom leixeis a dita guarda, salvo se virdes, que querem dar escala, onde os Mouros som derribados; caa acontecendo tal cousa, entam vos encomendo, que acuda alli ametade de vós, e a outra ametade fique todavia com meu Pendam; e quando vierdes, seja o mais escusamente, que poderdes, porque os Mouros nom possam entender, que nenhuns se movem de donde estaõ.		455

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LXIV, p. 193.	... e se alguma cousa virdes fazei-me logo sinal. Mandando ainda, que em todo-los Caramanchões dormissem aquelles, que a elles eram ordenados de vellar, e roldar, acrecentando hy certos Escudeiros, aos quaes mandou, que se nom partissem dalli até que aquelle feito ouvesse fim; e na barreira mandou, que dormissem os Almogavares, avisando-os, que estevessem calados, como Escuitas, e sobre as portas da barreira mandou dormir certos Escudeiros, e Beesteiros.		494
Livro I, Cap. LXIV, p. 193.	No Castello mandou o Conde, que estevesse Gil Vazques pera requerer as vellas, e roldas, e elle ficou naquella guarda que Lopo Vazques sohia de ter, na qual estava Joham Soares seu Irmaõ, até que passou a meia vella, que foi ver toda a Cidade, e dalli se tornou a hum Caramanchão, onde dormio.		494
Livro I, Cap. LXV, p. 197	ElRey meu Senhor he jaa avisado per Gonçalo Esteves, pelo Alcaide de Tarifa meu Primo, e se nos socorro for necessário, sei que nos não pode muito tardar, e que necessario nom seja, todavia sei, que ha de vir ...		419, [424]
Livro I, Cap. LXVI, p. 199	... e huma cabeça de hum Mouro, que os do muro da Cidade matarom, a qual levavam assy alta em huma lança, e as bandeiras arrastando, dando voz, que o Conde era morto, e que aquella era sua cabeça, e as bandeiras d'ElRey de Portugal, requerendo-os, que se dessem de sua vontade, pois o contrario lhes nom prestava: e dizem, que pensando os nossos, que esto era verdade, outorgarom de se darem sem outra mostrança de defeza; e de huma, e outra guisa certo he, que as bandeiras foraõ assy fingidamente mostradas, e elles presos, e a Torre filhada.		458
Livro I, Cap. LXVI, p. 200	Alli era Gomes Fernandes Almocadem, e Affonso Pago por Capitaõ da outra gente de pee; e cada hum delles matou seu Mouro afastados dos outros, sem ajuda d'outra companhia.		332
Livro I, Cap. LXVII, p. 204	Da parte da Almina os das Fustas quizerom filhar terra, e quando virom a gente como estava aparelhada pera os receberem, nom quizerom tentar semelhante sahida, soamente huma dellas, que poz hum Pendaõ por sua segurança, e disse, como alli tinham os cativos, que filharom em Bulhões. Martim de Crasto lhe respondeo, que se fossem embora, ca lhe nom fallariam sem licença do Conde...		456
Livro I, Cap. LXVIII, p. 206	... [O Conde] mandou fora a Affonso Prego, e Joham Moreno, com outros Almogavares, pera travarem escaramuça com os Mouros...		333

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LXVIII, p. 206	...as Fullas forom via d'Almina, onde fizeram mostrança, que queriam tomar terra; mas tanto que virom os Beesteiros estar prestes pera os receber, nom ousarom d'acabar o que tinham vontade, antes se tornarom atrás, onde hum co pano fez sinal de falla...		457
Livro I, Cap. LXVIII, p. 207	Este Elche disse muitas cousas ao Conde acerca da fazenda dos contrairos, e como a gente era casy infinda, especialmente a de pee, que a de cavallo nom era tanta, que per todos nom seriam até dous mil e seiscentos antre os de Xoem, e os outros que vinham com Xeber, afora os naturaes da terra.		359
Livro I, Cap. LXX, p. 213	... bem pareceo, que o Mestre, que estas escadas fizera, avia bom conhecimento do muro, ou aquelles que lhas mandarom fazer; caa eram iguaes com a altura daquella muralha.		487
Livro I, Cap. LXXI, p. 214	...e logo á Terça feira seguinte lhe chegárom quatro Cartas de Tarifa, em que lhe notificárom como hum vizinho daquelle lugar chegára poucos dias avia de Mallaga, e lhe certificára, que ElRey de Graada armava toda sua frota pera virem sobre aquella Cidade...	Alertas para um segundo cerco a Ceuta; chegada de notícias ao reino relativas ao primeiro cerco.	363, [418], [421], [427]
Livro I, Cap. LXXI, p. 214	A estes Mouros, que assy hiam com aquelles Christãos fez o Conde muita honra, como tinha costume de fazer sempre a todos os que a elle vinham por Embaixadores, especialmente aaquelles, que eram daquelle Alcayde, que antre os Mouros daquella parte lhe mostrava melhor dezejo...		428
Livro I, Cap. LXXI, pp. 214-215	E no dia seguinte de sua chegada vio o Conde como se fazia hum fogo em Gibraltar na ponta do monte, e subio logo a hum eirado, e vio bem, que aquello era sinal, e fez hy vir hum dos Mouros, fazendo-lhe grandes promessas, assy de lhe guardar o segredo, como de lhe fazer por ello mercê, que lhe dissesse, o que sabia daquella vinda, e tanto lhe rogou sobr'ello, até que o Mouro antre a esperança do ganho, e a quentura do vinho, disse quanto sabia, especialmente afirmou o trauto, que era antre ElRey de Graada, e ElRey de Féz, pela guisa que jaa lhe escrepverom de Tarifa: e aquelle fogo he sinal, disse o Mouro, que as Fustas, e frota tom jaa de todo prestes, e que se percebam porem os da terra; e tambem vam pelo Embaixador, que foi a Graada, e esto, Senhor, disse elle, avee por muito certo. O Conde por se certificar melhor fez inda vir o outro em sua parte, o qual lhe afirmou todo, o que lhe o outro dissera, nom desviando nenhuma cousa; e per aquella mesma guisa o escrepveo Ruy Gomes de lá donde estava cativo, acrecentando mais, que os Mouros se trabalhavam de buscar erva, pera tirarem com ella. Soube inda o Conde per estes Mouros, como os que vierom sobre a Cidade, era por toda gente cento e vinte e dous mil, afora mulheres, e moços pequenos, e que os mortos, que se achárom menos no Arrayal passavam de tres mil, afora os que nom sabiam, e outros que morriam cada dia, e os feridos, que eram casy sem conto.		429, 430

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LXXII, p. 216	O Conde vendo quanto lhe compria, d'ElRey ser avisado de semelhante feito, escrepveo logo trigosamente mandando com aquellas Cartas dous seus criados, homens de que elle avia boa esperança, que se per caso, algum adoecesse, que o outro podesse seguir a viagem: e porque estes messageiros podessem mais prestesmente ser levados, mandou o Conde a Diogo Vazques, que armasse o Bragantim, e que os pozesse em Tarifa...		431
Livro I, Cap. LXXII, p. 216	... jazendo assy veio huma Fusta, que passava de Graada com o Embaixador pera Féz, e nom se poderom tam asinha perceber, que os Mouros primeiro nom saltaram em terra; tomáraõ porem a Fusta na qual acháraõ muitas alcavallas, e figos, e amendoas: e per tres sellas, e freios, e esporas, que acharom, soube o Conde, que era alli um Embaixador, a qual cousa se certificou pelas Cartas, que acharom depois; caa pero muitas lançassem ao mar, ainda ficarom algumas, per que o Conde soube a certidaõ da Embaixada; empero quizesse ainda melhor certificar-se, mandou a Diogo Vazques, que armasse outra vez, e que se passasse da parte de Graada a filhar algum salto, onde podesse tomar alguma lingoa.		329
Livro I, Cap. LXXII, p. 216	E o Conde consírando como este feito se aparelhava pera ser de verdade, pois per tantas testemunhas era provado e que alem daquestes lho escrepveram homens, que ElRey tinha pera esto em Sevilha, e em Tarifa avisados pera taes cousas, enviou logo outros messageiros a ElRey...		432, [420]
Livro I, Cap. LXXIII, p. 218	Pouco espaço estiverom os Infantes com seu Padre naquelles Paços da Serra, onde o acharom doente, quando achegarom as Cartas dos primeiros Mouros, que eram em Cepta, as quaes lhe enviarom de Tarifa, porque ainda o Conde nom tevera vagar de o escrepver.		434
Livro I, Cap. LXXIII, p. 218	E porque jaa dias avia que ElRey sabia, que os Mouros aviam de vir pelos recados, que lhe o Conde enviára, como jaa ouvistes, mandou logo ao Infante Eduarte, que se fosse a Lisboa, e que fizesse aviar a frota, de guisa que estivesse prestes, que se o Conde escrepvesse [...] e entre tanto algum outro recado virá, que nos avise do que nos convenha fazer.		436
Livro I, Cap. LXXIII, p. 218	... e em esto chegarom as primeiras Cartas do Conde Dom Pedro como estava cercado, que lhe fosse socorro, as quaes forom feitas logo no segundo dia, que os Mouros achegaro.		433
Livro I, Cap. LXXIII, p. 218	...chegáraõ as Cartas do Conde, nas quaes recontava como os Mouros, que o tinham cercado eram jaa partidos...		437

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LXXIII, p. 219	E do Reino do Algarve partirom Micer Carlos filho do Almirante, e Affonso Vazques da Costa, os quaes se foram logo ouvindoo o primeiro recado, com quanta gente poderom aver, e certamente, que depois, que aquella Cidade foi tomada aos Mouros, os daquelle Reino trabalharom em ello muito; caa como estavam mais ácerca, assy aviam as novas primeiro	Chegada de ajuda do reino; alertas para um 2º cerco a Ceuta	438, 439
Livro I, Cap. LXXIII, p. 219	Quando assy estes Senhores chegaram a Cepta, nom foram muy contentes, porque hy nom acharom os Mouros; caa tamanha vontade aviam de se combater com elles, que receavam, que o medo do primeiro cerco os faria cobrar temor, porque nom viessem ao segundo. Porem o Conde lhes contou os recados, que avia, pelos quaes se elle regêra pera escrepver a ElRey. Dom Joham, e seu Irmaõ, e assy os outros Fidalgos estiverom assy bem hum mez, que nunca ouverom recado de Mouros, enojarom-se muito por ello, pelo qual a gente miuda andava razoando mal do Conde dizendo, que ficára taõ espantado dos primeiros Mouros, que fingira assy aquelles recados por lhe a gente ser enviada, e ter com elles ousio...		425, 426, 465
Livro I, Cap. LXXIII, p. 220	...hum Domingo á noite pareceo sobre o mais alto monte da Ximeira hum grande fogo, o qual durou por espaço de quatro horas, a qual cousa vista pelo Conde, e pelos outros Senhores, que tal sinal nom era senaõ avisamento pera os Mouros de Graada: e porem tenerom logo conselho esta mesma noite, de se perceber; mas quem poderia meter em cabeça á gente, que era nos Navios, que se tornassem outra vez em terra. Agora cremos nós, diziam elles, o trabalho em que ElRey he com este homem, o qual como vee hum pouco de fogo, que alguns pastores fazem pera se aqueutar, ou pera fazerem de comer, logo mete em alvoroço todo o Regno de Portugal, tam amederontados ficárom daquelles Mouros, que as sombras das arvores lhes fazem espanto...		463, 465
Livro I, Cap. LXXIII, p. 220	O Conde como foi manhãa mandou poer as Atalayas pera o avisarem da frota, quando sahisse do porto de Gibraltar; caa elle bem conhecia, que semelhante sinal nom podia sinificar senaõ grande ajuntamento, quanto mais pelo que jaa d'antes sabia...		415, 464
Livro I, Cap. LXXVI, p. 226	... e tanto que a Atalaya vio como se ajuntavam pera poer o fogo a bombardas, avisou o Mestre do engenho, o qual enderençou assy seu artificio, que ao tempo que a bombardas estava pera desfechar, fez carregar o engenho de mais pedra, e foi dar no meio da bombardas, a qual afora ser quebrada em muitos pedaços...	Ataque mouro (2º cerco?); alertas para o reino	414
Livro I, Cap. LXXVII, p. 228	Como aquella Villa de Tarifa he vizinha do Regno de Graada especialmente de Gibraltar, como se os Mouros começáraõ de correger pera hir cercar a Cidade, logo o Alcayde daquella Villa teve cuidado de escrepver a ElRey, avisando-o, que se queria defender a sua Cidade, que lhe enviasse trigosamente socorro.		366, 435

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LXXVIII, p. 230	O Conde Dom Pedro como homem prudente, e avisado vio como os Mouros cada vez recreciam assy da parte do maar, como da terra, e sobre todo, que lhe escrepveraõ de Tarifa, como ElRey de Graada queria passar...		321, 365
Livro I, Cap. LXXVIII, p.230	...e que logo esta noite vos enderenceis de partir o mais escusamente, que poderdes, de guisa que ElRey meu Senhor em breve possa per vós ser avisado do ponto em que somos, e mais do em que esperamos de ser...		440, 469
Livro I, Cap. LXXVIII, p. 230	...de guisa que sobre a boca do seraõ começou de fazer sua viagem, dê s y fez vogar sua Fusta com suas vogas largas, e mantas, perque os Mouros nom ouvessem razaõ de conhecer, que a Fusta era de Christãos...		472
Livro I, Cap. LXXVIII, p. 231	E assy como os Mouros começavam mais esguardar, assy hiam os Navios mais descobrindo; e alli começaram a fazer muy grandes fumaças contra os Mouros, que estavam sobre [sic] o cerco, mas que seria, caa elles cuidavam, que lhes davam esforço notificando-lhes a vinda d'ElRey de Graada, e por ello nom leixavam d'obrar, no que de ante tinham começado.		461
Livro I, Cap. LXXIX, pp. 232-233	...daquella parte da Almina ouverom conhecimento das grandes fumadas, que se per toda-las partes daquella costa antre seus amigos faziam, e suspeitando, que nom era sem algum grande misterio de alguma manifesta contrariedade, mandaron hum homem ao Castello d'Almina avisando-o, que esguardasse contra a sahida do Estreito se veria cousa, que os em alguma guisa podesse torvar, e tanto que aquelle foi em cima vio como hum Navio se encostava contra a ponta de Bulhões, e assy fez hũ fogo, e logo apos aquelle vio outro Navio, e por semelhante fez outro fogo; e a esto atendiaõ jaa tambem os Mouros d'Aljazira, como os da Almina, pelas grandes fumadas, que avia peça que viam, e quando huns, e os outros virom aquelles dous fogos sentirom, que eram Navios, que vinham a socorro, e começáraõ logo de se torvar, e floxar algum tanto de seu combate, mas nom tardou muito quando o Mouro fez dez, ou doze fogos ajuntadamente, e depois espalhou o fogo per toda-las partes em sinal, que os Navios eram tantos, que os nom podia jaa contar.		462
Livro I, Cap. LXXXII, p. 243	...e os que hy ficaõ sei muito certo, que nom tem que comer, e o Inverno he grande; sei que se agora fossem sobr'elles, que com pouco trabalho os podiam tomar...	Episódio relativo aos planos do rei Esquerdo de Granada	367
Livro I, Cap. LXXXII, pp. 243-244	...e farei andar hum Navio bem armado na boca do Estreito, porque os de Cepta nom tenham azo de mandar a Tarifa, caa este he o seu principal remedio como se vem na apertada, e que ainda que em Portugal ajam as novas, primeiro eu tomarei a Cidade, que se a gente possa ajuntar...		367

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro I, Cap. LXXXII, pp. 244-245	...mas he pera rir do que Vossa Senhoria diz, que mandarees andar Navio na boca do Estreito pera reter algum recado se o Conde quiser enviar ao Alcayde de Tarifa: e nom sabees vós, que o Alcaide de Tarifa he parente muito chegado do Conde, e que he Christaõ como elle, e que este Alcayde foi em Portugal, onde lhe foi feita muita honra, e grande mercê, segundo soubestes per vossos Alfaqueques, o qual trás aqui continuadamente enculcas antre nós, as quaes lhe vós nom podeis tolher com quanto poder tendes, caa sam vossos propios naturaes, e tem suas maneiras com elles, por ijso, que lhes elle daa do seu, de guisa que inda vós nom bullis com hum remo em vosso Reyno, quando jaa he sabido em Tarifa, e nom sem razaõ, caa assy fazeis vós antr’elles, que nom podem fazer cousa de que nom sejais primeiro avisado: e em Tarifa está hum Escudeiro d’ElRey de Portugal com muitos homens de pee, porque logo escrepve ao seu Rey...		368
Livro I, Cap. LXXXII, p. 245	Porem ElRey todavia se começou de correger com alguma dissimulaçam, que lhe pouco prestou; caa o Conde como pensava toda-las cousas cuidou, o que ElRey podia cuidar; e por se certificar dello mandou em aquella costa hum Bragantim pera lhe tomarem huma lingoa, a qual de feito foi filhada, per onde elle soube todo-los movimentos d’ElRey		368
Livro I, Cap. LXXXII, p. 245	...nom soomentc foi a Cidade repairada nos fallecimentos principaes, mas ainda muitas boas cousas feitas de novo; caa mandou fazer adegas, e celleiros pera os mantimentos que viessem, serem alojados, onde se nom perdessem, como ante faziam, e assy logeas, e cazas pera mercadores derredor da Praça, e correger a Aduana com as outras aposentadorias pera as nobres gentes, que vinham aa Cidade; e casy cada semana era avisado do que seus contrarios faziam.		361, 362
Livro II, Cap. II, p. 250	E seguio-se, que huma noite mandára o Conde suas Escuitas fora com entençom do outro dia dar lenha aos Moradores da Cidade, e jazendo huns sobre a volta do Romal, e outros sobre hum porto, que se chama dos Alemos, ao quarto d’alva sentirom Mouros de cavallo, e outra muita gente de pee, e querendo aquelles trazer as novas ao Conde topárom com as Escuitas dos contrarios, as quaes eram em muito mayor numero...		369, 493
Livro II, Cap. II, p. 250	...e sendo jaa horas, que as Atalayas estavam em seu lugar ouverom vista do trabalho, em que os nossos eram, o qual recado trigosamente forom dar ao Conde [...] ca o sino repicava dès que vira as Atalayas capear...		407, 416
Livro II, Cap. III, p. 252	...e em esto chegarom as novas ao Conde como Ruy Gomes era cercado, o qual foi em muy grande trabalho por lhe dar socorro; caa se temeo de lhe terem algumas cilladas, porém ouve todavia d’hir avante, mandando primeiro descobrir aparte do Canaveal, porque alli estava por entaõ a duvida principal...		314

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. III, p. 252	... foi elle com vinte de cavallo fora da Cidade, e mandou logo descobrir a cillada do Canaveal, onde nom foi achada nenhuma cousa contraria, e com aquella segurança se foi Ruy Gomes com aquelles, que o seguiam poer sobre o Outeiro dos Gazulles; e estando assy guardando os que apanhavam sua erva, sahiram até cem Mouros de cavallo da volta do Romal, com os quaes seriam até mil homens de pee, que nunca foraõ vistos, se nom quando jaa eram sobre o porto dos Alemos...		409
Livro II, Cap. III, p. 252	...a huma Torre, em que estava hum Escudeiro, a que chamavam Johaõ Preto, o qual a pedira a ElRey com entençaõ de a manter, e avisar a Cidade de qualquer novidade, que hy sobreviesse...		401
Livro II, Cap. VI, p. 259	...eram em aquello encejo dous Barinees no porto, e como gente descansada, com dezejo de ver novidade de cazamento, e des y er por ser Domingo, deixaram os Navios desacompanhados, e sobrevierom pera os filhar quatro Fustas de Mouros, as quaes sentidas na Cidade, começáraõ de repicar muy rijamente...		381
Livro II, Cap. VI, p. 260	...e logo a poucos dias estes mesmos Cossarios tornaram a tomar hum salto na Almina, onde filharom dous moços, e hum homem...		381
Livro II, Cap. VI, p. 260	...avisarom seu Capitaõ, o qual lembrado daquellas Barcas, que andavam a pescar, mandou fazer huma fumaça sobre o cesto, per que forom avisados, aindaque se já trabalhosamente podessem salvar.		405
Livro II, Cap. VII, p. 261	...chegou hum Mouro á Cidade, que te chamava Jufez, a que o Conde fazia mercê, pelo avisar d'alguns contrarios quando viessem, o qual notificou como eram vindos Mouros da Gazulla, os quaes seriam alli no dia seguinte.		357
Livro II, Cap. VII, p. 261	No outro dia mandou o Conde a Fernam Soares d'Albergaria, e a Fernam Camêlo, que fosse seguir sua guarda, como he costume naquella Cidade, avisados porem das novas, que ante ouvera; mas nom se alongáraõ aquelles Fidalgos muito das Atalayas, quando encontraram com os Mouros...		382
Livro II, Cap. VII, p. 262	Os da guarda como os Mouros sahirom a elles, recolherom-se como gente sem temor, do que a Atalaya ouve sentido, e avisou logo a Cidade, des y começando de repicar, o Conde como era avisado jaa foi logo prestes...		382, 407

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. VIII, p. 265	... chegarom hy novas como ElRey de Féz tinha cercado aaquele gram Marim Çallabemçalla, a qual cousa Pero Gonçalves fallou ao Conde dizendo, que pois aquelle Mouro estava tam apressado, que seria bem de lhe ser cometido, que deixasse a Villa pera ElRey, e que o Conde se obrigasse de o hir aajudar a defender daquelle perigo, em que estava; o que pareceo muy bem assy ao Conde, como aos outros Senhores; e fallando sobr'ello acordarom, que seria proveitoso, que Pero Gonçalves, e seu Irmaõ, e Ruy Gomes fossem em huma Gallé como Embaixadores aaquele grande Marim, e que levassem sua Carta de crença, e lhe fizessem o dito cometimento, e que per semelhante levassem outra a ElRey de Fez dizendo-lhe, que elles lhe ajudariam a filhar aquelle lugar, com tanto que elle desse pera a Coroa d'ElRey de Portugal a Villa d'Alcacer com certa soma d'ouro.	Tentativa de aproveitamento de dissidências mouras	499
Livro II, Cap. IX, pp. 268-269	...e certamente que se o Adail nom errara a vereda, o monte fôra tomado, de que Gonçalo Velho foy anojado, e quizera matar o Adail, senaõ fôra per alguns requerido pera o contrario dizendo, que se anojariam aquelles Fidalgos por ello; porem mandou-lho preso, que o castigassem...		347
Livro II, Cap. IX, p. 269	...caa sendo jaa cerca da Aldêa pera onde forom guiados per hum Adail, que lhe derom aquelles Fidalgos, o qual fôra jaa Mouro, e morador daquella mesma terra. Como será, disse Gonçalo Velho, que este, que he daqui natural aja de buscar danno a seus parentes, e á terra de sua natureza. Nom cureis, disserom aquelles Fidalgos, vós hy sob sua guarda, caa elle tem jaa aqui feitas tantas, e taes cousas em danno daquesles, que a mais pequena parte da vingança seria a elles a morte. E seguindo sua viagem, o Adail fez sinal como estavaõ cerca da Povoraçao: e pera sentirdes, disse elle, quanto sois de perto, assocegai vossos sentidos, e ouvireis o remor, que fazem...		348, 349
Livro II, Cap. IX, p. 273	Vede, disse Gonçalo Velho, como alli veem Pendões, que trazem pontas, o que nenhuns Mouros uzam trazer: e sendo todos certificados da verdade avivarom-se tanto, que começaram a terceira pelêja com os contrarios...		455
Livro II, Cap. X, p. 276	E seguio-se que neste tempo ouve o Conde Dom Pedro novas como se carregavaõ em Malaga huma Fusta, e alguns Carevos de grossa mercaderia...		363
Livro II, Cap. X, p. 276	...a estes tres Capitães chamou o Conde, e amoestou-os, que tevessem tal avisoamento, que per sua mingoa nom se recrecesse algum perigo á outra companhia, avisando-os da maneira, que tevessem em sua viagem, os quaes bem ensinados do que lhes compria, como sobreveio a noite partirom da Cidade...		471

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XI, p. 280	...e passados nove mezes, que o Conde estava neste Regno, escreveo-lhe Ruy Gomes como avia por certas novas, que ElRey de Tunes armava pera vir sobre a Cidade; e porque este era o Rêy, que antre os Mouros possuia maior frota, trigou-se Ruy Gomes notificar esto ao Conde...	D. Pedro de Meneses está de visita o reino	328
Livro II, Cap. XII, p. 282	E tanto que o Conde Dom Pedro chegou a Cepta trabalhou-se logo de mandar tomar todo-los saltos, que eram em terra de Mouros pera aver sabedoria, do que seus contrarios contra elle queriam fazer; e hum Escudeiro, que se chamava Ruy Vazques foi a hum salto junto com Targa, onde filhou quatro Mouros, e tres Mouras, e assy per estes como per outros, que foram filhados ácerca de Tituam, soube o Conde como ElRey de Tunes era embargado de sua viagem; e certo he que sua vinda aa Cidade de Cepta fezera grande empacho, especialmente pela soma da frota, que trazia; e avidas assy estas novas, Dom Fernando, e os outros Senhores, que com elle foram, estiverom assy dous mezes, até que tomarom outros dous Mouros, que concertarom com aquestes, os quaes foram tomados acerca d' Alcacer...	D. Pedro de Meneses volta a Ceuta	328, [352]
Livro II, Cap. XIII, p. 284	...chegou ally Martim de Çamora, ao qual eram encomendados dez homens daquelles, que tinhaõ carrego de escuitar a terra. Eu jazia, Senhor, disse elle, esta manhã álem de Barbeche contra a calçada, pera hir tomar minha Atalaya, e vi vir por aquelle caminho dezaseis Mouros; os quaes entrarom no Valle passando ao ribeiro, e eu, Senhor, leixei lá dous homens, e rodei por Bulhões, pera vos trazer este recado. O Conde lhe preguntou se posera os outros em aviso de lhe trazerem recado se mais gente passasse. Sy, Senhor, disse Marfim de Çamora, mas entendo, que aquelles, nem outros jaa vos nom podem vir com recado nenhum, senaõ de noite, aindaque mais gente vejã passar. E porque era jaa sobre a tarde presumio o Conde, que teriam jaa passado Barbechete, e que teriam a Atalaya sobre a Cidade...		412, 493
Livro II, Cap. XIII, p. 284	...e porem mandou atravessar toda-las veredas, que nenhum nom podesse passar, que nom fosse sentido, e des y avisou Lourenço Carvalho, e Joham Preto, porque cada hum tinha carrego de dez homens, e mandou-lhes, que fizessem tomar os portos...		413
Livro II, Cap. XIII, p. 285	Lopo Vazques, e os outros Escudeiros tomarom o porto da calçada, e puserom suas Escuitas, e como foi manhã tomarom as Atalayas...		416

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XIV, p. 286	...porque de quatro homens, que dormiam na Atalaya do caminho, per que estava corregida pera se defender, depois que o dia era alto, e a terra descoberta hiam-se dous delles a Atalaya da Aljazira, por quanto descobre o maar; e parece, que quando os dous foram, hum dos outros dous, que ficavam rogou ao outro, que tomasse elle por hum pedaço aquelle cuidado soo, caa elle queria hir fazer hum feixe de lenha, e quiz assy a ventura, que naquele mesmo anejo sahirão os Mouros em tal guisa, que quando os da Aljazira sobiraõ, jaa os de cavallo eram á Ponte: e porém começáraõ logo de capear huma vez decendo-se logo, e como quer que grande trigança pozessem jaa nom poderom aver a Atalaya do caminho, ante se lançáraõ pela porta de fundo da Aljazira; e os outros que guardavam as Atalayas da porta de Madrabaxabe começaram de repicar...		390, 398, 408
Livro II, Cap. XIV, p. 286	...mas logo em breve a outra Atalaya começou de avisar a Cidade com seus acenos, caa segundo parece a Atalaya do caminho por bradar ao parceiro, que andava colhendo sua lenha, esqueceo-lhe o sinal, em tal guisa que quando jaa o fez, os Mouros eram á Figueira, de guisa que escassamente se pôde aver o outro na Torre, alli começaram o repique muy rijamente		407
Livro II, Cap. XV, p. 288	Querendo o Conde uzar de sua acostumada providencia, em saber o que seus imigos faziam, ordenou de enviar tres homens, que jaa em outro tempo foram Mouros, os quaes trazia por enculcas, caa nom podia elle achar y quem os taõ bem fizesse, querendo elles manter lealdade, assy pela terra, que sabiam, como pela lingoagem, e natureza, que avia antrc aquelles; e nom pareça esto mingoa d'avisamento, caa se nom podia fazer per outra guisa; caa se os outros, que ainda nom tinham a Fee Christãa trouxerom grandes avisamentos aaquella Cidade, que nom podiam fazer aquelles, que mór esperança tinham de se salvar? e estes foram postos per hum Bargantim ácerca de Tituaõ, onde jouverom assy tres dias...		474, 485
Livro II, Cap. XV, p. 288	...que se elles bem queriam fazer, que devia hum delles tornar ao Conde, e dizer-lhe como os dous ficavam sobre as vacas, e que por alli o faria hir a lugar, onde o podessem matar, ou prender, o que elles disserom, que lhes parecia bem, e perguntando a Pero Annes disse, que açaz era de bom conselho, pero que este recado nom compria, que outrem o levasse senaõ elle, porque era certo, que o Conde nom o avia de crer, senaõ a elle: os outros disserom, que era verdade, porem Pero Annes partio logo, e avisou de todo ao Conde como estava azado, e porém se guardasse, como o Conde de feito fez...		474
Livro II, Cap. XV, p. 289	...caa porque elle estivera, pouco tempo avia cativo, avia algum conhecimento da terra: o Conde porque o jaa mandára outras vezes, e sentia, que sabia a Comarca assy pelas hidas, que fazia, como pelo cativo, em que jouvera, outorgou-lhe a licença, o qual buscou outro, que o fosse aajudar aaquelle trabalho, onde durarom quatro dias, em fim dos quaes trouxerom recado...		475

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XV, p. 289	...mandando porêem o Conde, que fossem ant'elles seis homens de pee por azo da Escuita, que lhe disserom, que os Mouros tinham a Atalaya do Negraõ por vêr se a poderia tomar, ou embargar, de guisa que nom podesse avisar os Mouros...		391
Livro II, Cap. XV, p. 289	...porque primeiro foram avisados, que nom partissem dalli, senaõ dêes que passasse hũa hora depois de mũa noite, porque nom chegassem, onde aviam de lançar a cillada, senaõ hum pouco antes d'alva; caa postoque entaõ fossem sentidos das Escuitas, nom poderiam jaa hir dar recado senom de dia, e que assy nom se poderia ajuntar gente, de que elles nom ouvessem sentimento, e hindo assy postoque suas Escuitas levassem diante, nom ouverom sentimento dos contrarios, porêem que acharom rasto de dous homens, a saber, hum descalço, e outro calçado, e nom esguardando em ello como deviam, fezerom-no no outro dia; e passando a Atalaya no caminho achavam os juncos atados, e as ervas, que atravessavam o caminho humas com outras, e como quer que as nossas Escuitas esto bem vissem, tanta foi sua ceguidade, ou malicia, que nom o quizerom dizer, senaõ depois que foram, onde aviam de jazer, e pera se o feito peor encaminhar...		346
Livro II, Cap. XV, p. 290	...e segundo se depois soube pelo Alfaqueque, elles foram sentidos ante da mũa noite, e as duas Escuitas foram dar recado, hum a toda a terra de Meigiece, e outro a Angera, e outro ficou tras elles, e seguios até onde se lançaron, e tanto que os deixou lançados foi dar recado onde ficavam...		379
Livro II, Cap. XVI, p. 295	Em esta Barca achou o Conde hum Mouro natural de huma Villa deste nosso Regno, que se chama Santarém, per que foi avisado de quanto dezejava saber, porque nom soamente abastou dizer novas de Graada, mas ainda avisou ao Conde quaes eram os Mouros per que podia saber o mais, que dezejava, e per aquelles foi avitasado como ElRey de Tunes per nenhum modo podia vir sobre Cepta, pela contenda que avia com os Alarves, e des y mingoa de Frota, em que pelo presente era; e soube como ElRey Buamar partira de Caza d'ElRey de Tunes com setecentos de cavallo, e huma carrega de dobras tuneciis, as quaes jaa tinha todas defpezas, e que estava em Féz açaz prove, e que Mulle Buale era em aquelle tempo em Cacer Quebir com Çallabemçalla, e que lhe tinha huma mulher, e hũ filho, e dous irmãos em hum Castello, que fezera na Serra de Gibel Fabibe, e contou-lhe como Çallabemçalla matára muitos Mouros daquelles, que vizinham com Cepta, barbaros de Luzmara, e d'Angera, e que roubára toda a terra, e que levára muitos prezos; e esto porque tinham com ElRey Buamar com outras muitas cousas, que lhe contou, de que o Conde recebeo aviso.		358
Livro II, Cap. XVII, p. 296	...cento e cincoenta Mouros Almogavares vierom a Cepta ...		316

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XVII, p. 296	Affonso Vazques, que estava per Atalaya hia per aquelle mesmo caminho per onde elles vinham, pera hir tomar a Atalaya no outeiro...		399
Livro II, Cap. XVIII, p. 298	Huma noite de hum Domingo, que eram dezoito dias d'Agosto mandou o Conde suas Escuitas fora, por lhe avisarem a terra, porque no outro dia queria dar lenha pera carvom; os quaes partirom como lhes foi mandado, mas nom acharom cousa, que lhe podesse fazer empacho: porêm mandarom dizer ao Conde no outro dia, que fosse a aviar sua fazenda, pois era seguro dos contrarios...		488
Livro II, Cap. XVIII, p. 298	...as Atalayas começaram de fazer acenos, pelo qual o sino começou de soar...		407
Livro II, Cap. XVIII, p. 301	Os Mouros como virom, que não podiam cobrar o Outeiro pera se lançarem em Barbeche, e virom a soma dos mortos, os que hiam na dianteira acordarom-se de saltar em hum caminho velho muy espesso, que vai sob a cabeça escontra a Cidade per a Atalaya da Palmeira, que he sobre Bulhões....		394
Livro II, Cap. XVIII, p. 302	O Conde querendo recolher a gente, que andava espalhada, e fazer buscar os que ficavam no mato escondidos, em se tornando, vio vir huma soma de Mouros per hum soo pee de hum outeiro alto, que estava antre Barbeche, e a Cidade, onde se tem as Atalayas quando vaõ aa lenha...		400, [389]
Livro II, Cap. XIX, p. 305	...que avendo o Conde novas, que as Fustas dos Mouros aviam de hir a hum salto a Castella, e dahy ao Regno do Algarve, fez armar tres Fustas suas...		356
Livro II, Cap. XIX, p. 305	...e foram-se a Callez, e estando no porto chegou hy hum moço, que era do Chantre daquelle Lugar, que lhes vinha a dizer, como seu Senhor os avisava, que de cima de huma Torre da Igreja viam huma Fusta no maar largo defronte do Lugar: Alvaro Affonso por se certificar dello mandou hum dos Alcaydes de sua Fusta, que fosse a cima pera reconhecer se era assy, e quando souberom que todavia era Fusta, ou Navio daquella forte, aparelháraõ de partir...		350

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XX, p. 307	Os Castellãos nom tenerom aquelle conselho; e porém tornarom a seguir sua viagem, mas tanto aproveitou sua hida naquella Cidade, que o Conde nom quiz enviar laa pelos cativos, até que enviou laa per hum Christão, e recebeo cartas d'outros, que laa estavam, em que lhe certificavam, que hy nom avia Fustas nenhumaes especialmente Fernam da Silva, a que o Conde deu muito mayor fee, como era razaõ. O Conde porém como homem muito prudente, e avisado, nom quiz de todo tomar segurança, caa presumio, que bem podiam as Fustas estar em algum lugar escondido, e os d'Alcacer nom saberem dello nada; e per sua mayor segurança mandou, que se armassem suas Fustas todas quatro, e de gente especial, per que se per ventura topassem com as outras; que dessem de sy conta...		321
Livro II, Cap. XX, p. 310	...e esto soube o Conde ao depois pelo Alfaqueque, e ainda o Alcayde de Tarifa, que ouve dello certidom per hum homem, que enviou em huma sua Fusta a Cartagenia, que o laa aprendeo de hum Alfaqueque, que aaquella sazaõ era em Alcacer com recado de cativos, que tirara da Ordem da Trindade, e era Irmaõ daquelle arrenegado, que sendo Christaõ se chamava Manoel, e logo em outro dia passou aalem, e o Alcayde de Tarifa escrepveo esto assy a ElRey de Portugal.		364
Livro II, Cap. XXI, p. 312	...e em o anno seguinte em prostimeiro de Mayo mandou o Conde seis daquellas Escuitas fora; e parece, que se nom lançaram assy como lhes era ordenado, a saber, em duas partes, e vierom os Mouros, e meterom-se antre elles, e a Cidade; e elles quando virom o rumor quizerom-se tornar e os Mouros ouverom vista delles, e mataram os cinco, e hum escapou...		492
Livro II, Cap. XXII, p. 314	...e porque a chuva era grande nom poderom os Mouros ser vistos, até que forom junto com a Atalaya, que começaram de repicar...		411
Livro II, Cap. XXII, p. 316	E em estando Alvaro Affonso pera se tornar chegou hum mareante a elle, e disse-lhe como no porto d'Alcacer jaziam dous Navios, e que lhe parecia hum delles crecido...		350
Livro II, Cap. XXII, p. 316	Em este tempo chegarom alli as Gallés de Veneza, e ouverom grande gasalhado do Conde, e lhes forom alli compradas daquellas cousas, que traziam, muy bem, porque foi achado, que leváraõ dalli bem seis mil coroas antre ouro, e troco de mercadoria, de que elles mostrarom, que lhes prazia muito, porque pensavam, que em Cidade, que mais costumava guerra, que traustos d'outros negocios, nom podessem achar, quem em sua mercadoria tanto dispendesse...		360
Livro II, Cap. XXV, p. 323	E acertou-se, que em huma vespera de Santa Maria de Setembro vierom a Cepta quatrocentos Mouros de cavallo, e mil seiscentos de pee, e como o Conde era avisado de todas cousas, que seus contrários queriam contra elle fazer, defendeo, que em aquelle dia não fosse nenhum fora, porque disse, que avia novas, que aviam de vir Mouros sobre a Cidade...		324

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XXV, p. 323	Hy, disse elle, por essas Atalayas, e avisai-vos, que nom passeis mais adiante, ca sei certo, que os Mouros vierom, ou ham de vir oje: não metais a vós em perigo, e a nós em trabalho.		492
Livro II, Cap. XXV, p. 323	Os que estavam na Atalaya da Villa começaram seu repique, e a gente começou de se alvoroçar, e o Conde disse, que nenhum nom sahisse.		392
Livro II, Cap. XXV, p. 324	E em esto ferimos cavallos das esporas, e chegarom a elles, os quaes volvendo os rostos virom tam poucos, que lhes pareceo peor que vergonha leixarem-se assy vencer a tam pequena toma, e onde á primeira eram, onde se chama o Forno Telheiro fizeram a volta até chegar ao Porto do Lameiro, que he abaixo da Atalaya de cima...		388
Livro II, Cap. XXV, p. 327	... e no outro dia vêo o Alfaqueaue, e contou como falleciam seiscentos e vinte Mouros, dos quaes nom achava mais, que cincoenta presos...		378
Livro II, Cap. XXVII, p. 330	... no anno seguinte, que era de mil quatrocentos trinta e dous no mez de Março ouve o Conde novas, que os Mouros da terra de Meigece nom tinham Escuitas, por quanto as não queriaõ pagar dizendo, que em Cepta nom estava tanta gente, que lhe mal podesse fazer: e porém ordenou de mandar tomar lingua das Aldeas em qual se melhor podesse fazer; e enviando laa suas Escuitas, andaraõ aquelles dias, que sentirom que compria, e nom poderom tomar nenhum Mouro, nem Moura, per que se o Conde podesse aviaar, do que dezejava saber: e porém avisarom as Aldeas o melhor que poderom...		480
Livro II, Cap. XXVII, p. 330	... e recolherom-se sem nenhuma perda, soamente de hum cavallo, que laa foi morto, e outro que fugio no caminho a hum Escudeiro, que se deceo delle por lhe tirar huma pedra, que trazia no pee, sendo junto com a Atalaya do Negraõ.		391
Livro II, Cap. XXVIII, p. 333	Se dissemos que o Conde Dom Pedro trazia sempre suas enculcas antre os Mouros pera saber, o que elles faziam, nem elles nom andavam fora daquelle cuidado, porque, ou pelos Alfaqueques, que vinham á Cidade, per quem os cativos avisavam seus parentes, e amigos, ou per alguns falsos Christãos, que os Mouros antre os nossos traziam por enculcas, casy sempre eram avisados, especialmente das cousas geraes, porque nas especiaes sabiam os Capitães ter seus avisamentos como sentiam, que cumpria a sua segurança.		371, [442], [486]
Livro II, Cap. XXVIII, p. 333	Chamei-vos, disse elle, a este lugar pera vos dizer as novas, que ouve de Cepta, e esto he, que o Velho, que alli está por Capitaõ, he partido pera o seu Regno, donde elle he natural, porque parece, que vai fallar a seu Rey; que segundo me escrepvem, que leixar aquella Cidade ao seu Filho...	D. Pedro de Meneses visita o reino; Episódios do comando	441

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XXVIII, p. 333	... pois sabemos, que os de cavallo nom passam de trinta, e que nom ha hy Capitaõ, que os saiba reger.	de D. Duarte de Meneses, filho do Conde	443
Livro II, Cap. XXVIII, p. 334	...e sendojunto com a Cidade, as Atalayas ouverom vista delles, caa entráaõ de dia, e forom-se lançar em cillada acerca dos moinhos do Canaveal, do que Dom Duarte foi logo avisado, e fez tanger suas trombetas...		444
Livro II, Cap. XXVIII, p. 335	... e alli vio Dom Duarte que era tempo de se recolher, e fez tanger suas trombetas em sinal de recolhimento ...		451
Livro II, Cap. XXIX, p. 337	... mandou Dom Duarte saber pelas Comarcas d'arredor, onde poderia fazer alguma cousa, em que elle cobrasse nome de quem elle era, e ainda do que dezejava ser [...] e com esta vontade mandou ao Adail com seus Almocadens a ver o que dissemos; os quaes lhe tornarom com recado, como em Benexeme estavam por Fronteiros cincoenta de cavallo, nom com pequena esperança de guardar muy bem aquella terra.		445
Livro II, Cap. XXIX, p. 338	... fez dar ás trombetas, e começou a seguir apos os Mouros, e os que hiam diante, ouvindo aquelle som fezerom a volta...		453
Livro II, Cap. XXX, p. 339	... e assy trazia os Adaís, e Almocadens ajuntados assy per benefícios, e favor, que nunca pensavam senaõ como lhe buscariam cousas de sua folgança, e tanto andarom per suas enculcas, que vierom a saber como os Mouros d' Alfageja faziam huma voda, em que entendiam fazer grande festa, porque assy o noivo, como a noiva eram filhos de Mouros, que aviam boas fazendas, e bons parentes, e soube ainda, como todo seu gado andava fora d'Aldêa, e a mayor parte era no campo. Este segredo calou Dom Duarte, que o nom disse a nenhuma pessoa; e hum Domingo como ouvio Missa mandou fazer sinal de cavalgar, e sahio fora da Cidade, avisando a todos, que nom levassem nenhum homem de pee, salvo as Escuitas, que mandou, que o seguissem...		446
Livro II, Cap. XXXI, p. 341	Neste mesmo anno poucos dias depois que Dom Duarte trouxe novas d'Alfageja, lhe trouxerom as Escuitas recado, como em outro Lugar, que se chamava Benaazem estava hum Mouro honrado, que se chamava Cega Mucy, Irmaõ que fora d'Aabu, com peça de bons Mouros homens pêra feito, e fez prestes sessenta de cavallo, e duzentos e sessenta de pee, antre Beesteiros e outra gente, e como foi o sol de todo afastado deste nosso emisferio, partirom da Cidade...		448, 473

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XXXII, p. 342	... e entre tanto ouve seu Filho Dom Duarte novas, como em hum Aduar, que se chamava Boburim avia boa povoraçaã, e por se certificar melhor do que se poderia fazer, mandou laa suas Escuitas...		449
Livro II, Cap. XXXII, p. 342	...avisando Martim de Çamora, e outro que se chamava Vicente que levassem certos homens de seu officio, que fossem diante fazendo o caminho em aquelles lugares onde sentisse, que cumpria, hindo Dom Duarte com a outra gente nas costas...		450
Livro II, Cap. XXXII, p. 343	... e como D. Duarte viu, que elles começavaõ de tomar recêo de se chegar fez dar ás trombetas pera fazer sinal á gente, que se chegasse, o que nom foi grave de cumprir...		452
Livro II, Cap. XXXII, p. 343	... porem muitos eram fora do lugar, que andavam fazendo suas fumadas, com que avisavam seus vizinhos do trabalho, em que estavam ...		466
Livro II, Cap. XXXIII, p. 346	... mas o Conde quando vio os Mouros, que vinham assy, mandou fazer ás trombetas sinal de sahida...		454
Livro II, Cap. XXXIII, p. 346	... e bem quizeram os nossos seguir seus contrarios mais adiante, mas o Conde nom quis; porque em taes feitos sempre se acautelava do que lhe poderia acontecer, pensando, que poderiam ter alguma cillada, de que se lhe podesse seguir trabalho. E cahiom naquelle dia no campo de Mouros de cavallo trinta e cinco, afora os que foram feridos, que morrerom ao depois, segundo foi dito ao diante pelo Alfaqueque...		378
Livro II, Cap. XXXIV, p. 347	... e porém avisou logo Martim de Çamora, e outro que se chamava Vicente, (cremos, que fôra Mouro) que fossem Escuitar huma Aldea, que se chamava Cencem, a qual era a par de Tituaõ, encarregando-os, que tevessem bom cuidado em se certificar do que a elle prazia saber. Os Escuitas partiram de Cepta, e andarom laa oito dias, até que se avisáraõ de todo o que lhes compria.		476
Livro II, Cap. XXXIV, p. 347	... até que as Escuitas disserom, que seriaõ mêm legoa do Lugar; e porque nom eram inda mais que duas horas depois de mêm noite, disserao os Escuitas, que se sustivessem alli, e que não fossem mais adiante, até que fosse mais perto da manhã; e elles foram-se em tanto avante por sentir alguma cousa se hy ouvesse, que a seu Officio coubesse saber...		477

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XXXV, p. 351	... e estando assy filhando seu repouso, começaram de parecer fogos em muitas partes, e hũas animalias, que ha naquella terra, que chamaõ Adibes começaram de uivar, cujas vozes parece, que se conformam com as vozes da gente da terra, e muitas vezes nom sabem as gentes dar diferença de seus uivos aos apellidos dos Mouros, como fizeram naquella hora, que se juntarom logo todos pensando, que eram os imigos...		467
Livro II, Cap. XXXV, p. 351	E a vós, disse Dom Sancho, contra as Escuitas, que vos parece destes fogos, que assy parecem, som Pastores ? ou Mouros que fazem arrobe ? ou se foem assy de fazer, e per esta maneira em tal tempo; caa era esto no mez meado de Outubro quando naquella crima as uvas acabam toda sua madureza, e que os vinhos estam em seu principal fervor. Nom vos diga ninguem, disse hum daquelles, a que se em toda-las cousas daquelle officio dava mayor autoridade, que sam Pastores, nem Mouros que fazem arrobe; caa a verdade he, que nós fomos sentidos, e estes Mouros avisam-se huns aos outros como gente, que se quer ajuntar, pera vos ter o caminho, ou vos dar pelêja se se acertarem com vosco em lugar onde o possam fazer: e crede, Senhor, que o aveis de aver com muita gente; caa esta terra he bem povorada, e estam escarmentados do dapno, que cada dia recebem de nós outros, e tem suas fallas antre sy, e seus sinais concertados, porque se ajuntem em breve, quando tal cousa sobrevier; e parece, que tinham suas guardas sobre a Cidade, e ouverom vista de nós...		468
Livro II, Cap. XXXV, p. 351	... a qual he gente, em que ha muitas arteirices, e sagacezas na guerra, e se o todos tem por naçam, he porque todos decendem daquella antiga linhagem dos Numidanos, caa foi gente arteira, e sagaz, e como jaa leriais nas Istorias dos Romanos, que devem fazer aquestes, que o tanto praticam ora com nosco, ora antre sy mesmos...		500
Livro II, Cap. XXXV, p. 355	No outro dia vêo o Alfaqueque á Cidade, e disse, como dos Mouros forom mortos duzentos e oitenta e dous, e vinte e cinco forom cativos, e dos Christãos foi hum fallecido, que se chamava Joham Garcia por alcunha Bulle Bullibu.		378
Livro II, Cap. XXXVI, p. 356	... vendo Dom Duarte esta tenção, quiz obrar per sy aquillo que a elle pertencia; e mandou Vicente Pires, que lhe fosse escuitar hia Aldeã, que estas junto com Tituaõ, que se chama a Aldeã de Benagara. Partio Vicente da Cidade e foi-se lançar sobre a Aldeã dous dias, e vio como estava povorada, salvo, que tinham escuitas ao porto, ate cerca da manhã, e que dês alli por diante hiam fazer seu proveito.		478

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XXXVI, p. 357	Sahio Dom Duarte ao seraõ, e andou assy com aquelles peça da noite, até que entendeo, que era cerca do Lugar, onde as guardas aviam de estar, e entom se desviou do caminho, e foise lançar em hum monte, onde fez dar de comer a tuas bestas, e a si mesmos, jazendo alli até que seriam dez horas do dia, em que entendeo, que os Mouros estavam seguros de seus contrarios, e que os gados andavam pacendo pela terra com segurança; e alli sahio donde estava, passando o Paul, e poendo a mayor trigança, que pôde em sua hida, e passando o porto acharom seus Escuitas, que os estavam jaa esperando, avisando-os, que tinham segurança de seus contrarios, porque jaa todos eram espalhados cada huns per onde entendiam sua prol ...		470, 479
Livro II, Cap. XXXVII, p. 359	Dime, disse elle, que lugar he aquelle, onde jazias cativo, e que percebimento tem là os Mouros [...] Não ha hy mais que hum pêjo, disse o Magriço, o qual he o rio, que vai por meio do campo; porém se vós laa mandais, e vos prouver, que eu laa vá por vos fazer serviço, eu lhe mostrarei o váo, e hirei encaminhallos pera as casas daquelle Mouro, que vos disse.		374
Livro II, Cap. XXXVII, p. 360	E vós outros, disse Dom Duarte contra as Escuitas, que dizeis a esto. Que avemos nós de dizer, disserom elles, certo he, que a terra assocegada estaa, e o que o Magriço diz, he pera crer, porque nom o pode nenhum molhor saber, que elle, que o vio pelo olho.		373
Livro II, Cap. XXXVII, p. 360	... e fez fazer suas fumaças pelas quaes a gente da terra d'arredor conheceo seu trabalho, e assy acudirom muy trigosamente...		466
Livro II, Cap. XXXVII, p. 360	... poendo primeiro suas Atalayas como homem muy avisado naquelle mister...		466
Livro II, Cap. XXXVII, p. 360	... e elle nom vem a nós porque tem jaa a terra afumada, e espera pela gente ...		466
Livro II, Cap. XXXVIII, p. 364	... e nom curemos de nenhuns dos da terra, nem saibam o que queremos fazer, caa jaa como antr'elles andam alguns tornadiços, logo os Christãos sam avisados...		460

Localização na obra	Texto integral	Contexto	Nota
Livro II, Cap. XXXVIII, p. 365	... e tomáráõ em humas Aldeas Mouros, que sabiam bem a terra, e encaminharom-os como entrassem de noite, e os lugares mais azados pera poer as cilladas, e huma dellas lançarom ao Porto do Leaõ, e a outra na Alagoa; e como foi manhãa escolherom cento de cavallo, aos quaes mandarom, que tomassem as vestiduras de seus servidores, e que tirassem os arreios ás bestas, e que se fossem contra a Cidade, e que andassem pelo campo como gente temeroza, que andava mais por vêr, que por pelêjar...		459
Livro II, Cap. XXXIX, p. 369	... mas os Mouros ouvindo jaa a fama da passagem dos Infantes, e como a gente jaa começava de passar, pensavam o que lhes podia acontecer, e traziam sempre suas Escuitas contra a parte de Cepta, especialmente acudiam sempre sobre aquelle Porto d'Alminhacar, porque sabiam, que aviam todos d'acudir...	Episódio da preparação do ataque a Tanger (1437)	370
Livro II, Cap. XL, p. 371	E assy que aveis de saber, que o Conde Dom Pedro manteve a Cepta vinte dous annos, e poucos dias mais, governando como Cavalleiro, em que avia grande prudencia, e não menos ardidez ...		498

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes:

Estoria de dom Nuno Alvrez Pereyra. Edição crítica da “Coronica do Condestabre”, com introdução, notas e glossário de Adelino de Almeida Calado, Coimbra, Coimbra Ed., 1991.

LOPES, Fernão – *Crónica de D. João I*, Vols. I e II, Lisboa, Livraria Civilização – Editora, 1990-1991.

SCOTT-KILVERT, Ian – *Polybius. The Rise of the Roman Empire*, London, Penguin Books, 1979.

ZURARA, Gomes Eanes de – *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I*, publicada por ordem da Academia das Ciências de Lisboa, segundo os manuscritos n^{os} 368 e 355 do Arquivo Nacional, por Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915.

ZURARA, Gomes Eanes de – *Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses*, nota de apresentação de José Adriano de Freitas Carvalho, ed. Fac-similada da ed. do Abade Correia da Serra, 1792, Academia das Ciências de Lisboa, Porto, Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses, 1988.

Estudos:

AGOSTINHO, Paulo Jorge Simões – *Vestidos para matar: o armamento de guerra na cronística portuguesa de quatrocentos*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

ALLMAND, Christopher – “Les espions au Moyen Âge”, in *L'Histoire*, n.º 55, Avril, 1983, pp. 35-41.

ALLMAND, Christopher – “Intelligence in the Hundred Years War”, in *Go Spy the Land. Military Intelligence in History*, Ed. Keith Neilson & B. J. C. Mc Kercher, London, Praeger Publishers, 1992, pp. 31-47.

- AMADO, Teresa – “Crónica de D. João I”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Org. e Coord. Giulia Lanciani and Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho, pp. 180-182.
- AMADO, Teresa – “Crónica do Condestabre”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Org. e Coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho, pp. 186-188.
- AMADO, Teresa – “Fernão Lopes”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Org. e Coord. Giulia Lanciani and Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho, pp. 271-273.
- ANDREW, Christopher – “The Nature of Military Intelligence”, in *Go Spy the Land. Military Intelligence in History*, Ed. Keith Neilson & B. J. C. Mc Kercher, London, Praeger Publishers, 1992, pp. 1-16.
- CAMPOS, Nuno Silva – *D. Pedro de Meneses. O primeiro capitão de Ceuta*, Lisboa, Sete Caminhos, 2008.
- CURRY, Anne – “Sex and the Soldier in Lancastrian Normandy, 1415-1450”, in *Reading Medieval Studies*, XIV, 1988, pp. 17-45.
- DENÉCÉ, Eric et Jean DEUVE – *Les Services Secrets au Moyen Âge*, Rennes, Éditions Ouest-France, 2011.
- DUARTE, Luís Miguel – “África”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. I, Lisboa, Circulo de Leitores, 2003, pp. 392-441.
- DUARTE, Luís Miguel – *Ceuta, 1415. 600 anos depois*. Lisboa, Livros Horizonte, 2015.
- ENCARNAÇÃO, Marcelo A. F. R. – *A guerra vista do chão. Os conflitos militares em Portugal nos reinados fernandino e joanino observados numa perspectiva local*, Dissertação de Mestrado em História Medieval, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2006. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18104/2/FLM08101P000079351.pdf> (Acedido em dez 2013).

- GOMES, Rita Costa – “Zurara, Gomes Eanes de”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Org. e Coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho, pp. 687-690.
- LE GOFF, Jacques – “Documento / Monumento”, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1: Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, pp. 95-106.
- KRUS, Luís – “Crónica”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Org. e Coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho, pp. 173-175.
- KRUS, Luís – “Historiografia Medieval”, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Org. e Coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho, pp. 312-315.
- MARTINS, Miguel Gomes – *A Vitória do Quarto Cavaleiro. O Cerco de Lisboa de 1384*, Lisboa, Prefácio, 2005.
- MARTINS, Miguel Gomes – *De Ourique a Aljubarrota. A Guerra na Idade Média*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011.
- MONTEIRO, João Gouveia – “As comunicações em tempo de guerra”, in *As Comunicações na Idade Média*. Coord. Maria Helena da Cruz Coelho, Lisboa, Fundação Portuguesa de Telecomunicações, 2002, pp. 171-189.
- MONTEIRO, João Gouveia – “De D. Afonso IV (1325) à Batalha de Alfarrobeira (1449) - os desafios da maturidade”, in *Nova História Militar de Portugal*, Dir. Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, Vol. 1, Coord. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, pp. 163-287.
- MONTEIRO, João Gouveia – *Fernão Lopes. Texto e Contexto*, Coimbra, Minerva, 1988.
- MONTEIRO, João Gouveia – “O Exército em Trânsito”, in *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa, Editorial Notícias, 1998.
- MONTEIRO, João Gouveia; COSTA, António Martins – *1415 A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito, 2015.

RAMOS, Rui; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *História de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2010.

SARAIVA, António José – *O Crepúsculo da Idade Média*, Lisboa, Gradiva, 1988.

WALTER, Bastian – "Urban Espionage and Counterespionage during the Burgundian Wars (1468–1477)", in *Journal of Medieval Military History*, Vol. IX, Woodbridge, Boydell & Brewer, 2011, pp. 132-145.

Imagem da capa: Soldados de John Talbot, liderados por John Sterky, entram em Pontoise disfarçados de camponeses, 13 de fevereiro de 1437.

Iluminura de Martial d'Auvergne, em *Vigiles de Charles VII*, Paris, França, Séc. XV.